



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Câmpus de São José do Rio Preto

Maura Cristina Frigo

White Noise e Zero K: experimentações tecnológicas na vida (e morte)
do sujeito pós-moderno

São José do Rio Preto
2020

Maura Cristina Frigo

White Noise e Zero K: experimentações tecnológicas na vida (e morte)
do sujeito pós-moderno

Tese apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Letras, junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de São José do Rio Preto.

Orientadora: Prof^a Dr^a Giséle Manganelli Fernandes

São José do Rio Preto
2020

F912w

Frigo, Maura Cristina

White Noise e Zero K : experimentações tecnológicas na vida (e morte) do sujeito pós-moderno / Maura Cristina Frigo. -- São José do Rio Preto, 2020

188 f. : il., tabs.

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto

Orientadora: Giséle Manganelli Fernandes

1. Pós-moderno. 2. Tecnologia. 3. Vida e morte. 4. DeLillo, Don. White Noise. 5. DeLillo, Don. Zero K. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

Maura Cristina Frigo

White Noise e Zero K: experimentações tecnológicas na vida (e morte)
do sujeito pós-moderno

Tese apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Letras, junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de São José do Rio Preto.

Comissão Examinadora

Prof^a. Dr^a. Giséle Manganelli Fernandes
Professora Associada II junto ao Departamento de Letras Modernas
UNESP – Câmpus de São José do Rio Preto
Orientadora

Prof. Dr. Manuel Fernando Medina
Professor Titular – Department of Classical and Modern Languages
University of Louisville – KY, USA

Prof^a. Dr^a Mail Marques de Azevedo
Professora Assistente-Doutora da UNIANDRADE – Centro Universitário Campos de
Andrade, Curitiba, PR

Prof^a. Dr^a. Norma Wimmer
Professora Associada junto ao Departamento de Letras Modernas
UNESP – Câmpus de São José do Rio Preto – SP

Prof^a. Dr^a. Cláudia Maria Ceneviva Nigro
Professora Associada junto ao Departamento de Letras Modernas
UNESP – Câmpus de São José do Rio Preto – SP

São José do Rio Preto
10 de julho de 2020

Dedicatória

Para meus queridos pais, Agenor Frigo e Olga Marchini Frigo (ambos in memoriam), pela oportunidade de trilhar o caminho dos estudos, pelos exemplos de caráter, força e resiliência.

Agradecimentos

Ao **Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza – CEETPS**, pela possibilidade concedida de cursar o doutorado na renomada **Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP** de São José do Rio Preto.

À querida **Prof^a. Dr^a. Giséle Manganelli Fernandes**, minha orientadora e amiga, pela excelência de seu trabalho como docente e pesquisadora; por incentivar a minha autonomia nesta caminhada, pela orientação tranquila e segura; por sua disponibilidade e atenção.

Ao caro **Prof. Dr. Waldir Barros Fernandes Junior**, meu caro colega de trabalho e amigo, pelo precioso incentivo a fazer o Doutorado.

À querida **Prof^a. Dr^a. Norma Wimmer**, pela gentil acolhida na primeira disciplina do Doutorado, pelas preciosas sugestões dadas em meu Exame de Qualificação, pela participação em minha Banca de Defesa.

Ao querido **Prof. Dr. Nelson Luís Ramos**, pelas indicações de leitura, por me levar a estudar as obras do teórico Zygmunt Bauman, pelo acolhimento no Doutorado.

À cara **Prof^a. Dr^a. Cláudia Maria Ceneviva Nigro**, pelas aulas partilhadas no Programa de Doutorado e grandes sugestões dadas em meu Exame de Qualificação, pelo pronto atendimento a participar em minha Banca de Defesa.

Ao caro **Prof. Dr. Manuel Fernando Medina**, pela amizade e convívio com os alunos da Universidade de Louisville, pelos materiais compartilhados e pela participação na Banca Examinadora de Defesa.

À cara **Prof^a. Dr^a. Mail Marques de Azevedo**, pelo pronto atendimento e participação significativa em minha Banca Examinadora de Defesa, pelas sugestões feitas.

Aos professores amigos da **FATEC Rio Preto**, em especial ao **Prof. Dr. Ademar Pereira dos Reis Filho**, **Prof. Dr. Carlos Magnus Carlson Filho**, **Prof. Dr. Sérgio Ricardo Borges Júnior** e **Prof^a. Ms. Valéria Maria Volpe**, pela atenção e apoio.

À **Profa. Dra. Maria Cristina Pascutti de Oliveira**, minha amiga querida, pelo apoio e incentivo a fazer o doutorado.

Aos **funcionários** da Seção de Pós-graduação e da biblioteca do **IBILCE-UNESP** e da coordenação da **FATEC Rio Preto**, pelo pronto atendimento e auxílio.

A todos os amigos do Doutorado, em especial ao **Alan Medeiros Casteluber** e **Fernando Moraes**, pela amizade partilhada e figurinhas trocadas.

Ao meu querido esposo, **José Carlos Batista**, companheiro nesta caminhada, pelo constante incentivo, principalmente quando as forças pareciam arrefecer, pelo seu apoio e compreensão sem precedentes, por seu carinho e amor.

À minha filha querida, **Vivian Frigo Batista**, razão constante de meu trabalho e esforço, pelo carinho, força e motivação constantes, por sua compreensão, amor, energia e alegria de viver.

Às minhas irmãs queridas, **Neuza Verencilce Frigo Finotti** e **Noêmia Frigo** pelas orações, incentivo e torcida.

Aos meus caros sobrinhos, **Cíntia Frigo Finotti**, **Marcelo Frigo Bruzzo** e **Adalton Leonel**, pelo carinho e incentivo.

À minha querida sogra, **Zulmira Delgrande Batista**, pelas orações, bênçãos e carinho.

Aos meus enteados, **Rodrigo Aparecido Batista** e **Marcelo Aparecido Batista**, pelo carinho, amizade e força.

...

Ao **Menino Jesus**, por sua infinita bondade, proteção constante e indicação dos caminhos a serem seguidos; pela oportunidade ímpar de fazer parte de um grupo de pessoas dispostas a aprender e renovar conhecimentos.

O meu mais sincero obrigada! Meu carinho e afeto por participarem deste momento tão importante de minha vida!

A felicidade sustentável é estar convencido de que as águas do mar, calmas e serenas, existem; mas elas estão na profundidade. Na superfície, levantam-se ondas revoltas que sacodem os navios mais seguros. Mas lá no fundo reina a mais serena calma. A felicidade verdadeira encontra aí seu lugar, na profundidade da vida.

(BETTO; BOFF; CORTELLA, 2016, p. 48)

RESUMO

O presente estudo trata da análise das obras *White Noise* (1985) e *Zero K* (2016), ambas do escritor norte-americano, Don DeLillo. Esses romances apresentam as mazelas e os desafios enfrentados pelo sujeito no período pós-moderno. São textos propagadores de ideias e conflitos de uma sociedade que tem a tecnologia presente, interligando as várias facetas do consumo desenfreado, com regras ditadas pelo capitalismo. A época é marcada pelo uso da Tecnologia da Informação a serviço de uma sociedade vigiada por câmeras que registram imagens e ruídos, muitas vezes distorcidos daqueles tidos como ideais e denotam a evolução do ser humano permeada por catástrofes anunciadas, frutos do descaso do próprio homem. Muitos dispositivos e experimentações tecnológicas produzem bem-estar, trazem conforto ao sujeito, mas também alimentam o terror e não resolvem as inquietações humanas. O medo da morte está presente no cotidiano das personagens das duas obras e elas são postas em confronto com sua finitude. Há um alerta para a preservação do planeta e para os desvarios dos indivíduos cujo ápice residiria no desejo de aquisição da imortalidade e submissão aos procedimentos demandados pela criogenia. Assim, é possível verificar que o sujeito pós-moderno se diferencia do sujeito do Iluminismo em termos identitários, isto é, a identidade fixa e estável foi descentrada, resultando em identidades abertas, contraditórias, inacabadas e fragmentadas. Essas cenas do mundo pós-moderno, retratadas por Don DeLillo em seu projeto literário, estão presentes em textos de teóricos como Jameson (1993), Baudrillard (1988, 1997), Eagleton (1998), Hall (2015), Bauman (1998, 2001, 2004, 2005), Lypovetsky (2004, 2005), Haraway (2010) e Harari (2016, 2017, 2018), entre outros. A análise parte do Quadrado Semiótico desenvolvido pelo teórico A. J. Greimas (1989), que oferece a ferramenta para destacar os eixos de vida e morte, não-vida e não-morte; contextualizando as buscas do sujeito pós-moderno. A tese reforça, portanto, a discussão acerca da maneira como a literatura permite representar, reler e reavaliar as formas de identidade do sujeito nas diferentes comunidades formadas ao longo da história da era pós-moderna.

Palavras-chave: Pós-moderno. Tecnologia. Vida e Morte. Don DeLillo. *White Noise*. *Zero K*.

ABSTRACT

This study focuses on the analysis of the novels *White Noise* (1985) and *Zero K* (2016), both by the American writer, Don DeLillo. These novels present the problems and challenges faced by the subject in the post-modern period. They are texts that spread ideas and conflicts of a society in which technology is always present, interconnecting the various aspects of the excessive consumption, with rules dictated by capitalism. The era is marked by the use of Information Technology in the service of a society monitored by cameras that record images and noises, often distorted from those considered ideal ones and denote the evolution of the human being permeated by announced catastrophes, as consequences of the neglect of mankind. Many devices and technological experiments produce well-being, bring comfort to the subject, but also enhance terror and do not resolve human concerns. Fear of death is present in the daily lives of the characters in the two novels and they are confronted with their finitude. There is an alert for the preservation of the planet and for the ravages of individuals whose apex would reside in the desire to acquire immortality and submit to the procedures demanded by cryogenics. Thus, it is possible to verify that the postmodern subject differs from the subject of the Enlightenment in terms of identity, that is, the fixed and stable identity has been decentered, resulting in open, contradictory, unfinished and fragmented identities. These postmodern world scenes, portrayed by Don DeLillo in his literary project, are present in texts by theorists such as Jameson (1993), Baudrillard (1988, 1997), Eagleton (1998), Hall (2015), Bauman (1998, 2001, 2004, 2005), Lypovetsky (2004, 2005), Haraway (2010) and Harari (2016, 2017, 2018), among others. The analysis starts from the Semiotic Square developed by A. J. Greimas (1989) that offers the tools to highlight the axes of life and death, non-life and non-death; contextualizing the searches of the postmodern subject. The thesis reinforces, therefore, the discussion about the way in which literature allows to represent, reread and reassess the subject's forms of identity in the different communities formed throughout the history of the postmodern era.

Keywords: Postmodern. Technology. Life and Death. Don DeLillo. *White Noise*. *Zero K*.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Formação do Quadrado de Greimas (S1)	55
Figura 2 – Formação do Quadrado de Greimas (S2)	55
Figura 3 – O Quadrado Semiótico de Greimas	56, 58 e 101
Figura 4 – O Quadrado de Greimas com as temáticas de Vida e Morte (<i>White Noise</i>)	59
Figura 5 – O Quadrado de Greimas aplicado à obra <i>White Noise</i>	60
Figura 6 – O Quadrado de Greimas com as temáticas de Vida e Morte (<i>Zero K</i>)	102
Figura 7 – O Quadrado de Greimas aplicado à obra <i>Zero K</i>	103
Quadro 1 – Relações presentes no Quadrado de Greimas	56
Quadro 2 – Características do Capítulo 'Artis Martineau': duas vozes	160

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	13
2	DON DELILLO NO CONTEXTO DA PÓS-MODERNIDADE	19
2.1	O pós-modernismo e suas implicações	19
2.1.1	O sujeito pós-moderno.....	22
2.1.2	Descentramentos do sujeito pós-moderno	24
2.2	O autor	26
2.3	<i>White Noise</i>	30
2.4	<i>Zero K</i>	44
3	VIDA E MORTE: <i>WHITE NOISE</i>	51
3.1	A Teoria de Greimas.....	53
3.1.1	O Quadrado Semiótico.....	54
3.2	<i>White Noise</i>	57
3.2.1	Campo VIDA = SER	61
3.2.1.1	Informação	61
3.2.1.2	Reflexão	65
3.2.1.3	Autenticidade.....	67
3.2.1.4	Identidade social	69
3.2.1.5	Heinrich.....	70
3.2.1.6	Denise	72
3.2.2	Campo MORTE = MATERIALISMO	73
3.2.2.1	Entropia.....	74
3.2.2.2	Fugacidade do tempo	75
3.2.2.3	Catástrofes	76
3.2.2.4	Nuvem tóxica.....	77
3.2.2.5	Poluição	78
3.2.2.6	<i>Blacksmith</i>	79
3.2.3	Campo NÃO-VIDA = PARECER	80
3.2.3.1	Simulacros	80
3.2.3.2	Consumo desenfreado	82
3.2.3.3	Satisfação imediata.....	83
3.2.3.4	Medo (da morte).....	85
3.2.3.5	Jack Gladney.....	88
3.2.3.6	Babette.....	92

3.2.3.7	Desconforto em tempos pós-modernos.....	92
3.2.4	Campo NÃO-MORTE = TRANSCENDÊNCIA	93
3.2.4.1	Conhecimento	94
3.2.4.2	Tecnologia	94
3.2.4.3	Consciência de mundo.....	96
3.2.4.4	Religiões orientais.....	97
3.2.4.5	Linguagem.....	98
3.2.4.6	Tríade: Estado, Academia e Religião.....	99
4	VIDA E MORTE: ZERO K.....	101
4.1	Campo VIDA = SER	104
4.1.1	Conhecimento.....	104
4.1.2	Reflexão.....	107
4.1.3	Identidade.....	109
4.1.4	Jeffrey Lockhart	113
4.1.5	Planeta.....	118
4.1.6	Linguagem.....	120
4.2	Campo MORTE = MATERIALISMO 	123
4.2.1	Entropia	123
4.2.2	Catástrofes.....	124
4.2.3	Tempo - Chronos.....	126
4.2.4	Cinzas – Crânio	128
4.2.5	Ross Lockhart.....	131
4.2.6	Madeline Sibert.....	134
4.3	Campo NÃO-VIDA = PARECER 	137
4.3.1	Simulacros.....	137
4.3.2	Supérfluos	139
4.3.3	Trabalho robotizado	140
4.3.4	Medo (da vida).....	141
4.3.5	Desassossego e incertezas em tempos pós-modernos.....	142
4.4	Campo NÃO-MORTE = TRANSCENDÊNCIA 	144
4.4.1	Tecnologia.....	145
4.4.2	Convergência.....	145
4.4.3	Criogenia	147
4.4.4	Consciência de mundo.....	150
4.4.5	Religião / Espiritualidade	151
4.4.6	Imortalidade.....	153

4.4.7	Arte.....	154
4.4.8	Artis Martineau.....	157
4.5	Ser x Parecer; Materialismo x Transcendência	162
4.6	As duas obras: vida e morte convergem	165

5	CONSIDERAÇÕES FINAIS: <i>WHITE NOISE</i> E <i>ZERO K</i> – DESAFIANDO TERRITÓRIOS HUMANO-SÓCIO-TECNOLÓGICOS.....	171
----------	---	------------

	REFERÊNCIAS	181
--	-------------------	-----

1 INTRODUÇÃO

Quando a proposta de escrever uma tese surge, várias são as sugestões, os ingredientes e os modos de fazer mostrados. É um processo longo até alcançar o produto final, ou melhor, até a construção do texto apresentado a uma banca de examinadores; trabalho que parece não ter fim, pois sempre há mais o que dizer. Reflete-se sobre muitos “ditos” para chegar ao “dizer” próprio. São muitas vozes lidas, diversas ideias pensadas; a presente voz se junta a de outros, pois sabe-se que não vai haver outro ‘Adão bíblico’, ou seja, alguém que diga algo pela primeira vez.

Como justificar, então, a importância de mais um estudo sobre um objeto por vezes já estudado por muitos? É preciso dar um acabamento diferente dos anteriores já feitos, construir um olhar teórico que promova ideias, que venha enriquecer as possibilidades de leitura das obras analisadas.

Mais do que seguir regras e recomendações, é necessário percorrer um caminho que apresente um traçado pautado em asserções logicamente articuladas com esmero e precisão. Parece difícil, um trabalho hercúleo enfrentado em base diária, ou melhor, de ideia em ideia.

É preciso decompor o objeto, dissecá-lo, analisá-lo minuciosamente, ver o que está ali como todo leitor o faria e, ainda, perceber as informações ditas nas entrelinhas, desvendar as mensagens implícitas.

É fundamental também apresentar razões para as escolhas acerca da seleção do objeto. Isso em muito se assenta na trajetória do sujeito que se propõe a ser escritor por dias e noites. A leitura de mundo é desnudada no ato de escrever, pois o acabamento, o arremate, o tom, quem dá é quem se propõe a essa tarefa. Felizmente, durante o processo, recebem-se ajuda e orientação.

Isto posto, quem é esta pesquisadora então, que objeto tem para trabalhar, quais suas intenções, como pretende direcionar as lentes da câmera e quais resultados pretende apresentar?

Cursou Licenciatura em Letras na UNESP (1986), campus de São José do Rio Preto. Filha de dois guerreiros queridos, que lutaram bravamente para que seus filhos tivessem uma vida diferente das suas, com acesso aos estudos. Um ferroviário que pensava e agia à frente de seu tempo. Arou a terra, plantou e quando teve oportunidade de deixar a vida rural, não hesitou, partiu para a cidadezinha mais

próxima para que perto do quintal de casa estivessem a escola e a estação do trem. Dois *loci* simbólicos e estratégicos para a abertura de mundo pretendida. Em sua empreitada, contava com a esposa-fortaleza: suas mãos lavraram a terra, lavaram roupas em rios e, no ambiente urbano, confeccionaram roupas finas. Parceira fiel e lutadora. Quatro filhos: uma menina, um menino e duas outras meninas; a temporã, “rapa do tacho” que vos fala, nasceu depois de quatorze anos daquela que era para ter sido a última filha e tem dezoito outros anos de diferença da primeira. Decididamente não estava no programa.

O pai queria ter filhas-professoras, então a primogênita e a caçula seguiram de bom grado a sugestão. Esta acatou o exemplo da irmã mais velha, adorava ver os cadernos dos alunos e observar seu cuidado e talento nas intervenções que fazia e ouvir os “causos” que reportava sobre a escola da fazenda. Assim, não foi difícil definir o campo de atuação e desenvolver o gosto pelos estudos. Sabia de antemão que estudaria a vida toda e os livros, na época apenas impressos, seriam companheiros. E daí prosseguiu, Especialização em Literatura Comparada – UNESP (1997) e Mestrado em Educação – PUCAMP (2001).

Logo no início da carreira profissional, em 1992, com cinco anos de formada, começou a lecionar Língua Inglesa no Centro Universitário de Rio Preto – UNIRP, trabalhando em cursos de graduação ligados à área de Tecnologia da Informação.

Em 2006, após prestar concurso público, ingressou na Faculdade de Tecnologia de São José do Rio Preto – FATEC Rio Preto, dando continuidade ao trabalho de docência em Língua Inglesa para cursos superiores ligados a áreas tecnológicas. Três são os cursos com os quais trabalha atualmente: Tecnologia em Informática para Negócios, Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas e Tecnologia em Agronegócio.

A FATEC Rio Preto foi fundada em 2004 e integra do Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza – CEETPS, criado em 1969, com a missão de estruturar os cursos superiores de tecnologia do país, consolidando-se como a maior instituição pública de ensino profissional da América Latina. Atualmente, com 50 anos, o Centro Paula Souza abrange 223 Escolas Técnicas (Etecs) e 73 Faculdades de Tecnologia (Fatecs). Seus cursos também contemplam a pós-graduação *lato e strictu sensu*.

O Centro Paula Souza – CPS também prima pela capacitação e qualificação de seus docentes e com esse intuito firmou um convênio com a Universidade

Estadual Paulista – UNESP para que os docentes tivessem a oportunidade de completar seus programas de formação *strictu sensu*.

Então, com o incentivo e a possibilidade de prosseguir os estudos *strictu sensu*, esta pesquisadora decidiu cursar o Doutorado em Teoria e Estudos Literários em meados de 2016, no retorno ao lar, no “quintal de casa”, na UNESP de São José do Rio Preto.

A escolha do autor e das obras estudadas deu-se em função de estarem relacionadas ao período pós-moderno, época que representa a grande revolução científico-tecnológica. Entre alguns acontecimentos estão o advento da informática, das redes de comunicação e das tecnologias disruptivas que constantemente reconfiguram o mundo nas mais diversas áreas, levando os sujeitos a vivenciarem os grandes avanços e inúmeras possibilidades de perpetuarem o homem e seus feitos.

Levando-se em consideração a atuação como docente de língua inglesa para os cursos superiores de tecnologia, a autora resolveu estudar no doutorado as obras do autor norte-americano Don DeLillo. Os textos selecionados retratam o desenvolvimento do homem no panorama das constantes mudanças tecnoculturais.

Este trabalho de pesquisa trata da análise de *White Noise* (1985) e *Zero K* (2016), duas obras de DeLillo¹. A escolha dos dois romances justifica-se pela justaposição de temas, quais sejam, o sujeito frente às mudanças proporcionadas pelo desenvolvimento tecnológico contínuo e aos paradigmas que são construídos e modificados em decorrência do cenário econômico-social no qual está inserido; a angústia e o medo diante da consciência a respeito da finitude humana e a busca por tornar-se imortal diante da efemeridade da vida e da obsolescência programada. E também a remota e incansável busca pela felicidade, tida como um direito na Declaração de Independência dos Estados Unidos, formulada por Thomas Jefferson em 1776, segundo a qual “todos os homens são criados iguais, dotados pelo Criador de certos direitos inalienáveis, e entre estes estão a vida, a liberdade e a busca da felicidade”. Esses eixos temáticos justapõem-se na tessitura das personagens dos dois livros.

Como visto, a primeira obra, *White Noise*, data de 1985, década em que os lares americanos tiveram os computadores pessoais, juntamente com o rádio e a

¹ As traduções de *White Noise* e *Zero K* são de autoria de Paulo Henriques Britto.

televisão como propagadores da informação e do conhecimento e de toda a interligação que começou a ser constituída com as tecnologias da informação. E a segunda obra, *Zero K*, data de 2016, início do século XXI, com muitas criações científico-tecnológicas à disposição do homem, como a robótica e criogenia. Um período em que é possível analisar o retrato do sujeito pós-moderno frente à sua evolução e à busca pela realização e padrão de felicidade.

As personagens destas obras são representantes dos anseios, medos, agruras e conquistas dos sujeitos que vivem nas comunidades pós-modernas. Esses indivíduos enfrentam o desenvolvimento incessante, as benesses e também os temidos danos advindos da evolução científico-tecnológica. Cabe ressaltar que os termos 'indivíduo' e 'sujeito' não são usados indistintamente, entende-se o primeiro como 'ser' e o segundo como 'extensão deste ser', ou seja, sua inserção em determinado contexto social.

O intuito deste trabalho é analisar como a construção das personagens representa o sujeito pós-moderno, que vivencia instabilidades constantes nas esferas sociais, econômicas, culturais e políticas. Pretende-se observar como suas identidades são construídas; examinar as duas produções à luz de teorias sobre narrativa literária, estudos culturais e semióticos, evidenciando como as experimentações científico-tecnológicas influenciam na formação das identidades tecnoculturais nas comunidades do mundo pós-moderno. E, finalmente, verificar como se desenha o panorama das comunidades citadinas com indivíduos que veem a liquidez das relações afetivas, testemunham a avalanche de informação pelas diferentes mídias, são levados a consumir para impulsionar a roda capitalista, deparam-se com incertezas e inseguranças dessa época e têm sua identidade remodelada freneticamente, com toda a angústia, ansiedade e medo resultantes desse processo e as lutas que travam frente à irrefutável certeza de sua finitude e o antigo desejo de imortalidade.

Esta pesquisa é embasada em textos críticos e teóricos a respeito da narrativa pós-moderna, da relação entre literatura e história, de capitalismo e consumo, de identidade e diferença, da proliferação da imagem pelos recursos midiáticos, dos avanços científico-tecnológicos e suas influências na formação e transformação identitária do sujeito, do homem frente à finitude da vida e da busca pela perpetuação da espécie.

O percurso metodológico é a pesquisa bibliográfica, de cunho exploratório, para conhecer e analisar as contribuições teóricas, culturais e tecnológicas trazidas no pós-modernismo e a formação da identidade do sujeito desta era. O Quadrado Semiótico de A. J. Greimas (1979) é usado como ferramenta para extração dos elementos ligados aos temas de vida e morte que constroem o percurso gerativo de sentido das obras em foco.

DeLillo constrói suas personagens como alegorias, ou seja, são signos/símbolos que representam elementos de uma sociedade. Escreve e codifica sua narrativa. A Teoria de Greimas permite extrair esses signos para fazer uma das muitas leituras possíveis. Cabe ao leitor se ver representado na narrativa, fazer reflexões sobre a sociedade mostrada na ficção.

Também são estudados textos críticos e teóricos para o embasamento argumentativo na análise das obras *White Noise* e *Zero K*. Autores como John N. Duvall (1994), Fredric Jameson (1993), Jean Baudrillard (1988), Terry Eagleton (1998), Stuart Hall (2015), Lipovetsky (2005), Zygmunt Bauman (1998, 2001, 2004, 2005), Donna Haraway (2010), e Yuval Harari (2016, 2017, 2018) têm suas ideias apresentadas e formam o arcabouço no qual o trabalho encontra suporte.

A tese está estruturada em cinco capítulos. Assim, após a Introdução, o Capítulo 2 apresenta o escritor Don DeLillo, suas obras e temas. Traz também informações coletadas em entrevistas concedidas pelo escritor e um esboço da crítica biográfica publicada. Em seguida, há uma prévia acerca das duas obras analisadas e suas respectivas críticas. São mostradas as personagens, seus cotidianos permeados de acontecimentos resultantes das atitudes e arbítrios do próprio homem e do sistema em que está inserido.

No Capítulo 3, está a análise da vida e morte do sujeito pós-moderno na obra *White Noise*. Conceitos da Teoria Semiótica e, mais especificamente, do Quadrado Lógico de Greimas são apresentados e servem de instrumentos para o levantamento dos temas que nortearão o estudo das obras em foco.

O Capítulo 4 apresenta a análise da vida e morte do sujeito pós-moderno na obra *Zero K*. Na pós-modernidade, o quadrado lógico tem seu esquema duro rompido, tornando-se mais diluído, e a tecnologia é o elemento que propicia as conexões entre os elementos-temas dos romances.

As Considerações Finais trazem os desafios e territórios perpassados pelo homem social, apresentando as revoluções que culminaram no desenvolvimento da

tecnologia como se apresenta nestas duas primeiras décadas do século XXI. Há também as formas de tecnologia que aparecem nas obras de DeLillo e as mensagens indiretas deixadas para o leitor. Essa seção sinaliza a tecnologia como ferramenta para a evolução da sociedade contemporânea, com suas benesses e agruras. São apontados posicionamentos de crítica e de defesa deste produto social que modifica o homem, isto é, o sujeito é o construtor das ferramentas tecnológicas e tem sua vida modificada/ remodelada por sua própria criação. E essa evolução não possui freios, é ininterrupta, não tem volta e faz surgir novos paradigmas comportamentais, gerando novas formas e instrumentos que possibilitam a busca da felicidade, da divindade e da imortalidade. A última parte permite arrolar os pontos de destaque da presente tese e fazer a síntese das premissas iniciais apresentadas.

A escritura final desta tese ocorreu durante as várias semanas de isolamento social devido à pandemia da Covid-19. Foi possível testemunhar a mistura de sentimentos de insegurança, medo e impotência que assolou o homem social neste período, deixando latente a fragilidade do indivíduo perante as vicissitudes que assolam o planeta.

2 DON DELILLO NO CONTEXTO DA PÓS-MODERNIDADE

Um homem católico em um país de predomínio protestante, costuma afirmar que sua ficção se origina da visão dos rituais da igreja que, segundo ele, são uma forma elaborada de arte. Uma experiência que somou à sua paixão pelo cinema e ao fascínio pelas descobertas tecnológicas. A religião, conta DeLillo, lhe mostrou que o fim é iminente e está sempre perto. Seus livros, de uma maneira prosaica, com uma escrita que se afasta de todos os modos da soberba e da pretensão, tentam expor as formas escolhidas pela civilização para que a tragédia aconteça. De certa maneira, a paranoia de DeLillo é uma questão de fé.

(REZENDE, 1997)

O presente capítulo trata da contextualização do pós-modernismo como período de modificação significativa em várias áreas do conhecimento e a influência na formação do sujeito pós-moderno. Teóricos como Eagleton (1998), Jameson (1993), Lipovetsky (2004, 2005), Bauman (2004, 2005) e Hall (2015) embasam esta seção.

Apresenta também o escritor Don DeLillo e suas produções, bem como uma prévia das duas obras, *White Noise* (1985) e *Zero K* (2016), objetos de estudo deste trabalho, como romances que representam o sujeito pós-moderno frente a várias demandas desse período.

2.1 O pós-modernismo e suas implicações

O mundo sempre passou por transformações constantes, mas nunca em uma velocidade tão acelerada como após os anos de 1950. De lá para cá, vive-se um período caracterizado por mudanças nas áreas artística, econômica e social, com a tecnologia passando a ter um impacto significativo na sociedade atual. Pós-modernismo e pós-modernidade são duas nomenclaturas usadas para representar a pluralidade de manifestações ocorridas neste período. Faz-se necessária a distinção desses termos e, para tanto, cabe observar as considerações de Eagleton:

A palavra *pós-modernismo* geralmente refere-se a uma forma de cultura contemporânea, enquanto o termo *pós-modernidade* alude a

um período histórico específico. Pós-modernidade é um estilo de pensamento que duvida das noções clássicas de verdade, razão, identidade e objetividade, da ideia de progresso e emancipação universais, de estruturas únicas, grandes narrativas ou fundamentos definitivos de explicação. [...] Pós-modernismo é um estilo de cultura que reflete alguma coisa dessa mudança de uma época, numa arte pluralista, superficial, descentralizada, infundada, autorreflexiva, divertida, eclética, que torna indistintas as fronteiras entre cultura ‘alta’ e ‘popular’, bem como entre arte e experiência cotidiana. (1998, p. 7).

Eagleton leva a entender que pós-modernismo está relacionado à produção artística e a todas as características peculiares desta arte e, pós-modernidade, à maneira de viver e pensar da sociedade neste período histórico específico. Assim, pode-se entender a junção desses dois conceitos no termo ‘pós-moderno’.

Para Jameson, esta periodização do pós-modernismo é descrita da seguinte forma:

Cabe-me agora dizer uma palavra sobre o uso adequado desse conceito: ele não é apenas mais um termo para descrever um estilo específico. É, também, pelo menos tal como o emprego, um conceito periodizante, cuja função é correlacionar a emergência de novos aspectos formais da cultura com a emergência de um novo tipo de vida social e com uma nova ordem econômica – aquilo que muitas vezes se chama, eufemisticamente, de modernização, sociedade pós-industrial ou de consumo, sociedade da mídia ou dos espetáculos, ou capitalismo multinacional. Esse novo momento do capitalismo pode ter sua datação no surto de crescimento do pós-guerra nos Estados Unidos, no fim da década de 1940 e início dos anos cinquenta, ou, na França, na fundação da V República, em 1958. Os anos sessenta são, sob muitos aspectos, o período transicional fundamental, um período em que a nova ordem internacional (o neocolonialismo, a Revolução Verde, a computação eletrônica e a informática) foi, ao mesmo tempo, instalada e assolada ou abalada por suas próprias contradições internas e pela resistência externa. (JAMESON apud KAPLAN, 1993, p. 27).

Assim, para Jameson, a sociedade e as produções artísticas no período pós-moderno refletem, principalmente, a ordem econômica ditada pelo consumo desenfreado desta fase do capitalismo e a profusão da tecnologia com suas inúmeras possibilidades de aplicação.

Com as inovações tecnológicas criadas nesse período, como a rede mundial de computadores e a disseminação dos meios de comunicação, os mais distantes territórios interligam-se, transformando o mundo em uma “aldeia global”, termo criado em 1952, por Herbert Marshall McLuhan, acadêmico canadense, um dos

fundadores dos estudos modernos sobre mídia. A expressão indica a ausência de fronteiras para a ligação entre as diversas comunidades mundiais. Assim, a informação pode viajar em tempo real aos mais diferentes pontos do universo. Esse processo, conhecido como uma das facetas da globalização, tem impacto na formação da identidade sociocultural do sujeito pós-moderno.

Vive-se em um mundo interconectado, o sujeito faz parte de comunidades virtuais mais “reais” que os relacionamentos presenciais; na verdade, simulacros de comunidades. O comprometimento entre os seres humanos está mais tênue. E a identidade do homem é constituída pelas ligações que se estabelecem entre o eu e as outras pessoas.

Bauman (2005) afirma que tudo é fluido na pós-modernidade, usando o termo ‘modernidade líquida’, uma vez que nada mais é realmente concreto neste período. Tempo e espaço são reduzidos a fragmentos; a individualidade predomina sobre o coletivo, e o ser humano é guiado pela busca do prazer imediato como objetivo prioritário, denominado hedonismo.

O pós-modernismo cultua a individualização, a liberação dos medos e preconceitos, além da liberdade de expressão, da tecnologia e da facilidade da comunicação. De acordo com Bauman, à medida que o homem se depara com as incertezas e as inseguranças da “modernidade líquida, as identidades sociais, culturais, profissionais, religiosas e sexuais sofrem um processo de transformação contínuo, que vai do perene ao transitório, com todas as angústias para a psique que tal situação suscita”. (2005, p. 74).

Bauman (2004) também descreve a fragilidade dos vínculos humanos. As relações não são sólidas, duráveis, elas se liquefazem. As pessoas buscam umas às outras pelo medo da solidão, procuram manter o outro a uma distância que permita o exercício da liberdade e do descarte, quando for conveniente. Em uma cultura consumista, deseja-se o produto pronto para uso imediato e busca-se a satisfação instantânea. Dessa forma, a promessa da arte de amar é a oferta de construir a experiência amorosa à semelhança de outras mercadorias.

2.1.1 O sujeito pós-moderno

O sujeito pós-moderno vive em um universo imagético, repleto de signos e ícones em detrimento dos objetos. Os mais variados meios de comunicação têm seus códigos e signos; então o conceito de simulacro, mencionado por Baudrillard (1988, p. 37), substitui a realidade e eleger-se o hiper-realismo ou fotorrealismo como expressão desta era e das incertezas humanas.

O hiper-realismo, de acordo com Santana (2017), sendo uma condição ilusória, entra em choque com a existência cotidiana concreta, o que provoca na psique do homem certa perturbação; pois em um determinado momento é difícil estabelecer as fronteiras entre real e ficção. Essa técnica pode, facilmente, driblar a vigilância tanto do emissor da mensagem, quanto de seu receptor, que perdem, assim, o domínio sobre ela. Este é o universo da espetacularização do noticiário, o qual é, muitas vezes, distorcido em benefício do *show* protagonizado pela mídia.

Vive-se em uma era marcada por progressos na ciência e na tecnologia. O grande fluxo de pessoas, produtos e serviços entre as nações do globo são marcas visíveis da globalização e as tecnologias de comunicação unem pessoas de diversos cantos do planeta.

O homem pós-moderno assiste a uma nova era. Tem à disposição de si praticamente tudo o que considera relevante para subsistir e satisfazer o seu prazer, pois o importante é o sentir-se bem. Mas junto disso, aparecem os desafios de uma sociedade pós-moderna.

A humanidade é induzida a levar sua liberdade ao extremo, colocada diante de uma opção infinita de probabilidades, desde que a escolha recaia sempre no circuito perverso do consumismo. Daí, a subjetividade também ser incessantemente fracionada. O capitalismo contemporâneo faz parte deste cenário, e o homem é assolado pelo grande apelo consumista que movimenta as mais diferentes esferas sociais.

No consenso geral, a Pós-modernidade é definida como uma ruptura com os elementos da Modernidade. No entanto, Lipovetsky vê na Pós-modernidade não uma ruptura com o período moderno, mas uma radicalização do que se viu nele. Por isso, ele prefere utilizar o termo “hipermodernidade”. Na obra “Os tempos hipermodernos” (2004), o teórico apresenta a definição, as características e vários outros elementos caros ao que chama de “hipermoderno”.

Por “hipermodernidade”, Lipovetsky (2004) refere-se à exacerbação dos valores da Modernidade. Trata-se de uma cultura do excesso, determinada e caracterizada pelo efêmero, na qual o sujeito em ritmo acelerado busca a satisfação de seus desejos. O termo “pós-moderno”, segundo ele, não é mais adequado para nomear a contemporaneidade, pois a sociedade atual é mais bem caracterizada por uma convivência harmônica dos contrários do que pela rejeição e negação do passado, que era uma característica do pós-moderno. Na sociedade contemporânea, a Modernidade tem suas características exacerbadas.

Como o teórico Charles afirma sobre as ideias de Lipovetsky, o prefixo “hiper” quer significar justamente a radicalização da Modernidade:

O termo hipermodernidade parece-me o mais adequado pelo fato de o superlativo “hiper”, como demonstrou Lipovetsky, adaptar-se melhor à ideia de uma radicalização da modernidade, como prova a sua reutilização sob diversas formas: hiperligação, hipertexto, hiperpotência, hiperterrorismo etc. (CHARLES, 2009, p. 22).

Na definição do próprio Lipovetsky,

Hipermodernidade: uma sociedade liberal, caracterizada pelo movimento, pela fluidez, pela flexibilidade; indiferente como nunca antes se foi aos grandes princípios estruturantes da Modernidade, que precisaram adaptar-se ao ritmo hipermoderno para não desaparecer. (2004, p. 26).

O movimento, a fluidez e a flexibilidade apontadas por Lipovetsky designam não somente uma sociedade que se diferencia da Modernidade pela radicalização, mas uma sociedade em constante mudança.

Já na perspectiva de Cruz, a hipermodernidade é algo desafiador frente às exigências que esse tempo impõe aos indivíduos:

Viver os tempos hipermodernos significa que indivíduo e sociedade têm o presente como centro, buscando conciliar o tempo passado das tradições, aproveitando de suas memórias e conhecimentos transmitidos à geração atual, mas olhando com preocupação para o futuro e as consequências dos possíveis cenários que se desenham hoje. É tentado a compor a um só tempo as condições do passado e do futuro. (2013, p. 30).

Se, por um lado, a Hipermodernidade apresenta a radicalização da Modernidade, por outro, expõe uma sociedade marcada pelo vazio. A indiferença aos conteúdos, a comunicação sem finalidade e sem público, o desejo de manifestar-se acerca do nada, o comunicar por comunicar, o expressar-se sem finalidade alguma, apenas pelo ato como um fim em si mesmo, para ser ouvido por um micropúblico, o isolamento do ser social e a supervalorização do ser individual são algumas características do vazio dessa nova era.

2.1.2 Descentramentos do sujeito pós-moderno

Hall (2015, p. 22) aponta cinco descentramentos para o conceito de sujeito. O primeiro deles refere-se às tradições do pensamento marxista, reinterpretado na década de 60, colocando as relações sociais e não uma noção abstrata de homem no centro de seu sistema de atuação.

A descoberta do inconsciente por Freud reporta ao segundo dos descentramentos, desestabilizando o conceito do sujeito cognoscente e racional como uma identidade fixa.

Saussure traz sua ideia de que a língua é um sistema social e não um sistema individual; assim, as proposições têm significados instáveis, contribuindo para o terceiro descentramento.

Já o quarto ocorre com as ideias de Foucault, destacando um novo tipo de poder disciplinar que está preocupado com a regulação e a vigilância humanas, disciplinando as populações modernas, tornando-as dóceis. O paradoxo é “quanto mais coletiva e organizada a natureza das instituições da modernidade tardia, maior o isolamento, a vigilância e a individualidade do sujeito individual”. (HALL, 2015, p. 27).

O quinto diz respeito ao impacto do feminismo,

[...] tanto como uma crítica teórica como um movimento social. O feminismo faz parte daquele grupo de “novos movimentos sociais” que emergiram na década de 60, o grande marco da modernidade tardia, juntamente com as revoltas estudantis, os movimentos juvenis contraculturais e antibelicistas, as lutas pelos direitos civis, os movimentos revolucionários do “terceiro mundo”, os movimentos pela paz [...]. Isso constitui o

nascimento histórico do que veio a ser conhecido como a *política de identidade*, uma identidade para cada movimento. (HALL, 2015, p. 27).

Levando-se em conta esses cinco pontos elencados por Hall, percebe-se que o sujeito pós-moderno se diferencia do sujeito do Iluminismo em termos identitários, isto é, a “identidade fixa e estável foi descentrada, resultando em identidades abertas, contraditórias, inacabadas e fragmentadas” na modernidade tardia (2015, p. 28).

Essa fragmentação alterou a sociedade atual, marcando-a pelo individualismo, pela indiferença e pelo narcisismo. Lipovetsky (2005) discorre acerca do enfraquecimento da sociedade, dos costumes, do indivíduo contemporâneo na era do consumo de massa, e aponta, ainda, a emergência de um modo de sociabilização e de individualização inédito, numa ruptura com o que foi instituído a partir dos séculos XVII e XVIII.

A sociedade pós-moderna é marcada pelo desinvestimento público, pela perda de sentido das grandes instituições morais, sociais e políticas. É caracterizada também por uma cultura aberta, assinalada pela regulação “cool” das relações humanas, em que predominam tolerância, hedonismo, personalização dos processos de socialização e coexistência pacífico-lúdica dos antagonismos – violência e convívio, modernismo e retrô, ambientalismo e consumo desbragado, dentre outras coisas. Nela, o processo de personalização gesta um novo indivíduo e, por sua vez, determina os distintivos da nova sociedade.

O processo de personalização é o combustível da sociedade pós-moderna; é o que alavanca uma nova forma de individualismo, bem diferente daquele anterior observado ao longo da modernidade. Sacudido pela velocidade das técnicas, pela administração, pelo consumismo massivo, pela mídia, pela ideologia individualista e também pelo psicologismo, elevando ao ponto alto a prevalência do indivíduo. (BRITO, 2015, p. 164).

Compreender o processo de personalização, é fundamental para se entender o sujeito pós-moderno, pois este encontra-se em uma era de incertezas.

2.2 O autor

Donald Richard DeLillo, referenciado simplesmente por Don DeLillo, nasceu em 20 de novembro de 1936. É filho de imigrantes italianos, católicos, criado no bairro do *Bronx*, na cidade de Nova York.

O *Bronx*, um dos redutos ítalo-americanos, foi o lugar em que o escritor passou sua infância em companhia dos pais, da irmã, um casal de tios e três primos. A casa que abrigava os familiares era estreita, com três andares, situada mais especificamente na esquina da rua 182 com *Adams Place*. Estudou no Colégio *Cardinal Hayes* e graduou-se na Universidade *Fordham* em *Communication Arts*. Seu pai trabalhou como escrivão na companhia de seguros *Metropolitan Life*, em *Manhattan*. (REZENDE, 1997).

Na ficção, DeLillo retratou seu bairro em alguns dos primeiros contos e também no romance *Underworld* (1997), no qual a personagem *Nick Shay* reside em um prédio situado perto de sua velha casa. O ambiente citadino nova-iorquino onde foi criado e ainda vive com sua esposa, Barbara Bennett, permitiu ao escritor observar, interpretar e representar a realidade em seus trabalhos. Morou fora dos Estados Unidos, na Grécia, por três anos, retornando em 1982, quando deu início aos preparativos para a obra *White Noise* (1985). Afirma que se tornou escritor “por morar em Nova York e ver, ouvir e sentir todas as grandes, surpreendentes e perigosas coisas que a cidade infinitamente proporciona.”² (Tradução da autora desta tese).

DeLillo teve seu interesse intensificado por literatura quando, ainda adolescente, trabalhou como ajudante em um estacionamento de veículos e dispunha de tempo livre para fazer suas leituras. Ele cita Faulkner, Joyce e Hemingway como influência em suas primeiras produções.

É escritor, dramaturgo e ensaísta, trata de temas relacionados ao cotidiano e evolução do homem na sociedade contemporânea, suas conquistas tecnológicas, tragédias anunciadas e terrorismo global. Traça paralelos entre história e literatura, revisando o passado de maneira crítica, produzindo ficção a partir de fatos históricos. Nas obras, DeLillo questiona o sistema americano, tratando de temas

² “I became a writer by living in New York and seeing and hearing and feeling all the great, amazing and dangerous things the city endlessly assembles.” DeLillo to Jonathan Bing, 1997. Disponível em: www.modernamericanliterature.weekly.com/don-delillo. Acesso em: 17 jul. 2019.

como o poder da imagem, o consumismo e a alienação do indivíduo. Aborda também as complexidades da linguagem e das mídias de comunicação. Trata da vida (e morte) do sujeito pós-moderno em um período permeado por grandes transformações provenientes dos avanços científico-tecnológicos. Apresenta a contestação de valores morais, sociais, culturais, filosóficos e religiosos e a busca pela imortalidade.

A década de 70 foi bastante produtiva para o autor, pois, em 1971, publicou seu primeiro romance, *Americana*, e cinco outros: *End Zone* (1972), *Great Jones Street* (1973), *Ratner's Star* (1976), *Players* (1977) e *Running Dog* (1978). Nos anos 80, publicou *Amazons* (1980) – com o pseudônimo de “Cleo Birdwell”, *The Names* (1982), *White Noise* (1985) e *Libra* (1988).

Na década seguinte, produziu *Mao II* (1991) e *Underworld* (1997). Nos primeiros anos do novo século, lançou os seguintes livros: *The Body Artist* (2001), *Cosmopolis* (2003), *Falling Man* (2007), *Point Omega* (2010), *The Angel Esmeralda: nine stories* (2011) – coleção de contos – e *Zero K* (2016).

Paralelamente aos romances e contos, escreveu peças teatrais: *The Engineer of Moonlight* (1979), *The Day Room* (1986), *Valparaíso* (1999), *Love-Lies-Bleeding* (2005) e *The Word for Snow* (2007). Em *Love-Lies-Bleeding*, DeLillo trata da eutanásia, possibilitando examinar como a literatura permite a reavaliação do sujeito em busca do poder decisório acerca de seu próprio desígnio e do destino de outros.

Também produziu ensaios publicados em influentes periódicos americanos, como por exemplo, *American Blood: a Journey through the Labyrinth of Dallas and JFK* (1983), publicado em 08 de dezembro de 1983, na *Rolling Stone Magazine*. Como visto no título, o texto trata do assassinato de John Fitzgerald Kennedy, assunto retomado no romance *Libra* (1988). *The Power of History* (1997), artigo publicado na *New York Times Magazine*, em 07 de setembro de 1987, precedeu o livro *Underworld*, lançado no mesmo ano, com mais de 800 páginas, publicado em dois volumes. Ensaio e romance que fazem um paralelo entre história e literatura, dando aos fatos a possibilidade de serem revisitados.

Uma série de questionamentos e ponderações aparece quando lemos esses textos do autor: ‘O que é história?’, ‘Quem a faz?’, ‘Quem a escreve?’, ‘Onde podemos encontrá-la?’, ‘Podemos encontrá-la em arquivos?’, ‘Mas os arquivos históricos não são narrativas também?’, ‘A quem pertence o ponto de vista?’, ‘Podemos reescrever a história?’, ‘Podemos reavaliá-la?’, ‘A literatura pode!’ Tudo é

possível para a Literatura!’ ‘Literatura é arte, é vida, ela nos permite repensar a história!’ É exatamente isto que DeLillo preconiza quando referencia fatos históricos em seus textos, independente da modalidade, sejam eles ensaios, contos, peças ou romances.

A história é construída dia a dia, segundo a segundo, e a humanidade completa sua rota à medida que o tempo passa. A qualquer momento, um fato distante pode afetar um indivíduo: forte, fraco, poderoso ou submisso. Porém, o ponto de vista da história é sempre de cima, dos que possuem o domínio do discurso.

Em dezembro de 2011, a *Harper’s Magazine* estampou, em suas páginas, o artigo *In the Ruins of the Future*, tratando dos ataques terroristas do 11 de setembro. Nesse texto, o autor registra historicamente sua visão acerca do terror vivido na sua terra natal e leva o leitor a considerar novamente ‘o poder da História’ e sua relação com a Literatura para as gerações vindouras, para todos aqueles que só terão ciência dos fatos com vistas aos registros histórico-literários.

No ensaio sobre o dia 11 de setembro, DeLillo fala a respeito de um fato que afetou milhares de pessoas no ataque terrorista às Torres Gêmeas, os dois prédios principais do *World Trade Center* em Nova York, representante do poder comercial americano. Era uma terça-feira de manhã, quatro aeronaves tinham sido sequestradas por alguns membros do grupo *Al-Qaeda*, e uma ação suicida havia sido iniciada. Dois aviões colidiram intencionalmente com as torres, o terceiro com o Pentágono, em Arlington, no estado da Virgínia, o departamento de defesa americano, o símbolo do poder militar dos Estados Unidos. O quarto e último avião caiu em um campo aberto em *Shanksville, Pennsylvania*. Quase três mil pessoas morreram no ataque. Pessoas de mais de setenta diferentes nacionalidades.

O terrível ataque do dia 11 de setembro mudou o cenário do mundo para sempre. As torres, que representavam os negócios globais, a importância do mercado de transações, não existem mais. A tragédia tinha sido anunciada em um dos mais famosos livros de Don DeLillo, *White Noise* (1985), objeto de estudo deste trabalho. Na narrativa, a informação tinha sido encontrada em um tabloide. Uma das personagens a leu em voz alta:

Pegou outro tabloide. A primeira página falava nas previsões para o próximo ano feitas pelos principais videntes do país. [...]

“Seguidores de uma seita que cultua os desastres de avião vão sequestrar um jumbo e fazê-lo cair sobre a Casa Branca, num ato de devoção cega a seu misterioso líder, conhecido apenas como Tio Bob. O presidente e a primeira dama sobreviverão milagrosamente ao desastre, sofrendo apenas pequenas escoriações, segundo amigos íntimos do casal”. (DELILLO, 1987, p. 144 - 145)³.

Conforme visto na citação anterior, em 1985, ano de lançamento da edição americana de *White Noise*, DeLillo antecipa o ataque terrorista às torres gêmeas, trecho que ecoa como uma profecia fatídica. Como o escritor é capaz de antecipar o futuro? Trata-se um visionário que apresentou uma informação com poder de mudar a história do mundo de forma definitiva.

Com produções que instigam o leitor a entender o mundo, a relacionar as diferentes forças existentes, a fazer ver como o sistema pode diminuir e/ou minar o livre arbítrio dos indivíduos, o autor prossegue em sua trajetória. Mostra como história e literatura podem andar de mãos dadas; a segunda possibilitando que a primeira seja avaliada e reavaliada.

DeLillo é membro da *American Academy of Arts and Letters* e foi agraciado com vários prêmios. Por *White Noise* (1985), seu oitavo romance dos dezesseis já produzidos, primeira obra do autor a ser traduzida para a língua portuguesa, recebeu o prêmio de melhor romance: *The National Book Award*. Com o romance *Underworld* (1987), foi agraciado com a *Howells Medal*, pelo relevante trabalho de ficção; por *Libra* (1988), *The Irish Times International Fiction Prize*. Por *Mao II* (1991), *The PEN/Faulkner Award for Fiction*. Em 1999, obteve o *Jerusalem Prize*, concedido a um escritor cujo trabalho expressa o tema de liberdade do indivíduo em sociedade. Em 2010, recebeu *The PEN/Saul Bellow Award for Achievement in American Fiction*. Por *The Angel Esmeralda: nine stories* (2012), obteve o *The PEN/Faulkner Award Nomination* e, em 2013, também alcançou o *Library of Congress Prize for American Fiction*.

³*She picked up another tabloid. The cover story concerned the country's leading psychics and their predictions for the coming year. [...] "Members of an air-crash cult will hijack a jumbo jet and crash it into the White House in an act of blind devotion to their mysterious and reclusive leader known as Uncle Bob. The President and First Lady will miraculously survive with minor cuts, according to close friends of the couple. (DELILLO, 1985, p. 145 – 146).*

2.3 *White Noise*

A obra *White Noise* (1985) narra a história de seu protagonista e narrador em 1ª pessoa, Jack Gladney, e de sua família. Vivem em uma pequena cidade americana chamada *Blacksmith*. Jack é professor universitário na instituição denominada *College-on-the-Hill*, é conhecido por fundar a Hitlerologia, leciona a disciplina *Advanced Nazism*, três horas semanais para alunos do último ano: “... um curso cujo objetivo era cultivar a perspectiva histórica, o rigor teórico e uma percepção madura do interesse perene exercido pela tirania fascista sobre as massas...” (DELILLO, 1987, p. 29)⁴.

Na contextualização do romance, logo no parágrafo de abertura da narrativa, o narrador descreve a chegada dos estudantes ao câmpus da universidade para o início do ano letivo. É setembro, chegam com os pais, os carros abarrotados de coisas para suprir as necessidades no novo lar acadêmico. À medida que descarregam os carros, nota-se a longa enumeração de produtos e equipamentos trazidos:

As bagageiras estavam abarrotadas de malas cuidadosamente amarradas, cheias de roupas leves e agasalhos; [...] lençóis, travesseiros, edredons; [...] bicicletas, esquis, mochilas, selas de todos os tipos, botes infláveis. [...] aparelhos de som, rádios, microcomputadores; geladeiras pequenas e fogões portáteis; [...] secadores e alisadores de cabelos; raquetes de tênis, bolas de futebol, bastões de hóquei e *lacrosse*, arcos e flechas; drogas, pílulas e dispositivos anticoncepcionais; guloseimas ainda em sacolas de supermercados – biscoitos de cebola e alho, salgadinhos de milho, bolinhos de creme de amendoim, [...] e pipoca com sabor *toffee*; pirulitos *Dum Dum*, balas de hortelã *Mystic*. (DELILLO, 1987, p. 9)⁵.

A lista de itens anuncia uma sociedade caracterizada pelo consumo de produtos industrializados, de eletrodomésticos e de equipamentos, como rádio e microcomputadores, que proporcionam a propagação da informação e a

⁴“... a course of study designed to cultivate historical perspective, theoretical rigor and mature insight into the continuing mass appeal of fascist tyranny...” (DELILLO, 1985, p. 25).

⁵The roofs of the station wagons were loaded down with carefully secured suitcases full of light and heavy clothing; [...] bicycles, skis, rucksacks, English and Western saddles, inflated rafts. [...] the stereo sets, radios, personal computers; small refrigerators and table ranges; [...] the hairdryers and styling irons; the tennis rackets, soccer balls, hockey and lacrosse sticks, bows and arrows; the controlled substances, the birth control pills and devices; the junk food still in shopping bags – onion-and-garlic chips, nacho thins, peanut cream patties, [...] and toffee popcorn; the *Dum-Dum* pops, the *Mystic* mints. (DELILLO, 1985, p. 3).

comunicação com o mundo. Mas, dentre os objetos elencados, pode-se ver uma série de artigos considerados supérfluos para quem está destinado a trilhar o caminho dos estudos. É retratada uma sociedade classe média-alta, que se utiliza das benesses do capitalismo financeiro, em um momento caracterizado pela expansão do domínio da indústria, das grandes corporações e das empresas transnacionais.

Jack e outros chefes de departamento usam uma espécie de toga na cor preta quando estão no câmpus da universidade e em suas aulas. Essa vestimenta é descrita como ‘medieval’ na narrativa. Infere-se que esse tipo de uniforme represente docentes presos a tradições antigas em contraste com produtos tecnológicos, modernos, como o relógio digital em seu pulso: “... ver o chefe de departamento andando pelo câmpus, o braço curvado emergindo de sua toga medieval, o relógio digital piscando ao crepúsculo. A toga é preta, naturalmente, e combina com quase tudo”. (DELILLO, 1987, p. 14)⁶.

Jack Gladney, apesar de estudar e lecionar sobre Hitler, não sabe praticamente nada da língua alemã, por isso resolve fazer aulas particulares secretas, quando já está com a carreira docente extremamente adiantada. Por sugestão de um reitor, ainda no começo de sua trajetória acadêmica em *College-on-the-Hill*, ele tem seu nome estendido com a inserção de iniciais para ser levado a sério como inovador em Hitlerologia, passou a “ostentar o nome J. A. K. Gladney, como quem usa um terno emprestado”. Também, por conta própria, decide usar “óculos de escuros de armações pretas, grossas e pesadas [...] uma alternativa às barbas abundantes que a esposa da época vetou”. Ele se esconde atrás dos óculos escuros e sob a toga preta, é uma fraude, é o “personagem falso atribuído a esse nome”. (DELILLO, 1987, p. 21)⁷.

Há uma crítica aos membros do corpo docente da instituição em que Gladney leciona, sutilmente estendida à academia americana por parte de DeLillo. Os docentes são inteligentes, mas obcecados por cultura inútil. Porém, Murray Jay Siskind é uma exceção a essa regra, é professor convidado e mostra-se bastante

⁶“... they [the students] witness the chairman walking across campus, crook'd arm emerging from medieval robe, the digital watch blinking in late summer dusk. The robe is black, of course and goes with almost anything.” (DELILLO, 1985, p. 9).

⁷“We finally agreed that I should invent an extra initial and call myself J. A. K. Gladney, a tag I wore like a borrowed suit. [...] the glasses with thick black heavy frames and dark lenses were my own idea, an alternative to the bushy beard that my wife of that period didn't want me to grow.” (DELILLO, 1985, p. 16 - 17).

comprometido com o saber. Sente-se constrangido com o que percebe a respeito de seus colegas de departamento: “Eu entendo a música, o cinema, entendo até o que se pode aprender com as revistas em quadrinhos. Mas há professores titulares aqui que só leem caixas de cereais”. (DELILLO, 1987, p. 15)⁸.

Na figura de Jack, o autor retrata o homem americano de meados do século XX, seu apelo consumista determinado pelo capitalismo desenfreado. Muitas cenas passam-se no interior de um supermercado em que Jack, sua esposa Babette, seus filhos Heinrich e Steffie, seus enteados Denise e Wilder, e Murray, seu amigo e colega de profissão, fazem compras.

As duas meninas, Babette, Wilder e eu fomos ao supermercado. Alguns minutos depois que entramos, encontramos Murray. Esta era a quarta ou quinta vez que eu o via no supermercado, mais ou menos o mesmo número de vezes que o vira no câmpus. (DELILLO, 1987, p. 38)⁹.

Conversas e discussões sobre os mais diversos temas, como problemas cotidianos, educação de filhos, vida e morte, e até mesmo a respeito de vida após a morte, são desenvolvidas no supermercado como se estivessem em uma sala confortável de visitas. Em uma dessas cenas, Murray comenta sobre morte e renascimento no Tibet e compara-os ao estilo americano de vida, dizendo: “Os tibetanos acreditam que existe um estado de transição entre a morte e o renascimento. A morte é basicamente um período de espera. (DELILLO, 1987, p. 40) [...] No Tibet, morrer é uma arte. [...] aqui não morremos, fazemos compras”. (DELILLO, 1987, p. 41)¹⁰.

Os encontros no supermercado permeiam a narrativa e também há outros episódios de compras em *shopping centers*, nos quais se percebe a socialização entre os membros da família de Jack; mas, ao chegarem a casa, onde deveria ser o espaço para estarem reunidos, todos se isolam em seus respectivos quartos. Também pode-se notar que o poder de compra infla o ego do comprador. E o consumo não é de produtos necessários:

⁸“I understand the music, I understand the movies, I even see how comic books can tell us things. But there are full professors in this place who read nothing but cereal boxes.” (DELILLO, 1985, p. 10).

⁹The two girls and Babette, Wilder and I went to the supermarket. Minutes after we entered, we ran into Murray. This was the fourth or fifth time I'd seen him on the supermarket, which was roughly the number of times I'd seen him on campus. (DELILLO, 1985, p. 35).

¹⁰“Tibetans believe there is a transitional state between death and rebirth. Death is a waiting period, basically. (DELILLO, 1985, p. 37) [...] Dying is an art in Tibet. [...] Here we don't die, we shop.” (DELILLO, 1985, p. 38).

[...] Havia sempre outra loja a visitar, três andares, oito andares, [...] Eu comprava coisas com volúpia cega. [...] Comprava por comprar, olhando e pegando, examinando mercadorias que eu não tinha intenção de comprar, e depois comprando-as. [...] Comecei a ganhar estatura, amor-próprio. Inflei-me, descobri novos aspectos de mim mesmo, [...] formou-se uma luminosidade ao meu redor. [...] Nossas imagens apareciam em colunas recobertas de espelhos, em cristais cromados, em monitores de tevê em salas de segurança. [...] Eu disse às crianças que escolhessem seus presentes de Natal. [...] Voltamos para casa em silêncio. Cada um foi para seu quarto, querendo ficar sozinho. (DELILLO, 1987, p. 85 - 86)¹¹.

É possível constatar que o ato de consumir realmente reúne os Gladneys, ou seja, nos locais comerciais, em meio aos mais variados tipos de produtos, necessários ou supérfluos, as relações se estreitam; no lar, ficam mais distantes uns dos outros. Assim sendo,

Com todos os chamados “templos do consumo”, isto é, os *shopping centers*, os supermercados e os hipermercados, as facilidades de compra ampliaram-se por meio de uma imensa possibilidade de escolha de produtos, além do fato de lojas ficarem abertas vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana. Existe toda uma estratégia para fazer o consumidor pensar que necessita deste ou daquele produto e levá-lo a consumir até mesmo o que não precisa. Nos Estados Unidos, há grandes redes [...] espalhadas por todo o país, dando uma sensação de conforto aos seus consumidores, pois existe o fator de previsibilidade, isto é, as pessoas sempre sabem quais as opções terão disponíveis para escolher. Consumir é o ato que socializa os homens. (FERNANDES, 2009, p. 308).

A comida da família de Jack é industrializada. Babette sente-se culpada por isso. Pensa em refeições mais saudáveis, chega a comprar produtos mais naturais por uma questão de consciência; mas não os come, acaba descartando esses alimentos. Quando saem para uma refeição, também consomem *fast food*:

A hora do almoço chegou depressa. [...] começamos espargir placidamente mostarda e maionese em nossas comidas de cores muito vivas. [...] Wilder continuava sentado na bancada, cercado de

¹¹ *There was always another store, three floors, eight floors, [...] I shopped with reckless abandon. [...] I shopped for its own sake, looking and touching, inspecting merchandise I had no intention of buying, then buying it. [...] I began to grow in value and self-regard. I filled myself out, finding new aspects of myself, [...] brightness settled around me. [...] our images appeared on mirrored columns, in glassware and chrome, on TV monitors in security rooms. [...] I told the kids to pick out their Christmas gifts here and now. [...] We drove home in silence. We went to our respective rooms, wishing to be alone. (DELILLO, 1985, p. 83-84).*

caixas abertas, folha de alumínio amassada, sacos reluzentes de batatas fritas, tigelas de substâncias pastosas cobertas com plástico, anéis arrancados de latas de refrigerantes, fatias de queijo prato embrulhadas uma a uma. [...] – Não era esse o almoço que eu estava planejando – disse Babette. – Eu estava pensando seriamente em germe de trigo e iogurte. – Onde foi que já ouvimos essa conversa? – perguntou Denise. – Provavelmente aqui mesmo – respondeu Steffie. [...] – Se ela não compra, sente-se culpada; se compra e não come, sente-se culpada; quando abre a geladeira e vê isso lá dentro, sente-se culpada; quando joga fora, sente-se culpada. (DELILLO, 1987, p. 12-13)¹².

O lixo é modernamente triturado na pia da cozinha e compactado. Em uma das cenas em que Jack revolve o lixo já processado, pode-se ver um amálgama de coisas; mais uma vez tem-se escancarado o estilo de vida americano, mostrando o consumismo descontrolado. Ora, as coisas descartadas dizem muito sobre o modo de viver de uma sociedade. A personagem, a princípio, parece não acreditar que ele e os membros de sua família eram os responsáveis por aquela montanha disforme de detritos. Chega a questionar se estaria presente, nesses restos, o lado escuro da consciência do consumidor. Sente-se culpado, como se estivesse violando a privacidade dos envolvidos, como pode ser observado no seguinte trecho:

Desdobrei as pontas do saco e abri-o. O fedor me atingiu com toda a força. Aquilo era nosso? Pertencia a nós? Nós é que havíamos criado? Levei o saco até a garagem e esvaziei-o. O lixo compactado parecia uma escultura moderna, irônica, maciça, achatada, debochada. Cutuquei-a com o cabo de um ancinho e espalhei o material. Examinei cada pedaço, cada massa disforme, sem entender o porquê de meu sentimento de culpa, da minha sensação de estar violando a privacidade de alguém, de estar revelando segredos íntimos, talvez vergonhosos. (DELILLO, 1987, p. 252 - 253)¹³.

¹²Soon it was time for lunch. [...] we began quietly plastering mustard and mayonnaise on our brightly colored food. [...] Wilder was still seated on the counter surrounded by open cartons, crumpled tinfoil, shiny bags of potato chips, bowls of pasty substances covered with plastic wrap, flip-top rings and twist ties, individually wrapped slices of orange cheese. [...] – This isn't the lunch I'd planned for myself, Babette said. I was seriously thinking yogurt and wheat germ. – Where have we heard that before? Denise said. Probably right here, Steffie said. [...] – She feels guilty if she doesn't buy it, she feels guilty if she doesn't eat it, she feels guilty when she sees it in the fridge, she feels guilty when she throws it away. (DELILLO, 1985, p. 6 - 7).

¹³I unfolded the bag cuffs, released the latch and lifted out the bag. The full stench hit me shocking force. Was this ours? Did it belong to us? Had we created it? I took the bag out to the garage and emptied it. The compressed bulk sat there like an ironic modern sculpture, massive, squat, mocking. I jabbed at it with the butt end of a rake and then spread the material over the concrete floor. I picked through it, item by item, mass by shapeless mass, wondering why I felt guilt, a violator of privacy, uncovering intimate and perhaps shameful secrets. (DELILLO, 1985, p. 258 - 259).

Algumas partes da narrativa também mostram objetos que vão sendo acumulados, sem uso, entulhados. E o processo de descarte não é tão frequente, indicando o apego a todas aquelas coisas. Mas, em determinado ponto da trama, mais especificamente no final do capítulo nº 37 (dos 40 existentes), Jack começa a jogar coisas fora, quase em fúria, descarta até diplomas, certificados, prêmios e menções honrosas; como se tudo isso tivesse atrapalhando, bloqueando sua vida, constituindo-se em verdadeiros obstáculos, mantendo-o preso a um modo de vida determinado. É como se procurasse despir-se de alguns de seus traços identificadores.

Joguei fora arame de moldura, suportes de livros de metal, [...] Eu me sentia vingativo, quase selvagem. Sentia um rancor pessoal dirigido contra essas coisas. De algum modo, eram responsáveis pela minha situação. Elas haviam me estorvado, me impedido de fugir. [...] Joguei fora diplomas, certificados, prêmios e menções honrosas. (DELILLO, 1987, p. 288)¹⁴.

No texto de *White Noise*, encontra-se a paranoia americana, com seus temores em relação ao que pode vir a ocorrer de mal ao homem em sociedade. Babbette é a portadora das informações e faz a leitura em voz alta de um trecho, publicado em um tabloide (citado na página 26), com o formato de anúncio fatídico, que profetiza o infortúnio acontecido com as torres do *World Trade Center* em 11 de setembro de 2001.

Jack Gladney, o narrador-protagonista, está em seu quinto casamento. Os relacionamentos na era pós-moderna parecem ser menos perenes, troca-se de parceiro com mais facilidade, nem sempre há vez para uma convivência até a morte dos cônjuges. Tem-se aqui o retrato de uma sociedade que se redesenha, com laços afetivos talvez mais instáveis. O ato de “descartar” aplica-se aos seres humanos também.

As características elencadas anteriormente a respeito de consumismo, descarte de coisas e/ou pessoas são elucidadas por Bauman no tocante à sociedade pós-moderna, surgida a partir da segunda metade do século XX:

¹⁴ I threw away picture-frame wire, metal book ends, [...] I was in a vengeful and near savage state. I bore a personal grudge against these things. Somehow they'd put me in this fix. They'd dragged me down, made scape impossible. [...] I threw away diplomas, certificates, awards and citations. (DELILLO, 1985, p. 294).

As parcerias de engajamento instantâneo, consumo rápido e descarte imediato têm seus efeitos colaterais desagradáveis. O espectro da pilha de lixo nunca está distante. Afinal de contas, a velocidade e os depósitos de lixo estão disponíveis a ambos os lados. [...] (2005, p. 99).

Bauman completa o pensamento acima: “[...] você pode acabar envenenado por uma constante sensação de que faltam outras pessoas em sua vida, com sentimentos de vazio e solidão semelhantes ao da privação.” (2005, p. 99).

O sociólogo polonês ainda alerta para a “educação consumista” e eficiente que se recebe nas respectivas sociedades:

A educação de um consumidor não é uma ação solitária ou uma realização definitiva. Começa cedo, mas dura o resto da vida. O desenvolvimento das habilidades de consumidor talvez seja o único exemplo bem sucedido da tal “educação continuada” que teóricos da educação e aqueles que a utilizam na prática defendem mutuamente. As instituições responsáveis pela “educação vitalícia do consumidor” são incontáveis e ubíquas – a começar pelo fluxo diário de comerciais na TV, nos jornais, cartazes e *outdoors* [...] (BAUMAN, 2005, p. 73).

Gladney, com cinquenta e um anos, é pai de quatro filhos: três meninas e um menino. Mary Alice, a mais velha, de 19 anos, mora no Havaí, onde trabalha com baleias. Ela é irmã, também por parte de mãe, de Steffie, a caçula; dez anos de diferença entre elas e dois casamentos as separam. Isto porque Dana Breedlove, mãe das duas meninas, foi a primeira e quarta esposa dele. Eles voltaram a viver juntos depois de ele ter se casado com Janet Savory, mãe de Heinrich, 14, e Tweedy Browner, mãe de Bee, 12, que vive em Washington. Apenas o menino e a caçula vivem com Jack.

Babette, quinta esposa, é mãe de três filhos. Sua primogênita é Denise, 12, inteligente, sempre atenta aos hábitos da mãe; Eugene, 7, vive com o pai na Austrália, espécie de criança selvagem, não tem contato com a televisão, desconhece tais códigos de comunicação e informação; finalmente Wilder, o mais novo, pela descrição, supõe-se que tenha de dois a três anos. Os dois meninos têm o mesmo pai. Jack e ela não têm filhos em comum. O lar atual é composto pelo casal, dois filhos dele (Heinrich e Steffie) e dois dela (Denise e Wilder). É uma família contemporânea, evidenciando que existem vários modelos de constituição familiar.

Denise, menina madura emocionalmente, dialoga com o padrasto de igual para igual, 'patrulheira do lar', inspeciona a mãe: observando seu comportamento, lendo rótulos dos produtos consumidos por Babette, alertando-a como uma simples goma de mascar pode possuir substâncias cancerígenas, observa também sua tomada regular de medicamentos, um deles é prescrito para o 'medo da morte'. Usa uma viseira com frequência, não sai de casa nem do quarto sem o aparato. Segundo Murray, é a interface dela com o mundo. Quem sabe seja seu disfarce de detetive investigativo.

Denise estava com uma viseira verde. [...] ela usava aquilo quatorze horas por dia, há três semanas. Não saía de casa e nem mesmo do quarto sem a peça. Colocava-a para ir à escola, quando a escola ainda não tinha sido interditada, para ir ao banheiro, para ir ao dentista, para jantar. Parecia haver algo naquela viseira que lhe dizia alguma coisa, que lhe oferecia uma identidade, uma sensação de totalidade. (DELILLO, 1987, p. 40)¹⁵.

Heinrich joga xadrez por correspondência, seu adversário é um assassino que vive na penitenciária. Seu diálogo com Jack não é tão interativo, tão natural como poderia ser entre pai e filho, mas o pai constata que o ama com um desespero animal, mas não diz isso a ele. O adolescente fica ligado em todas as informações que recebe de todas as fontes a que tem acesso e as propaga. Questiona os porquês de tudo, busca explicações, quer desvendar o mundo. Tem bom relacionamento com a madrasta. Ela prepara os biscoitos de que ele mais gosta.

Em uma das poucas conversas que tem com o pai, Heinrich mostra-se bastante reflexivo acerca da análise da passagem do tempo. A fugacidade temporal vivida no mundo contemporâneo, como se observa no seguinte diálogo, cuja primeira fala transcrita pertence a Jack:

- O nome dele é Frank J. Smalley, e é de St. Louis.
- Ele quer saber se está chovendo 'agora', nesse instante?
- Aqui e agora. Isso.
- Existe 'agora'? 'Agora' aparece e desaparece no mesmo momento em que você pronuncia a palavra. Como é que eu posso dizer se está chovendo agora se o tal 'agora' vira 'depois' assim que eu acabo de falar?

¹⁵*Denise was wearing a green visor. [...] she'd been wearing it fourteen hours a day for three weeks now. She would not go out without it, would not even leave her room. She wore it in school, when there was school, wore it to the toilet, the dentist's chair, the dinner table. Something about the visor seemed to speak to her, to offer wholeness and identity. (DELILLO, 1985, p. 37).*

- Você disse que não existia passado, presente nem futuro.
- Só nos verbos. Só existe neles. (DELILLO, 1987, p. 27)¹⁶.

Na voz de Heinrich, pode-se notar a maturidade e a percepção do adolescente acerca da fugacidade do tempo no mundo contemporâneo, em que tudo é vivido em ritmo desenfreado.

Babette, além de gerenciar o lar e os filhos, dá aulas sobre postura e bons hábitos para a terceira idade. Também faz trabalho voluntário, lendo para deficientes visuais. Ela e o marido têm muitos medos, principalmente o da morte. Em razão desse mal, chega a trair Jack para adquirir uma pílula que promete acabar com esse sentimento. A pessoa que comercializa a droga, Sr. Gray, exige ter relações sexuais como parte do pacto de acesso ao medicamento chamado “Dylar”. Ela confessa essa atitude ao marido. Jack, de início, não se mostra tão incomodado com o fato, pois tem mais interesse em conseguir o remédio para si mesmo, para curar seu próprio medo; quer testar o medicamento em seu organismo, apesar de a esposa afirmar que a droga não surte o efeito desejado e prometido. Ela soube do fármaco por meio de uma propaganda em um tabloide; afinal alguns anúncios prometem resolver os ‘problemas da vida’.

- Me atormenta, Jack. Não consigo tirar isso da cabeça. Eu sei que não é normal viver pensando nesse medo. O que eu faço? O medo não passa. Foi por isso que o anúncio do Sr. Gray me atraiu a atenção no tabloide que eu estava lendo em voz alta. A manchete me pegou em cheio: MEDO DA MORTE. Eu penso nisso o tempo todo. Você está decepcionado comigo. Eu sei. (DELILLO, 1987, p. 192)¹⁷.

Bauman fala sobre as relações sociais frágeis, que cada vez mais se tornam relações mercantilizadas e individualizadas. Também aponta para o perigo subjacente às propagandas incessantes que chegam aos sujeitos, com padrões de

¹⁶“His name is Frank J. Smalley and he comes from Saint Louis.

“He wants to know if it’s raining **now**, at this very minute?”

“Here and now. That’s right.”

“Is there such a thing as now? ‘Now’ comes and goes as soon as you say it. How can I say it’s raining now if your so-called ‘now’ becomes ‘then’ as soon as I say it?”

“You said there was no past, present or future”.

“Only in our verbs. That’s the only place we find it.” (DELILLO, 1985, p. 23 – 24).

¹⁷- It haunts me, Jack. I can’t get it off my mind. I know I’m not supposed to experience such a fear so consciously and so steadily. What can I do? It’s just there. That’s why I was so quick to notice Mr. Gray’s ad in the tabloid I was reading aloud. The headline hit home. FEAR OF DEATH, it said. I think about it all the time. You’re disappointed. I can tell. (DELILLO, 1985, p. 196).

comportamento e promessas para toda a sorte de males que podem afligir a vida na era pós-moderna, como ao que Babette recorreu para resolver a inquietude de sua alma:

[...] passando pelas pilhas de lustrosas revistas “temáticas” que competem para os estilos de vida das celebridades que lançam tendências, os grandes mestres das artes consumistas, até chegar aos vociferantes especialistas/conselheiros que oferecem as mais modernas receitas, respaldadas por meticulosas pesquisas e testadas em laboratório, com o propósito de identificar e resolver os “problemas da vida”. (BAUMAN, 2005, p. 73).

A televisão e o rádio fazem parte da rotina da casa de Jack e Babette. São meios de comunicação que trazem o mundo exterior e seus mais diversos acontecimentos para dentro dos lares. Trazem o poder conferido ao indivíduo por deter informação e também mostram os efeitos de sua falta devastadora sobre as massas humanas.

Em um mundo com tanta facilidade para a comunicação, com catástrofes sendo televisionadas, muitas vezes, em tempo real, DeLillo traz, na voz do personagem Alfonse, professor no *College-on-the-Hill*, como a sociedade sofre de sufocamento cerebral, precisa de uma catástrofe de vez em quando para quebrar o bombardeio incessante de informações a que é submetida. Só as catástrofes têm poder para parar, paralisar e quebrar a rotina:

– Palavras, figuras, números, fatos, gráficos, estatísticas, ondas, partículas, ciscos. Só uma catástrofe atrai nossa atenção. Queremos catástrofes, precisamos delas, dependemos delas, desde que não aconteçam no lugar onde estamos. [...] – Para a maioria das pessoas, só existem dois lugares no mundo: o lugar onde elas vivem e a televisão. (DELILLO, 1987, p. 68 – 69)¹⁸.

Para Murray, o professor convidado no *College-on-the-Hill*, a televisão merece atenção, ele assiste à programação, toma notas, numa experiência quase mística, pois afirma ser uma força essencial no lar americano. A personagem atesta que a tevê só é um problema para quem se esqueceu como ver e ouvir; pois se deve selecionar os dados.

¹⁸– *Words, pictures, numbers, facts, graphics, specks, waves, particles, motes. Only a catastrophe gets our attention. We want them, we need them, we depend on them. As long as they happen somewhere else. [...] For most people there are only two places in the world. Where they are and their TV set. (DELILLO, 1985, p. 66).*

– Você tem que aprender a olhar. Tem que se abrir para os dados. A tevê oferece uma quantidade incrível de dados psíquicos. Ela reabre lembranças antiquíssimas do nascimento do mundo, ela nos recebe de braços abertos naquela rede de pontinhos que zumbem, os quais formam as imagens. Há luz, há sons. [...] Veja a riqueza de dados oculta nessa rede, nesse pacote luminoso, nos *jingles*, nos comerciais naturalistas, nos produtos que surgem das trevas, nas mensagens em códigos e repetições incessantes, como ladainhas, como mantras. *Coca é isso aí, Coca-cola é isso aí.* (DELILLO, 1987, p. 54)¹⁹.

E em meio aos programas e noticiários, na TV e no rádio, há as propagandas e *jingles* que soam como mantras; induzindo à compra no mundo capitalista, levando ao consumo, precise ou não o indivíduo do bem ou produto anunciado. É um dos motores impulsionadores das vendas: quem não souber ver e ouvir, é levado às raias e ondas do consumismo.

Segundo o crítico Duvall (1994, p.128), é possível ver que em *White Noise*, Don DeLillo usa os ambientes acadêmico e doméstico como veículos para o exame crítico da América contemporânea e suas implicações em relação aos apelos do profascismo. Isso acontece não apenas porque Jack Gladney é chefe do departamento de estudos sobre Hitler, em *College-on-the-Hill*, uma instituição com anuidades caras; mas porque os elementos da vida de Jack levam-no a um totalitarismo pós-moderno ignorado por ele. Gladney falha em reconhecer tais apelos ao enfatizar a manipulação das massas realizada por Hitler. Essa falha sublinha a diferença-chave entre o fascismo do *Führer* e o profascismo americano, indicando, neste último, uma escolha inconsciente. No romance, há elementos representantes dessa inconsciência: os espaços do supermercado e do *shopping*, e também a televisão. Esta representa um simulacro de imagens com continuidade no supermercado e no *shopping*. Todos levam ao consumo desenfreado de uma forma inconsciente.

Ainda no contexto do poder da imagem, pode-se analisar a passagem em que Jack e Murray visitam o “celeiro mais fotografado da América”. No caminho, as

¹⁹– *You have to learn how to look. You have to open yourself to the data. TV offers incredible amounts of psychic data. It opens ancient memories of world birth, it welcome us into the grid, the network of little buzzing dots that make up the Picture pattern. There is light, there is sound. [...] Look at the wealth of data concealed in the grid, in the bright packaging, the jingles, the slice-of-life commercials, the products hurtling out of the darkness, the coded messages, and endless repetitions, like chants, like mantras. ‘Coke is it, Coke is it’.* (DELILLO, 1985, p. 51).

personagens veem as indicações a respeito do celeiro e quando lá chegam, observam que ninguém vê o celeiro, as pessoas estão no local apenas fotografando e, segundo Jack, “mantendo uma imagem” (DELILLO, 1987, p.17). Há uma aura que deve ser preservada e aqueles visitantes estão ali para alimentar essa necessidade. Observa-se que as pessoas perdem a conexão com a realidade, isto é, são incapazes de distinguir o real do ilusório. De acordo com Baudrillard, chega-se ao nível do hiper-real (1988, p. 36).

Outra preocupação recorrente em *White Noise* acontece em relação às questões ambientais, o homem destruindo seu próprio meio e a si mesmo. Quando Jack quer compreender o porquê de seu filho Heinrich, aos quatorze anos, já ter entradas no couro cabeludo, chega a cogitar se haveria alguma relação com o descontrole da qualidade do ambiente. Ele também afirma que o pôr-do-sol é lindo em *Blacksmith* devido à poluição que amplia a dimensão de cores e nuvens de fumaça. Segue o trecho:

As entradas de Heinrich estão começando a se acentuar. Isso me dá o que pensar. [...] Será de algum modo culpa minha? Será que, sem saber, criei-o perto de um depósito de lixo químico, num lugar onde chegam correntes de ar que trazem resíduos tóxicos capazes de produzir degeneração do couro cabeludo e belíssimos crepúsculos? (Os moradores afirmam que há trinta ou quarenta anos o pôr-do-sol aqui não tinha nada de excepcional.) A culpa do homem na história e nas marés de seu próprio sangue foi complexificada pela tecnologia, a morte hipócrita, gradual, cotidiana. (DELILLO, 1987, p. 25)²⁰.

É o “progresso” trazendo em seu bojo também o lado perverso, aquele que destrói e aniquila; para usar um termo bem adequado, talvez seja coerente dizer a “evolução perdida” do ser humano. Em outro episódio da narrativa, acontece um acidente na linha ferroviária e ocorre um vazamento de uma substância tóxica que afeta os moradores de *Blacksmith*. Jack parece não acreditar no ocorrido, como ele, um professor universitário, chefe de departamento teria de abandonar seu lar? Fugir de uma catástrofe? Ele acha que essas coisas só podem acontecer com gente pobre, habitantes de áreas vulneráveis, mas o rádio trouxe a notícia de que uma

²⁰*Heinrich's hairline is beginning to recede. I wonder about this. [...] Am I at fault somehow? Have I raised him, unwittingly, in the vicinity of a chemical dump site, in the path of air currents that carry industrial wastes capable of producing scalp degeneration, glorious sunsets? (People say the sunsets around here were not nearly so stunning thirty or forty years ago.) Man's guilt in history and in the tides of his own blood has been complicated by technology, the daily seeping falsehearted death. (DELILLO, 1985, p. 22).*

nuvem química mortífera se aproximava. As sirenes também não davam trégua, todos os sons convergiam para o anúncio da catástrofe.

E o *American Way of Life*? O sonho dos cidadãos norte-americanos? Como fica frente à terrível realidade que se anunciava? E a promessa e esperança de desenvolvimento contínuo, sem interrupções? O estilo de vida, materializado na compra dos mais diversos produtos, no desenvolvimento das indústrias química, mecânica e elétrica, na concentração de empresas, não estariam eles imunes às tragédias?

A família de Jack e Babette ainda fez uma refeição antes da fuga ao som de sirenes perturbadoras. Heinrich vai informando a família sobre o que ouve no rádio sobre o acidente. Durante a fuga, já no carro, pelo retrovisor, o pai visualiza o filho maravilhado com a tragédia. O menino soube pelo rádio dos perigos e dos sintomas causados pela nuvem tóxica, como vômitos, mal-estar, suores, *déjà vu*. Ele sente-se munido pelo poder da informação.

O protagonista, ao volante, afirma que o medo mais imediato das pessoas quando fogem de suas casas é a possibilidade de que as autoridades há muito já tenham ido embora, deixando-as responsáveis pelo seu próprio caos. Jack experimenta uma falsa sensação de segurança. Mas não seria função do Estado proteger seus cidadãos? A situação que se desenhava parecia estar afetada pelas forças da globalização, significando que “o Estado não tem mais o poder ou o desejo de manter uma união sólida e inabalável com a Nação”. (BAUMAN, 2005, p. 34).

Segundo Pena (2016), por Estado entende-se a unidade administrativa de um território formado pelo conjunto de instituições públicas que representam, organizam e atendem (ao menos em tese) os anseios da população que habita o seu território. Entre essas instituições, estão o governo, as escolas, as prisões, os hospitais públicos, o exército, dentre outras. A Nação, por outro lado, tem seu conceito ligado à identidade, à cultura e aos aspectos históricos. Por nação, entende-se um agrupamento ou organização de uma sociedade que partilha dos mesmos costumes, características, idioma, cultura e que já possuem uma determinada tradição histórica. Estaria a família de Jack e tantas outras desamparadas, esquecidas pelas instituições que deveriam protegê-las?

De acordo com Bauman,

Os parceiros no casamento Estado-Nação se mostram cada vez mais indiferentes com relação à união e deixam-se levar, de modo lento, mas constante, na direção do novo padrão dos CSS (casais semiseparados). [...] O governo do Estado é uma identidade à qual é improvável que os membros de uma sociedade cada vez mais privatizada e desregulamentada dirijam suas queixas e exigências. Os direitos sociais são substituídos um a um pelo dever individual do cuidado consigo mesmo [...]. (2005, p.35).

Jack também se depara com uma outra sensação de desamparo. O santo, o sagrado, em tempos pós-modernos, parece não ter mais a configuração protetora de outrora. Sente-se abandonado mais uma vez por instituições que deveriam ofertar proteção. Ao buscar acolhimento em uma espécie de convento, dialoga com uma freira e vê que ela fere as convicções tidas como certas, o que havia aprendido como verdadeiro e esperado pelos membros de uma comunidade representante do sagrado. Vê o descrédito da freira frente à fé, à religião e à vida eterna:

- A senhora não acredita no céu?
- Se você não acredita, por que eu tenho que acreditar?
- Se a senhora acreditasse, talvez eu acreditasse.
- Se eu acreditasse, você não precisava acreditar.
- Toda aquela história [...] Fé, religião, vida eterna. A velha credulidade humana. A senhora está me dizendo que não leva essas coisas a sério? A sua dedicação é um fingimento?
- Nosso fingimento é uma dedicação. Alguém tem que fingir que acredita. (DELILLO, 1987, p. 312)²¹.

Jack fica perplexo com o posicionamento da freira, uma crença milenar não poderia morrer. Deveria haver religiosas que acreditem de verdade no sagrado. O protagonista experimenta uma sensação de abandono, descrença nas instituições. Nesse ponto da narrativa, a tríade representada pela família, Estado e religião está com ranhuras. Precisamente, esses três elementos – numa perspectiva kantiana – são os priori da vida social e os pilares de representação da identidade sociocultural do sujeito. (KANT apud BOBBIO, 1992, p. 133). No romance, tais unidades estão desintegradas, fragmentadas. É como se os eixos que ofertavam segurança e

²¹ - *You don't believe in heaven? A nun?*

- *If you don't, why should I?*

- *If you did, maybe I would.*

- *If I did, you would not have to.*

- *All the old muddles and quirks [...] Faith, religion, life everlasting. Are you saying you don't take them seriously? Your dedication is a pretense?*

- *Our pretense is a dedication. Someone must appear to believe. [...] (DELILLO, 1985, p. 319).*

direcionamento fossem deslocados, descentrando o sujeito pós-moderno, permitindo a seguinte constatação:

[...] as velhas identidades que por tanto tempo estabilizaram o mundo social estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo, até aqui visto como um sujeito unificado. A assim chamada “crise de identidade” é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social. (HALL, 2015, p. 9).

Assim, as personagens de DeLillo, em *White Noise*, são representantes desse sujeito pós-moderno, que observa e vivencia movimentos constantes nas esferas sociais e econômicas; redesenhando o panorama das comunidades citadinas. Sujeitos que veem a liquidez das relações afetivas e testemunham a avalanche da informação pelas diferentes mídias são levados a consumir para impulsionar a roda capitalista, deparam-se com incertezas e inseguranças dessa época. Como consequência, essas personagens têm sua identidade sociocultural remodelada freneticamente, com toda a angústia, ansiedade e medo resultantes desse processo.

2.4 Zero K

Em *Zero K*, romance publicado em 2016 e traduzido para o Português em 2017, Don DeLillo expõe um mundo mergulhado em catástrofes: são tragédias como inundações, incêndios, situações de guerra, mortes; todas frutos das ações do próprio homem. São cenas de velhos inimigos humanos que permeiam a narrativa, algumas mostradas em tempo real, por meio das facilidades que a tecnologia proporciona de transmissão de imagens, recursos característicos da sociedade pós-moderna.

Na obra, encontram-se rastros das buscas pelos novos desejos norteadores do cotidiano do homem do presente século: a felicidade, a imortalidade e a divindade. Esses anseios estão atrelados ao desenvolvimento econômico e aos recursos financeiros de que uma das personagens, Ross Lockhart, dispõe para toda a sorte de investimentos em ciência e tecnologia.

Algumas fronteiras são ultrapassadas nessa jornada rumo à perpetuação do homem: a) geográficas, dos Estados Unidos a uma região distante da Ásia, onde fica um centro avançado de pesquisas; b) científico-tecnológicas, com conhecimentos e recursos de última geração; e c) limiar da morte-vida ou vida depois da vida, com a preservação de corpos para um despertar em tempos futuros.

Na narrativa, o motor propulsor para o alcance das realizações humanas é a tecnologia, posta como um deus, como algo que pode salvar tudo. Almeja-se a imortalidade. Corpos são congelados para esperar a cura para certas doenças, é a busca incessante pela vida após a morte ou a vida após a vida. Tudo acontece em um local chamado *Convergence*, longe de Nova York, do outro lado do mundo:

- Tecnologia baseada na fé. É isso. Um outro deus. Acaba que nem é tão diferente assim de alguns deuses anteriores. Só que é uma coisa concreta, verdadeira, que funciona.
- Vida após a morte. [...]
- Lá embaixo em uma área que serve como uma clínica, às vezes fico entre as pessoas que estão sendo preparadas para serem submetidas ao processo. (DELILLO, 2017, p. 14)²².

Em *Zero K*, a certeza da morte como destino dos indivíduos é posta em xeque. Existe o desejo de alterar a máxima: “És pó”. [...] “E ao pó retornarás.” [...] “Tempo, destino, chance, imortalidade”. (DELILLO, 2017, p. 19)²³. Ao pó não se pretende voltar, busca-se a perpetuação da espécie. E a tecnologia é a grande aliada nesta empreitada. Todas as descobertas relacionadas à preservação são postas a serviço dessa missão.

DeLillo sugere a interação entre a máquina e o homem, entre a tecnologia e o humano, sendo os avanços biomédicos e tecnológicos determinadores estratégicos no destino da humanidade. Pode-se aqui pensar nas palavras de Haraway (2010, p. 11) a respeito dos ciborgues, as criaturas pós-humanas com sua ubiquidade: são implantes, transplantes, enxertos, próteses... uma série de intervenções que vêm restaurando, normalizando, melhorando e reconfigurando o humano.

²²“Faith-based technology. That’s what it is. Another god. Not so different, it turns out, from some of the earlier ones. Except that it’s real, it’s true, it delivers.”

“Life after death.” [...]

“Down in an area that serves as a hospice I sometimes stand among the people being prepared to undergo the process.” (DELILLO, 2016, p. 9).

²³[...] “Dust thou art.” [...] “And to dust thou shall return.” [...] “Time, fate, chance, immortality.” (DELILLO, 2016, p. 15).

Deus-tecnologia e homem-deus. Segundo Harari (2016, p. 52-53), o aprimoramento de humanos como deuses passa pelos caminhos das engenharias: biológica, ciborgueana e dos seres não-orgânicos. Considerando-se a primeira, mudanças em genes, hormônios e neurônios foram suficientes para transformar o *homo erectus* em *homo sapiens*, capaz de produzir naves espaciais e computadores. Bioengenheiros podem reescrever o código genético, religar os circuitos cerebrais e alterar o equilíbrio bioquímico. Já a engenharia ciborgueana pode ir mais longe, fundindo corpos orgânicos e não-orgânicos: são mãos biônicas, olhos artificiais e até nanorrobôs que navegam na corrente sanguínea, diagnosticando problemas e reparando danos. Essas previsões podem ser observadas na obra de DeLillo nas passagens a seguir:

[...] – Vou me tornar um espécime clínico. Progressos vão ocorrer ao longo dos anos. Partes do corpo substituídas ou reconstruídas. [...] Uma remontagem, átomo por átomo. Estou absolutamente convicta de que vou despertar pra uma nova percepção do mundo. [...] (DELILLO, 2017, p. 49).

[...] – Estamos aqui para reconsiderar tudo que diz respeito ao fim da vida. E vamos emergir em forma ciber-humana num universo que vai nos falar de um modo muito diferente.

[...] – Novas tecnologias permitirão que o cérebro funcione no nível da identidade? (DELILLO, 2017, p. 67)²⁴.

E as “novas tecnologias permitirão que o cérebro funcione no nível da identidade?” Este é um dos questionamentos levantados na obra em foco. Em sua construção de mundo, vale lembrar que o homem social também se autoconstitui e sua identidade, por consequência, também é permanentemente remodelada. São novos valores, novas buscas e nova ancoragem social. Nas palavras de Berger, vê-se a interação do sujeito na sociedade:

Toda sociedade é uma empresa de construção de mundo. [...] Não pode haver realidade social separada do homem. No entanto, também pode ser afirmado que o homem é um produto da

²⁴[...] *I will become a clinical specimen. Advances will be made through the years. Parts of the body replaced or rebuilt. [...] A reassembling atom by atom. I have every belief that I will reawaken to a new perception of the world.* (DELLILO, 2016, p. 47).

[...] *We are here to reconsider everything about life's end. And we will emerge in cyberhuman form into a universe that will speak us in a very different way. [...] Will new technologies allow the brain to function at the level of identity?* (DELILLO, 2016, p. 67).

sociedade. Cada biografia individual é um episódio dentro da história da sociedade [...]. (1967, p. 3)²⁵. (Tradução da autora desta tese).

Assim, dá-se a tessitura de uma das mais inerentes características do homem, a costura de sua condição identitária. Nela, há o cerne de cada organismo presente na estrutura organizacional da sociedade da qual o indivíduo faz parte. Todos os elementos sociais são importantes na síntese do homem. E incrivelmente esse mesmo homem continua construindo seu ambiente e sendo modificado pelo seu próprio produto.

Toda a pluralidade de transformações vivenciadas pelo sujeito no cenário das últimas décadas do século que se findou e início do atual são retratadas por Don DeLillo. As personagens e as situações vividas por elas na obra proposta como objeto de estudo neste trabalho, *Zero K*, mostram o homem crescido em um ambiente moldado pelo capitalismo. Seus comportamentos frente às situações mostram as concepções de uma sociedade exposta a muitas criações científico-tecnológicas e, apesar de todos os avanços, é confrontada com sua finitude.

O narrador é Jeffrey Lockhart. Um homem jovem, de cerca de seus 30 anos, criado em Nova York. Quando tinha 13 anos, no início de sua adolescência, vivencia a separação dos pais e este fato marca sua trajetória. Passa a viver apenas com a mãe. Esporadicamente visitava o pai, Ross Lockhart, um bem-sucedido empresário, em seu escritório.

Jeff, já adulto, sofre a perda da mãe. Talvez este seja o primeiro momento em que é confrontado com a finitude da vida de um ente querido. No transcorrer da narrativa, há um segundo momento no qual ele novamente vai experienciar o contato com a morte; desta vez, da madrasta. Nesta ocorrência, há um fato inusitado, pois é chamado pelo pai para viajar a um lugar longínquo, a fim de se despedir de sua companheira e testemunhar o processo de congelamento de corpos para a tentativa de retorno à vida no futuro.

Ross Lockhart é “um homem moldado pelo dinheiro”. (DELLILO, 2017, p. 18)²⁶. Tem um escritório, em Nova York, de gestão de recursos privados. Integra uma espécie de associação, chamada *Convergence*, cuja missão é congelar corpos

²⁵*Every human society is an enterprise of world-building. [...] There can be no social reality apart from man. Yet it may also be stated that man is a product of society. Every individual biography is an episode within the history of society [...]* (BERGER, 1967, p.3).

²⁶*He was a man shaped by the money.* (DeLillo, 2016, p.13).

para que haja a vida após a vida, a busca pela imortalidade, desejo sempre buscado pelo ser humano.

Artis, a segunda esposa de Ross e madrasta de Jeff, é arqueóloga e sofre de uma doença degenerativa. Todos os esforços são feitos no intuito de salvá-la, mas a conhecemos na iminência de morrer e ter o corpo congelado e preservado para voltar à vida em um momento quando houver a possibilidade de cura.

Ross e Artis colocam os recursos financeiros, a ciência e a alta tecnologia a serviço da imortalidade humana. Nessa busca desenfreada pelo imortal, a personagem de Ross apresenta um comportamento que não vai ao encontro da preservação da vida, pois decide passar pelo *Zero K*, uma área destinada à preparação de corpos pelo processo da criogenia e tem sua morte antecipada. Não espera pelo desligamento natural. Aí encontra-se um apelo suicida, um adeus à vida em andamento para aguardar por um ressurgimento vital incerto. Seria essa atitude um paradoxo? DeLillo aponta para os melindres da subconsciência humana, seus questionamentos e busca constante por respostas.

Já Jeff é um tanto mais cauteloso, não busca o acúmulo de bens, quer o necessário para viver e segue seu curso de vida. É apresentado ao complexo da Convergência e a todo o mistério que envolve os vários compartimentos e salas. Cada cômodo com seus segredos e adequação para o serviço de preservar corpos para o ressurgimento e/ou volta à vida. A seguir, há uma breve descrição do lugar, feita por Rich, entrevistador de Don DeLillo:

O local é chamado de Convergência. É uma instalação criogênica subterrânea, fechada, autossuficiente, financiada por benfeitores ricos e agências governamentais secretas. Dentro do complexo encontram-se câmaras nas quais os corpos de centenas de clientes ricos estão congelados em espécies de casulos brilhantes. Os órgãos essenciais são armazenados em compartimentos menores. Os corpos e os órgãos devem descansar em um estado de animação suspensa até que nosso apocalipse inevitável e iminente tenha seguido seu curso. (RICH, 2016)²⁷. (Tradução da autora desta tese).

Frente a tantas descobertas, por meio de recursos tecnológicos, Jeff assiste a cenas reais de um mundo movido pela ganância, pelas várias formas de

²⁷*The place is called the Convergence. It is a sealed, self-sufficient, subterranean cryogenic facility, funded by wealthy patrons and secret government agencies. Within are chambers in which the bodies of hundreds of wealthy patrons are frozen in gleaming pods. The essential organs are stored within smaller pods. The bodies and organs are to rest in a state of suspended animation until our inevitable, impending apocalypse has run its course.* (RICH, 2016).

intolerâncias, pela violência, pela guerra, pelo descaso do homem no desrespeito à natureza. Um simulacro a céu aberto, cenas que permeiam a vida de Jeff e fazem-no refletir e trilhar em busca de portos mais seguros.

Em *Zero K*, essa tríade de personagens movimenta toda a trama do romance. Suas identidades são fragmentadas, contraditórias e inacabadas. Representam o homem em sua constante busca por respostas sobre a própria existência. O homem é confrontado com sua finitude e lança mão de todos os recursos que a ciência e a tecnologia proporcionam para prolongar e preservar a vida e buscar a imortalidade.

Assim, à medida que o mundo se modifica, o homem social modifica-se também, pois avança por territórios novos e quebra fronteiras. Constantemente, novos valores, desejos e expectativas são geradas em decorrência do processo evolutivo humano e a formação da sociedade.

A obra *Zero K* é estruturada em duas grandes partes, constituídas por 10 (dez) capítulos cada. A primeira é nomeada *In the Time of Chelyabinsk* (No tempo de Tcheliábinsk) e a segunda, *In the time of Konstantinovka* (No tempo de Konstantínovka). Existe também um capítulo especial, intitulado *Artis Martineau*, que faz uma ponte entre estes dois conjuntos de textos. São poucas páginas, mais precisamente seis, na versão original.

O capítulo-ponte leva o leitor a uma série de indagações sobre a maneira como é construído e, principalmente, sobre o conteúdo descrito. A primeira característica de sua formatação é o uso de trechos curtos digitados em caracteres redondos e outros em itálico. Esta alternância na forma de caracteres marca as considerações de dois personagens diferentes: os redondos representam os pensamentos de Artis Martineau, já congelada dentro de sua cápsula mortuária; os itálicos registram a fala de um narrador que consegue acessar os pensamentos de Artis, portanto onisciente. Não se trata de Jeff, o narrador dos outros vinte capítulos.

Pode-se interpretar que esse narrador de terceira pessoa, o qual observa os pensamentos de Artis, seja um *alter ego* da personagem. Uma espécie de linguagem e metalinguagem (linguagem que se desdobra sobre si mesma) de forma a refletir sobre a consciência pura de Artis.

O intuito é investigar a linguagem, e isto é feito por Jeff em diversas passagens do texto, mas aqui é uma experiência de Artis, sem corpo. O que lhe resta? A Linguagem. Ela é estruturadora do mundo, como aponta Foucault, pois somos “dominados e perpassados pela linguagem” (FOUCAULT, 1999, p. 413). Não

há uma ancoragem fora dela, algo que se preste à significação. Esse capítulo vem amarrar o fio que sustenta o mundo de Jeff e sua preocupação com a nomeação no romance. Não se refere apenas às personagens, por não fazer diferença qual o nome de cada um, mas do leitor e do mundo das aparências.

3 VIDA E MORTE: *WHITE NOISE*

Num mundo inundado de informações irrelevantes, clareza é poder. Em teoria, qualquer um pode se juntar ao debate sobre o futuro da humanidade, mas é muito difícil manter uma visão lúcida. Muitas vezes nem sequer percebemos que um debate está acontecendo, ou quais são suas questões cruciais. Bilhões de nós dificilmente podem se permitir o luxo de investigá-las, pois temos coisas mais urgentes a fazer [...] Infelizmente, a história não poupa ninguém. Se o futuro da humanidade for decidido em sua ausência, porque você está ocupado demais alimentando e vestindo seus filhos – você e eles não estarão eximidos das consequências. Isso é muito injusto, mas quem disse que a história é justa?

(HARARI, 2018, p. 11)

A linguagem é o elemento com o qual, no qual e pelo qual o homem expressa suas intenções, sentimentos e pensamentos; representa o mundo, as coisas, os acontecimentos, as ações, as outras pessoas; e interage, dialoga, conversa para construir consensos, negociar, compartilhar, comunicar e entender-se. Pela linguagem, o mundo humano é construído simbolicamente.

A comunicação pode acontecer com apenas uma ou muitas linguagens. Quando estão envolvidas mais de uma linguagem, a comunicação pode englobar tradução de signos de uma para outra. É possível um intercâmbio entre as linguagens, pois elas têm algo em comum: todas têm signos.

O signo tem a definição clássica de algo usado, referido ou tomado no lugar de outra coisa. A palavra signo, portanto, pode abarcar desde os signos naturais, também chamados de índices ou sintomas; até os signos substitutivos, ícones e os símbolos. O signo linguístico é um signo artificial, pois remonta uma relação arbitrária entre significante e significado. Ao se pensar na linguagem verbal, tendo a língua como código, os signos linguísticos são, então, os responsáveis pela representação das ideias, sendo esses signos as próprias palavras que, por meio da fala ou da escrita, são associadas a determinadas ideias. (FIORIN, 2002).

Por semiótica, entende-se a ciência que estuda a produção de sentido com base nas relações entre os signos. A nomenclatura vem do grego '*semion*'. É uma teoria geral dos signos e dos processos de significação. Preconiza o estudo dos signos em seu uso, isto é, no processo de significação em linguagens. A importância

desta ciência é significativa, pois o ser humano interage com o mundo por meio das mais diferentes linguagens.

Em seu cotidiano, o homem faz uso das linguagens verbal e não-verbal para comunicar-se, apreender o mundo e interpretá-lo. A linguagem verbal integra a fala e a escrita (diálogo, informações no rádio, televisão, imprensa, celular, *Internet* etc.). Todos os outros recursos de comunicação, também presentes nas mídias anteriores como imagens, desenhos, gráficos, símbolos, ícones, músicas, gestos, tom de voz etc. fazem parte da linguagem não-verbal. Refere-se aqui a linguagens mistas, quando verbal e não-verbal se juntam em um mesmo sistema.

No século XX, houve o desenvolvimento de diversas ciências da linguagem: como a Linguística, a Filologia, a Lógica, a Filosofia da Linguagem e a Semiótica. Esta última tem estendido seus braços para a análise de objetos dos mais variados domínios do conhecimento como pintura, escultura, arquitetura, comunicação, ciência e tecnologia da informação, entre outras.

Existem diversas linhas de estudos semióticos: a de Charles Sanders Pierce (1839-1914), estudioso americano, a do lituano Algirdas Julien Greimas (1917-1992), fundador da Escola de Semiótica de Paris, entre outras. A teoria proposta por Greimas é a que fundamenta o presente estudo, chamada de semiótica do discurso, semiótica francesa ou semiótica greimasiana.

Greimas permaneceu mais próximo das heranças de Ferdinand de Saussure (1857-1913), responsável pelo estudo do signo e a relação de significação na estrutura de significante e significado; e de Louis Trolle Hjelmslev (1899-1965), estudioso da significação enquanto relação entre o plano de expressão e o plano de conteúdo).

De acordo com Greimas e Courtés (1989, p. 418-19), “a significação é o conceito-chave em redor do qual se organiza toda a teoria semiótica”. Seguem algumas considerações dos teóricos para a conceituação de ‘significação’ relativas “aos meios de apreendê-la como objeto cognoscível”:

[...] a significação não é apreensível senão no momento de sua manipulação, no momento em que, ao interrogar-se sobre ela em uma linguagem e num texto dados, o enunciador é levado a operar transposições, traduções de um texto para outro, dum nível de linguagem para outro, de uma linguagem, enfim, para outra linguagem. Esse fazer parafrásico pode ser considerado como representação da significação enquanto ato produtor, que reúne

numa única instância o enunciatário-intérprete (já que significação não é uma produção *exnihilo*²⁸) e o enunciador-produtor. Enquanto atividade cognitiva programada, a significação se acha, então, suportada pela intencionalidade, o que é uma outra maneira de parafrasear a significação.

Pelo excerto acima, pode-se inferir que a semiótica se preocupa em estudar um determinado texto como objeto produtor de significação e a interpretação é constituída levando-se em conta os elementos constituintes desse produto; sua leitura é feita em parceria com o autor (enunciador – produtor) e o leitor (enunciatário –intérprete). Também permite ver que a significação construída é fundamentada nos componentes constitutivos do texto em questão, pois nada é aleatório, a geração de sentido ocorre em um percurso logicamente constituído e inserido em um contexto.

Segundo Matte e Lara (2009, p. 304), em um texto como objeto de significação, a semiótica preocupa-se em estudar os mecanismos que o engendram e o constituem como um todo significativo, procura descrever e explicar o que o texto diz e como ele faz para transmitir a mensagem; examinando, em primeiro lugar, o seu plano de conteúdo, concebido sob a forma de um percurso global simulador da geração do sentido. Ao priorizar o estudo dos mecanismos intradiscursivos de constituição do sentido, a semiótica não ignora que o texto é também um objeto histórico determinado na sua relação com o contexto.

Por essas razões, escolheu-se a semiótica como ferramenta para uma análise das duas obras de DeLillo: *White Noise* e *Zero K*, no que concerne aos tópicos: vida e morte; e também não-vida e não-morte.

3.1 A Teoria de Greimas

Por sua característica interdisciplinar, a Semiótica proporciona um diálogo entre a filosofia, a sociologia, a história, a ciência, a psicologia e a literatura.

A teoria semiótica de linha francesa elaborada por Julien Algirdas Greimas (1917-1992) possibilita desvendar a complexidade de sentidos de uma narrativa, disponibilizando um amplo aparato teórico-metodológico direcionado à análise de textos de diversas áreas do conhecimento.

²⁸Expressão latina: “nada surge do nada”. Nota do autor.

A semiótica greimasiana é uma teoria de cunho linguístico, mas sua metodologia se aplica à corpora não-linguísticos também, assim abrange tanto textos verbais como não-verbais (pintura, escultura).

O procedimento analítico semiótico baseia-se nos princípios de que os textos são formados por um plano de conteúdo e por um plano de expressão, configurando uma estrutura narrativa a qual, por sua vez, é organizada em um percurso gerativo de sentido. Esse percurso é uma sequência de estruturas semióticas que organizam a significação do texto, dotada tanto de uma sintaxe (relação entre elementos) quanto de uma semântica (carga de sentidos dos elementos e de suas relações).

A base da significação do texto, por sua vez, é dada por um par de termos que formam uma oposição, representada pelo quadrado semiótico de Greimas, descrito a seguir.

3.1.1 O Quadrado Semiótico

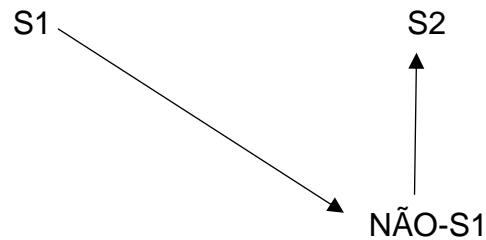
Segundo Greimas e Courtés (1989, p. 364), compreende-se por quadrado semiótico:

[...] a representação visual da articulação lógica de uma categoria semântica qualquer. A estrutura elementar da significação, quando definida – num primeiro momento – como uma relação entre ao menos dois termos, repousa apenas sobre uma distinção de oposição que caracteriza o eixo paradigmático da linguagem: ela é, portanto, suficiente para constituir um paradigma composto por n termos, mas não permite por isso mesmo distinguir, no interior desse paradigma, categorias semânticas baseadas na isotopia (o 'parentesco') dos traços distintivos que nele podem ser reconhecidos. Faz-se necessária uma tipologia das relações, por meio da qual se possam distinguir os traços intrínsecos, constitutivos da categoria, dos traços que lhe são alheios.

Como visto acima, existe uma relação binária de oposição entre dois termos do eixo paradigmático. Então a construção do quadrado começa da seguinte maneira: toma-se S1 (Signo 1) e S2 (Signo 2), termos em oposição. Há aqui a noção saussuriana de que o significado é primeiramente obtido por oposição pelo menos entre dois termos. Em seguida, é possível negar S1, gerando sua contradição NÃO-S1, que se caracteriza por não poder coexistir simultaneamente

com S1. Se afirmar NÃO-S1, obtemos S2; essa é uma relação de implicação. A Figura 1 ilustra esse procedimento.

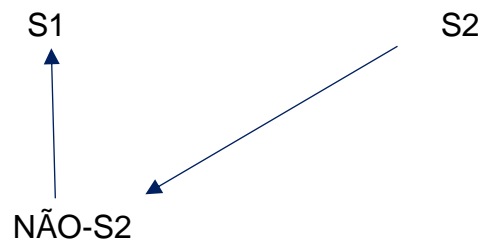
Figura 1 – Formação do quadrado de Greimas.



Fonte: Greimas (1989, p. 365).

Ao realizar o mesmo procedimento em relação a S2, isto é, se negar S2, obtém-se seu contraditório, NÃO-S2; assim resulta o seguinte esquema:

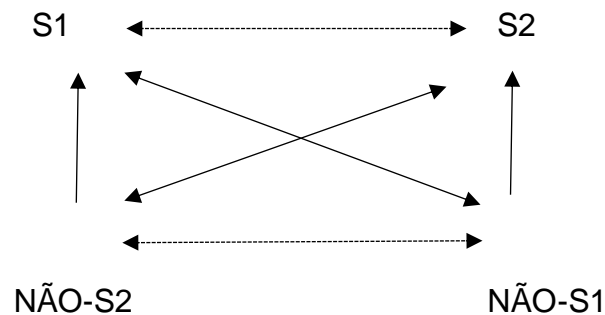
Figura 2 – Formação do Quadrado de Greimas.



Fonte: Greimas (1989, p. 365).

Na sobreposição dos dois desenhos (Figuras 1 e 2), completa-se o Quadrado Semiótico proposto por Greimas:

Figura 3 – O Quadrado Semiótico de Greimas.



Fonte: Greimas (1989, p. 365).

O conjunto de setas do quadrado mostra a totalidade de relações possíveis entre os elementos que o constituem. A figura do Quadrado representa visualmente a articulação de dois conceitos que se encontram em uma determinada cultura e estão presentes em um texto.

Na Figura 3, as linhas bidirecionais tracejadas representam uma relação de contrariedade; as linhas bidirecionais contínuas, uma relação de contradição e as linhas unidirecionais, uma relação de complementaridade. A partir dessas linhas e suas respectivas relações, decorrem as seguintes constituições:

Quadro 1 – Relações presentes no Quadrado de Greimas.

S1	←-----→	S2	Constitui o eixo dos contrários
NÃO-S1	←-----→	NÃO-S2	Constitui o eixo dos subcontrários
S1	←-----→	NÃO-S1	Constitui o esquema positivo
S2	←-----→	NÃO-S2	Constitui o esquema negativo
S1	←-----	NÃO-S2	Constitui a dêixis positiva
S2	←-----	NÃO-S1	Constitui a dêixis negativa

Fonte: Greimas (1989, p. 366).

Segundo Fidalgo e Gradim (2005, p.128), o Quadrado Semiótico permite indexar todas as relações diferenciais que determinam o nível profundo do processo gerativo de sentido. A combinação das relações de identidade e alteridade, figuradas pelo quadrado, constitui o modelo ou esquema a partir do qual se geram as

significações mais complexas da textualização. A aplicação do quadrado é universal a todos e qualquer objeto, aplicando-se a toda e qualquer instância significativa.

A seguir, nas próximas seções deste Capítulo, há a aplicação do quadrado semiótico de Greimas para a extração de temas/signos presentes na análise de *White Noise* e, em seguida, no Capítulo 4, a análise da segunda obra objeto de estudo desse trabalho, *Zero K*. As obras em foco evocam uma reflexão acerca da vida e morte do sujeito pós-moderno.

3.2 *White Noise*

Os ficcionistas, geralmente, deixam seus ditos nas entrelinhas, possibilitando ao leitor ver-se representado na narrativa e poder fazer reflexões acerca da sociedade também representada na ficção. A partir desse reconhecimento de representatividade, o leitor pode ser instigado a cada vez mais entender o que o cerca, como homem social, e tentar mudar seu comportamento em busca de uma identidade.

Em suas obras, DeLillo posiciona-se criticamente em relação ao sistema, quer descortinar o ‘parecer’ e sinalizar para o que realmente importa: o ‘ser’. Em *White Noise*, especialmente, pode-se ver essa crítica construída em vários momentos da narrativa, como nesta declaração: “O escritor é a pessoa que fica fora da sociedade, independente de afiliação ou influência. É o homem ou a mulher que automaticamente assume uma posição contra seu governo.”²⁹ (Tradução da autora desta tese).

DeLillo constrói suas personagens como alegorias, ou seja, como signos que representam elementos de uma sociedade. A Teoria de Greimas permite extrair esses signos para se fazer uma das muitas leituras possíveis; entre elas, a que serve a esta análise.

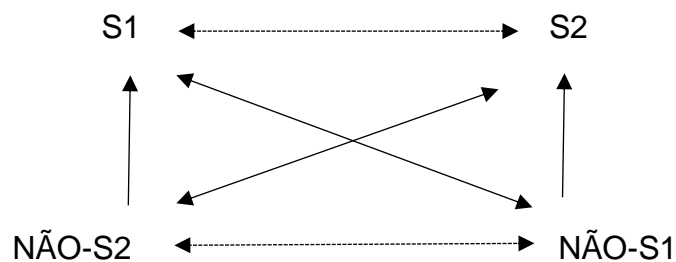
White Noise, publicado em 1985, retrata a sociedade americana regida pelo capitalismo, impulsionada pelo consumismo, bombardeada pelas diferentes mídias:

²⁹ *The writer is the person who stands outside society, independent of affiliation and independent of influence. The writer is the man or the woman who automatically takes a stance against his or her government. (Disponível em: <modernamericanliterature.weekly.com/dondelillo>. Acesso em: 17 jul. 2019).*

televisão, rádio e tabloides. Sociedade dominada pelo poder da informação e, conseqüentemente, do desastre daqueles sem acesso a ela. São personagens representantes da dicotomia entre ‘ser’ e ‘parecer’, vivendo em um mundo de aparências e supérfluos, desamparados pela tríade que poderia dar suporte ao indivíduo: o estado, a religião e a academia.

Aplicando-se o Quadrado greimasiano (retomando a Figura 3), esquematizado a seguir, serão retirados do texto de *White Noise*, os elementos constituintes de relações de oposição, contrariedade e complementaridade presentes na narrativa. Trata-se de um romance em que o medo da morte é uma questão permanente no casal Jack e Babette, impedindo-os de viverem em plenitude. Então, as temáticas de VIDA e MORTE são uma constante na narrativa.

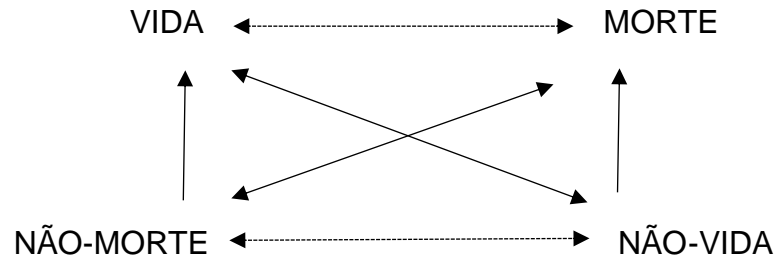
Figura 3 – O Quadrado de Greimas.



Fonte: Greimas (1989, p. 365).

Existe uma relação binária de oposição: S1 e S2. Então, toma-se S1 como VIDA e S2 como MORTE. Em seguida, é possível negar S1, gerando sua contradição NÃO-S1, ou seja, NÃO-VIDA, caracterizada por não poder coexistir simultaneamente com S1. A direção da seta de NÃO-S1 para S2, indica que tudo que é NÃO-VIDA pode caminhar para a MORTE, pois se afirmar NÃO-S1, obtém-se S2, ou seja, se não é vida, é morte; essa é uma relação de implicação. Assim, em substituição aos grandes signos, em suas relações binárias, observa-se:

Figura 4 – O Quadrado de Greimas com as temáticas de vida e morte (*White Noise*).



Fonte: adaptação da autora desta tese a partir do Quadrado de Greimas.

Considerando-se as Figuras 3 e 4, pode-se inferir que VIDA (S1) e MORTE (S2) estão em oposição. VIDA tem seu contraditório NÃO-VIDA (NÃO-S1) e MORTE tem o seu contraditório NÃO-MORTE (NÃO-S2). Ao afirmar NÃO-S1, obtém-se S2, isto é, a NÃO-VIDA pode caminhar para a MORTE. E ao afirmar NÃO-S2, obtém-se S1, isto é, a NÃO-MORTE pode caminhar para a VIDA, relação de implicação.

Resultam, assim, as constituições anteriores provenientes das relações estabelecidas entre os elementos formadores do quadrado. Os eixos dos contrários |VIDA| e |MORTE| bem como dos subcontrários |NÃO-MORTE| e |NÃO-VIDA| formam o esquema sustentador dos demais elementos presentes na narrativa do romance analisado. As setas unidirecionais mostram tanto a dêixis positiva |NÃO-MORTE| para |VIDA|, quanto a dêixis negativa |NÃO-VIDA| para |MORTE|. Em seguida, tem-se os elementos representantes das instâncias anteriores, presentes na narrativa de *White Noise*:

Quadrado Semiótico na análise da segunda obra deste estudo, *Zero K*). Em sequência, também estão arrolados vários elementos referentes à extensão de cada um desses campos. De antemão, verifica-se que os dois conjuntos de termos à esquerda tendem à significação positiva e, em contrapartida, os dois da direita, à significação negativa.

A importância de cada um desses itens na narrativa de *White Noise*, o porquê de figurarem em seus respectivos conjuntos, e também as relações que se estabelecem entre seus elementos serão discutidas a seguir.

3.2.1 Campo |VIDA| = |SER|

Nesse conjunto, estão elencados os seguintes itens |INFORMAÇÃO|, |REFLEXÃO|, |AUTENTICIDADE|, |IDENTIDADE SOCIAL| e as personagens infanto-juvenis |HEINRICH| e |DENISE|. Segue, nos próximos tópicos, como esses elementos estão imbricados.

3.2.1.1 Informação

Em *White Noise*, a informação representa o limiar entre |VIDA| e |NÃO-VIDA|, ou seja, representa o poder daqueles que a têm em detrimento da alienação dos sem acesso a ela.

Quando houve o acidente na linha ferroviária, próximo de sua casa, Heinrich, com seu binóculo, observava o movimento de pessoas e autoridades, ouvia a informação, ou seja, o conjunto de dados que vinha do rádio para comprovar ou complementar sua experiência empírica de espectador e repassava-a a seus familiares.

Durante a fuga da família de Jack para se livrar da nuvem tóxica formada com o acidente e cuja aproximação seria letal, as informações que vinham do rádio eram ouvidas e distribuídas por Heinrich a seus familiares. Elas eram importantes para se manterem informados sobre a extensão da gravidade do ocorrido e acerca de como procederem em sua rota de fuga.

Heinrich tivera a oportunidade de assistir a uma aula de química e todo o conjunto de dados serviu para entender o processo de formação da nuvem contendo elementos químicos como o Niodene D., altamente prejudicial à saúde. De posse dessas informações, pôde transmiti-las para um grande número de pessoas, no acampamento onde se abrigaram do perigo da nuvem:

As pessoas chegavam mais perto dele, impressionadas com o fato de encontrarem um menino bem-informado e espirituoso. Era incrível vê-lo falar com tanta desenvoltura para uma multidão de desconhecidos. [...] – O que vocês todos provavelmente estão querendo saber é o que, exatamente, é esse tal de Niodene D. Boa pergunta. Estudamos o assunto na escola, vimos filmes de ratos tendo convulsões. Basicamente a coisa é simples. O Niodene D. é uma mistura de subprodutos da fabricação de inseticida. O inseticida mata baratas; os subprodutos matam tudo que sobra. Uma piadinha do nosso professor. [...] Sob a forma de pó, incolor, inodoro e extremamente perigoso, só que ninguém sabe exatamente qual o efeito que a substância tem sobre seres humanos e seus respectivos filhotes. Passaram anos fazendo experiências, e ou não têm muita certeza ou não querem divulgar nada. Tem coisas que são terríveis demais para se divulgar. (DELILLO, 1987, p. 129-130)³⁰.

Heinrich prosseguia com as informações, continuava sua exposição; não tendo interesses a defender, dizia tudo o que sabia sobre os perigos dos produtos químicos e suas consequências nefastas. DeLillo deu voz a Heinrich para falar da nuvem tóxica e, provavelmente, deva ter se inspirado na tragédia de Bhopal, ocorrida na Índia, quando na madrugada entre dois e três de dezembro de 1984, 40 toneladas de gases letais vazaram da fábrica de agrotóxicos da *Union Carbide Corporation*. Foi o maior desastre químico da história. Gases altamente tóxicos como o isocianato de metila e o hidrocianeto escaparam de um tanque durante operações de rotina. Os precários dispositivos de segurança que deveriam evitar desastres como esse apresentavam problemas ou estavam desligados. Estima-se que três dias após o desastre, 8 mil pessoas já tinham morrido devido à exposição direta aos

³⁰*People moved in closer, impressed by the boy's knowledgeability and wit. It was remarkable to hear him speak so easily to a crowd of strangers. [...] "What you're probably all wondering is what exactly is this Nyodene D. we keep hearing about? A good question. We studied it in school, we saw movies of rats having convulsions and so on. So, okay, it's basically simple. Nyodene D. is a whole bunch of things thrown together that are byproducts of the manufacture of insecticide. The original stuff kills roaches, the byproducts kill everything left over. A little joke our teacher made." [...] 'In power form it's colorless, odorless and very dangerous, except no one seems to know exactly what it causes in humans or in the offspring of humans. They tested for years and either they don't know and aren't saying. Some things are too awful to publicize.'* (DELILLO, 1985, p. 130-131).

gases. A *Union Carbide* se negou a fornecer informações detalhadas sobre a natureza dos contaminantes, e, como consequência, os médicos não tiveram condições de tratar adequadamente os indivíduos expostos³¹.

Assim, observa-se que a personagem Heinrich simboliza a importância da informação na preservação da vida, tudo para o homem ter benefícios na luta diária de manutenção de sua existência.

Em contrapartida, a obra também aponta para o bombardeio de informação oriundo das mais diferentes mídias e a importância de se ter discernimento para se apropriar da informação pertinente e verídica e a ignorar outras que apenas induzem ao consumo.

As propagandas televisivas ou pelo rádio são como ladainhas, verdadeiros mantras que se incorporam às estruturas cognitivas dos ouvintes; pois, querendo ou não, elas ecoam até quando se está dormindo. No trecho a seguir, Jack e a família ainda estão no acampamento, e ele observa a filha caçula, Steffie, falando enquanto dormia:

[...] Puxei a cadeira para mais perto da menina. Seu rosto inchado de sono parecia uma estrutura feita especialmente para proteger os olhos [...] Fiquei olhando para Steffie. Momentos depois, ela falou novamente, dessa vez sílabas distintas [...] Esforcei-me por entender. Estava convicto de que ela dizia alguma coisa, juntando unidades dotadas de significado estável. Observei-lhe o rosto, esperei. Passaram-se dez minutos. Ela pronunciou duas palavras claramente audíveis, ao mesmo tempo bem conhecidas e vagas, palavras que pareciam ter um significado ritualístico, fazer parte de um encantamento mágico, uma ladainha estática. *Toyota Celica*. [...] Um simples nome de marca de carro. Como poderiam aquelas palavras quase sem sentido, murmuradas por uma criança adormecida, fazer-me sentir que havia ali um significado, uma presença? Ela apenas repetia algo que ouvira na televisão. *Toyota Corolla*, *Toyota Celica*, *Toyota Cressida*. Nomes supranacionais, gerados por computadores, de pronúncia mais ou menos universal. Presentes como ruído de fundo nos cérebros de todas as crianças, as regiões subestáticas profundas demais para serem investigadas. Fosse qual fosse a fonte, aquele nome teve sobre mim o impacto de um momento de esplêndida transcendência. (DELILLO, 1987, p. 154 - 155)³².

³¹BHOPAL. Disponível em: <greenpeace.org.br>. Acesso em: 23 set. 2019.

³²[...] *I pulled my chair up closer. Her face in pouchy sleep might have been a structure designed to protect the eyes [...] I sat there watching her. Moments later she spoke again. Distinct syllables this time [...] I struggled to understand. I was convinced she was saying something, fitting together units of stable meaning. I watched her face, waited. Ten minutes passed. She uttered two clearly audible words, familiar and elusive at the same time, words that seemed to have a ritual meaning, part of a verbal spell or ecstatic chant. Toyota Celica. [...] A simple brand name, an ordinary car. How could these near-nonsense words, murmured in a child's brain noise, the substatic regions too deep to*

As palavras pronunciadas pela filha também ecoavam na própria mente de seu pai, remetendo a um universo de bens a serem adquiridos. A personagem de Jack diz ter um momento de transcendência, não no sentido espiritual, mas transcender ao campo do consumo, ao espectro das mercadorias e das cifras monetárias que poderiam lhe proporcionar a doce alienação do poder de compra, ao deleite propiciado pela aquisição dos mais diferentes produtos.

O ambiente-espetáculo pós-moderno é invadido por mensagens sedutoras que conectam o sujeito ao cotidiano planetário e cria necessidades de consumo de novas mensagens, tanto na vida doméstica, quanto nas relações de trabalho. A sociedade pós-industrial (pós-moderna) se alicerça na economia terciária de serviços, saúde, consumo, educação, comunicação – na qual a informação e a manipulação do conhecimento assumem papel vital para o desenvolvimento técnico e científico, impondo novas bases para o capitalismo internacional. (SANTOS, 1989, p. 24). O contorno da economia mundial é traçado, agora, pela quantidade de informação possuída, veiculada e divulgada, resultante da produção científica e tecnológica, que por sua vez significa novos “*inputs*”, alimentando o ciclo.

O grande volume de informações exige maior quantidade de meios de transmissão, fundamentais para originar novas ideias e inventos. No paradigma da pós modernidade, a informação obtém maior importância que a realidade concreta, muitas vezes conhecida somente por meio dos veículos de comunicação. O valor do real é transferido para o que se conhece a seu respeito, as informações sobre ele, isto é, a realidade é menos importante comparada às notícias sobre ela. Desta forma, a informação e o conhecimento são as mercadorias do capitalismo no estágio pós-moderno. Na modernidade, a tecnologia básica era a energia transformada em bens de consumo pela indústria; no pós-moderno, a tecnologia é a informação, a informatização e a codificação do conhecimento. Isso gera a criação de sistemas altamente avançados de processamento, armazenamento e recuperação da informação, inclusive, a longa distância.

Assim, vê-se que as informações procedentes das diferentes mídias, por meio de sons (*jingles*) e imagens, ficavam incrustadas no subconsciente dos potenciais consumidores, contrastando com outros tipos de informações que poderiam

probe. Whatever its source, the utterance struck me with the impact of a moment of splendid transcendence. (DELILLO, 1985, p. 154 – 155).

contribuir para a formação de cidadãos conscientes. Então, seria preciso entender o processo publicitário patrocinador dos próprios meios de comunicação a serviço do mando do capitalismo. Isso exige reflexão e maturidade.

3.2.1.2 Reflexão

Em *White Noise*, há uma crítica à falta de capacidade reflexiva de alguns professores que integram a instituição de ensino superior *College-on-the-Hill*. O espaço, teoricamente destinado à análise e reflexão para a construção do conhecimento, é habitado por docentes nem sempre comprometidos com o esperado deles.

Alguns excertos mostram a falta de reflexão acerca da importância hierárquica e histórica de acontecimentos como, por exemplo, o Prof. Murray que desejava criar e lecionar, na instituição, uma disciplina sobre Elvis Presley (1935-1977), da mesma forma que o Prof. Jack lecionava sobre Adolf Hitler (1889-1945). Como se ambos, Hitler e Elvis, tivessem a mesma projeção histórica ou fossem contemporâneos. À semelhança de um museu de cera, onde muitas celebridades, das mais diferentes áreas e importância, estivessem retratadas e posicionadas lado a lado, sem critério nem dimensão dos respectivos papéis históricos. A passagem a seguir mostra Jack assistindo à aula de Murray sobre Hitler e Elvis e suas respectivas mães, Klara e Gladys:

- Hitler era um garoto preguiçoso. Seu boletim vinha cheio de notas baixas. Mas Klara o adorava, o mimava demais, lhe dava a atenção que não recebia do pai. Era uma mulher tranquila, recatada e religiosa; cozinhava bem e era boa dona-de-casa.
- Gladys levava Elvis até a escola todos os dias e depois ia buscá-lo. Defendia-o nas brigas de rua, atacava qualquer menino que se atrevesse a implicar com ele.
- Hitler vivia no mundo da fantasia. Estudava piano, fazia desenhos de museus e de casas. Passava muito tempo sentado, sem fazer nada. Klara tolerava tudo isso. Ele era o filho que não morrera na primeira infância. Três outros haviam morrido.
- Gladys era confidente de Elvis. Ele lhe apresentava todas as suas namoradas. (DELILLO, 1987, p. 73)³³.

³³“Hitler was a lazy kid. His report card was full of unsatisfactorys. But Klara loved him, spoiled him, gave him the attention his father failed to give him. She was a quiet woman, modest and religious, and a good cook and housekeeper.”

E, assim, a aula prossegue; tratando a respeito de trivialidades sobre Hitler, Elvis e as mães de ambos, sem nenhuma reflexão sobre a atuação do político alemão, como líder do Partido Nazista, nas décadas de 30 e 40 do século passado, e as consequências do Holocausto no curso da história.

Em outro momento do texto, respeitadas as diferenças com a situação descrita anteriormente, há mais um exemplo de falta de reflexão, desta vez por parte de Babette, quando ainda no dormitório, em plena fuga da nuvem tóxica, apresenta-se preocupada com banalidades, como o fato de desejar emagrecer. Isso acontece em um momento em que ela, a família e toda a comunidade de Blacksmith corriam perigo de contaminar-se com a substância que trazia o perigo de morte. Segue o trecho:

[...] Uma fila comprida formara-se no telefone de emergência, de gente que ligava para parentes ou tentava falar com alguma estação de rádio, com algum desses programas em que os ouvintes telefonam e vão ao ar. Os rádios do dormitório, em sua maioria, estavam sintonizados em estações com programas desse tipo. Babette, sentada numa cadeira desmontável, remexia uma sacola de lona cheia de salgadinhos e outras provisões. [...]

– Resolvi aproveitar a oportunidade pra reduzir o consumo de coisas que engordam – disse ela.

– Por que agora?

– Porque precisamos de disciplina, firmeza. Estamos vivendo uma situação crítica.

– Acho interessante alguém encarar uma situação potencialmente catastrófica pra você, sua família e milhares de outras pessoas como uma oportunidade pra reduzir o consumo de comidas que engordam.

– A gente tem que aproveitar as oportunidades de se disciplinar – argumentou ela. – Se eu não comer esse iogurte agora, é melhor nunca mais comprar. Agora, o germe de trigo acho que não vou comer não.

A marca parecia estrangeira. Peguei o vidro de germe de trigo e li o rótulo.

– É alemão. Coma. (DELILLO, 1987, p. 131-132)³⁴.

“Gladys walked Elvis to school and back every day. She defended him in little street rumbles, lashed out at any kid who tried to bully him.”

“Hitler fantasized. He took piano lessons, made sketches of museums and villas. He sat around the house a lot. Klara tolerated this. He was the first of her children to survive infancy. There others have died.”

“Elvis confined in Gladys. He brought his girlfriends around to meet her.” (DELILLO, 1985, p. 70-71).

³⁴*There was a long line at the emergency telephone, people calling relatives or trying to reach the switchboard at one or another radio call-in show. The radios here were tuned mainly to just such shows. Babette sat in a camp chair, going through a canvas bag full of snack thins and other provisions. [...]*

“I thought this would be a good time to cut down on fatty things”, she said.

“Why now specially?”

O diálogo transcrito se dá entre Babette e Jack. Não há reflexão sobre a falta e ou escassez de suprimentos no dormitório ou com a nutrição e alimentação para as crianças, adultos e idosos; mas a preocupação restringe-se a futilidades. Não há uma prática do pensamento reflexivo.

Babette e Jack, muitas vezes, não fazem a ligação entre os atos que praticam e as consequências resultantes. Já Heinrich e outras personagens adolescentes têm capacidade reflexiva.

3.2.1.3 Autenticidade

Percebe-se que o viver das personagens adultas em *White Noise* carece de autenticidade. Vivem no jogo do parecer, não são autênticos e têm consciência desse comportamento. Têm lampejos lúcidos sobre o recomendável ético, mas preferem continuar na alienação de um viver que cede aos apelos do consumo, à correria ininterrupta das ações cotidianas. Em contrapartida, as personagens crianças e adolescentes, seguem seu cotidiano, vivendo quem realmente são, com coragem para expor seus pensamentos, observações e posicionarem-se de maneira crítica.

Triste constatar que os jovens crescem, amadurecem e depois normalmente são arrebatados pelo viver em sociedade e, na maioria das vezes, trilham o caminho alienado dos progenitores. Como se os sujeitos nascessem autênticos e essa sociedade os degradasse.

Estaria DeLillo mostrando ao leitor o quanto o sistema conduz o indivíduo em suas ações mais triviais? Seria possível viver em plenitude, agindo como acredita-se ser o correto, o ideal? Sendo autênticos, sem máscaras sociais? Será que a vida se sustentaria dessa forma? Sabe-se de antemão que se trata de um caminho cheio de

"This is a time for discipline, mental toughness. We're practically at the edge."

"I think it's interesting that you regard a possible disaster for yourself, your family and thousands of other people as an opportunity to cut down on fatty foods."

"You take discipline where you can find it", she said. "If I don't eat my yogurt now, I may as well stop buying the stuff forever. Except I think I'll skip the wheat germ."

The brand name was foreign-looking. I picked up the jar of wheat germ and examined the label closely.

"It's German," I told her. "Eat it." (DELILLO, 1985, p. 132-133).

convenções, isto é, para o convívio com o outro, há uma série de regras sociais reguladoras de comportamento; é preciso ceder ao que está convencionado, na maioria das vezes.

A vida é autêntica quando tem sentido e é emocionalmente apropriada, segundo Heidegger (1996). A autenticidade é contrastada, sobretudo, com a inautenticidade: um estado em que a vida, destituída de objetivos e de responsabilidade, é despersonalizada e desumanizada. Hoje, ser autêntico é uma utopia para a sociedade, e quanto mais massificada ela se torna, mais desesperadas por autenticidade as pessoas são. Característica da sociedade líquida, segundo Bauman (2001). Há uma verdadeira obsessão por originalidade, criatividade, produtividade e, mesmo assim, o mundo ao redor comporta-se de maneira cada vez mais repetitiva. Quanto mais diferente se quer ser, mais igual se parece. Seja na produção artística, na moda ou nos discursos.

Heidegger (1996) queria compreender o mecanismo oculto que rege a existência. Para isso, ele dividiu esse problema espinhoso em duas partes: *o que é existir para o ser humano? E como podemos existir de verdade?* O primeiro ponto, apesar de parecer óbvio, trata do fato de as pessoas não existirem do mesmo jeito que os objetos ou mesmo outros animais. Os seres humanos são diferentes das coisas ao redor (entes) por existirem de maneira “orientada”.

Os objetos não evoluem, as pessoas mudam, crescem, fazem escolhas diferentes. Heidegger quer dizer que os seres humanos existem dentro da constante chance de mudar: são um eterno *vir-a-ser* (o que se tem em potência), são algo sempre a caminho de alguma coisa nova. É essa forma de existir o que diferencia os homens dos objetos. A infelicidade nasce quando não se abraça essa capacidade magnífica de ser e continuar sendo outras coisas, e se comporta de maneira inautêntica, estática, ou seja, como objetos. Para o teórico, o sentido da vida era justamente dar sentido ao cotidiano, fugindo do lugar-comum e buscando encontrar sua própria maneira de ser — nem melhor, nem pior, mas própria.

A narrativa de DeLillo, *White Noise*, aborda essa falta de autenticidade das pessoas. O professor de Hitlerologia não conhece alemão; assim, ele pouco sabe da cultura dentro da qual viveu seu objeto de estudo e não tem vontade de aprender, embora tente. O jogo de aparências é mostrado na narrativa.

A autenticidade tem seu preço e nem sempre é compreendida tal como deveria. Para Heidegger, quando se torna autêntico, recebe-se um fardo pesado, o

fardo da responsabilidade. Viver no ruído é confortável; já falar sozinho ou contra todos ao redor é angustiante. Essa angústia era para Heidegger a prova de fogo da existência. Quem aprendesse a gerenciá-la, teria a chave para a felicidade. Muitos se esforçam em ser autênticos sem ter nenhum sucesso porque a autenticidade é um chamado interno. É ser alguém em busca de ser alguém, é um abrir infinitas portas, é não se apegar ao que se foi no passado, nem se ater apenas ao futuro, mas é ser de acordo com o que se é agora.

Ainda nessa perspectiva, segundo Taylor (2009), a era contemporânea – a sua cultura e identidade – sofrem com a perda de orientação moral no desenvolvimento da ação humana a fim de revelar outros modos de vida – individual ou coletivo. Apesar do evidente progresso no transcorrer do tempo na sociedade ocidental, o estudioso argumenta que, desde o século XVII, toda era moderna caracteriza-se como um período de decadência.

3.2.1.4 Identidade social

Identidade social, de acordo com Bradley (1996), deve ser entendida como a forma pela qual os sujeitos se percebem dentro da sociedade em que vivem e pela qual percebem os outros em relação a eles próprios.

A busca de uma identidade é algo além da sua mera funcionalidade; dentro de uma comunidade, muitas coisas vistas como não funcionais podem possuir outras características que validem a sua existência, mesmo sob outra ótica analítica. Se o sujeito se questionar sobre os acontecimentos e coisas de caráter trivial do dia a dia, é possível desenvolver um ponto de vista menos mecânico e, conseqüentemente, mais voltado à descoberta de si próprio.

A sociedade, em geral, acostumou-se a padrões de consumo, comportamento, estrutura social, interesses e, até mesmo, à definição de felicidade. Ao buscar a felicidade, provavelmente, o indivíduo irá se deparar com algo muito diferente do que a sociedade, como um todo, prega; como por exemplo, possuir muitos bens materiais e um bom emprego.

As crianças e os adolescentes retratados no romance vivem o jogo de ser em detrimento do jogo do parecer dos adultos. Suas identidades são preservadas como seres em pleno desenvolvimento que ainda não se deixaram influenciar pelo

comportamento social dos adultos. Têm suas opiniões e comportamentos próprios, observam e posicionam-se criticamente em relação aos pais e às mais diversas situações.

Parecem saber que só vão viver de forma plena se encontrarem os valores simples e verdadeiros provenientes da convivência com o outro, da constituição familiar e da construção do conhecimento que leva a uma consciência de preservação, de sustentabilidade e de progresso verdadeiro.

Jack é cômico a respeito da maturidade das crianças:

Que não me entendam mal. Levo essas crianças a sério. Nunca é demais o que vemos nelas, nunca é demais a utilização que fazemos de nosso talento para analisar o caráter humano. Está tudo ali, com toda a força, carregado de ondas de identidade e existência. Não há amadores no mundo das crianças. (DELILLO, 1987, p. 104)³⁵.

Vale a pena lembrar que o casal Jack e Babette não tem filhos em comum. A convivência dele com o filho, Heinrich, e a enteada, Denise, é sempre permeada por diálogos maduros, com conversas sobre os mais diversos assuntos. Ele os trata com cordialidade, e os adolescentes portam-se como se fossem adultos em suas exposições argumentativas. Seguem, então, algumas características sobre Heinrich, 14 anos, filho de Jack, e Denise, 12, filha de Babette. Ambos moram com o casal.

3.2.1.5 Heinrich

Único filho varão de Jack, adolescente observador, informado e crítico. Filho do segundo casamento, a mãe vive em uma comunidade hinduísta. Nasceu logo depois que o pai havia criado o Departamento de Estudos sobre Hitler. A escolha do nome deu-se porque o pai precisava de alguma coisa que fosse verdadeiramente alemã e, então, escolheu “Heinrich Gerhardt Gladney”. O pai sempre se preocupava com o parecer, com o jogo das aparências.

O nome Heinrich significa “senhor do lar”, “príncipe do lar”, “governante da casa”. O menino incorpora muitas características de quem tem autonomia

³⁵*Make no mistake. I take these children seriously. It is not possible to see too much in them, to overindulge your casual gift for the study of character. It is all there, in full force, charged waves of identity and being. There are no amateurs in the world of children. (DELILLO, 1985, p. 103).*

doméstica, pois trata dos assuntos com segurança, também dá sugestões de como melhorar os hábitos alimentares da madrastra. Nesse caso, a escolha do nome da personagem não é aleatória.

Heinrich joga xadrez por correspondência com um presidiário condenado por assassinato. Como enxadrista, ele tem a oportunidade de estudar uma série de estratégias para ganhar as partidas, aguçando sua percepção e raciocínio, pois como se sabe, o jogo de xadrez requer atenção, disciplina e poder de concentração. As peças do tabuleiro podem representar o poder com a figura do rei e da rainha, a religião com o bispo, os peões como os operários, o cavalo como a natureza e a torre como a segurança. Tem-se a sociedade e suas forças representadas no tabuleiro e o menino dá conta de manejar as peças com destreza.

Apesar de tão jovem, já apresenta entradas no couro cabeludo. Jack se preocupa se isso teria sido causado por alguma substância ingerida pela mãe do menino durante a gestação ou pela poluição sempre presente no ambiente de *Blacksmith*. Interessante notar que o pai, mais uma vez, preocupa-se com as aparências. Não está angustiado a respeito da saúde ou do bem-estar e sim com a falta de cabelo do filho.

Heinrich, por sua vez, está atento a coisas realmente importantes como a saúde e os hábitos alimentares da família, a fugacidade do tempo, o acidente na linha férrea e a liberação das substâncias altamente tóxicas para a população, por exemplo. Ele questiona o que vê, aplica a ciência a tudo, como no diálogo a seguir, quando o pai discute com ele acerca da chuva.

- Mas você está *vendo* que está chovendo.
- Você vê o sol rodando em volta da Terra. Mas é o sol que está mesmo rodando em volta da Terra ou é a Terra que está girando?
- Não aceito analogia.
- Você tem certeza de que isso é chuva. Como é que sabe que não é ácido sulfúrico das fábricas do outro lado do rio? Como é que sabe que não é precipitação radioativa de uma guerra lá na China? Você quer uma resposta em relação ao aqui e agora. Então é capaz de provar, aqui e agora, que isso é chuva mesmo? [...] O que é chuva afinal? (DELILLO, 1987, p. 27-28)³⁶.

³⁶“*But you see it’s raining.*”

“*You see the sun moving across the sky. But is the sun moving across the sky or is the earth turning?*”

“*I don’t accept the analogy.*”

“*You’re so sure that’s rain. How do you know it’s not sulfuric acid from factories across the river? How do you it’s not fallout from a war in China? You want an answer here and now. Can you prove, here and now, that this stuff is rain? [...] what is rain anyway?*” (DELILLO, 1985, p. 24).

No trecho anterior, tem-se a impressão de que a personagem que fala a respeito da chuva, dos movimentos da Terra e dos acontecimentos ocorridos em uma parte do mundo desencadearem efeitos em outro lugar do planeta, ou seja, do Efeito Borboleta (Teoria do Caos)³⁷, é o pai; mas, na verdade, é o menino. Aliás uma característica dos textos de DeLillo é a formulação dos diálogos de tal sorte que o leitor, muitas vezes, precisa reler o texto para identificar qual personagem enuncia determinadas falas.

3.2.1.6 Denise

A menina de 12 anos, Denise, tem dois outros irmãos por parte de mãe e é a filha mais velha de Babette. Apesar de tão jovem, é a patrulheira do lar. Acompanha os hábitos alimentares da mãe, observa até os remédios por ela consumidos. Os papéis são invertidos, Denise é quem toma conta da mãe, observa e descobre que ela toma remédios incomuns e alerta o padrasto, Jack. No diálogo a seguir, a menina está preocupada com a mãe e refere-se a ela carinhosamente como ‘Baba’, a forma reduzida do nome Babette:

- O que vamos fazer com a Baba? – perguntou ela.
- Como assim? [...] – Como é que você sabe que ela está tomando alguma coisa?
- Eu vi o vidro no meio do lixo debaixo da pia da cozinha. Um remédio feito por encomenda. Tinha o nome dela e o nome do remédio no rótulo.
- Qual o nome do remédio?
- Dylar. Um a cada três dias. Quer dizer, é um negócio perigoso, ou que vicia, ou sei lá o quê.
- O que diz o seu compêndio de remédios a respeito do Dylar?
- Não consta. Passei horas procurando. Tem quatro índices. (DELILLO, 1987, p. 64)³⁸.

³⁷ Teoria do Caos. Efeito Borboleta: um dos resultados centrais da Teoria do Caos, descoberta em 1960 pelo matemático e meteorologista Edward Lorenz. Trata como pequenas mudanças nas condições iniciais de grandes sistemas, podem levar a mudanças drásticas nos resultados. Disponível em: <hipercultura.com>. Acesso em: 22 out. 2019.

³⁸ “*What are we going to do about Baba?*” she said.

“*What do you mean?*” [...] “*How do you know she’s taking something?*”

“*I saw the bottle buried in the trash under the kitchen sink. A prescription bottle. It had her name and the name of the medication.*”

“*What is the name of the medication?*”

“*Dylar. One every three days. Which sounds like it’s dangerous or habit-forming or whatever.*”

Denise tem um compêndio sobre remédios, coisa inusitada para uma menina. Ela pesquisa sobre o produto, sua composição e infere tratar-se de uma droga nova, podendo oferecer riscos à saúde. É observadora, percebe que Babette também está muito esquecida sobre as mais variadas coisas. É uma adulta em miniatura, quer proteger a mãe nas mais diversas situações e alerta Jack sobre o comportamento da esposa.

É Denise também quem questiona o padrasto sobre a razão da escolha do nome de Heinrich, pois lhe causa estranhamento o nome de origem alemã. Ela é sempre observadora, desvendando os porquês das situações.

O nome 'Denise', por sua vez, tem origem francesa, feminino de Dênis, o mesmo que Dionísio. Este, do grego *Dionysios*, nome do deus do vinho, remonta ao sânscrito *dyúnis*, *dyúniso*. É formado pelos elementos *dyu*, que significa "o céu pai, espírito, dia", e *nis*, *nisa*, que significa "noite, água". Assim, como resultado dessa junção, o nome significa "criador das águas", "o que dá origem à água", "o que dá origem ao dia e à noite". Nesse sentido, carrega consigo a simbologia da água. Por esse motivo, remete à origem da vida, bem como ao crescimento, plenitude e declínio, ou seja, ao ciclo da vida.³⁹

Assim, Denise está no grupo de personagens que representam o ciclo vital, são autênticos, buscam a importância de tudo, querem o bem-estar daqueles que os cercam. Como visto, todos os elementos e personagens anteriormente descritos são representantes do campo |VIDA|.

3.2.2 Campo |MORTE| = |MATERIALISMO|

Nesse conjunto, estão elencados os seguintes itens: |ENTROPIA|, |FUGACIDADE DO TEMPO|, |CATÁSTROFES|, |NUVEM TÓXICA|, |POLUIÇÃO| e a presença de uma personagem coletiva: a cidade de |BLACKSMITH|.

"What does your drug reference say about Dylar?"

"It's not in there. I spent hours. There are four indexes. (DELILLO, 1985, p. 61-62).

³⁹Dicionário de nomes próprios. Disponível em: <<https://www.dicionariodenomesproprios.com.br>>. Acesso em: 28 out. 2019.

3.2.2.1 Entropia

Entropia⁴⁰ é um conceito da termodinâmica que mede a desordem das partículas de um sistema físico. De acordo com a Lei da Termodinâmica, quanto maior for a desordem de um sistema, maior será a sua entropia. O termo originou-se a partir do grego *entropêe*, e significa “em mudança”.

De acordo com Aires de Souza (2012), transportando-se a ideia de entropia da termodinâmica para a experiência pós-moderna, o conceito serve para pensar a práxis de luta e contradição, desintegração e mudança, vazia de sentido e objetivo. Na atualidade, é uma tendência universal em todas as esferas da vida social para a disfunção, isto é, para a anomia. Os vários sistemas sociais como a política, a economia, a cultura, o meio ambiente e a família passam por um processo de ordem para um estado de desordem crescente.

Estendendo-se, ainda, o conceito de entropia para o ser humano, tem-se a concepção de que toda matéria tende a se degradar, ou seja, a morrer. O homem é um ser entrópico; a partir do nascimento, percorre-se uma trajetória que culmina com a morte. É o único animal do planeta consciente de sua finitude.

O corpo biológico tem duração determinada. Diariamente, o indivíduo procura driblar a morte, defender-se de situações que podem encurtar e/ou interromper a existência. Nas atitudes mais triviais, sempre está na defensiva, seja protegendo-se de intempéries do tempo, como em situação de chuva, de raios; no cuidado ao dirigir um veículo para não sofrer um acidente; ao atravessar uma rua para não ser atropelado; ao tomar vacinas para não contrair doenças que podem levar à morte. Recorre-se a medicamentos para recuperar o bem-estar, cuida-se da higiene e da alimentação para preservar a saúde. O objetivo é permanecer com vida pelo maior número de anos possível.

Lança-se mão do desenvolvimento científico-tecnológico para que os índices de longevidade sejam aumentados e os de mortalidade, diminuídos ao máximo. São técnicas, equipamentos, remédios, procedimentos, cirurgias... tudo para manter-se

⁴⁰ A entropia negativa, no âmbito da organização administrativa, é a definição dada a empresa, companhia ou sistema que está se restabelecendo, ou seja, recuperando-se da desordem e falência. O conceito da entropia negativa consiste em reverter a entropia, o estágio de “bagunça” e “caos”. A entropia negativa também é chamada de “informação”, pois de acordo com o princípio da entropia, quanto maior a informação, menor a desordem. (HOUAISS; VILLAR, 2001).

mais saudável e vivo por mais tempo. Aliás, o tempo é determinante no processo da entropia, ele é implacável em sua passagem.

No romance *White Noise*, as personagens Babbette e Jack têm consciência de seus estados entrópicos e têm muito medo de morrer. Passam parte de suas vidas adultas lutando contra essa preocupação. (Esse tópico será retomado no item 3.2.3.4).

3.2.2.2 Fugacidade do tempo

A personagem de Heinrich fica incumbida de refletir sobre a fugacidade do tempo; o adolescente tem atitudes típicas de um garoto de 14 anos, mas suas reflexões acerca dos diferentes problemas e desafios demonstram maturidade e coerência adultas. No diálogo que ele trava com o pai sobre a inexorabilidade do tempo, isto aparece de forma interessante:

- O nome dele é Frank J. Smalley, e é de St. Louis.
- Ele quer saber se está chovendo ‘*agora*’, nesse instante?
- Aqui e agora. Isso
- Existe ‘*agora*’? ‘*Agora*’ aparece e desaparece no mesmo momento em que você pronuncia a palavra. Como é que eu posso dizer se está chovendo agora se o tal ‘*agora*’ vira ‘*depois*’ assim que eu acabo de falar? (DELILLO, 1987, p. 27)⁴¹.

Apesar da certeza e da consciência acerca dessa máxima, pouco se faz para aproveitar o passar das horas devidamente.

A passagem do tempo é uma questão de percepção? O tempo é um problema ontológico fundamental. Segundo Heidegger (1996), ao longo da tradição ocidental, o assunto foi tematizado desde a analítica existencial e temporal da presença humana.

⁴¹ “His name is Frank J. Smalley and he comes from Saint Louis.

“He wants to know if it’s raining **now**, at this very minute?”

“Here and now. That’s right.”

“Is there such a thing as now? ‘Now’ comes and goes as soon as you say it. How can I say it’s raining now if your so-called ‘now’ becomes ‘then’ as soon as I say it?”

“You said there was no past, present or future”.

“Only in our verbs. That’s the only place we find it.” (DELILLO, 1985, p. 23 – 24).

Na sociedade pós-moderna, os indivíduos estão constantemente fazendo coisas, enchendo a agenda, como forma de utilizar os minutos que escapam do relógio. Envolvem-se em muitos projetos, conflitos ou conquistas, como maneira de viver o tempo ou fugir dele.

3.2.2.3 Catástrofes

O texto de *White Noise* é permeado por descrição de catástrofes, elas chegam principalmente pelo rádio, TV e tabloides. São incêndios, inundações, queda de aviões, assassinatos em massa, avalanches, erupções vulcânicas. Sem contar o derramamento da substância tóxica que acomete a vida das personagens do romance, visto ao vivo e em cores.

Em meio à avalanche de informação proveniente das diferentes mídias e ao frequente apelo ao consumo, estão os acontecimentos catastróficos que fazem as personagens pararem seus afazeres cotidianos e ficarem maravilhadas, entretidas com a miséria distante. Mas logo são impelidas a voltar para suas atividades rotineiras, afinal têm de consumir novamente para a roda capitalista voltar a se movimentar.

Quando há imagens dos fatos, existe mais envolvimento e interesse, como se vê no diálogo de Jack com Alfonse, também professor da instituição *College-on-the-Hill*, sobre alguns acontecimentos e a repercussão que causam no viver das pessoas. O primeiro confessa assistir com interesse a cenas de lava, lama e mar revolvo, juntamente com os filhos:

– Por que motivo, Alfonse, pessoas direitas, bem-intencionadas e responsáveis ficam fascinadas por catástrofes mostradas pela televisão? [...]

– É natural, é normal – disse ele, balançando a cabeça. – Isso acontece com todo mundo. [...] Só uma catástrofe atrai nossa atenção. [...] É aí que entra a Califórnia. Avalanches de lama, incêndios florestais, erosão na costa, terremotos, assassinatos em massa. A gente consegue curtir esses desastres sem problema porque no fundo a gente acha que a Califórnia merece tudo isso. Os californianos inventaram o conceito de estilo de vida. Só isso já justifica. [...] a gente sabe que não está perdendo nada. As câmaras

estão sempre lá. À espera. Nenhuma desgraça passa despercebida. (DELILLO, 1987, p. 68)⁴².

E assim o diálogo continua, Alfonse afirma que as pessoas, diante de tragédias televisionadas, têm oportunidade de interromper suas rotinas alienantes para se maravilharem com o sofrimento alheio. Sentem-se aliviadas pelo fato de as tragédias estarem distantes e em lugares como o estado americano da Califórnia, cuja população tem ideias sociais progressistas e sucesso em muitos empreendimentos.

No romance, o homem é responsável pelo desencadeamento de muitas tragédias. Elas são causadas pelo desrespeito à natureza, pela contribuição com a poluição ambiental ou o descarte desenfreado de montanhas de lixo produzidas por uma sociedade que precisa consumir de forma incessante.

3.2.2.4 Nuvem tóxica

O vazamento da substância tóxica no acidente da linha férrea de *Blacksmith* traz a tragédia para a porta da casa das personagens e elas sentem na pele a angústia, o pânico e o pavor de estarem em meio a um acontecimento com graves consequências.

Parecem não acreditar que eles, cidadãos ilustres, classe média alta, professores, chefes de departamento de uma cidade universitária seriam vitimados por uma nuvem tóxica formada no ambiente citadino de *Blacksmith*. O acidente é noticiado pelo rádio e perpetuado em suas memórias.

É a nuvem de substâncias químicas que chega de forma avassaladora, confirmando que há muitas maneiras dos seres entrópicos se depararem com sua finitude. Revela que o homem constrói, molda seu próprio ambiente e é também

⁴² “Why is it, Alfonse, that decent, well-meaning and responsible people find themselves intrigued by catastrophe when they see it on television? [...]”

“It’s natural, it’s normal,” he said, with a reassuring nod. “It happens to everybody”. [...] only a catastrophe gets our attention. [...] This is where California comes in. Mud slides, brush fires, coast erosion, earthquakes, mass killings, et cetera. We can relax and enjoy these disasters because in our hearts we feel that California deserves whatever it gets. Californians invented the concept of life-style. This alone warrants their doom. [...] we know we’re not missing anything. The cameras are right there. They’re standing by. Nothing terrible escapes their scrutiny.” (DELILLO, 1985, p. 65-66).

responsabilizado e afetado por suas próprias criações, em um ciclo contínuo de ação e reação, de causa e consequência.

A nuvem também vai deixar Jack mais próximo de sua temida morte. Ele tem muito medo de morrer, discute reiteradamente com a esposa a respeito de quem morreria primeiro. E sem possibilidade de fuga, é exposto à toxicidade dos elementos da massa de substâncias que abraçou a cidade e seus moradores.

Situações de síndrome de pânico são características das doenças da sociedade contemporânea. As situações imprevisíveis de catástrofes são causas da insegurança que leva ao pânico.

3.2.2.5 Poluição

Blacksmith tem muita poluição, seu pôr-do-sol é belíssimo devido à grande quantidade de partículas suspensas no ar. Em décadas anteriores, o final do dia não costumava ser tão belo porque o ambiente era menos afetado pelas mazelas que o desenvolvimento industrial e o progresso capitalista trouxeram e trazem às áreas urbanas:

[...] Paramos no viaduto e saltamos do carro para apreciar o pôr-do-sol. Desde o episódio da nuvem tóxica, o pôr-do-sol se tornara quase inacreditavelmente belo. Não que houvesse uma relação direta mensurável. Se havia algo específico no Niodene D. (acrescido à torrente cotidiana de resíduos, poluente, contaminadores e delirantes) que causara este salto estético de crepúsculos já brilhantes para espetáculos magníficos, estupendos, rubros, visionários, quase terríveis, ninguém conseguira prová-lo. (DELILLO, 1987, p. 168)⁴³.

Jack inclusive pondera sobre as entradas no couro cabeludo de Heinrich serem causadas pela poluição e pelo descuido para com o ambiente da cidade, trazendo consequências graves para a saúde humana:

⁴³ [...] *We stopped on the parkway overpass and got out to look at the sunset. Ever since the airborne toxic event, the sunsets had become almost unbearably beautiful. Not that there was a measurable connection. If the special character of Nyodene Derivative (added to the everyday drift of effluents, pollutants, contaminants and delirants) had caused this aesthetic leap from already brilliant sunsets to broad towering ruddled visionary skyscapes, tinged with dread, no one had been able to prove it. (DELILLO, 1985, p. 170).*

[...] Será que, sem o saber, criei-o perto de um depósito de lixo químico, num lugar onde chegam correntes de ar que trazem resíduos tóxicos capazes de produzir degeneração do couro cabeludo e belíssimos crepúsculos? [...] A culpa do homem na história e nas marés de seu próprio sangue foi complexificada pela tecnologia, a morte hipócrita, gradual, cotidiana. (DELILLO, 1987, p. 25)⁴⁴.

São montanhas de lixo produzidas em base diária pelas populações, principalmente urbanas. São descartes de inúmeros produtos, muitos deles comprados sem necessidade e entulhados nos vários cômodos da casa do protagonista Jack que representa o lar do cidadão americano do final do século XX. É o consumo de comida industrializada, as idas ao *fast food* e aos centros de compra para satisfazer e esquecer os problemas cotidianos. Ações que vão de encontro à sustentabilidade do planeta e ao cuidado com a saúde para retardar a própria morte.

3.2.2.6 *Blacksmith*

White Noise é ambientado em *Blackmish*. Apesar de ser uma cidade universitária, não oferece muitas oportunidades de diversão e entretenimento aos seus estudantes e moradores. Oferece comércio na forma de supermercados, *fast food* e *shoppings*, verdadeiros templos de consumo.

O nome vem da junção de '*black*', preto em inglês, com '*smith*' que significa 'forjar', como verbo, e como substantivo, a profissão de 'ferreiro', o moldador a partir de um material específico. E, assim, a cidade é moldada em meio ao descarte de inúmeros produtos por parte de seus habitantes. Trata-se da referência à ação do homem, ou seja, é aquele que forja, que faz, que molda, e a ação é que torna a cidade negra, pois a ação de poluir está implícita.

Existe, inclusive, nos Estados Unidos, um instituto cujo nome é *Blacksmith Institute*⁴⁵, uma organização internacional sem fins lucrativos, fundada em 1999, baseada em Nova York, que se dedica à despoluição das cidades em

⁴⁴ [...] Have I raised him, unwittingly, in the vicinity of a chemical dump site, in the path of fair currents that carry industrial wastes capable of producing scalp degeneration, glorious sunsets? [...] Man's guilt in history and in the tides of his own blood has been complicated by technology, the daily seeping falsehearted death. (DELILLO, 1985, p. 22).

⁴⁵ *Blacksmith Institute*. Disponível em: <ciclovivo.com.br>. Acesso em: 15 fev. 2020.

desenvolvimento. A instituição identifica e limpa os locais mais poluídos do mundo, concentrando-se em comunidades nas quais as crianças estão em maior risco. Já realizou mais de trinta projetos de limpeza e atualmente está envolvida em mais de quarenta ações em dezenove países.

Como visto, os itens que compõem o Campo |Morte| são aceleradores da finitude do homem e do mundo. DeLillo faz um alerta bastante pertinente para que haja a tomada de consciência acerca do cuidar do planeta. Aponta o grau de descaso já alcançado e deixa as sementes para que as ações de preservação aconteçam. Encontrar solução no futuro é a grande incerteza.

3.2.3 Campo |NÃO-VIDA| = |PARECER|

Nesse conjunto, temos elencados os seguintes itens: |SIMULACROS|, |CONSUMO DESENFREADO|, |SATISFAÇÃO IMEDIATA|, |MEDO DA MORTE|, as personagens |JACK|, |BABETTE| e |DESCONFORTO EM TEMPOS PÓS-MODERNOS|.

3.2.3.1 Simulacros

“Simulacro”, do latim “*simulacrum*”, significa imitação, uma simulação que parece real, mas não é. A arte é uma imitação da vida, como afirma Aristóteles, uma mimese, um simulacro.

Segundo Platão (2007), em uma imagem ou representação de algum objeto, só constata o seu parecer e não o seu ser. Isso corresponde a dizer que toda representação é uma cópia do ser e o que permite classificá-lo é uma forma originária e anterior a toda a experiência. Entretanto, essa cópia não é o verdadeiro objeto; também não é um não-ser, pois há uma espécie de ser, uma semelhança interna com o modelo original. Cada indivíduo atribui um julgamento de existências sobre as imagens e atribui a elas um referente real. A imagem não constitui o objeto em si, mas é a sua representação, o simulacro.

Para Baudrillard (1997), ao ressaltar que o simulacro é o segundo batismo das coisas, acrescenta que o primeiro é a representação. Simular é atribuir uma

presença ausente, criar uma imagem sem correspondente com a realidade. Na verdade, tem-se o valor da troca, em que o real é produzido, e a matriz assume uma distância tal entre real e imaginário, que o real se transforma em verdadeira utopia, adotando a imagem como objeto perdido.

Pode-se retomar a passagem em que Jack e Murray visitam “O CELEIRO MAIS FOTOGRAFADO DOS ESTADOS UNIDOS”. No caminho, as personagens veem os sinais a respeito do celeiro. Quando lá chegam, observam que ninguém vê o celeiro, as pessoas estão no local apenas fotografando e, segundo Jack, “mantendo uma imagem”, “ninguém vê o celeiro – disse ele (Murray).” (DELILLO, 2017, p. 17)⁴⁶. Há uma aura que deve ser preservada e aqueles visitantes estão lá para alimentar essa necessidade. As pessoas perdem a conexão com a realidade, isto é, são incapazes de distinguir o real do ilusório.

Estendendo esse exemplo para diversas situações vivenciadas atualmente, na “era das *selfies* e fotos”, em que as pessoas estão mais preocupadas em deixar as imagens nas memórias de dispositivos eletrônicos do que em suas próprias mentes, pode-se notar que deixam de viver momentos e experiências e permanecem em perpétuos simulacros.

Na obra, existem vários outros exemplos que são comentados em outras seções do texto como: Jack que vive da aparência de ser professor, sua vida também acontece no mundo do parecer, em um simulacro contínuo. Babette e seu discurso de vida saudável que também está no nível do parecer, pois é uma falsa verdade, a alimentação é composta por produtos industrializados e *fast food*. Eles, marido e mulher, buscam a felicidade e a satisfação no lugar errado, no mundo das aparências. Outra exemplificação de simulacro é o episódio das freiras: no texto, a religião é mostrada só no nível do parecer, uma vez que constitui uma instância da sociedade com títulos, sem apresentar necessariamente a essência disso. Em outras palavras, as freiras representam uma religiosidade.

⁴⁶ *THE MOST PHOTOGRAPHED BARN IN AMERICA*. “We’re here to maintain an image.” “No one sees the barn,” he said finally. (DELILLO, 1985, p. 12).

3.2.3.2 Consumo desenfreado

Como já mencionado no Capítulo 2, o consumo da família de Jack é desenfreado, eles se socializam no momento das compras, o consumo é de supérfluos, itens de que sequer necessitam. Quando estão em dúvida entre dois produtos, optam por comprar ambos.

Sabe-se que o consumo sem limites é um dos piores inimigos do meio ambiente e da sustentabilidade. As pessoas contribuem para a formação de montanhas de lixo, ainda maiores, quando consomem mais do que deveriam. Os facilitadores, como cartões de crédito, tornam ainda mais práticas as formas de comprar e de postergar o pagamento. O trecho abaixo exemplifica o argumento:

CARO CLIENTE: Dentro de alguns dias seu novo cartão automático lhe será entregue pelo correio. Se o cartão for vermelho com uma tarja prateada, sua senha será a mesma de agora. Se for verde com tarja cinzenta, V. deverá comparecer à sua agência bancária, munido do cartão, para registrar a nova senha. É comum utilizar como senha a data de nascimento. AVISO: Não escreva sua senha. [...] LEMBRE: V. só pode ter a sua conta se sua senha for digitada corretamente. [...] Somente a sua senha lhe permite ter acesso ao sistema. (DELILLO, 1987, p. 288)⁴⁷.

O consumismo desenfreado não se baseia na carência de um bem, mas na vontade incontrolável de comprar. É como uma doença ou um vício que leva o sujeito a várias aquisições, muitas vezes de coisas que sequer serão usadas, mas o impulso de clicar nos produtos e finalizar as compras é intermitente. A pessoa precisa atender ao desejo de possuir mais e mais.

Nessa situação, a pessoa não é freada, mesmo quando sabe que está abrindo precedentes para a geração de problemas financeiros e até familiares e emocionais. E é uma busca incessante de felicidade que não se satisfaz, pois é uma aparência de felicidade, ou seja, um simulacro de felicidade. Acredita que vai ser feliz pela compra, quer comprar mais e mais, muitas vezes nem faz uso dos

⁴⁷ PLEASE NOTE. In several days, your new automated banking card will arrive in the mail. If it is red with a silver stripe, your secret code will be the same as it is now. If it is a green card with a gray stripe, you must appear at your branch, with your card, to devise a new secret code. Codes based on birthdays are popular. WARNING. Do not write down your code. [...] REMEMBER. You cannot access your account unless your code is entered properly. [...] Only your code allows you to enter the system. (DELILLO, 1985, p. 294-295).

produtos adquiridos. E a felicidade não vem, pois o objeto comprado promete uma felicidade ilusória.

Segundo Bauman:

Pode-se dizer que o “consumismo” é um tipo de arranjo social resultante da reciclagem de vontades, desejos e anseios humanos rotineiros, permanentes e, por assim dizer, neutros quanto ao regime, transformando-se na principal força propulsora e operativa da sociedade, uma força que coordena a reprodução sistêmica, a integração e a estratificação sociais, além da formação de indivíduos humanos, desempenhando ao mesmo tempo um papel importante nos processos de autoidentificação individual e de grupo, assim como na seleção e execução de políticas de vida individuais. O “consumismo” chega quando o consumo assume o papel-chave que na sociedade de produtores era exercido pelo trabalho. [...]

De maneira distinta de consumo, que é basicamente uma característica e ocupação dos seres humanos como indivíduos, o consumismo é um atributo da sociedade. Para que uma sociedade adquira esse atributo, a capacidade profundamente individual de querer, desejar e almejar deve ser tal como a capacidade de trabalho na sociedade de produtores, destacada (“alienada”) dos indivíduos e reciclada/reificada numa força externa que coloca a “sociedade de consumidores” em movimento e a mantém em curso como forma específica de convívio humano, enquanto ao mesmo tempo estabelece parâmetros específicos para as estratégias individuais de vida que são eficazes e manipula as probabilidades de escolha e conduta individuais. (2008, p. 41.)

Ainda de acordo com Bauman, “a sociedade de consumidores representa o tipo de sociedade que promove, encoraja ou reforça a escolha de um sentido de vida e uma estratégia existencial consumista e rejeita todas as opções culturais alternativas”. (2008, p. 71).

O consumo sem limites é mostrado na narrativa de *White Noise*, a família de Jack segue alienada nos variados ambientes propiciadores de compras como supermercados e *shoppings*. A socialização acontece com frequência nesses locais.

3.2.3.3 Satisfação imediata

A vida é um processo, faz-se com o tempo, a gestação de uma vida humana dura em média quarenta semanas no útero materno e o ser humano vive décadas, mas nunca está pronto. E o consumo tem pressa, quer tudo para hoje. Essa é a vida

pós-moderna. É o desejo que orienta os homens, desejos voláteis, e assim que uma vontade é satisfeita, logo se instala outra, sucessivamente.

Busca-se a satisfação no consumo de bens produzidos pelo mercado e a publicidade faz a sociedade se sentir mais ou menos feliz em proporção ao seu poder aquisitivo. Vive-se a internalização de uma cultura que prega a necessidade de se ter algo sempre melhor e mais moderno para se sentir realizado.

A obsolescência programada tem sua demanda atendida. A cada dia, há algo novo, de última geração, e com mais funções disponíveis. Muitas vezes, nem se exploram todas as funcionalidades de um bem e já se está de olho no próximo lançamento ou na próxima versão de um mesmo produto. É o desejo de possuir instalado na psique dos sujeitos. A educação é para o ato de comprar, como pode ser visto no excerto a seguir, em que Jack e sua família visitam o *Mid-Village Mall*:

[...] Babette e as crianças entraram comigo no elevador, nas lojas dispostas em diferentes fileiras, nas lojas de departamentos, intrigadas, porém excitadas, pela minha vontade de comprar. Quando eu não conseguia optar por uma de duas camisas, elas me diziam para comprar as duas. Quando eu dizia que estava com fome, elas me davam *pretzels*, cerveja, *souvlaki*. As duas meninas iam na frente, encontrando coisas que achavam que talvez eu quisesse ou precisasse, correndo para me chamar, agarrar-me pelos braços, insistir para que eu as seguisse. Elas me guiavam ao bem-estar infinito. (DELILLO, 1987, p. 85).⁴⁸

As mudanças proporcionadas pela industrialização foram importantes para a evolução das sociedades, mas o consumo exacerbado acarretou e continua acarretando danos irreparáveis para o meio ambiente. São toneladas de plástico nos oceanos, animais morrendo vitimados pelo acúmulo de tanto material depositado em lugares impróprios.

É inadiável a necessidade de busca por maneiras de conciliar o progresso econômico e a preservação de recursos naturais. Algumas soluções são o baixo consumo de itens, uma educação que levará tempo e o que menos se tem é tempo, pois está caminhando para uma crise ambiental.

⁴⁸ [...] *Babette and the kids followed me into the elevator, into the shops set along the tiers, through the emporiums and department stores, puzzled but excited by my desire to buy. When I could not decide between two shirts, they encouraged me to buy both. When I was hungry, they fed me pretzels, beer, souvlavi. The two girls scouted ahead, spotting things they thought I might want or need, running back to get me, to clutch my arms, plead with me to follow. They were my guides to endless well-being. (DELILLO, 1985, p. 83).*

A satisfação deve ser transferida para atividades que promovam a valorização da arte, de diferentes expressões humanas, porque estas são perenes, e não desaparecem no clicar de uma tecla.

3.2.3.4 Medo (da morte)

O medo individual e coletivo é uma das marcas dos tempos atuais. Em meio à pandemia de Coronavírus⁴⁹ que já se espalhou por mais de 200 países, infectando acima de 5,49 milhões de pessoas com grave doença respiratória, matando mais de 346 mil de dezembro de 2019 até final de maio de 2020, as populações são literalmente assoladas pelo temor de adoecer e morrer. Os Estados Unidos são hoje um dos países mais afetados pela doença, com mais de 1,7 milhão de casos confirmados e mais de 100 mil vítimas fatais, número superior aos americanos mortos na Guerra do Vietnã (1955-1975), estimado em cerca de 58 mil.

Os cidadãos estão confinados nas casas, em quarentena, afastados do convívio social. Tiveram de remodelar as próprias vidas e usar um novo acessório, máscaras de proteção facial para poder sair de casa para comprar algum item extremamente necessário, como comida e remédios.

Constata-se que os países não possuem estrutura hospitalar, equipamentos como respiradores e nem os básicos EPIs (Equipamentos de Proteção Individual) para os profissionais da saúde que estão na linha de frente de combate à Covid-19. Aliás, o número de médicos, enfermeiros e pessoas da área mostrou-se insuficiente, sem contar que eles também adoecem. No Brasil, o MEC (Ministério da Educação)⁵⁰, por meio de portaria, autorizou a antecipação da formatura de graduandos em Medicina que tenham cumprido 75% de internato para atuarem no combate ao Coronavírus. A normativa, em caráter excepcional, também foi estendida a alunos dos cursos de Enfermagem, Farmácia e Fisioterapia que tenham

⁴⁹ Coronavírus. Desde o início de fevereiro, a Organização Mundial da Saúde (OMS) passou a chamar oficialmente a doença causada pelo novo coronavírus de Covid-19. COVID significa CORona VIRus Disease (Doença do Coronavírus), enquanto “19” refere-se a 2019, quando os primeiros casos em Wuhan, na China, foram divulgados publicamente pelo governo chinês no final de dezembro. Disponível em: <portal.fiocruz.br>. Acesso em: 26 maio 2020.

⁵⁰ BRASIL. Ministério da Educação. Portaria nº 374, de 3 de abril de 2020, publicada em 6 de abril de 2020.

cursado o mesmo percentual de seus estágios supervisionados para trabalharem na atual situação de emergência na saúde pública.

A estrutura funerária também não dá conta de enterrar os vitimados pela doença. Imagens de caminhões frigoríficos com corpos armazenados, esperando por exames determinadores da causa *mortis*, chocam as diferentes populações mundo afora. Na Espanha, até ringues de patinação no gelo receberam corpos. Sem contar as imagens desoladoras de corpos pelas residências e ruas nas cidades do Equador, sem ter urnas funerárias suficientes. O inimigo invisível não faz diferença entre as classes sociais, aniquilando ricos e pobres, países desenvolvidos e em desenvolvimento.

Segundo Cueto (2020, s. p.),

As epidemias regressam a cada certo tempo para recordarmos nossa vulnerabilidade. Vulnerabilidade ante a enfermidade e ante o poder. Em poucos meses, algo que parecia uma catástrofe distante se converteu em uma tragédia cotidiana. Esta enfermidade produzida por um dos mais insidiosos agentes infecciosos – e popularmente conhecida como coronavírus – estendeu-se como poucas epidemias a quase todos os rincões do mundo, revelando a torpeza dos governos autoritários populistas de direita que atacaram a ciência e a saúde pública – para que seus seguidores não pensem racionalmente – e criaram as condições para o desespero, a desinformação, o estigma e o caos que agora sofremos.

Ainda nas palavras de Cueto (2020), esta pandemia não é mais do que a última de uma triste sequela que começou nos anos oitenta do século passado, quando a maior parte dos governos do mundo abraçou o neoliberalismo e a globalização e a sua cruel doutrina que proclamava uma drástica redução dos gastos públicos e desmantelamento da intervenção do Estado nos programas sociais. Segundo o autor, criou-se uma cultura em que o lucro estava por cima de tudo e de todos; valia o corte dos recursos humanos dos sistemas de saúde, tanto nacionais quanto internacionais, e banalizaram desastres sanitários como a Aids, Dengue, SARS, H1N1, Ebola, Zika e, agora, a Covid-19 que oprime as pessoas.

Atualmente há muitos casos de distúrbios de ansiedade, depressão e crises de pânico. Isso tudo somado a outros temores preexistentes e agravados pela pandemia: perda de emprego, violência urbana e terrorismo. Quem tem recursos, paga por saúde, educação e pela suposta segurança; mora em bairros mais protegidos ou em condomínios fechados, murados contra a miséria do entorno. Em uma sociedade que já deixou de ofertar serviços integrais a seus cidadãos, paga-se

por tudo, pois teme-se ficar doente, não ter uma educação bem estruturada e acabar morto por consequência das mais variadas formas de violência.

Vive-se, hoje, em uma sociedade literalmente vigiada e vigilante. São câmeras instaladas nos mais distintos ambientes. A biometria e várias outras tecnologias são usadas para reconhecer e provar identidade em bancos e portarias de residências, por exemplo. Os poucos que têm recursos dirigem carros blindados também.

E o resultado é o desassossego geral. Em tempos passados, era comum permitir que filhos brincassem nas ruas; atualmente brincam em espaços delimitados com equipamentos que tomam conta deles. Segundo Bauman (2001), assim estão mapeadas as origens dos medos na modernidade líquida.

Com a consciência da entropia, conforme já visto no Capítulo 2, o casal Jack e Babette é assolado pelo maior de todos os medos: o medo da morte. Já o filho pequenino, Wilder, de aproximadamente dois anos, não tem essa consciência e Jack sente-se bem ao lado dele. Na conversa entre Jack e Murray, observa-se:

- Por que eu me sinto tão bem quando estou com Wilder? – perguntei. – Não é a mesma coisa estar com as outras crianças.
- Porque você sente como é total o ego dele, totalmente ilimitado – respondeu Murray.
- Ilimitado como?
- Ele não sabe que vai morrer. Não faz ideia do que seja a morte. É essa simplicidade dele que você adora, esta isenção. Você quer ficar perto dele, pegar nele, olhar pra ele, respirá-lo. Como ele é feliz! Uma nuvem de inconsciência, um serzinho onipotente. A criança é tudo, o adulto nada. Pense nisso. A vida toda da pessoa se reduz à resolução desse conflito. Não admira que a gente se sinta tão confuso, atônito, arrasado. (DELILLO, 1987, p. 283)⁵¹.

É a consciência acerca da morte que torna o homem vulnerável. Mas, de acordo com os termos usados pela personagem Murray, pode-se abandonar a postura de “morredor” e assumir uma outra atitude, a de “matador”. Em sua teoria, a maioria das pessoas são morredoras, esperam passivamente que a morte chegue.

⁵¹ *“Why do I feel so good when I’m with Wilder? It’s not like being with the other kids,” I said.*

“You sense his total ego, his freedom from limits.”

“In what way is he free of limits?”

“He doesn’t know he is going to die. He doesn’t know death at all. You cherish this simpleton blessing of his, this exemption from harm. You want to get close to him, touch him, look at him, breathe him in. how lucky he is. A cloud of unknowing, an omnipotent little person. The child is everything, the adult nothing. Think about it. A person’s entire life is the unraveling of this conflict. No wonder we’re bewildered, staggered, shattered.” (DELILLO, 1985, p. 289-290).

São poucos os que têm a disposição ou a raiva ou qualquer outro sentimento para ser matador. Murray explica sua concepção para contornar a morte e aliviar Jack de seu perene medo:

- [...] Mas pense só o que é ser matador. Como é emocionante, em tese, matar uma pessoa num confronto direto. Se ela morre, você não pode morrer. Matá-la é ganhar crédito de vida. Quanto mais gente você mata, mais aumenta o seu crédito. Isso explica todos os massacres, guerras, execuções.
- Você está dizendo que, no decorrer de toda a História, os homens se matam uns aos outros para tentar se livrar da morte?
- É óbvio.
- E você acha isso emocionante?
- Estou falando em termos teóricos. Teoricamente, a violência é uma forma de renascimento. [...] É uma maneira de controlar a morte. Uma maneira de ficar por cima nesse conflito fundamental. Seja matador, pra variar. (DELILLO, 1987, p. 284 – 285)⁵².

E esses são os conselhos teóricos de Murray. Dias depois, Jack sente-se com força e coragem para atirar em Mink, o homem que vendeu o remédio para Babette. Gladney assume a postura de matador para ganhar créditos de vida e driblar seu medo de morrer.

3.2.3.5 Jack Gladney

Jack é uma fraude. Vive no mundo do parecer, das aparências. Precisa de aparatos como os óculos escuros, a própria toga universitária e até a alteração de nome, isto é, a inserção de iniciais na estrutura de seu nome de registro para causar o efeito de importância e obter respeito dos parceiros de profissão e alunos. Ele precisa construir uma couraça para proteger-se de suas próprias inseguranças.

Embora ele lecionasse uma disciplina sobre Hitler, não sabe a língua alemã; por isso decide fazer aulas secretas para aprender o básico do idioma, depois de já passado muito tempo do início da docência.

⁵² “[...] *But think what it’s like to be a killer. Think how exciting it is, in theory, to kill a person in direct confrontation. If he dies, you cannot. To kill him is to gain life-credit. The more people you kill, the more credit you store up. It explains any number of massacres, wars, executions.*”

“*Are you saying that men have tried throughout history to cure themselves of death by killing others?*”
“*It’s obvious.*”

“*And you call this exciting?*”

“*I’m talking theory. In theory, violence is a form of rebirth. [...] It’s a way of gaining the ultimate upper hand. Be a killer for a change.*” (DELILLO, 1985, p. 290-291).

O professor está em seu quinto casamento e possui quatro filhos. Apenas dois vivem com ele e a atual esposa, Babette, com quem não tem filhos. Logo se vê que as uniões não são duradouras. Na narrativa, a apresentação das esposas anteriores à atual e os frutos dessas uniões se prolonga, o leitor demora a saber da constituição familiar de Jack, as informações arrastam-se por muitos capítulos. DeLillo mostra a nova constituição familiar na era pós-moderna.

Jack tem consciência de seu estado entrópico e tem medo de morrer. Babette e ele vivem se perguntando sobre quem vai morrer primeiro. Esse questionamento é tão trivial como qualquer outra pergunta cotidiana.

O significado de seu nome é “homem comum”⁵³. Realmente é um cidadão extremamente ordinário em suas ações e comportamento. Nada que configure grandes feitos heroicos. Busca sua felicidade nos casamentos, filhos e vai levando sua profissão e vida na configuração do sistema capitalista. Consome, acumula e descarta coisas.

Quando há o acidente na linha férrea próxima de sua casa, ele é marcado de morte pela nuvem tóxica de Niodene. Com a exposição sofrida, adocece. Ele depara-se com sua finitude, tem consciência de que sua mortalidade está ainda mais na iminência de acontecer. Jack sabe que sua morte está sendo antecipada. Não é algo natural. Foi provocada pela ação do homem.

– [...] Só sei que estou vivendo apenas na aparência. Tecnicamente, já morri. Tem uma massa nebulosa crescendo no meu corpo. Eles monitoram essas coisas como se fossem satélites. Tudo isso por causa de um subproduto de inseticida. Tem algo de artificial na minha morte. Algo de superficial, de frustrante. Não sou da Terra nem do céu. Deviam esculpir uma lata de aerossol na minha lápide. (DELILLO, 1987, p. 276).⁵⁴

Como visto, ele também é traído por Babette que se submete a ter relações sexuais em um motel com Sr. Gray, vendedor de pílulas que prometem acabar com o medo da morte. Obviamente o sentimento de temor da esposa não desaparece com o uso do medicamento. Jack investiga a fundo os passos da companheira e

⁵³Dicionário de nomes próprios. Disponível em: <dicionariodenomespropios.com.br>. Acesso em: 10 out. 2019.

⁵⁴ “[...] *I only know I’m just going through the motions of living. I’m technically dead. My body is growing a nebulous mass. They track these things like satellites. All this as a result of a byproduct of insecticide. There’s something artificial about my death. It’s shallow, unfulfilling. I don’t belong to the Earth or sky. They ought to carve an aerosol can on my tombstone.*” (DELILLO, 1985, p. 282-283).

acaba por descobrir, por meio da investigação de uma professora da instituição, a identidade verdadeira do homem das pílulas. Seu nome é Willie Mink. Também fica sabendo do disfarce usado pela esposa para os encontros às escondidas. Segue o diálogo entre os dois docentes, Jack e Winnie Richards:

- Oi, Jack. [...] Lembra daquela vez que você me perguntou se eu sabia alguma coisa sobre um grupo secreto de pesquisas? Pesquisando o medo da morte? Tentando desenvolver uma droga?
- Claro. Dylar.
- Ontem na minha sala achei um periódico que alguém largou lá. O *American Psychobiologist*. Tinha um artigo curioso. Realmente o tal grupo existia. Financiado por uma grande multinacional. Trabalhando num sigilo total [...]
- Por que o sigilo?
- Óbvio. Para impedir espionagem por parte de uma firma concorrente. Mas o fato é que chegaram muito perto do que queriam realizar.
- O que aconteceu?
- Um monte de coisas. O gênio do projeto, um dos elementos principais da coisa toda, era um tal de Willie Mink. Ele é um sujeito muito polêmico. [...]
- Aposto que já sei qual é a primeira coisa que faz. Bota um anúncio num tabloide bem vagabundo pedindo voluntários pra uma experiência perigosa. O título é MEDO DA MORTE.
- Isso mesmo, Jack. [...] ele entrevista os candidatos num quarto de motel [...] Quando os cientistas e advogados descobrem isso, [...] dão um esculacho no Mink. [...] Apesar de agora estar sempre vigiado, um dos voluntários consegue furar o bloqueio de controle e passa a ser usado num programa mais ou menos sem supervisão de experimentação, tomando uma droga totalmente desconhecida [...] com efeitos colaterais capazes de derrubar uma baleia. Um ser humano em boas condições físicas, não supervisionado.
- Do sexo feminino.
- Justamente. Periodicamente ela se encontra com Mink no mesmo motel onde foram realizadas as entrevistas [...] E o que ela está usando, Jack?
- Não sei.
- Uma máscara de esquiador. É a mulher mascarada. [...] (DELILLO, 1987, p. 292 – 293).⁵⁵

⁵⁵“Hi, Jack. [...] Remember that time you asked me about a secret research group? Working on fear of death? Trying to perfect a medication?”

“Sure – Dylar.”

“There was a journal lying around the office yesterday. *American Psychobiologist*. Curious story in there. Such a group definitely existed. Supported by a multinational giant. Operating in the deepest secrecy.[...]”

“Why deepest secrecy?”

“It’s obvious. To prevent espionage by competitive giants. The point is they came very close to achieving their objective.”

“What happened?”

“A lot of things. The resident organizational genius, one of the forces behind the whole Project, was a fellow named Willie Mink. He turns to be a controversial fellow. [...]

Jack fica desconsertado ao ouvir todo o relato da professora sobre a ação de Babette e consegue mais detalhes a respeito do paradeiro de Mink. Ele foi afastado do projeto por questões éticas e continua morando no mesmo motel que fica em uma cidade próxima de *Blacksmith*, chamada *Iron City*, atrás da fundição. Curiosamente, os nomes das duas cidades remetem a “ferro”, “*iron*” e “*Smith*” (ferreiro).

Ele planeja detalhadamente sua ação de vingança, vai atrás do homem que tomou sua esposa, encontra-o no mesmo quarto de motel frequentado pela mulher. Leva a arma carregada, presente do sogro, Vernon, pai de Babette.

Tem a oportunidade de desferir dois tiros na parte de baixo do abdômen, próxima da virilha por saber que é extremamente dolorosa a região e resolve deixar a arma em uma das mãos da vítima para fazer parecer tentativa de suicídio por parte de Mink. Nesse ínterim de ajeitar a arma na mão de seu rival, é atingido também por um tiro que acerta seu pulso. Assim, Gladney deixa de ser “morredor” para se tornar “matador”, seguindo os conselhos de Murray.

Jack tira o homem do ambiente do crime e arrasta-o até o carro em que premeditadamente tomou emprestado de um vizinho. Na fuga, tarde da noite, procura por ajuda e depara-se com uma espécie de clínica. Há médicos, enfermeiras e freiras no local. Mink está mal, mas vai sobreviver com os cuidados recebidos; e Jack constata que talvez vá morrer antes dele, afinal foi contaminado pela nuvem tóxica.

“I’ll bet I know the first thing he does. He runs an ad in a gossip tabloid for volunteers for a hazardous experiment. FEAR OF DEATH, it says.”

“Very good, Jack. [...] he interviews the respondents in a motel room [...] When the scientists and the lawyers find out about this, [...] they reprimand Mink [...]. Despite the fact that Mink is now a carefully observed person, one of the volunteers manages to slip through the screen of watchfulness and begins a program of more or less unsupervised human experimentation, using a drug that is totally unknown, untested and unapproved, with side effects that could beach a whale. An unsupervised well-built woman.”

“Female,” I said.

“Very correct. She periodically reports to Mink in the very motel where he originally did his interviewing [...] what is she wearing, Jack?”

“I don’t know.”

“A ski mask. She is the woman in the ski mask.” [...] (DELILLO, 1985, p. 299-300).

3.2.3.6 Babette

A esposa de Jack é professora e vive assolada pelo medo de morrer. Lê um anúncio em um tabloide sobre o remédio Dylar, cuja proposta é “curar” a fobia da morte. Seguindo as instruções disponíveis no jornal, ela começa a se encontrar com o Sr. Gray para conseguir o inusitado remédio. Como visto anteriormente, o nome verdadeiro do vendedor de pílulas é Willie Mink. Os encontros dão-se em um quarto de motel. Babette usa uma máscara de esquiador para chegar ao local, não quer ser reconhecida. Às vezes, chega de táxi; outras, a pé. Em meio a tantas máscaras sociais, torna-se a mulher mascarada, mais um tipo de disfarce para esconder as agruras de sua consciência.

Por meio do casal, Jack e Babette, ambos professores, DeLillo tece uma crítica ao sistema educacional e ao preparo, comprometimento e disseminação do conhecimento que deveria emanar deles. Os filhos de Jack e Gladney são instruídos, perspicazes e ávidos por aprender e ensinar; já os pais são alienados, preocupados com assuntos não importantes, medrosos e pecam pelo caráter também: ela pela traição ao marido e, ele, pela tentativa de homicídio. Um grande contraste entre pais que deveriam dar mostras de conhecimento, bom comportamento e lisura de caráter e filhos que se mostram maduros, comprometidos, preocupados com a sustentabilidade ambiental e saúde dos membros da família.

Como visto, os elementos e personagens presentes nesse campo levam a uma situação de |NÃO-VIDA|, ou seja, a vida não acontece em plenitude. Não primam pela quididade e sim, pela aparência, são inibidores de um viver pautado em valores que realmente importam como ética, autenticidade e preservação do planeta. São simulacros de felicidade instaurados no subconsciente do sujeito.

3.2.3.7 Desconforto em tempos pós-modernos

As inúmeras transformações em vários setores da sociedade, a partir de meados do século XX, fizeram o homem deparar-se com uma grande necessidade de adaptar-se às grandes demandas desse período. Dentre elas, pode-se citar: o desenvolvimento econômico; o progresso da indústria; a absorção da mulher pelo

mercado de trabalho e sua conseqüente projeção, acompanhada de certa liberação feminista; os apelos ao consumo; a presença dos computadores; os avanços científicos; o crescimento das cidades e o conseqüente acúmulo de lixo; as catástrofes advindas da resposta natural do planeta ao descaso humano e também aquelas ocorridas devido à incompetência e descuido desse mesmo homem social causaram muito desconforto e mal-estar.

O homem defronta-se com a liquefação das instituições tidas como sólidas, a degradação de valores, o descompromisso com atividades importantes para o funcionamento das várias esferas sociais, a rapidez com que tudo ocorre e a falta de tempo para a realização das tarefas. Aliás, a velocidade com que o deus tempo bate à porta é assustadora.

As produções artísticas, como quadros e esculturas, também surgem em larga escala. Perdem-se as referências dos grandes ícones das artes, da história e das ciências em geral, como se tudo fosse achatado e as páginas viradas não tivessem importância. Não é estranho que as pessoas não se sintam bem com a pressa desenfreada; pois vivem em simulacros de felicidade com imagens registradas nas memórias das máquinas.

A fragmentação, mencionada por Hall (2015), desse sujeito que se torna mais individualista e volátil tem conseqüência para sua psique. Diante da fugacidade de tudo, esse indivíduo também vê os laços afetivos mais frouxos, com possibilidade de troca fácil, como produtos em prateleiras (BAUMAN, 2004). Esse desconforto gera ansiedade, medo e pânico; também o desejo de se perpetuar intensifica-se.

3.2.4 Campo |NÃO-MORTE| = |TRANSCENDÊNCIA|

Nesse momento da análise, estão elencados os seguintes itens: |CONHECIMENTO|, |TECNOLOGIA|, |CONSCIÊNCIA DE MUNDO|, |RELIGIÕES ORIENTAIS|, |LINGUAGEM| e a |TRÍADE: ESTADO, ACADEMIA E RELIGIÃO|.

A transcendência é entendida aqui no sentido estritamente filosófico, como algo que transcende a própria consciência. Sartre (2015) usa a transcendência para descrever a relação do eu com o mundo, bem como as relações do eu com os outros.

3.2.4.1 Conhecimento

A informação por si só não dribla a morte; é necessário que ela passe pela reflexão e se transforme em conhecimento. As informações encontradas nos mais diversos meios devem passar por um diálogo, uma crítica, para então, caso sejam aceitas, tornarem-se parte das pessoas e serem usadas como ferramenta da práxis diária.

O ser humano conhece, a partir dos seus sentidos, e a tecnologia amplia a capacidade dos sentidos. Como afirma McLuhan (2007), os meios de comunicação são aditamentos do próprio homem, de seus ouvidos (telefone), de seus olhos (TV, vídeos), funcionando como uma espécie de “prótese técnica”. Os meios estimulam a experiência sensorial, como um sentido que se associa a outro, explorado pela extensão das sensações.

Nessa lógica, todo e qualquer dispositivo ou central convergente (rádio, TV, telefone...) podem ser vistos como desdobramentos do ser humano. E ainda: a extensão da mente de cada ser configura uma relação simbiótica entre a tecnologia e o homem. A *Internet*, por exemplo, cria um espaço em que a evolução tecnológica permite a comunicação descentralizada, portanto, direta, sem barreiras e em qualquer circunstância. Uma espécie de mundo interconectado por mídias de massa que simulam uma cultura global. É o rompimento com a ideia de tempo e espaço.

White Noise apresenta a influência dos meios de massa (TV, rádio e tabloides) como propagadores dos apelos de consumo, pois a obra retrata a emergência da cultura e do culto ao consumismo. Assim, existe uma crítica feroz quanto à construção do verdadeiro conhecimento por meio desses instrumentos.

3.2.4.2 Tecnologia

DeLillo retrata os efeitos das tecnologias eletrônicas e computacionais na vida cotidiana da era pós-moderna. Indubitavelmente, ao lado do rádio, a TV é um dos grandes ícones presentes no texto, influenciando como as pessoas se comportam. Aliás, suas vidas são regradas pela companhia e programação televisivas: os Gladneys reúnem-se para assistir a determinados programas.

No depoimento de Murray:

– Ondas e radiações – disse ele. – Compreendi que a televisão é uma força primeva no lar norte-americano. Estanque, fora do tempo, autônoma, auto-referencial (*sic*). É como um mito nascendo aqui mesmo, nas nossas salas de visitas, como algo que só conhecemos de modo onírico e pré-consciente. Estou muito entusiasmado, Jack. [...] Você tem que aprender a olhar. Tem que se abrir para os dados. A tevê oferece uma quantidade incrível de dados psíquicos. [...] transborda de fórmulas sagradas; basta sabermos aceitá-las com inocência e vencer nossa irritação, cansaço e repulsa. (DELILLO, p. 54, 1987)⁵⁶.

A partir do trecho anterior, observa-se que a televisão é o mais influente dispositivo tecnológico presente nas casas americanas, interferindo no comportamento das pessoas. Sua presença é contínua, inclusive a narrativa é interrompida com mensagens-relâmpago que vêm do aparato, ligado constantemente. A realidade mostrada é mais real que a própria realidade. De acordo com Baudrillard (1988, p. 59), ao responder de forma inocente, passiva aos conteúdos televisivos, as pessoas apenas refletem as mensagens como um espelho, mas não pensam sobre elas.

Um outro dispositivo mostrado como emergente no cenário pós-moderno é o computador. No texto, ele não aparece ainda dentro das casas, mas como auxiliador no armazenamento e análise de dados no diagnóstico médico: “São os equipamentos de laboratórios mais precisos do mundo. Temos computadores avançados para analisar os dados. Este equipamento salva vidas.” (DELILLO, 1987, p. 270)⁵⁷.

Quando Jack adoce e precisa ir em busca de ajuda, Murray apresenta os dois lados da tecnologia:

– Você pode ter fé na tecnologia. Foi ela que levou você à sua situação, ela há de poder tirá-lo daí. É pra isso que serve a tecnologia. Por um lado, ela cria o apetite da imortalidade. Por outro,

⁵⁶ “Waves and radiation,” he said. “I’ve come to understand that the medium is a primal force in the American home. Sealed-off, timeless, self-contained, self-referring. It’s like a myth being born right there in our living room, like something we know in a dream-like and preconscious way. I’m very enthused, Jack. [...] you have to learn how to look. You have to open yourself to the data. TV offers incredible amounts of psychic data. [...] the medium practically overflows with sacred formulas if we can remember how to respond innocently and get past our irritation, weariness and disgust.” (DELILLO, 1985, p. 51).

⁵⁷ “These are the most accurate test devices anywhere. We have sophisticated computers to analyze the data. This equipment saves lives.” (DELILLO, 1985, p. 277).

ameaça destruir toda a Terra. A tecnologia é a lascívia afastada da natureza. [...] Foi inventada para esconder o terrível segredo de nossos corpos em decadência física. Mas também é vida, não é? Ela prolonga a vida, cria órgãos novos pra substituir os que se estragam. Novas invenções, novas técnicas todos os dias. *Lasers, masers, ultra-som (sic)*. Entregue-se a ela, Jack. Tenha fé nela. Vão colocar você em um tubo reluzente, infundir no seu corpo a substância básica do universo. Luz, energia, sonhos. A bondade divina. (DELILLO, 1987, p. 279).⁵⁸

É um arauto anunciando tudo o que a tecnologia pode proporcionar. É o novo deus se constituindo, uma nova autoridade. Segundo Harari (2018, p. 72), ouvir os algoritmos é inevitável. Assim como a autoridade suprema em tempos antigos foi celestial, depois humana, agora a tecnologia com sua precisão e dados numéricos irrefutáveis decide os destinos humanos. Resta o tímido livre-arbítrio de atender ou não aos dados mostrados.

O fundamento religioso da utopia é transposto para o plano da tecnologia e pode-se falar em ciberevangelismo e em uma salvação tecnológica. Não se trata de acreditar numa vida além da morte, mas antes numa vida além da vida.

O ambiente do ciberespaço, na sociedade pós-moderna atual, anuncia o desejo moderno de edificar não uma sociedade alternativa, mas o contrário, uma alternativa à sociedade, pois trata-se de um lugar no qual já não existe uma existência, mas o encontro de pessoas.

3.2.4.3 Consciência de mundo

A consciência de mundo está intimamente conectada à consciência de si e pode ser considerada a compreensão do próprio mundo, pois é por meio da primeira que se consegue apreender e transformar a realidade. A partir de sua consciência de mundo, o indivíduo pode desenvolver a consciência de mundo ingênua, vendo apenas o que está diante de seus olhos, sem profundidade ou reflexão. Essa postura não reconhece a importância de desenvolver em si os conhecimentos

⁵⁸ “You could put your faith in technology. It got you here, it can get you out. this is the whole point of technology. It creates na appetite for immortality on the one hand. It threatens universal extinction on the other. Technology is lust removed from nature. [...] It’s what we invented to conceal the terrible secret of our decaying bodies. But it’s also life, isn’t it? It prolongs life, it provides new organs for those wear out. New devices, new techniques every day. Lasers, masers, ultrasound. Give yourself up to it, Jack. Believe in it. They’ll insert you in a gleaming tube, irradiate your body with the basic stuff of the universe. Light, energy, dreams. God’s own goodness.” (DELILLO, 1985, p. 285).

necessários, resultando em ações que não contribuem para a felicidade e, conseqüentemente, nem para melhorar a qualidade de vida da sociedade.

O papel dos adultos deveria sempre ser o de preparar as gerações mais jovens para o comando da sociedade, mostrando com exemplos e explicações a responsabilidade e o compromisso que cada um tem como sujeito fazedor da história. Isso demanda uma consciência acerca da situação social, política e econômica da comunidade à qual o indivíduo pertence.

Em *White Noise*, Jack mostra-se alheio às situações que o cercam. Ele consome compulsivamente, descarta montanhas de coisas, como ele vai ser portador da ideia de consumo consciente? Não conhece bem nem a disciplina que leciona, é um sujeito cheio de medos, inseguro, como ser um exemplo de ética? Como professor, deveria ter a responsabilidade, o dever e a obrigação de alertar e mostrar aos alunos os fatos bons e ruins existentes na sociedade. Mas ele nem sequer tem consciência a respeito do que acontece em seu próprio lar, e o pior, nem mesmo se autoconhece.

Os jovens retratados no romance como Denise e Heinrich apresentam-se cômicos dos problemas ao seu redor. Denise toma conta da mãe, preocupa-se com remédios que toma, com seus esquecimentos, alerta Jack sobre algo estar errado com sua progenitora. Heinrich se preocupa em transferir o que aprende na escola para a vida, usa seus conhecimentos para orientar pessoas; quando o acidente tóxico ocorre, ele também faz reflexões acerca do tempo na vida.

Apesar dos adultos, os jovens mostrados no romance vão se conscientizando das disparidades existentes no mundo e vão promovendo mudanças benéficas ao seu redor. Isso deixa a ideia de que algo positivo possa vir a acontecer na sociedade, de que os sujeitos se tornem conscientes de seus papéis sociais.

3.2.4.4 Religiões orientais

A religião católica, representante das religiões ocidentais no texto de *White Noise*, é mostrada com certo descrédito na figura das freiras que mostram uma falsa religiosidade. Já as religiões orientais, praticadas no Tibete, são exaltadas, pois levam o homem a acreditar que existe um estado de transição entre a morte e o

renascimento. Pregam o desapego às coisas, ao material. Então, vão de encontro ao posicionamento da cultura do consumo. Para os tibetanos:

[...] a morte é basicamente um período de espera. Logo um novo útero recebe a alma. Enquanto isso, a alma recupera uma parte de sua divindade perdida ao nascer. [...] tentam ver a morte tal como ela é. É o fim do apego às coisas. Esta verdade simples é difícil de devassar. Mas, uma vez que paramos de negar a morte, podemos calmamente morrer e então experimentar o renascimento uterino ou a vida futura [...] Podemos fazer isso sem reverência nem medo. Não precisamos nos apegar artificialmente à vida, nem à morte tampouco. (DELILLO, 1987, p. 40 – 41)⁵⁹.

O medo da morte e, conseqüentemente, da vida é dissipado. A espiritualidade é o alimento da alma, é a maneira de transcender o ordinário. A religião oriental apregoa a transcendência em vida. O indivíduo é levado a enxergar o que acontece ao seu redor, a ter consciência acerca dos problemas e ser um coadjuvante no processo de melhoramento humano.

3.2.4.5 Linguagem

O entendimento não se faz mais só pela linguagem falada ou escrita, mas também através do rádio, jornal, televisão, cinema, música, publicidade. Todas as atividades procuram desenvolver e ampliar as habilidades comunicativas por meio de experiências reais de comunicação. Como visto, a linguagem tem sua importância no processo de construção da sociedade. O instinto de sociabilidade, mais imperioso na espécie humana que nos outros animais, não encontraria expressão adequada ou mesmo se anularia, se não existisse a linguagem.

Com efeito, a existência em comum supõe a fixação de umas tantas normas ou regras, que cada pessoa é obrigada a respeitar, para que o embate dos interesses antagônicos não prejudique a boa harmonia que deve existir no seio da coletividade humana. Como, porém, estabelecer essas normas, sem um contrato ou

⁵⁹ “[...] *Death is a waiting period, basically. Soon a fresh womb will receive the soul. In the meantime the soul restores to itself some of the divinity lost at birth.[...] Tibetans try to see death for what it is. It is the end of attachment to things. This simple truth is hard to fathom. But once we stop denying death, we can proceed calmly to die and then go on to experience uterine rebirth [...]* We can do so with a clear vision, without awe or terror. We don't have to cling to life artificially, or to death for that matter. (DELILLO, 1985, p. 37 – 38).

acordo prévio, por outras palavras, sem a linguagem? As grandes realizações da inteligência, que enchem de assombro os séculos, não seriam possíveis sem a linguagem, porque é ela que transmite a cada geração nova as conquistas das gerações anteriores.

Dependendo do contexto social em que a linguagem é produzida, o falante pode usar a linguagem formal (produzida em situações que exigem o uso da linguagem padrão, por exemplo, salas de aula ou reuniões de trabalho) ou informal (usada quando existe intimidade entre os falantes, recorrendo a expressões coloquiais).

As linguagens artificiais (criadas para servirem a um fim específico, por exemplo, a lógica matemática ou a informática) também são designadas por linguagens formais. A linguagem de programação de computadores é uma linguagem formal e consiste na criação de códigos e regras específicas que processam instruções para computadores.

3.2.4.6 Tríade: Estado, Academia e Religião

O Estado (sistema), a academia (ensino superior) e a religião (Católica) recebem críticas no texto de *White Noise*. Espera-se, pelo menos em tese, que atendam às necessidades do homem-cidadão, mas não cumprem o objetivo de dar suporte aos cidadãos.

Para que o cidadão possa trabalhar o autoconhecimento, os ideais humanitários e buscar a espiritualidade, ele precisa ter as bases que supram a contingência material, oferecida pelo Estado, pela formação intelectual e pela harmonia religiosa. A ciência como instrumento para se chegar a uma verdade absoluta ocupa-se em descobrir 'meios' para ajudar o homem a compreender melhor o seu habitat e a si mesmo; é por meio da ou das religiões que o homem encontra um pouco de paz e de esperança em sua vida cotidiana. São caminhos para a transcendência no sentido filosófico de superar os limites do conhecimento, pois o Estado representa a 'coletividade', a academia é o 'depositório do conhecimento' e a religião aponta para a 'espiritualidade'.

Sendo entrópico, o homem tem seu fim estabelecido, perece; já as instituições sobrevivem, vão além do indivíduo, ou seja, transcendem ao homem. Bauman afirma:

[...] Os seres humanos são mortais, mas não aquelas totalidades humanas de que eles fazem parte – a que ‘pertencem’. A Igreja, a Nação, o Partido, a Causa, [...] todos eles viverão muito mais do que qualquer de seus membros, talvez até para sempre, exclusivamente graças ao esforço de cada um e de todos os membros para assegurar-lhes a vida eterna à custa da própria vida. (1998, p. 192).

O homem é educado para lutar pelas instituições nas quais ele se insere, acredita nelas, mas quando se depara com sua ineficiência, sente-se traído e desamparado, vê que foi em vão sua luta. Isso aconteceu com Jack quando se deparou com a falta de fé da freira e diante da ineficiência do Estado de não proteger sua vida e a de sua família no acidente do vazamento da substância tóxica. E ele não passa incólume por essas experiências; tem a psique adoecida com o episódio da freira e o corpo adoecido pela exposição no acidente. Mas ele também não é inocente, falha como representante e membro de uma instituição de ensino, da academia, é uma fraude como professor.

Dessa maneira, DeLillo aponta para uma sociedade composta por membros fraudulentos, fracassados no desempenho de seus papéis. Uma sociedade necessitada de contribuidores comprometidos.

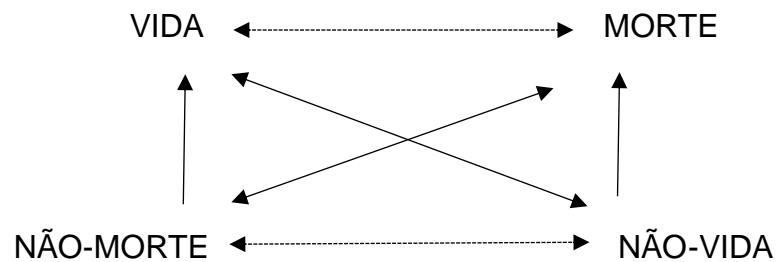
Assim, encerra-se o desenvolvimento dos itens propostos no quadrado lógico de Greimas; ferramenta facilitadora, nesta análise, para a decodificação da mensagem de DeLillo em *White Noise*. Pode-se desvendar os vários níveis de interpretação da obra por meio da extração dos signos e temas, como proposto nessa teoria semiótica. Constatou-se que os temas de VIDA e MORTE são norteadores na construção da trama do romance.

No próximo capítulo, o Quadrado de Greimas será utilizado para também auxiliar na construção da análise desses dois grandes temas na obra *Zero K*.

afirmar NÃO-S1, obtém-se S2; que, por sua vez, pode ser negado, obtendo-se NÃO-S2.

Em substituição aos grandes signos, VIDA e MORTE, presentes na temática do romance *Zero K*, em suas relações binárias de oposição e contradição, observa-se:

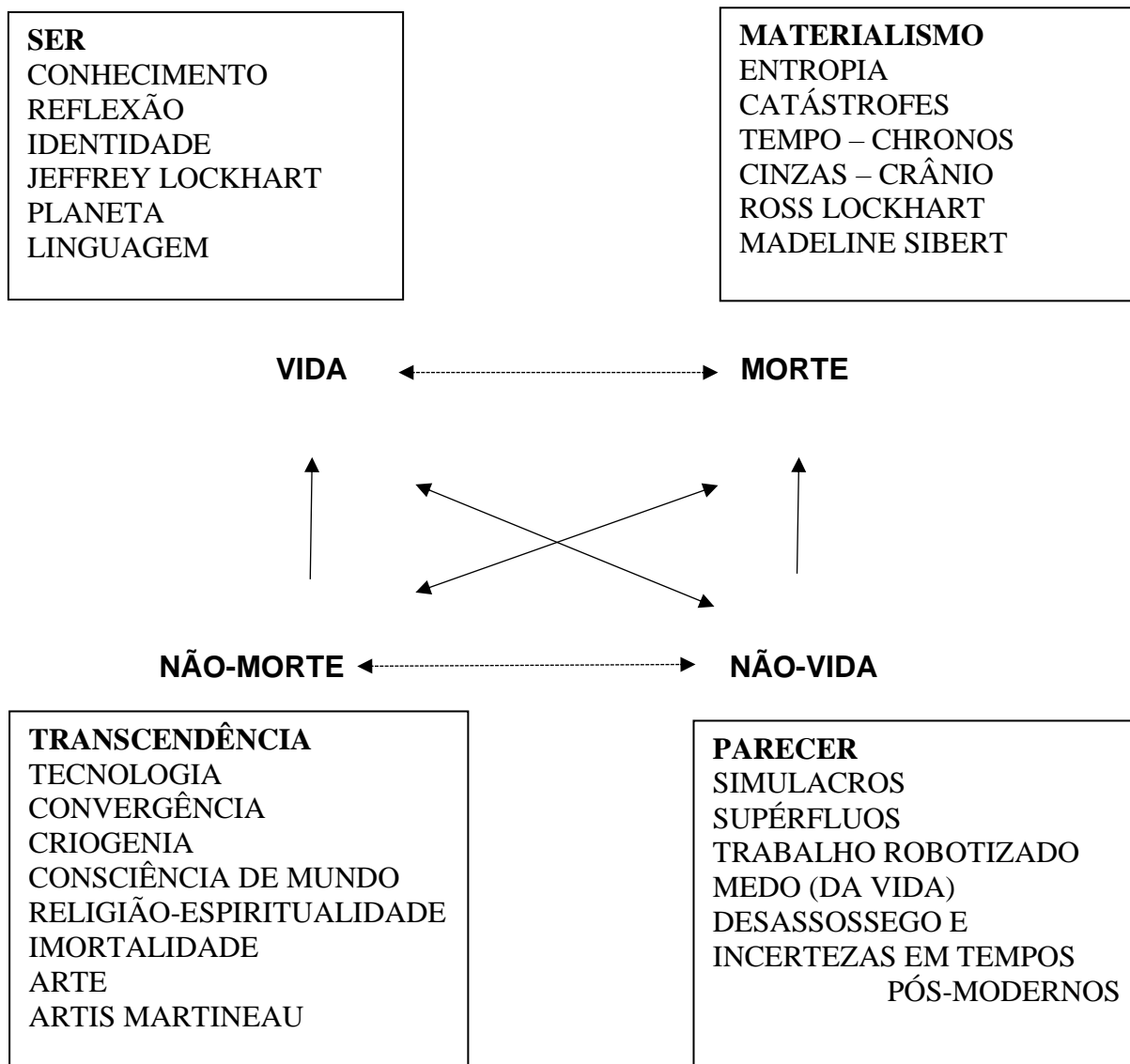
Figura 6 – O Quadrado de Greimas com as temáticas de Vida e Morte (*Zero K*).



Fonte: adaptação pela autora do Quadrado de Greimas.

A Figura 7 faz os desdobramentos das ideias contidas nos temas provenientes das relações estabelecidas entre os elementos formadores do quadrado (Figura 6). Os eixos dos contrários |VIDA| e |MORTE| bem como dos subcontrários |NÃO-MORTE| e |NÃO-VIDA| formam o esquema sustentador dos elementos presentes na narrativa do romance analisado. As setas unidirecionais mostram tanto a dêixis positiva |NÃO-MORTE| para |VIDA|, quanto a dêixis negativa |NÃO-VIDA| para |MORTE|.

Em seguida, na Figura 7, temos os elementos representantes das instâncias anteriores, presentes na narrativa de *Zero K*:

Figura 7: O Quadrado de Greimas aplicado à obra *Zero K*.

Fonte: adaptação da autora desta tese a partir do Quadrado de Greimas.

Na figura acima, pode-se ver que ao lado de cada um dos quatro grandes signos |VIDA|, |NÃO-VIDA|, |MORTE| e |NÃO-MORTE|, há quatro outros conjuntos de termos respectivamente encabeçados por |SER|, |PARECER|, |MATERIALISMO| e |TRANSCENDÊNCIA|. Em sequência, também estão arrolados vários elementos pertencentes à extensão de cada um desses campos. De antemão, verifica-se que os dois conjuntos à esquerda tendem à significação positiva e, em contrapartida, os dois da direita, à significação negativa.

A importância de cada um desses itens na narrativa de *Zero K* e o porquê de figurarem em seus respectivos conjuntos, como também as relações que se estabelecem entre seus elementos, serão discutidas a seguir.

4.1 Campo |VIDA| = |SER|

Esse lado do quadrado conota a ideia de positivo, pois todos os elementos ali relacionados contribuem para a vida em todas as suas formas, seja a vida individual ou a identificação do ser enquanto indivíduo social e comunidade.

O homem como ser racional distingue-se dos outros animais por participar da razão; por viver em sociedade, isto é, a coletividade que se encontra dentro de um processo civilizatório; isso remete à vida no planeta como casa do indivíduo ou como ser dentro do universo.

Abaixo, estão os elementos do campo |VIDA| = |SER| separadamente, em uma tentativa de justificar as suas presenças nesse lado do quadrado: |CONHECIMENTO|, |REFLEXÃO|, |IDENTIDADE|, a personagem |JEFFREY LOCKHART|, |PLANETA| e |LINGUAGEM|.

4.1.1 Conhecimento

Há um valor na obra *Zero K* sobre o conhecimento, o qual pode ser visto de três maneiras: a) do ponto de vista individual, o autoconhecimento; b) a respeito do conhecimento do mundo, ou seja, dos fatos; c) ou ainda do conhecimento tecnológico e as possibilidades que o homem tem para se desenvolver.

Sobre o conhecimento individual, vê-se que o personagem-narrador, Jeff, permeia o texto em busca de sua história, procura saber quem ele é por meio dos diálogos que tem com sua mãe, Madeline. Ele também busca pelo autoconhecimento por meio das leituras, como pode ser visto na seguinte passagem:

Eu gostava de ler livros que quase me matavam, livros que me faziam entender quem eu era, o filho que desafia o pai lendo livros

assim. Gostava de me sentar na minúscula sacada de concreto, lendo, de onde se podia ver uma fração do anel de vidro e aço em que meu pai trabalhava, em meio às pontes e torres do sul de Manhattan. (DELILLO, 2017, p. 29)⁶⁰.

O contato com os livros era uma forma de também suprir a falta da presença paterna. Era o adolescente que se transformava em homem por meio das lições que vinham do acesso a diferentes livros. Por vezes, Madeline reconhecia que as leituras eram um tanto avançadas para a idade de Jeff e aconselhava:

[...] Quando ela me perguntou a respeito do livro, fiz um gesto de impotência. O livro era um desafio, uma brochura comprada num sebo, abarrotada de emoções enormes e violentas em letras pequenas e apertadas, num papel úmido. Ela me disse para parar de ler e retomar o livro três anos depois. Mas eu queria ler agora, eu precisava dele agora, mesmo sabendo que nunca ia terminar a leitura. (DELILLO, 2017, p. 29)⁶¹.

Jeff construía o conhecimento a respeito dos fatos sociais, por meio de jornais e também da televisão ligada constantemente. Esses meios também permitiam a ele conhecer um pouco mais a respeito de Ross.

[...] uma noite liguei a televisão e lá estava meu pai, num canal obscuro, sinal de má qualidade, Ross em Genebra, imagem com fantasma, falando francês. Eu sabia que meu pai falava francês? Eu tinha certeza que aquele homem era meu pai? Ele fez uma referência, nas legendas, à ecologia do desemprego. Fiquei assistindo em pé. (DELILLO, 2017, p. 18)⁶².

Quando adulto, já na Convergência, muito distante de Nova York, os fatos do mundo chegavam a ele por meio de telas enormes que desciam em uma das paredes do complexo e exibiam cenas assustadoras sobre a vida em sociedade e

⁶⁰ *I liked reading books that nearly killed me, books that helped tell me who I was, the son who spites his father by reading such books. I liked sitting on our tiny concrete balcony, reading, with a fractional view of the ring of glass and steel where my father worked, amid lower Manhattan's bridges and towers. (DELILLO, 2016, p. 26).*

⁶¹ *[...] When she asked me about the book, I made a gesture of helplessness. The book was a challenge, a secondhand paperback crammed with huge and violent emotions in small crowded type on waterlogged pages. She told me to put it down and pick it up again in three years. But I wanted to read it now, I needed it now, even if I knew I'd never finish. (DELILLO, 2016, p. 26).*

⁶² *[...] One evening there was my father on TV, an obscure channel, poor reception, Ross in Geneva, sort of double-image, speaking French. Did I know that my father spoke French? Was I sure that this man was my father? He made a reference, in subtitles, to the ecology of unemployment. I watched standing up. (DELILLO, 2016, p. 14).*

seus eventos catastróficos como inundações, incêndios, guerras, fome nos mais diferentes locais do planeta. A seguir, há a descrição de uma dessas situações:

Ao final do último corredor havia uma tela fixada num nicho do teto. Ela começou a ser abaixada, estendendo-se de uma parede à outra, chegando até o chão. Aproximei-me lentamente. De início todas as imagens eram de água. Era água corrente atravessando bosques e transbordando margens de rios. [...] gente correndo para todos os lados, pessoas impotentes [...]. Eram templos inundados, casas arrastadas em barrancos. Eu via água subindo em ruas de cidades, carros e motoristas afundando. O tamanho da tela causava um efeito bem diverso de um noticiário. Tudo era enorme, as cenas se prolongavam muito além do que ocorre na tevê. (DELILLO, 2017, p. 15 -16)⁶³.

Já o conhecimento científico-tecnológico também é apresentado na obra por meio das explicações que Jeff tem na *Convergência* a respeito do que acontece ao ser humano a respeito de quando é submetido ao processo de congelamento, ou seja, o processo é explicado cientificamente. Em várias situações, há mostras de desenvolvimento de novas tecnologias desenvolvidas pelo homem, sinalizando a aquisição de novas descobertas aplicadas para a melhoria e prolongamento da vida. O trecho a seguir apresenta uma situação em que Jeff se encontra com um menino em uma cadeira de rodas motorizada em um dos corredores da clínica:

A única coisa que fiz foi segurar sua mão e imaginar quanto tempo lhe restaria. Vendo sua condição debilitada, o desalinhamento entre a parte de cima do corpo e a de baixo, aquela contorção horrenda, dei por mim pensando nas novas tecnologias que um dia seriam utilizadas em seu corpo e seu cérebro, permitindo-lhe voltar ao mundo e correr, saltar, falar em público. (DELILLO, 2017, p. 93)⁶⁴.

Pela citação anterior, é possível inferir a respeito de todas as pesquisas e aparatos tecnológicos existentes na *Convergência* a serviço da restauração humana.

⁶³ *At the end of the last hall there was a screen jutting from a niche in the ceiling. It began to lower, stretching wall to wall and reaching nearly to the floor. I approached slowly. At first the images were all water. There was water racing through woodlands and surging over riverbanks. [...] people everywhere running, others helpless [...]. There were temples flooded, homes pitching down hillsides. I watched as water kept rising in city streets, cars and drivers going under. The size of the screen lifted the effect out off the category of TV news. (DELILLO, 2016, p. 11).*

⁶⁴ *The only thing I did was take his hand and wonder how much time remained to him. In his physical impairment, the nonalignment of upper and lower body, in his awful twistedness, I found myself thinking of the new technologies that would one day be applied to his body and brain, allowing him to return to the world as a runner, a jumper, a public speaker. (DELILLO, 2016, p. 94).*

4.1.2 Reflexão

Paralelamente à construção do conhecimento em suas várias formas vem a reflexão. Apenas o ser humano é levado ao processo de refletir sobre os fatos que o cercam. O conhecimento por si, acumulado, não traz nenhum benefício para o homem, se ele não for pensado e entendido. Uma máquina pode acumular muito mais conhecimento que qualquer pessoa, porém não pode fazer a reflexão sobre si. O ser humano tem o livre arbítrio para fazer suas escolhas, desde que passe pela análise e conseqüente ponderação acerca dos acontecimentos e situações vivenciadas.

Na obra *Zero K*, encontram-se exemplos das personagens em suas situações de reflexão e tomadas de decisão. A escolha de Artis quanto ao seu destino pós-morte é consciente porque ela tem informação sobre o processo de criogenia e decide por isso. Ela acredita no contínuo desenvolvimento da ciência para encontrar a cura para doenças ainda impossíveis de serem vencidas, como aquela por ela enfrentada. A passagem a seguir ilustra sua decisão assertiva sobre seu destino:

‘[...] É o que eu penso. Vou me tornar um espécime clínico. Progressos vão ocorrer ao longo dos anos. Partes do corpo substituídas ou reconstituídas. [...] uma remontagem, átomo por átomo. Estou absolutamente convicta de que vou redespertar pra uma nova percepção de mundo’. (DELILLO, 2017, p. 49)⁶⁵.

Artis é uma estudiosa, arqueóloga de profissão, “conhece os rigores da ciência” (DELILLO, 2017, p. 49)⁶⁶, tem confiança cega nesse deus-tecnologia, toda a sua esperança é depositada nessa empreitada rumo ao congelamento de seu corpo que sofre com uma doença degenerativa. Acredita que a evolução da ciência e da tecnologia trará a descoberta da cura para sua enfermidade; essa etapa está resolvida. Restam a ela as reflexões para além do processo criogênico. Como será o despertar? Sua identidade permanecerá?

A personagem Jeff realiza sua leitura de mundo a partir de reflexões sobre os fatos que o cercam. Atribui nomes às pessoas que encontra na Convergência para

⁶⁵ [...] *This is what I think about. I will become a clinical specimen. Advances will be made through the years. Parts of the body replaced or rebuilt. [...] A reassembling, atom by atom. I have every belief that I will reawaken to a new perception of the world.* (DELILLO, 2016, p. 47).

⁶⁶ [...] *Artis knew the rigors of science.* (DELILLO, 2016, p. 47).

terem sentido. Pondera sobre o mundo e dá nomes às coisas também para que as imagens se tornem significativas. Ao refletir sobre as diferentes situações e nomeá-las, constrói seu conhecimento de mundo. Segue uma dessas passagens:

Olhei de novo para a mulher do laço na cabeça, ainda sem nome. Ela só se tornaria real quando eu lhe desse um nome. [...] Dei-lhe o nome de Arjuna, depois o de Arjhana. Eram nomes bonitos, mas não eram os nomes certos. Lá estava eu, num compartimento fechado, inventando nomes, observando sotaques, improvisando histórias pessoais e nacionalidades. (DELILLO, 2017, p. 72)⁶⁷.

O pai de Jeff escolhe trocar o próprio nome, Nicholas Satterswaite, para Ross Lockhart. Levando-se em conta que o nome é o primeiro traço identitário que se recebe, ele decide assumir uma nova identidade. Sua escolha foi feita a partir da reflexão sobre o impacto que esse ato iria gerar para sua projeção pessoal no mundo dos negócios.

No romance, também há uma discussão filosófica sobre a vida e a morte e as consequentes reflexão e tomada de decisão sobre isso. Assim, o homem tem o privilégio da razão para refletir sobre o mundo e sobre si mesmo.

‘O elemento definidor da vida é o fato de que ela tem fim.’
 ‘A natureza quer nos matar para voltar à sua condição original intacta.’
 ‘Qual o sentido da vida se ela se torna ilimitada?’
 ‘Qual a verdade final que vamos ter que enfrentar?’
 ‘Não é a consciência de que um dia vamos morrer que nos torna preciosos para as pessoas que convivem conosco?’
 ‘Muitas outras dúvidas.’
 ‘O que significa morrer?’
 ‘Onde estão os mortos?’
 ‘Quando é que você deixa de ser quem você é?’ (DELILLO, 2017, p. 70)⁶⁸.

⁶⁷ *I looked again at the woman in the headscarf, unnamed still. She would not be real until I gave her a name. [...] I called her Arjuna, then I called her Arjhana. These were pretty names but they weren't right. Here I was, in a sealed compartment, inventing names, noting accents, improvising histories and nationalities. (DELILLO, 2016, p. 72).*

⁶⁸ “The defining element of life is that it ends.”

“Nature wants to kill us off in order to return to its untouched and uncorrupted form.”

“What good are we if we live forever?”

“What ultimate truth will we confront?”

“Isn't the sting of our eventual dying what makes us precious to the people in our lives?” [...]

“Many other questions.”

“What does it mean to die?”

“Where are the dead?”

“When do you stop being who you are?” (DELILLO, 2016, p. 70).

Muitos questionamentos são levantados na narrativa, instigando o exame e a reflexão constantes e a consequente busca por respostas sobre o ato de viver.

4.1.3 Identidade

Na procura incessante por respostas, encontra-se a sutil construção do processo identitário das personagens em *Zero K*. O percurso da personagem Jeffrey é a própria busca da identidade. A relação dele com o pai e com a mãe é uma tentativa de saber quem ele é. Há vários trechos de texto que apontam para a necessidade de desvendar suas características pessoais.

Jeff busca entender a relação entre seus genitores para encontrar a sua identidade. Ainda na adolescência fica sabendo que o sobrenome usado por ele não é verdadeiro, o nome foi inventado e escolhido pelo pai, o nome de família original era Satterswaite, muito diferente de Lockhart:

Ross Lockhart é um nome falso. Minha mãe mencionou esse fato por acaso um dia, quando eu estava com dezenove, vinte anos. Ross disse a ela que tinha tomado essa decisão logo depois que saiu da faculdade. Havia anos que vinha pensando nisso, primeiro por capricho, depois com determinação, fazendo uma lista de nomes que ele examinava com olho crítico, com certo distanciamento, e cada nome que riscava o aproximava mais um pouco da autorrealização. (DELILLO, 2017, p. 80)⁶⁹.

A importância da identidade também fica evidente quando é levantada a questão sobre quem a pessoa vai ser após a submissão ao processo da criogenia, ou seja, o dilema interior do indivíduo que opta conscientemente pela preservação do corpo para um despertar futuro. O trecho abaixo foi dito por um dos oradores da Convergência:

‘Solidão, sim. Imagine-se sozinho e congelado na cripta, na cápsula. Novas tecnologias permitirão que o cérebro funcione no nível da identidade? É isso que vocês precisam encarar. A mente consciente. Solidão *in extremis*. Pense na palavra inglesa: *alone*. Do inglês

⁶⁹ *Ross Lockhart is a fake name. My mother mentioned this casually one day when I was nineteen or twenty. Ross told her that he'd taken this action right after he got out of college. He'd been thinking about it for years, first in a spirit of fantasy, then with determination, building a list of names that he inspected critically, with a certain detachment, each deletion bringing him closer to self-realization. (DELILLO, 2016, p. 81).*

médio, *all one*. Todo, um. Você se despe da pessoa. A pessoa é a máscara, o personagem criado no *pot-pourri* de dramas que constitui a sua vida. Cai a máscara, e a pessoa se transforma em você no sentido mais verdadeiro. Todo um. O eu. O que é o eu? Tudo que você é sem os outros, nem amigos nem estranhos nem namorados nem filhos nem ruas para percorrer nem comida para comer nem espelhos em que se ver. Mas será que você é alguém sem os outros?’ (DELILLO, 2017, p. 67)⁷⁰.

Até que ponto a construção da pessoa que se apresenta na sociedade é verdadeira ou não? Quem conhece a verdade? A história de cada um constrói a identidade social. Mas até que ponto ela é real? Existem apenas as referências oferecidas pelos outros, ou seja, a identidade construída, as opiniões das pessoas ao redor, familiares, amigos, pessoas com quem se relaciona no dia a dia. Quem seria o indivíduo sem os outros? Se se retirar todas as informações dadas pela sociedade, o que sobraria?

Socialmente a pessoa é o registro geral que recebe ao nascer, um número no cadastro de pessoa física, um outro número na carteira de habilitação e assim por diante.

E, na narrativa, a personagem de Jeff não dá número às pessoas que encontra, mas as nomeia para torná-las reais no seu imaginário. Ele atribui a elas nomes que as identifiquem, para que saiam do anonimato e sejam distinguidas, respeitadas em sua individualidade: “Olhei de novo para a mulher do laço na cabeça, ainda sem nome. Ela só se tornaria real quando eu lhe desse um nome”. (DELILLO, 2017, p. 72).⁷¹

A sociedade líquida destrói a identidade das pessoas, igualando-as, elas passam a ser vistas como massas. As características individuais desaparecem em uma sociedade voltada para o capitalismo, na sociedade pós-moderna.

Ao nomear as pessoas, parece que Jeff vai na linha oposta, dando-lhes identidade e características individuais, pois atenta a detalhes específicos, próprios a

⁷⁰ “*Solitude, yes. Think of being alone and frozen in the crypt, the capsule. Will new technologies allow the brain to function at the level of identity? This is what you may have to confront. The conscious mind. Solitude in extremis. Alone. Think of the word itself. Middle English. All one. You cast off the person. The person is the mask, the created character in the medley of dramas that constitute your life. The mask drops away and the person becomes you in its truest meaning. All one. The self. What is the self?*

Everything you are, without others, without friends or strangers or lovers or children or streets to walk or food to eat or mirrors in which to see yourself. But are you anyone without others?” (DELILLO, 2016, p. 67).

⁷¹ *I looked again at the woman in the headscarf, unnamed still. She would not be real until I gave her a name.* (DELILLO, 2016, p. 72).

cada um, “[...] observando sotaques, improvisando histórias pessoais e nacionalidades. Eram reações superficiais a um meio que exigia o abandono de tais distinções”. (DELILLO, 2017, p. 72)⁷².

Mais do que tratar de identidades individuais, *Zero K* trata da identidade humana como um todo, coletiva, ou seja, de todos os indivíduos vivendo em sociedade e as inter-relações que estabelecem nesse constructo.

Na obra, a tecnologia e os recursos financeiros são postos a serviço da preservação do corpo para uma nova possibilidade de vida. Embora haja questionamentos a respeito da preservação da identidade, a grande preocupação está com a parte física. Ora, o que fica do homem são suas produções, seus feitos e suas ideias. O primeiro, o corpo, é transitório; os segundos, perenes.

Souza apresenta uma reflexão sobre o comportamento do homem:

A banalidade do mundo moderno tem levado à valorização desmedida e incontrolada da aparência e/ou do ter em detrimento do ser. No afã de fazer riquezas, de apropriar-se delas e de cada vez mais acumulá-las, o ser humano moderno baseia o sentido de sua existência [...], certamente de forma inconsciente, nas engenhosas atividades industriais e tecnológicas, que têm aparência de salvadoras [...]. (2008, s.p.).

Assim, o que é constitutivo do ser humano está em um conjunto de atributos que propiciam a ancoragem do sujeito e garantem sua permanência através do tempo. Esses atributos são a inteligência, o caráter e a integridade aliados às ideias construídas pelo ser humano e por suas reflexões.

Ao lado da identidade, há um outro elemento fundamental para o ser humano: a autonomia. O primeiro diz quem o homem é, e o segundo pode libertá-lo de várias formas de escravidão.

Então só fazem sentido o conhecimento e a tecnologia se valorizarem o que é mais importante no ser humano: o que ele é, sua identidade e, por extensão, sua autonomia. Considerando a possibilidade de o homem retornar à vida como propõe o projeto criogênico da Convergência, como poderia o homem viver só com o corpo, sem seus traços identificadores? Haveria preservação de sua identidade em outra época vindoura, quando todos os referentes sociais seriam outros?

⁷² [...] noting accents, improvising histories and nationalities. These were shallow responses to an environment that required abandonment of such distinctions. (DELILLO, 2016, p.72).

O livro traz essa discussão de uma forma irônica pelo olhar do narrador, pois Jeff tem acesso a tudo o que o projeto propõe, mas não há uma aprovação da parte dele, como pode ser visto nos trechos a seguir: “Eu ouvia com atenção ao que ele dizia, [...] mas não acreditava em nada daquilo.” (DELILLO, 2017, p. 66)⁷³; “Como eu poderia não pensar nisso, apesar de meu profundo ceticismo?” (DELILLO, 2017, p. 93)⁷⁴.

Sabe-se que os grandes pensadores são imortais por suas ideias, não se sabe sobre as características físicas de muitos deles e sim sobre o conhecimento que legaram, ou seja, os conhecimentos e reflexões permaneceram. O texto mostra a importância de preservar o corpo, quando são as ideias e feitos que importam.

Um exemplo dessa leitura também está representada no signo "museu". Ross leva Jeff quando criança e depois adolescente para visitar vários museus. E o que esse *locus* representa? Que tipo de símbolo está por trás disso? Lá está registrado um processo cultural: as invenções, a arte, as civilizações.

A relação dos temas "identidade" e “tempo” também está bem presente no texto, pois identidade e civilização são constituídos com o tempo: o tempo individual e o histórico. O primeiro refere-se ao que cada um constrói e contribui com o constructo social e o histórico é a participação do homem na sociedade. Ao falar sobre a Convergência, Ross fala de sua própria identidade e trajetória, bem como de sua participação na história social.

A personagem de Jeff, apesar de vir de uma família dilacerada, modelo de família pós-moderna, tem a percepção dos atributos que constituem o indivíduo. Seus genitores, embora separados, cada um ao seu modo, despertaram no filho esses valores que são, em grande parte, construídos no seio familiar, um dos alicerces do sujeito.

⁷³ *I listened carefully to what he was saying. [...] but I didn't believe a word of it. (DELILLO, 2016, p. 66).*

⁷⁴ *How could I fail to consider the idea, even in my deep skepticism? (DELILLO, 2016, p. 94).*

4.1.4 Jeffrey Lockhart

Jeffrey Lockhart, o já referenciado narrador de *Zero K*, chamado simplesmente de Jeff, é um homem de 34 anos. A única pessoa que se refere a ele com “uma sílaba a mais”, dizendo “Jeffrey”, é a madrasta e arqueóloga, Artis Martineau.

Aos 13 anos, enquanto fazia seus deveres escolares, recebeu a notícia de que seu pai estava saindo de casa, abandonando a família. Esse fato marcou de forma significativa sua vida e nenhum dos dois jamais mencionou a razão da separação.

Quando ele saiu de casa, resolvi assumir a ideia de que tinha sido abandonado, ou semiabandonado. Eu e minha mãe nos entendíamos, um confiava no outro. [...] Dávamos caminhadas juntos. Quem faz isso, mãe e filho adolescente, nos Estados Unidos da América? Ela não me passava sermões, ou só fazia isso raramente, quando eu me desviava da normalidade observável. Comíamos comida insossa e jogávamos uma bola de tênis de um lado para o outro numa quadra pública. (DELILLO, 2017, p. 19).⁷⁵

Passando a viver só com a mãe, com quem tem um relacionamento bastante harmonioso, como visto acima, continua a conviver com o pai de forma mais esporádica. Vê o pai estampado em chamadas de matéria impressa em jornal, pela televisão concedendo entrevistas, também em visitas em seu escritório e passeios em museus.

Gosta de pensar na significação das palavras e fazer muitas leituras. Confessa ter medo da casa das pessoas quando era convencido por algum colega para fazerem o dever escolar juntos. Atribui nomes às pessoas, construindo para si a identidade dos desconhecidos para que a identidade do outro lhe seja familiar.

Descobre aos 19, 20 anos que seu sobrenome não deveria ser Lockhart e sim, Satterswaite, pois o pai decidiu mudar o nome e o sobrenome em razão de sua autorrealização, quando ainda cursava a faculdade e se preparava para entrar no

⁷⁵ *When he left I decided to embrace the idea of being abandoned, or semi-abandoned. My mother and I understood and trusted each other. [...] We went for walks together. Who does this, mother and teenage son, in the United States of America? She did not lecture me, or rarely did, on my swerves out of observable normality. We ate bland food and batted a tennis ball back and forth on a public court. (DELILLO, 2016, p. 15).*

mundo dos negócios. Mas a mãe decidiu por não usar o sobrenome do marido. Ela era simplesmente Madeline Sibert.

Diferentemente do pai, Jeff não é “um homem moldado pelo dinheiro”. (DELILLO, 2017, p. 18)⁷⁶. Não há nenhuma indicação de que ele seja alguém movido pelo capitalismo, pelo acúmulo de bens e coisas, parece ser alguém que se preocupa com o consumo consciente, apenas com o necessário, não vive em um mundo de supérfluos, nem tampouco de aparências. É tecnológico, vive conectado ao mundo por meio de dispositivos eletrônicos. Mas para ele, os objetos sagrados, valorosos, “[...] estavam em todos os lugares, é claro – nos museus e bibliotecas e templos religiosos e na terra escavada, em ruínas de pedra e lama, e Artis as havia escavado e segurado com suas próprias mãos”. (DELILLO, 2017, p. 49)⁷⁷.

Jeff se relaciona bem com Artis e tem muitos questionamentos a respeito do processo de criogenia ao qual ela vai se submeter. Suas dúvidas são relativas ao que vai acontecer após o procedimento:

[...] ‘Como vai ser quando você voltar? O mesmo corpo, sim, ou um corpo intensificado, mas e a mente? A consciência permanece inalterada? Você continua a ser a mesma pessoa? Você morre como uma pessoa que tem um certo nome com toda a história e memória e mistério reunidos naquela pessoa e naquele nome. Mas você desperta depois com tudo isso intacto? É apenas uma prolongada noite de sono?’ (DELILLO, 2017, p. 49 – 50)⁷⁸.

Em relação ao pai, ele tem ressentimentos, especialmente no que se refere ao abandono da família. Também fica perplexo diante da decisão de Ross em acompanhar Artis, isto é, em se submeter aos procedimentos feitos na unidade especial, *Zero K*, optando por encurtar a própria vida, desistindo antes do término determinado pelo tempo biológico.

[...] um homem com um nome falso, marido pela metade, pai ausente. Eu ordenei a mim mesmo que parasse com aquela explosão, aquela espiral de ressentimento interior. Um homem com

⁷⁶ *He was a man shaped by the Money.* (DELILLO, 2016, p. 13).

⁷⁷ *They were everywhere, of course — in museums and libraries and places of worship and in the excavated earth, in stone and mud ruins, and she'd dug them out and held them in her hands.* (DELILLO, 2016, p. 47).

⁷⁸ [...] *What will it be like to come back? The same body, yes, or an enhanced body, but what about the mind? Is consciousness unaltered? Are you the same person? You die as someone with a certain name and with all the history and memory and mystery gathered in that person and that name. But do you wake up with all of that intact? Is it simply a long night's sleep?* (DELILLO, 2016, p. 48).

os recursos que ele tinha optando por se transformar num espécime congelado, numa cápsula armazenada em um depósito vinte anos antes da hora natural. (DELILLO, 2017, p. 110)⁷⁹.

'Acho que você sofreu uma lavagem cerebral. Você é uma vítima deste ambiente. Você entrou para uma seita. Você não vê isso? Fanatismo puro e simples. Uma pergunta. Cadê o líder carismático?' (DELILLO, 2017, p. 112)⁸⁰.

E Jeff continua sua fala incrédula, referindo-se ao contexto de negócios no qual o pai vive: [...] "Você vai poder tomar decisões executivas congelado? Examinar as relações entre crescimento econômico e retorno sobre o capital? Solidificar a clientela? A China continua a crescer mais que a Índia?" (DELILLO, 2017, p. 114).⁸¹

A partir de Jeff, tem-se a impressão de que esse personagem de DeLillo, diferente dos demais com destino traçado de forma negativa, pessimista, tem um prognóstico diferente. Ele tem discernimento para o não acúmulo de coisas ou capital, não aceita algumas propostas de trabalho que podem escravizá-lo, trilha em oposição oposta ao capitalismo selvagem e vai em direção do consumo consciente, de integridade, sustentabilidade e busca pelo conhecimento. Sabe que a tecnologia é importante e útil, mas que ela não resolve tudo, desconfia desse novo deus.

Se se considerar o Mito da Caverna⁸², observa-se que Jeff enxerga a luz representativa do saber e da reflexão, pois ao fugir da Convergência, ele "sai da caverna", opta pela vida, por escolhas mais conscientes que vão permitir a construção e valorização do que é importante ao homem: a vida em equilíbrio, com respeito e preservação dos recursos naturais e sem o desmedido consumo nem o sufocamento do acúmulo e ascensão preconizados pelo capitalismo. Ele aponta para a transcendência em vida.

⁷⁹ [...] *man with a fake name, half husband, missing father. I told myself to stop the rant, the spinning inner grievance. A man of his resources choosing to be a frozen specimen in a capsule in a storage facility twenty years before his natural time.* (DELILLO, 2016, p.111).

⁸⁰ "I think you've been brainwashed. You're a victim of these surroundings. You're a member of a cult. Don't you see it? Simple old-fashioned fanaticism. One question. Where is the charismatic leader?" (DELILLO, 2016, p.113).

⁸¹ [...] "Will you be able to make executive decisions from cold storage? Scrutinize the links between economic growth and equity returns? Firm up the client franchise? Is China still outperforming India?" (DELILLO, 2016, p.116).

⁸² O mito da caverna ou alegoria da caverna. Desenvolvido por Platão, no livro: A república. Homens acorrentados e presos em "uma caverna separada do mundo externo por um alto muro. Entre o muro e o chão da caverna há uma fresta por onde passa um fino feixe de luz exterior, deixando a caverna na obscuridade quase completa. Desde o nascimento, geração após geração, seres humanos encontram-se ali [...] vendo apenas sombras. Um dos prisioneiros, inconformado com a condição em que se encontra, decide abandoná-la. [...] Enfrentando os obstáculos de um caminho íngreme e difícil, sai da caverna" que representa o mundo de aparências em que vivemos e vem para o mundo iluminado pela luz do sol da verdade que é a realidade. (CHAUÍ, 2005, p. 11-12).

Na abertura do romance, a personagem de Jeff está em um carro em movimento. No final da narrativa também, dessa vez em um ônibus, transporte coletivo. O movimento leva à mudança, o coletivo leva à igualdade de patrimônio, de recursos. Esse contínuo deslocamento remete a duas máximas: a) o homem está em constante modificação, como afirmou Guimarães Rosa (2001), “o mais importante e bonito do mundo é isso: que as pessoas não estão sempre iguais, vão sempre mudando”; e b) na natureza cíclica dos mais diferentes itens que constituem o planeta, na vida do homem, no seu destino entrópico, no próprio movimento da Terra em torno de si mesma e do Sol.

Ainda na “cena” final do romance, apesar de informar ao leitor que “não sabia o nome desse evento” (DELILLO, 2017, p. 266)⁸³, e os nomes são importantes para a personagem, Jeff tem a sensibilidade de se maravilhar ao ver e descrever o espetáculo do fenômeno denominado *Manhattanhenge*:

[...] as ruas estavam inundadas pela última luz da tarde, e o ônibus parecia ser o portador desse momento radiante. [...] o sol em chamas, equilibrado com uma precisão insólita entre fileiras de arranha-céus. Era uma visão impressionante, no nosso aglomerado urbano, uma coisa poderosa, aquela enorme massa vermelha, e me dei conta de que havia um fenômeno natural, aqui em Manhattan, uma ou duas vezes por ano, em que os raios do sol se alinham com a grade das ruas. [...] experimentando o mais puro assombro diante do contato íntimo entre Terra e Sol. (DELILLO, 2017, p. 265 - 266)⁸⁴.

Conforme visto na citação anterior, natureza, representada pelo sol, e sociedade edificada na forma de arranha-céus se encontram, chamando para um equilíbrio necessário. O fenômeno descrito nos remete ao mítico Stonehenge, um alinhamento megalítico da Idade do Bronze, localizado na planície de Salisbury, próximo a Amesbury, no condado de Wiltshire, no Sul da Inglaterra. Este monumento pode ser considerado uma das primeiras obras da arquitetura que a História registra. No centro do círculo, está um bloco semelhante a um altar, o conjunto está orientado para o ponto do horizonte onde nasce o Sol no dia do

⁸³ *I didn't know what this event was called [...]* (DELILLO, 2016, p. 273).

⁸⁴ *[...] the streets were charged with the day's dying light and the bus seemed the carrier of this radiant moment. [...] the flaring sun, which was balanced with uncanny precision between rows of high-rise buildings. It was a striking thing to see, in our urban huddle, the power of it, the great round ruddy mass, and I knew that there was a natural phenomenon, here in Manhattan, once or twice a year, in which the sun's rays align with the local street grid. [...] was finding the purest astonishment in the intimate touch of earth and sun.* (DELILLO, 2016, p. 273 – 274).

solstício de verão, indício de que se destinava às práticas rituais de um culto solar. As pedras eram colocadas umas sobre as outras sem a união de nenhuma argamassa.⁸⁵ Era uma inovação para a época e perdura por séculos. Daí a expressão *Mahattanhenge*, que seria um monumento da economia mundial, o santuário sagrado do mundo financeiro.

As palavras do trecho referenciado anteriormente convidam a uma reflexão a respeito do cuidar do planeta como uma edificação sagrada, visando sua sustentabilidade. Em paralelo, deveria estar um mundo de negócios construído com reputação de integridade, posicionamento de mercado ético, comprometimento com a comunidade, ou seja, uma “autorrealização” fundamentada em valores perenes, com políticas e tecnologias proporcionadoras de progresso verdadeiro.

Etimologicamente, o nome “Jeffrey” significa “pacificador da cidade”⁸⁶. Ele é um mediador do progresso sustentável. Seus pensamentos não são linearmente estabelecidos como nos outros personagens, mas têm uma outra ordem, pode-se dizer que são caóticos, no sentido da Teoria do Caos, que leva a ver que todas as ações têm consequências.

Jeff é a personagem de DeLillo que passa pelo processo de estranhamento e desconfia das suas percepções sobre a realidade; vive a epifania, ou seja, a revelação sobre si mesmo:

Acabei seguindo a carreira que tinha a ver comigo. Consultor de preços *cross-stream*. Analista de implementação – ambientes aglomerados e não aglomerados. Esses cargos eram engolidos pelas palavras que os descreviam. O cargo era o nome do cargo. O cargo me encarava através dos monitores que ficavam na mesa onde eu absorvia minha situação, plenamente cômico do fato de que ali era o meu lugar. (DELILLO, 2017, p. 56)⁸⁷.

O processo de descoberta sobre si mesmo se dá por meio das recordações e reflexões que tem a respeito de sua vida. Jeff é a personagem que, diante da busca por identidade, característica da sociedade líquida, valoriza as coisas simples do

⁸⁵ Stonehenge. Disponível em: <infoescola.com.br>. Acesso em: 08 fev. 2020.

⁸⁶ Dicionário de nomes. Disponível em: <dicionariodenomes.com.br>. Acesso em: 08 fev. 2020.

⁸⁷ *In the end I followed the course that suited me. Cross-stream pricing consultant. Implementation analyst – clustered and nonclustered environments. These Jobs were swallowed up by the words that described them. The job title was the job. The job looked back at me from the monitors on the desk where I absorbed my situation in full command of the fact that this was where I belonged. (DELILLO, p. 54, 2016).*

cotidiano, como se pode ver no trecho a seguir, em que descreve seu momento de intimidade com a namorada, Emma:

Conhecer o momento, sentir a mão deslizando, reunir todos os fragmentos esquecíveis, toalhas limpas no banheiro, um bom sabonete novinho, lençóis limpos na cama, a cama dela, nossos lençóis azuis. Isso bastava para me levar de um dia para o outro, e eu tentava encarar esses dias e noites como a contraordem sussurrada, por nós, em oposição à crença generalizada de que o futuro, o de todo mundo, será pior do que o passado. (DELILLO, 2017, p. 195 -196)⁸⁸.

Ele aprende com o passado, revisitado por meio de suas memórias, valoriza o presente e deixa o futuro vir sem grandes expectativas. No trecho anterior, pode-se ver a higienização do amor reduzida à tristeza dos lençóis azuis. E Jeff prossegue sozinho, sem a mãe, sem o pai e sem a madrasta, os dois últimos “reduzidos a naturezas-mortas, cronicamente imobilizados” (DELILLO, 2017, p. 262)⁸⁹, segue desligado de seus familiares. Também não constrói uma família com Emma, pois ela retorna ao casamento que havia sido desfeito. Ele é representante do sujeito pós-moderno que tem de juntar os fragmentos de sua identidade e reconstruí-la, cômico da responsabilidade de também preservar a casa da humanidade.

4.1.5 Planeta

Zero K aponta para os inúmeros problemas atuais que assolam a humanidade e o planeta Terra como a fome, as guerras, o fanatismo religioso, as mudanças climáticas, o terrorismo e a tecnologia mal-empregada, produtos da ação humana, como pode ser visto a seguir:

‘As esperanças e os sonhos do futuro muitas vezes não dão conta da complexidade, da realidade da vida tal como ela existe neste planeta. Nós temos consciência disso. Os que têm fome, os sem-teto, os sitiados, as facções e religiões e seitas e nações em guerra. As

⁸⁸ *Know the moment, feel the gliding hand, gather all the forgettable fragments, fresh towels on the racks, nice new bar of soap, clean sheets on the bed, her bed, our blue sheets. This was all I needed to take me day to day and I tried to think of these days and nights as the hushed countermand, ours, to the widespread belief that the future, everybody’s, will be worse than the past. (DELILLO, 2016, p. 200).*

⁸⁹ [...] *the still-life future of father and stepmother in cryonic suspension. (DELILLO, 2016, p. 271).*

economias destruídas. O clima descontrolado. Podemos ser imunes ao terrorismo? Podemos nos defender das ameaças de ciberataques? Conseguiremos ser realmente autossuficientes aqui?' (DELILLO, 2017, p. 65)⁹⁰.

A obra é principalmente uma ode à preservação do planeta. Na era pós-moderna, depara-se com inúmeras situações de descaso do homem em relação à destruição de reservas naturais, os casos de poluição ambiental, de inundações, deslizamentos de terra, de incêndios, de extermínio de animais, entre outros. No romance, são mostradas cenas de algumas dessas situações para chamar a atenção para a necessidade de cuidar da casa de todos.

Na Convergência, quando Jeff anda pelos corredores, ele tem acesso a telas que mostram episódios de destruição do planeta: enchentes, queimadas, tornados. São cenas que mostram o planeta em resposta pela ação do homem.

As cenas que trazem água, na forma de inundações e tornado, representam a força desse elemento natural e como ele é essencial para a vida no planeta. Da mesma forma, acontece com o elemento fogo, representado na sua força de destruição, porém também é imprescindível para a vida e para o desenvolvimento das civilizações.

Com a apresentação das imagens, existe um apelo à preservação. Subentende-se que o autor aponta para a falta do bom-senso no uso dos recursos do planeta e a necessidade de equilíbrio, parcimônia e comprometimento nas ações que promovam a sustentabilidade do meio ambiente para as futuras gerações.

A população já está sofrendo as consequências da ação negativa que o homem causa ao planeta. O impacto sentido no ecossistema e na vida humana tem sido tema de encontros ocorridos na Organização das Nações Unidas (ONU), também em congressos, conferências e debates nos mais diferentes países. Aliás, o homem é o único animal que destrói seu próprio habitat e é tido como racional!

Segundo Harari (2018, p. 150 - 151),

Além da guerra nuclear, nas próximas décadas o gênero humano vai enfrentar uma nova ameaça existencial que os radares políticos mal

⁹⁰ "Hopes and dreams of the future often fail to account for the complexity, the reality of life as it exists on this planet. We understand that. The hungry, the homeless, the besieged, the warring factions and religions and sects and nations. The crushed economies. The wild surges of weather. Can we be impervious to terrorism? Can we ward off threats of cyber-attack? Will we be able to remain truly self-sufficient here?" (DELILLO, 2016, p. 65).

registravam em 1964: o colapso ecológico. Os humanos estão desestabilizando a biosfera global em múltiplas frentes. Estamos extraindo cada vez mais recursos do meio ambiente, e despejando nele quantidades enormes de lixo e veneno, mudando a composição do solo, da água e da atmosfera.

A constatação explicitada acima, nas palavras de Harari, é catastrófica sobre o destino do planeta. As mudanças climáticas são um dos maiores desafios desse século. Essas alterações são provocadas pela ação nociva do homem no uso dos recursos naturais e na poluição ambiental desmedida.

A preservação do meio ambiente implica na possibilidade de existência da vida. Por hora, os problemas são enormes e urgentes, existe a necessidade da parceria e cooperação mundiais para a amenização e solução dos problemas que causam danos irreversíveis. A principal estratégia é o uso de todos os recursos científico-tecnológicos a serviço dessa causa. Há necessidade do uso de uma linguagem comum e universal na regência de ações em prol da defesa da Terra.

4.1.6 Linguagem

A linguagem é um elemento muito presente no texto de *Zero K*, com referências em quase todos os capítulos: a insistência de Jeff em dar nome a tudo; as pessoas falarem línguas diferentes na Convergência, mas com a proposta de uma língua universal. Pode-se observar na fala de Ross:

‘Alguns ficam aqui permanentemente, outros vêm e vão embora. São diversos níveis, numerados. Todas as cabeças mais vitais. Inglês global, sim, mas outros idiomas também. Temos filólogos desenvolvendo uma língua avançada exclusiva para a Convergência. Radicais e desinências, entoações, até mesmo gestos. As pessoas vão aprender e falar essa língua. [...]’ (DELILLO, 2017, p. 36)⁹¹.

Na narrativa, é possível ver desenvoltura nos discursos de Ross e Artis e a habilidade de persuasão dos gêmeos Stenmark e de outros palestrantes da clínica.

⁹¹ “Some are here permanently, others come and go. There are the numbered levels. All the vital minds. Global English, yes, but other languages as well. Translators when necessary, human and electronic. There are philologists designing an advanced language unique to the Convergence. Word roots, inflections, even gestures. People will learn it and speak it. [...]” (DELILLO, 2016, p. 33).

A linguagem aparece também como valor fundamental para o ser humano, na continuidade do trecho citado anteriormente: '[...] Um idioma que vai nos permitir exprimir coisas que agora não conseguimos exprimir, ver coisas que não vemos agora, ver a nós mesmos e os outros de um modo que inspire unidade, amplie todas as possibilidades.' (DELILLO, 2017, p. 36)⁹².

Por meio da linguagem e do idioma, ocorrem a comunicação entre os indivíduos, a produção do conhecimento do mundo e do próprio homem.

Nas palavras de Hjelmslev, infere-se que a comunicação é uma necessidade inerente ao homem, ela se estabelece por meio de diferentes formas e cumpre um papel de extrema importância no âmbito social:

A linguagem [...] é uma inesgotável riqueza de múltiplos valores. [...] é inseparável do homem e segue-o em todos os seus atos. [...] é o instrumento graças ao qual o homem modela seu pensamento, seus sentimentos, suas emoções, seus esforços, sua vontade e seus atos, o instrumento graças ao qual ele influencia e é influenciado, a base última e mais profunda da sociedade humana. [...] Antes mesmo do primeiro despertar de nossa consciência, as palavras já ressoavam à nossa volta, prontas para envolver os primeiros germes frágeis de nosso pensamento e a nos acompanhar inseparavelmente através da vida, desde as mais humildes ocupações da vida cotidiana até os momentos mais sublimes e mais íntimos dos quais a vida de todos os dias retira, graças às lembranças encarnadas pela linguagem, força e calor. A linguagem não é um simples acompanhante, mas sim um fio profundamente tecido na trama do pensamento: para o indivíduo, ela é tesouro da memória e a consciência vigilante transmitida de pai para filho. Para o bem e para o mal, a fala é a marca da personalidade, da terra natal e da nação, o título de nobreza da humanidade. (1975, p. 1 - 2).

A proposta da Convergência é conquistar um idioma global com o auxílio da tecnologia. Atualmente há facilidades como aplicativos e ferramentas de tradução até em tempo real, os quais possibilitam ao mundo a comunicação das mais diversas formas. Essas ferramentas ainda são passíveis de aprimoramento e podem causar ruídos.

As mais variadas formas de expressão são enaltecidas na obra. Na passagem em que Jeff testemunha o fenômeno natural *Manhattanhenge*, juntamente com uma criança que tem problemas físicos, pode-se perceber que até

⁹² [...] *A language that will enable us to express things we can't express now, see things we can't see now, see ourselves and others in ways that unite us, broaden every possibility.*" (DELILLO, 2016, p. 33).

os grunhidos humanos, às vezes, podem expressar mais do que palavras perfeitamente articuladas:

[...] Olhei e depois ouvi, surpreso, um gemido humano, e girei a cabeça para ver o menino em pé [...] Eu não sabia o nome desse evento, mas era o que estava vendo naquele momento, eu e o menino, cujos gritos ansiosos eram adequados à ocasião [...] O menino balançava-se um pouco no ritmo dos gritos, que eram incessantes e também entusiásticos, eram grunhidos pré-linguísticos. [...] aqueles urros de admiração eram bem mais apropriados do que palavras. [...] Eu não precisava da luz do céu. Bastavam-me os gritos de assombro do menino. (DELILLO, 2017, p. 265 – 266)⁹³.

Austin e Rajagopalan permitem compreender a linguagem como uma forma de ação humana ritualística e situada, porém sempre contingente. Desse modo, o agir na linguagem aproxima-se de uma ação política, ou seja, a capacidade que os seres humanos têm de se constituírem e, ao mesmo tempo, construírem o mundo na e pela linguagem. A performatividade permite então compreender que "viver num mundo real" e "falar dele com os outros" são no fundo uma e a mesma coisa: a língua está para os humanos fazerem coisas com ela." (SILVA; VERAS, 2016).

Em *Zero k*, são diálogos, discursos, silêncios, telas, imagens, símbolos e espaçamento entre parágrafos que falam ao leitor, deixando claras as sutilezas do processo comunicativo em todas as instâncias da vida das personagens.

Como visto, no campo |VIDA| foram arrolados todos os elementos relacionados a esse signo. Suas presenças são importantes no desenrolar da narrativa, pois todo o texto está construído em uma tensão entre 'vida' e 'morte'. A seguir, vem o campo |MORTE|, visto que o termo vida pressupõe a presença de seu contrário.

⁹³ *I looked and then listened, startled by a human wail, and I swerved from my position to see the boy on his feet [...] I didn't know what this event was called but I was seeing it now and so was the boy, whose urgent cries were suited to the occasion [...] The boy bounced slightly in accord with the cries and they were unceasing and also exhilarating, they were prelinguistic grunts. [...] these howls of awe were far more suitable than words. [...] I didn't need heaven's light. I had the boy's cries of wonder. (DELILLO, 2016, p. 273 – 274).*

4.2 Campo |MORTE| = |MATERIALISMO|

No campo |MORTE| da obra *Zero K*, estão destacados os seguintes temas: |ENTROPIA|, |CATÁSTROFES|, |TEMPO-CHRONOS|, |CINZAS-CRÂNIO|, as personagens |ROSS LOCKHART| e |MADELINE SIBERT|. Eles estão elencados do lado direito do quadrado e conotam a ideia de negativo, pois fazem oposição à vida, levando ao processo entrópico do homem.

4.2.1 Entropia

O tema da entropia, já explicitado no capítulo anterior, é ainda mais presente em *Zero K* do que em *White Noise*. Na primeira obra analisada, veem-se catástrofes anunciadas nas diferentes mídias, como o acidente com o vazamento da substância química e a doença de Jack devido ao contato com a nuvem tóxica, exemplos de situações que interrompem a vida. Em *Zero k*, todo um empreendimento foi construído com o intuito de driblar a morte, uma série de medidas e procedimentos anti-entrópicos são desenvolvidos e aperfeiçoados constantemente.

No interior da Convergência, há pessoas doentes, com término de tempo de vida já estimado, como Artis e o menino na cadeia de rodas. Na própria Unidade *Zero K*, muitos casulos estão ocupados com corpos congelados, evidentemente não estão vivos, aguardam por um despertar incerto, esperando pelo avanço da ciência e da tecnologia em ressuscitá-los.

É o sonho da imortalidade vendido a quem pode pagar. São poucos os empreendedores como Ross que dispõem de recursos para financiar o projeto, levar sua amada para ser congelada e, num momento posterior, submeter-se de livre vontade ao processo criogênico. Segundo Bauman (1998, p. 192 e 198), “é a implacável realidade da morte que torna a imortalidade atraente”, mas “o seu custo exorbitante – obsta a sua aplicação universal. O acesso à vida mais longa já está tecnologicamente estratificado.”

Desse modo, todos os homens, cômicos de sua finitude, fogem e lutam, a seu modo e de acordo com suas posses, contra a possibilidade da finitude da vida.

Também nos corredores da Convergência, telas descem do teto e projetam cenas do mundo externo, apresentando inúmeras catástrofes naturais como

inundações e tornados, guerras que denotam como o mundo está dividido também por religiões e que muitos levam o fanatismo religioso ao extremo, matando pessoas e também entregando suas próprias vidas a uma interrupção precoce:

Havia três homens sentados em pequenos tapetes, de pernas cruzadas, atrás deles apenas céu. [...] Cada homem tinha a seu lado um frasco ou lata achatada. Dois deles tinham ao alcance da mão velas em castiçais simples. Após um intervalo, os três começaram [...] a pegar os frascos e derramar o líquido no peito, braços e pernas. [...] O terceiro homem [...] levou o frasco à boca e bebeu. [...] Querosene ou gasolina ou óleo de lampião. [...] Os dois primeiros aproximaram as velas acesas da camisa e da calça, o terceiro tirou do bolso da camisa uma carteira de fósforos e por fim, depois de várias tentativas frustradas, conseguiu acender um. [...] Os homens a arder, de bocas abertas, balançavam-se na tela elevada. (DELILLO, 2017, p. 61 – 62)⁹⁴.

Assim são mostrados, no decorrer da narrativa, muitos momentos e situações, refletindo uma finalização de vida provocada, muitas vezes, pelo próprio homem.

4.2.2 Catástrofes

As catástrofes, já anunciadas em vários trechos do presente trabalho, permeiam a narrativa de *Zero K*. São mostradas em telas gigantes, cinematográficas, no interior das dependências que compõem o complexo da Convergência. Algumas são naturais, como furacões e tornados; outras representam a resposta da natureza pela ação do homem, como enchentes; e ainda um terceiro tipo, fruto da irracionalidade humana, como guerras e fanatismo religioso.

As cenas catastróficas são descritas com riqueza de detalhes; desta forma, pelos olhos da personagem Jeff, o leitor também pode visualizá-las:

⁹⁴ *There were three men seated cross-legged on mats with nothing but sky behind them. [...] Each man held a container at his side, a squat bottle or can. Two of them had candles in simple holders within reach. After a moment they began [...] to take up the bottles and pour the liquid on chest, arms and legs. [...] The third man [...] put the bottle to his mouth and drank. [...] Kerosene or gasoline or lamp oil. [...] The first two men held the lighted candles to their shirtfronts and trouser legs and the third man took a book of matches from his breast pocket and finally, after several failed attempts, managed to strike a flame. [...] The burning men, mouths open, swayed above me. (DELILLO, 2016, p. 61 - 62).*

Eu estava diante do corredor comprido. No início, apenas céu, depois sinais de ameaça, copas de árvores se curvando, uma luminosidade anormal. Segundos depois, uma coluna rodopiante de vento, terra, entulho. Começou a ocupar a tela um funil torto, escuro e curvo, silencioso, depois outro, à esquerda, bem ao longe, emergindo no horizonte. Era uma planície, a visão desobstruída, o tornado dominava a tela agora, um silêncio opressivo que, imaginava eu, ia explodir num rosnado feroz. [...] Nosso clima a envolver-nos. Eu já vira muitos tornados em noticiários da televisão e fiquei aguardando imagens de destruição, as consequências da tempestade, uma fileira de casas arrasadas, telhados arrancados, revestimentos desabando. [...] Foi o que vi [...] uma terra devastada, uma paisagem demolida, a imagem persistindo, o silêncio também. (DELILLO, 2017, p. 38 – 39)⁹⁵.

Como pode ser visto no final da passagem anterior, a maioria das imagens mostradas nas grandes telas não têm som, são silenciosas, como a tela pequena da tevê na casa da mãe de Jeff, muitas vezes deixada apenas com imagens, sem áudio. Então, em *Zero K*, não há o ruído branco, midiático, proveniente da telinha como se dava em *White Noise*. Seria o homem recusando-se a ouvir os apelos provenientes das catástrofes? Seria a linguagem alarmante não suficiente para as dores humanas?

Em *White Noise*, o autor afirma que “precisamos de uma catástrofe de vez em quando” (DELILLO, 1987, p. 68)⁹⁶, ou seja, elas tinham a função de alertar as pessoas para cuidarem do meio ambiente. No início da década de 80 do século XX, quando a obra foi escrita, apareciam os primeiros alertas de enchentes em uma região e seca em outras. Os acidentes químicos como o de Bophal (1984), na Índia, e o desastre nuclear de Chernobil (1986), na Rússia, sacudiram o planeta, matando milhares de pessoas. E pensar que poderiam ter sido evitados, pois houve descuido humano em ambas as situações.

Em *Zero K*, um dos oradores da Convergência fala: “a catástrofe é a nossa canção de ninar” (2017, p. 66)⁹⁷, ou seja, ela põe para dormir, não tira o sono.

⁹⁵ *I stood before the screen in the long hallway. Nothing but sky at first, then an intimation of threat, treetops leaning, unnatural light. Soon, in seconds, a rotating column of wind, dirt and debris. It began to fill the frame, a staggered funnel, dark and bent, soundless, and then another, down left, in the far distance, rising from the horizon line. This was flat land, view unobstructed, the screen all tornado now, an awed silence that I thought would break into open roar. [...] Here was our climate enfolding us. I'd seen many tornadoes on TV news reports and waited for the footage of the rubbled storm path, the aftermath, houses in a shattered line, roofs blown off, siding in collapse. [...] It appeared [...] Total wasteland now, a sheared landscape, the image persisting, the silence as well. (DELILLO, 2016, p. 35 – 37).*

⁹⁶ “we need an occasional catastrophe” [...] (DELILLO, 2016, p. 66).

⁹⁷ “Catastrophe is our bedtime story.” (DELILLO, 2016, p. 66).

Atualmente, nos primeiros anos do século XXI, acontecimentos catastróficos são tão frequentes que as pessoas se acostumam com eles, logo se esquecem. A título de exemplo, pode-se citar duas recentes catástrofes ambientais brasileiras: o rompimento das barragens de rejeitos nas cidades de Mariana, em 05 de novembro de 2015, e em Brumadinho, em 19 de janeiro de 2019, ambas no Estado de Minas Gerais. Apesar da grande repercussão internacional, com exceção das vítimas, a maioria das outras pessoas, os espectadores, não saíram de suas rotinas. Como pode haver reincidência de algo tão devastador? Existem responsáveis? Houve mudança?

Então, mais do que um alerta, o apelo que ecoa nas obras, especialmente em *Zero K*, é para que a sociedade fique indignada e faça algo, pois está perdendo a capacidade de estranhar, de se indignar e lutar para acabar com as grandes mazelas que assolam a humanidade.

4.2.3 Tempo – Chronos

O tempo é balizador da vida humana, mas o homem não tem controle sobre ele. Encontra-se no lado direito do quadrado, no campo da morte, porque sinaliza o findar de todos os processos, sobretudo a morte do indivíduo. O ser humano criou meios para medi-lo, mas não para interrompê-lo. Ele é o sinalizador da efemeridade da vida no planeta.

Na mitologia grega, Chronos é o deus do tempo. Sua caracterização é assustadora; sua força, implacável e não pode ser detida. Um terrível ‘monstro’ que engoliu cinco de seus seis filhos por acreditar em uma profecia, segundo a qual, seria tirado do trono por eles. Casado com sua irmã, Reia, tiveram os seguintes filhos: Hades, Poseidon, Hera, Deméter, Héstia e Zeus. Apenas Zeus não foi engolido pelo pai, pois sua mãe enganou Chronos, entregando-lhe um pedaço de pano para ser engolido no lugar do filho⁹⁸.

É exatamente o que o tempo faz com os homens, seres mortais, ele os engole sem cerimônia. Pena que não o consigam enganar. A todo momento, o homem se lembra de que não pode freá-lo, apenas marcá-lo por meio da contagem

⁹⁸ CHRONOS. Disponível em: <www.ibcoaching.com.br>. Acesso em: 16 mar. 2020.

de unidades como segundos, minutos, horas, dias, semanas... e assim por diante. A vida é regida por esse elemento, e sua ação é implacável. Por mais que a ciência tenha evoluído e descoberto inúmeras formas de driblar sua ação, sabe-se que ele está à espreita, informando que a trajetória humana é findável. Ainda que a tecnologia tenha encurtado distâncias e permita economizar tempo, ele não para, nem retrocede, nem tampouco espera por ninguém.

O tempo é um signo bastante presente na narrativa de *Zero K*. Na arqueologia, a área de estudos e atuação da personagem Artis, ele é ingrediente importante para se poder precisar, por meio de escavações e coletas de materiais, os costumes e modos de vida dos mais diferentes agrupamentos humanos, nas mais remotas eras. Na vida dessa personagem, também é fundamental, afinal ela sofre de uma doença que a degenera dia após dia; também o é no seu estado pós-morte, congelada, aguardando o tempo em que haja possibilidade de voltar à vida. Ela confia cegamente na tecnologia e acredita que o tempo não a impedirá de voltar.

Em contrapartida, a personagem Jeff é bem jovem e, teoricamente, tem tempo ainda para viver plenamente. E conforme o tempo passa, ele sofre muitas perdas: a mãe, a madrasta, o pai e o afastamento da namorada, Emma. As experiências permitem que amadureça, passando de “garoto esquisito” a “homem crescido”. (DELILLO, 1987, p. 256)⁹⁹.

Os museus, elemento recorrente na narrativa de *Zero K*, também mostram a vida e sua efemeridade. Os registros dos feitos possibilitam compreender os caminhos percorridos pelo homem na construção da cultura e nas diferentes sociedades.

No capítulo 3, da primeira parte do romance, no fluxo de recordações de Jeff, encontra-se a meditação sobre a vida e sua efemeridade. A reiteração dos itens da frase em itálico “*Tempo, destino, acaso, imortalidade*” conota a ideia de tempo que escapa do controle do homem e como existe a luta por perpetuação diante de sua fugacidade. Segue o excerto:

E Artis agora naquele lugar quase inacreditável, aquela aparição no deserto, prestes a ser preservada, um corpo glacial numa câmara mortuária enorme. E, depois, um futuro além da imaginação. Pensemos nas palavras em si. *Tempo, destino, acaso, imortalidade*. E eu com meu passado simplório, minha história tatibitate, os

⁹⁹ [...] *weird kid and grown man* [...] (DELILLO, 2016, p. 264).

momentos que não consigo não evocar porque são meus, impossível não ver e sentir, escorrendo de todas as paredes ao meu redor. (DELILLO, 2017, p. 18 – 19)¹⁰⁰.

Há uma passagem semelhante em *White Noise*, quando a personagem Heinrich se depara com o passar inexorável do tempo, pois a todo instante o ‘agora’ se tornava ‘passado’.

Assim, pode-se ver o deus do tempo em sua ação e força, lembrando a todo momento o quão curta é a existência humana. Os feitos precisam mesmo de registro em museus e produções científicas para se perpetuarem e servirem de “ombro” para as gerações vindouras.

Se Bauman (2004) usa o termo “tempos líquidos” em suas obras, pode-se aqui usar essa metáfora para resignificar o tempo, que permanece nos museus como eterno, mas vai como água no cotidiano consumista que não satisfaz. Que é temido, como o deus Kronos, mas que a tecnologia o manipula com simulações e encurtamento dos espaços. Segundo o teórico, vive-se os tempos líquidos. Pode-se usar essa comparação para pensar o tempo cronológico, como fluido, incontrollável e indomável.

4.2.4 Cinzas – Crânio

Por metonímia, pensar em tempo traz os dois outros elementos da narrativa: cinzas e crânio. Esses dois elementos, aqui, combinam numa leitura irmã. Ambos estão ligados à linha de tempo de uma existência: o crânio como parte da ossada humana após a morte e as cinzas como decomposição dessa ossada.

As cinzas, assim como o tempo, também representam a efemeridade humana. A Quarta-feira de Cinzas, celebrada pela Igreja Católica, é a data-símbolo da conversão e da mudança de vida. É o primeiro dos quarenta dias (Quaresma) entre a terça-feira de Carnaval e a Sexta-feira Santa, anterior ao domingo de Páscoa. As cinzas utilizadas nesse ritual provêm da queima de ramos abençoados

¹⁰⁰ *And Artis now in this barely believable place, this desert apparition, soon to be preserved, a glacial body in a massive burial chamber. And after that a future beyond imagining. Consider the words alone. Time, fate, chance, immortality. And here is my simpleminded past, my dimpled history, the moments I can't help summoning because they're mine, impossible not to see and feel, crawling out of every wall around me. (DELILLO, 2017, p. 18 – 19).*

no Domingo de Ramos do ano anterior. Às cinzas, mistura-se água benta. De acordo com a tradição, o celebrante dessa cerimônia utiliza essas cinzas umedecidas para sinalizar uma cruz na fronte de cada fiel, proferindo a frase “Lembra-te que és pó e que ao pó voltarás ou a frase “Convertei-vos e crede no evangelho”¹⁰¹.

Esse elemento-símbolo, as cinzas, está presente também em *Zero K*, evocando o tempo em sua passagem ininterrupta e sinalizando a fragilidade do homem diante dele. Elas simbolizam o pó a que se retornará. Jeff narra que:

Numa Quarta-feira de Cinzas, uma vez, fui à igreja e entrei na fila. Fiquei olhando à minha volta, vendo imagens, placas e pilares, os vitrais, e depois fui até a grade do altar me ajoelhei. O padre se aproximou de mim e deixou sua marca, encostando um polegar coberto de cinza benta na minha testa. És pó. [...] Mas o padre, com suas vestes, encostando o polegar cheio de cinza na minha testa. *E ao pó retornarás*. (DELILLO, 2017, p. 19)¹⁰².

Com as cinzas na testa, o adolescente andava pelas ruas, procurava ver a si próprio no reflexo das vitrines, queria ser visto pelas pessoas:

[...] Eu não sabia o que era aquilo. Seria um gesto bizarro de reverência? Estaria eu pregando uma peça na Santa Madre Igreja? Ou será que estava tentando me transformar numa atração significativa? Eu queria que a mancha de cinza permanecesse por dias e semanas. Quando cheguei em casa, minha mãe se afastou de mim como se para me ver de um ângulo melhor. Foi um olhar rápido. Fiz questão de evitar meu sorriso sarcástico [...] Ela fez algum comentário sobre a chatice das quartas-feiras em todo mundo. Um pouco de cinza, a um custo mínimo, e uma ou outra quarta-feira, disse ela, se torna memorável. (DELILLO, 2017, p. 19 – 20)¹⁰³.

¹⁰¹ Significados. Disponível em: <www.significados.com.br>. Acesso em: 26 fev. 2020.

¹⁰² *Ash Wednesday, once, I went to church and stood in line. I looked around at the statues, plaques and pillars, the stained glass windows, and then I went to the altar rail and knelt. The priest approached and made his mark, a splotch of holy ash thumb-printed to my forehead. Dust thou art. [...] But the robed priest and the small grinding action of his thumb implanting the ash. And to dust thou shalt return.* (DELILLO, 2016, p. 15).

¹⁰³ [...] *I didn't know what this was. Was this some freakified gesture of reverence? Was I playing a trick on Holy Mother Church? Or was I simply attempting to thrust myself into meaningful sight? I wanted the stain to last for days and weeks. When I got home my mother leaned back away from me as if to gain perspective. It was the briefest of appraisals. I made it a point not to grin [...]. She said something about the boring state of Wednesdays throughout the world. A little ash, at minimum expense, and a Wednesday, here and there, she said, becomes something to remember.* (DELILLO, 2016, p. 15 – 16).

Assim, Jeff e a mãe prosseguiam em sua caminhada. Madeline não pretendia frear o tempo nem se importava com simbologia religiosa. Para ela, o ritual das cinzas não tinha importância. A Santa Madre Igreja não fazia parte de seu cotidiano.

Jeff não tinha religião, não era católico, seus pais não eram católicos também. Ele dizia não saber o que eram: “Éramos comer-e-dormir. Éramos leve-o-terno-do-papai-na-tinturaria.” (DELILLO, 2017, p. 19)¹⁰⁴. Eles eram as coisas triviais do dia a dia, sem religiosidade. Se se reportar à personagem Jack, em *White Noise*, é possível lembrar de sua decepção com as freiras que não tinham fé, não acreditavam no sagrado. Três décadas depois, as personagens de *Zero K* sequer se importam com hábitos e crenças religiosas.

O crânio é um outro elemento-símbolo que lembra ao eventual sujeito que a morte está sempre à espreita, que o homem é findável.

Nas muitas salas da Convergência, existe uma destinada a reuniões e palestras, espécie de pequeno auditório. Nesse ambiente, Ross e outros financiadores do projeto da imortalidade, por meio da criogenia, têm a oportunidade de ouvir informações e explicações sobre as práticas e teorias norteadoras das atividades realizadas na grande clínica. Um grande crânio ornamenta esse espaço:

Havia um crânio humano enorme instalado num pedestal que saia da parede. O crânio tinha rachaduras, manchas de idade, um tom cobreado sinistro, um cinzento esvaziado. As órbitas eram contornadas por joias, e os dentes irregulares estavam pintados de prateado. (DELILLO, 2017, p. 63)¹⁰⁵.

As paredes e o chão desse auditório são talhados na rocha. Os palestrantes são as “mentes vitais” do projeto que prima pela conservação dos corpos em suspensão criogênica para a espera de um despertar futuro, quando a ciência médica e os recursos tecnológicos estiverem ainda mais desenvolvidos. Ali funciona o núcleo filosófico da Convergência, onde muitos questionamentos são levantados acerca da vida e da morte do homem, do planeta e do futuro do empreendimento:

‘Quando tivermos conquistado a extensão da vida e nos aproximado da possibilidade de nos tornarmos eternamente renováveis, o que será de nossas energias, nossas aspirações?’ [...]

¹⁰⁴ *We were Eat and Sleep. We were Take Daddy’s Suit to the Dry Cleaner.* (DELILLO, 2016, p. 15).

¹⁰⁵ *An oversized human skull was mounted on a pedestal jutting from the wall. The skull was cracked in places, stained with age, a lurid coppery bronze, a drained gray. The eyeholes were rimmed with jewels and the jagged teeth painted silver.* (DELILLO, 2016, p. 63).

‘Será que a morte é uma coisa boa? Não é ela que define valor de nossas vidas’ [...] ‘Não vamos nos transformar num planeta de velhos corcundas, dezenas de bilhões de bocas desdentadas?’ (DELILLO, 2016, p. 69)¹⁰⁶.

Muitas perguntas, muitas dúvidas provocam a reflexão dos ali presentes e também dos que ouvem e assistem ou poderão vir a ouvir e assistir, pois o narrador informa ao leitor que “os oradores pareciam se dirigir a um público fora daquele grupo. Concluí que deveria haver equipamento de gravação, áudio e vídeo, fora do meu campo de visão, e que essas falas estavam sendo feitas basicamente para os arquivos.” (DELILLO, 2017, p. 65)¹⁰⁷.

O crânio é um elemento presente em *Zero K*, cujo tema é *ars moriendi* (arte de morrer), aparece nas obras de DeLillo, e será abordado mais adiante neste trabalho.

4.2.5 Ross Lockhart

Ross é um senhor de “[...] sessenta e muitos anos, [...] ombros largos, movimentos ágeis” (DELILLO, 2017, p. 12)¹⁰⁸. Essa personagem de DeLillo vive em um ambiente capitalista, seus investimentos e trabalho estão voltados para gestão de recursos privados e seu escritório é sediado no coração da cidade americana de Nova York. É um homem de muitas posses, pôde acumular capital e investir em imóveis, adquirir quadros de pintores famosos e transformar-se em um apreciador das artes.

O romance acontece com Ross já tendo constituído sua família com a esposa, Madeline, e seu filho, Jeff. Não há informações de outros membros da família como avós, tios e primos, por exemplo. É tudo o que se sabe da extensão familiar, pois “Ross Lockhart é um nome falso.” (DELILLO, 2017, p. 80)¹⁰⁹. Segundo

¹⁰⁶ “Once we master life extension and approach the possibility of becoming ever renewable, what happens to our energies, our aspirations?” [...] “Isn’t death a blessing? Doesn’t it define the value of our lives? [...] “Won’t we become a planet of the old and stooped, tens of billions with toothless grins?” (DELILLO, 2016, p. 69).

¹⁰⁷ The speakers seemed to be directing their remarks somewhere beyond the assembled group. I assumed that there were recording devices, sound and image, outside my range of vision, and that this discussion was intended primarily for the archives. (DELILLO, 2016, p. 65).

¹⁰⁸ He was in his mid-to-late sixties [...] broad-shouldered and agile. (DELILLO, 2016, p. 7).

¹⁰⁹ Ross Lochart is a fake name. (DELILLO, 2016, p. 81).

Madeline, logo depois de sair da faculdade, em nome da “autorrealização” e possivelmente da projeção para o mundo dos negócios, ele decidiu alterar o nome de registro de “Nicholas Satterswaite” para “Ross Lockhart”. Ele havia pensando nisso por anos, “primeiro por um capricho, depois com determinação, fazendo uma lista de nomes que examinava com olho crítico, com certo distanciamento, e cada nome que riscava o aproximava mais um pouco da autorrealização.” (DELILLO, 2017, p. 80)¹¹⁰. O trecho a seguir ilustra o relato da esposa a respeito desse fato:

Era um desafio, ele lhe disse. Era um incentivo, um estímulo. O nome lhe daria motivação para trabalhar com mais afinco, pensar com mais clareza, começar a ver a si próprio de um modo diferente. Com o tempo ele haveria de se tornar o homem que ele apenas vislumbrava no tempo em que *Ross Lockhart* era somente uma sequência de riscos alfabéticos numa folha de papel. (DELILLO, 2017, p. 80)¹¹¹.

Como pode ser inferido, com a alteração de nome de nascimento, Ross rompe com o passado e com os vínculos identitários. Ele começa a reconstrução de si mesmo, com uma nova identidade. O novo homem tem base fundada nos negócios, em prol do mundo capitalista que chama para o acúmulo de bens.

Com essa atitude de abandonar sua história ancestral, ele não só altera sua história, mas também a do filho, por consequência. Segundo Jeff, “quando ele (o pai) olha para o espelho, ele vê uma simulação de homem.” (DELILLO, 2017, p. 81)¹¹².

Essa questão com a modificação do nome remete ao protagonista de *White Noise*, o professor Jack, que também muda seu nome de Jack Gladney para Jack A. K. Gladney, fazendo a inserção de duas letras abreviadas para conferir, segundo ele, mais autoridade e projeção para sua carreira universitária. As duas personagens, portanto, alteram a forma como são ou querem ser referenciadas em prol de um simulacro de si próprios. A alteração promovida por Ross é muito mais drástica, mas se se pensar que os nomes são a primeira das muitas referências na

¹¹⁰ [...] first in a spirit of fantasy, then with determination, building a list of names that he inspected critically, with a certain detachment, each deletion bringing him closer to self-realization. (DELILLO, 2016, p. 81).

¹¹¹ It was a challenge, he told her. It was an incentive, an inducement. It would motivate him to work harder, think more clearly, begin to see himself differently. In time he would become the man he'd only glimpsed when *Ross Lockhart* was a series of alphabetic strokes on a sheet of paper. (DELILLO, 2016, p. 81).

¹¹² When he looks in the mirror he sees a simulated man. (DELILLO, 2016, p. 82).

constituição de quem é o indivíduo, de sua identidade, veem-se as duas personagens com a mesma atitude de rompimento com os nomes originais.

Observando ainda mais na biografia dessas duas personagens masculinas, Jack e Ross, cada uma proveniente de uma das duas obras analisadas neste trabalho, é possível verificar seus posicionamentos distintos em relação ao modo como lidam com a finitude de suas vidas. Jack tem muito medo de morrer. Mesmo antes de saber que havia desenvolvido uma doença que o levaria à morte, devido ao contato com a substância química que vasou do vagão no acidente da linha ferroviária, perto de sua casa, ele temia de forma bastante intensa o momento de sua partida. Já Ross, em perfeito estado de saúde, entrega-se aos procedimentos criogênicos na Unidade Zero K, antecipa sua partida. E apesar da não concordância do filho com sua decisão, ele não recua. Pretende ficar ao lado da tumba mortuária de Artis e também aguardar por um despertar tardio, incerto, quando a ciência já tiver avançado o suficiente para descobrir como trazer de volta os indivíduos em suspensão criogênica. Esse acontecimento se dá dois anos depois da partida de Artis.

A partir da memória de Jeff, sabe-se da lavagem cerebral a que Ross é submetido:

[...] lembrei o que os gêmeos Stenmark tinham dito na sala de pedra, falando diretamente os benfeitores ricos. Dê o salto, eles disseram. Viva o mito da imortalidade, o mito dos bilionários. E por que não agora, pensei. Que mais havia que Ross ainda não tivesse comprado? Dê aos futuristas o preço que eles cobram, em sangue, que eles lhe darão a vida eterna. A cápsula seria o santuário de Ross, seu último privilégio. (DELILLO, 2017, p. 115 – 116).¹¹³

Privilégio é uma palavra de sentido negativo, pois toda vez que alguém é privilegiado em algo, denota que muitos outros não tiveram acesso ao mesmo bem ou situação. O privilégio a que Jeff se refere no trecho acima é comprado por Ross. Ele é um empresário bem-sucedido e um dos financiadores do projeto. Pôde comprar sua participação e a de Artis na submissão ao congelamento no *Zero K*. É o capitalismo que exclui: só tem acesso quem tem recursos financeiros consideráveis; o sonho de imortalidade é para poucos.

¹¹³ [...] I recalled what the Stenmark twins had said in the stone room, speaking directly to the wealthy benefactors. Take the leap, they said. Live the billionaire's myth of immortality. And why not now, I thought. What else was there for Ross to acquire? Give the futurists their blood money and they will make it possible for you to live forever. (DELILLO, 2016, p. 117).

Ross tornou-se cliente do próprio negócio proposto pela Convergência, submeteu-se à criogenia; também transformou-se em objeto desse mesmo empreendimento, pois deixa-se convencer pelo discurso dos mentores da empresa e segue na aceitação de sua sentença de morte, aliás caminha com suas próprias pernas para isso. Pode-se dizer que Ross sucumbiu ao capitalismo, do qual era agente.

4.2.6 Madeline Sibert

Madeline, primeira esposa de Ross Lockhart, não usava o sobrenome do marido. Ela sabia que o nome havia sido inventado e adotado pelo companheiro, então não aceitava usar o nome falso. “Era Madeline Sibert, nascida numa cidadezinha no sul do Arizona. Um cacto num selo postal, dizia ela”. (DELILLO, 2017, p. 60)¹¹⁴.

Madeline não teve uma convivência harmoniosa com o marido, como pode ser visto em alguns relatos do filho:

Uma vez, quando eles ainda eram casados, meu pai chamou minha mãe de *fishwife*, “vendedora de peixe”. Talvez fosse uma brincadeira, mas recorri ao dicionário. Mulher grosseira, *shrew*. Fui obrigado a procurar *shrew* no dicionário. Mulher reclamadeira, sempre a ralhar, vinha do anglo-saxão *shrewmouse*. (DELILLO, 1987, p. 28)¹¹⁵.

Em certa ocasião, já na Convergência, quando Jeff conversava com o pai, ele se lembrou de uma briga séria do casal: “ela cravou uma faca nele. Minha mãe cravou uma faca de cortar carne neste homem.” (DELILLO, 1987, p. 114)¹¹⁶.

Ela foi abandonada pelo esposo quando o filho tinha 13 anos. Passou a viver com Jeff e os dois conviviam muito bem. Madeline era organizada e metódica com os utensílios da casa. Também gostava de usar uma maquininha para tirar bolinhas que se formavam nos tecidos das roupas. Sua vida era rotineira, cozinhava coisas insossas. Vivia na grande cidade de Nova York e parecia não aproveitar as

¹¹⁴ *She was Madeline Siebert, originally from a small town in southern Arizona. A cactus on a postage stamp, she called it. (DELILLO, 2016, p. 58).*

¹¹⁵ *Once, when they were still married, my father called my mother a fishwife. This may have been a joke but it sent me to the dictionary to look up the word. Coarse woman, a shrew. I had to look up shrew. A scold, a nag, from Old English for shrewmouse. (DELILLO, 2016, p. 25).*

¹¹⁶ *She stabbed him. My mother stabbed this man with a steak knife. (DELILLO, 2016, p. 116).*

atividades culturais que a metrópole oferecia. Teve um namorado depois do afastamento do marido.

Segundo o filho,

Quando o casamento morreu, minha mãe começou a trabalhar em tempo integral. Mesmo escritório, mesmo patrão, um advogado especializado em imóveis. Ela havia estudado português nos seus dois anos de faculdade, o que lhe veio a calhar porque a firma tinha certo número de clientes brasileiros interessados em comprar apartamentos em Manhattan, muitas vezes como investimento. (DELILLO, 2017, p. 106 – 107)¹¹⁷.

Como na casa de Babette, no romance *White Noise*, a televisão também ficava ligada na casa de Madeline. Às vezes, a tevê era deixada sem som, só imagem, apenas construindo uma simulação do mundo, trazendo as cenas do ambiente externo para o interior do lar. Desta forma, o “ruído branco”, isto é, o burburinho midiático incessante não interferia na rotina da casa.

Quando Madeline morreu, o filho e uma amiga estavam a seu lado em seu leito de morte. Assim ela desaparece da história e da memória de Ross que sequer se lembra de seu nome. Na conversa entre pai e filho:

‘E alguma vez você se arrependeu de alguma coisa?’
 ‘Meu primeiro casamento’, ele respondeu. [...]’
 ‘E quem era ela?’
 ‘Uma boa pergunta. Uma pergunta profunda. Nós tivemos um filho, mas fora isso.’ [...]’
 ‘Mas quem era ela?’
 ‘Ela era essencialmente uma única coisa. Era a sua mãe.’
 ‘Diga o nome dela.’
 ‘Será que alguma vez nós dissemos o nome um do outro, eu e ela?’
 ‘Diga o nome dela. [...] Só uma vez. Preciso ouvir você dizendo o nome dela.’
 ‘Nós tínhamos um filho. Nós dizíamos o nome dele.’
 ‘Faça isso por mim. Vamos lá. Diga o nome.’
 ‘Você se lembra do que você disse um minuto atrás? Aqui neste lugar [Convergência] a pessoa é capaz de esquecer o próprio nome. As pessoas perdem os nomes de várias maneiras diferentes.’
 ‘Madeline’, disse eu. ‘Minha mãe, Madeline.’
 ‘Isso mesmo, lembrei.’

¹¹⁷ *When the marriage died, my mother began working full-time. Same office, same boss, a lawyer who specialized in real state. She'd studied Portuguese in her two years of college and this was useful because a number of the firm's clientes were Brazilians interested in buying apartments in Manhattan, often for investimento purposes. (DELILLO, 2016, p. 108).*

Ele sorriu e recostou-se na cadeira, numa atitude de falsa contemplação do passado, depois mudou de expressão, uma manobra bem realizada [...] (DELILLO, 1987, p. 35)¹¹⁸.

Como já dito, os nomes têm uma importância grande para Jeff. Representam um dos primeiros traços identitários de um sujeito. O fato de Ross esquecer-se do nome de sua progenitora forma mais uma mágoa, entre várias outras que ele possui em relação ao pai. Frente ao apagamento da memória paterna e como extensão da união desse casal, Jeff posiciona-se como defensor de Madeline. Para ele, ela “era uma pessoa comum à sua maneira, um espírito livre, o lugar seguro para onde ele podia voltar.” (DELILLO, 2017, p. 241)¹¹⁹.

Ross não viveu o luto pela morte da primeira esposa, mas não tem como fugir da vivência dolorosa da perda de Artis. E, ao contrário desta, Madeline caminhou naturalmente para a morte, respeitando seu tempo, não tendo tido a possibilidade de frear o processo determinado entre vida e morte e tentar renascer para uma nova vida como a arqueóloga.

Como visto, no campo |MORTE| estão elementos e personagens representativos da finitude humana, condição da *Ars moriendi* ("A arte de morrer", em Latim). Literatura de devoção destinada ao preparo de cristãos para uma boa morte. Esses escritos surgiram quando a Europa vivia a terrível epidemia de peste negra que exterminou um terço da população europeia, no século XIV. Foi redigido uma espécie de manual cristão para a boa morte: o *Ars Moriendi*. Essa obra, escrita originalmente em Latim, teve duas versões: uma longa, na qual se detalha, em seis capítulos, como vencer as tentações e acessar o paraíso dos pios; e outra curta,

¹¹⁸ “Have you ever second-guessed anything?”

“My first marriage,” he said. [...]

“And who was she?”

“Good question. Profound question. We had a son but other than that.” [...]

“But who was she?”

“She was essentially one thing. She was your mother.”

“Say her name.”

“Did we ever say each other’s name, she and I?”

“Say her name. [...] Just once. I need to hear you say it.”

“We had a son. We said his name.”

“Indulge me. Go ahead. Say it.”

“Do you remember what you said a minute ago? You can forget your name in this place. People lose their names in a number of ways.”

“Madeline,” I said. “My mother, Madeline.”

“Now I remember, yes.”

He smiled and settled back in an attitude of fake reminiscence, then changed expression, a well-timed maneuver [...] (DELILLO, 2016, p. 32).

¹¹⁹ My mother was an ordinary in her way, free-souled, my place of self return. (DELILLO, 2016, p. 249).

com ilustrações e versículos breves, fáceis de memorizar, para a população com pouca alfabetização. (SOUZA, 2015).

Semelhante às pinturas medievais, as quais traziam um sinal na tela, uma caveira, um osso, uma fruta podre, algo que lembrasse a vida como efêmera, que as vaidades e o orgulho nada valem diante da morte; na Convergência, há o crânio de decoração, representando esse papel.

As telas que baixam nos corredores da Convergência parecem ter a mesma função da *Ars Moriendi*, alertar ao homem a respeito da inevitável morte.

O mundo pós-moderno caminha para a erradicação da morte, com promessas de imortalidade, meta que o homem sempre buscou. A criogenia faz essa proposta, a um alto custo, para quem pode pagar. E todo projeto é resultado de um processo científico e artístico, nada tem de religioso, embora um monge, por sua conta, visite os "clientes".

4.3 Campo |NÃO-VIDA| = |PARECER|

Nesse conjunto, temos elencados os seguintes itens: |SIMULACROS|, |SUPÉRFLUOS|, |TRABALHO ROBOTIZADO|, |MEDO (DA VIDA)| e |DESASSOSSEGO E INCERTEZAS EM TEMPOS PÓS-MODERNOS|. São elementos que impedem a vida em plenitude, pois são simulacros da realidade, são obstrutores da vida.

Muitas escolhas diárias, na sociedade líquida, tendem a acomodar os sujeitos, a trazer um bem-estar imediato ou uma falsa solução para as questões. Porém, no contexto mais amplo, negam a vida na sua amplitude e autenticidade.

4.3.1 Simulacros

Em *Zero K*, existem situações representativas do mundo do parecer, ou seja, situações opostas ao mundo do ser. Um desses exemplos é o nome da personagem Ross Lockhart, já mencionado. A personagem ignora seu nome de registro, Nicholas Satterswaite, por não o considerar adequado para a projeção buscada por ele no mundo dos negócios.

A proposta da Convergência na esperança da vida após a morte também é um exemplo de uma simulação, pois ainda não há tecnologia suficientemente desenvolvida para fazer o retorno dos corpos à vida. Cria-se toda uma expectativa em torno de algo ainda sem respaldo na realidade concreta.

O monge que aparece para ofertar conforto espiritual para as pessoas que estão próximas a serem submetidas ao processo de congelamento na Unidade Zero K também não acredita na continuação da vida, no redespertar. Que conforto poderia ofertar a um moribundo sobre algo em que ele próprio não crê? Para ele, a vida não tem graça se não chegar a um fim, “qual o sentido de viver se no final a gente não morre?” (DELILLO, 1987, p. 42)¹²⁰.

Nas dependências da Convergência, também existem jardins que são verdadeiros simulacros desses espaços, como pode ser visto, a seguir, nas palavras de Jeff:

[...] Andei por meio minuto num caminho de pedra tortuoso e só então me dei conta, pasmo, de que aquilo não era um oásis num deserto, e sim um típico jardim inglês, com sebes bem aparadas, árvores para dar sombra, rosas silvestres subindo uma treliça. Então algo mais estranho ainda, cascas de árvores, folhas de relva, flores de toda espécie – tudo parecia recoberto ou esmaltado, com um brilho discreto. Nada daquilo era natural e nada era agitado pela brisa que percorria o jardim. (DELILLO, 1917, p. 120)¹²¹.

Além do espaço descrito, também há manequins que parecem mais humanos que os próprios integrantes da equipe de funcionários da Convergência, “as primeiras obras de arte [...] absolutamente imóveis, [...] manequins”, Jeff afirma: “Nunca imaginei que não fossem mulheres de verdade.” (DELILLO, 1917, p. 53)¹²².

A condição de congelamento do processo de criogenia coloca os indivíduos entre a vida e a morte. Afinal o que seriam? Vivos sem corpo, uma consciência adormecida? Mortos momentaneamente? Não seria isso um simulacro também?

¹²⁰ *“What’s the point of living if we don’t die at the end of it?” (DELILLO, 2016, p. 40).*

¹²¹ *[...] I walked for half a minute along a winding stone path before I realized, dumbly, that was not a desert oasis but a proper English garden with trimmed hedges, shade trees, wild roses climbing a trellis. Something even stranger than, tree bark, blades of grass, every sort of flower – all seemingly coated or enameled, bearing a faint glaze. None of this was natural, all of it unruffled by the breeze that swept across the garden. (DELILLO, 2016, p. 122).*

¹²² *“The first glimpse of art [...] Standing absolutely still, [...] Mannequins” [...] “I never imagined they weren’t real people. (DELILLO, 2016, p. 52).*

Como visto, vários simulacros são construídos na narrativa de *Zero K*, como forma de representações da realidade. Eles compõem a trama do romance, simulando uma realidade que não existe.

4.3.2 Supérfluos

A proposta de imortalidade em *Zero k* é a suspensão criogênica dos corpos dos clientes que podem pagar pela tecnologia de preservação. Ao se levar em conta que ao congelar uma pessoa, se está congelando apenas o físico e, na verdade, o importante é a essência do ser humano. Existe, portanto, uma supervalorização daquilo que não é essencial – a matéria.

A essência é formada pela integridade e pela formação de caráter, atributos decorrentes da família, do meio social e do próprio indivíduo, constituindo a identidade de um sujeito. Há uma inversão na valoração dessas instâncias, entre o que é primordial e o que é supérfluo.

Outro elemento significativo para o ser humano é a autonomia, pois a identidade diz quem a pessoa é; e a autonomia pode levar o homem a se libertar de várias formas de escravidão, ou seja, de qualquer amarra.

O discurso representado na fala do personagem-narrador, Jeff, é evidenciador de uma família dilacerada, modelo da família pós-moderna. O discurso não valoriza o ser humano, fica na aparência, no supérfluo também.

Nas duas narrativas, as personagens estão buscando os objetos oferecidos pela mídia – supérfluos para a vida. Não há preocupação com direitos humanos, com mudança de vida para proteger o meio ambiente.

A religião não oferece reflexões quanto à humanização da sociedade, mas trabalha na superficialidade. A sociedade líquida ofereceu um enriquecimento material aos indivíduos, com prejuízo da valorização do social e comunitário. Não se pode esquecer que o senso de comunidade é uma garantia de segurança para o mundo pós-moderno.

4.3.3 Trabalho robotizado

Quando se fala em trabalho robotizado, imediatamente pensa-se em robôs, máquinas sofisticadas desempenhando tarefas com precisão. Um trabalho automatizado, repetitivo, controlado e com limitação de movimentos, mais precisamente executando ordens e comandos expressos em um conjunto de instruções que essa forma de inteligência artificial realiza.

Em *Zero K*, a tecnologia é tida como um deus: são recursos de ponta a serviço do homem. Enquanto os manequins parecem pessoas de carne e osso, verdadeiras, humanas, o que chama sobremaneira a atenção do leitor é que os funcionários da Convergência são robotizados, isto é, parecem robôs, parecem seguir um protocolo de comportamento e cumprimento de ações semelhante a uma máquina automatizada. Até as palavras de Miklos Szabo, nome dado por Jeff a um dos integrantes da equipe, “foram convertidas num inglês uniforme, digital, sem marcas de gênero.” (DELILLO, 2016, p. 64)¹²³.

Tadeu (2016, p. 11-12) afirma que uma das características mais notáveis da nossa era pós-moderna é precisamente a interpenetração, o acoplamento, a conjunção entre o humano e a máquina. Não existe nada mais que seja simplesmente ‘puro’ em qualquer dos lados da linha de divisão: a ciência, a tecnologia, a natureza puras. De um lado, temos a mecanização e a eletrificação do humano; de outro, a humanização e a subjetivação da máquina. E assim o é no ambiente da Convergência.

De acordo com Barrett (2018, p. 109), “o robotismo da equipe da Convergência é apenas um prelúdio para a humanidade minguante de seus clientes”¹²⁴ (tradução da autora desta tese). Assim também o é para os clientes da Convergência; eles são desumanizados, seus corpos imobilizados no zero grau Kelvin perdem a configuração e aparência humanas, assemelham-se a estátuas, sem vida, sem movimento.

¹²³ [...] became a smooth digital genderless English. (DELILLO, 2016, p. 64).

¹²⁴ The roboticism of the Convergence staff, however, is merely prelude to the waning humanity of its clients. (BARRETT, 2018, p. 109).

4.3.4 Medo (da vida)

O medo é um estado de temor em relação a algum acontecimento, pode ser frente a uma situação de perigo iminente ou a algo criado no imaginário do indivíduo. Esse sentimento acontece em todas as fases de vida dos sujeitos, sejam crianças, jovens e adultos e pode desorganizar as pessoas.

Em *Zero K*, percebe-se que as personagens, representantes dos sujeitos em sociedade, são mais assombradas por temores em relação a situações da vida cotidiana do que pela morte propriamente dita, sentimento mais comum por se ter consciência do próprio estado entrópico. Se elas forem comparadas com as personagens de *White Noise*, observa-se que Jack e Babette eram literalmente assolados pelo medo de morrer, a ponto de fazerem qualquer coisa para se livrarem desse estado de pavor.

A primeira descrição de temor acontece quando a personagem de Jeff, ainda adolescente, relata sentir medo das casas das pessoas:

Eu tinha medo das casas das outras pessoas. Depois das aulas, às vezes um colega me convencia a ir à casa ou apartamento dele para fazermos juntos nosso dever de casa. Para mim era um choque a maneira como viviam as pessoas, as outras pessoas, gente que não era eu. Eu não sabia como reagir àquilo, àquela intimidade pegajosa, água suja, cabos de panelas saindo de dentro da pia. [...] Me dava vontade de sair correndo e me esconder [...] Me dava vontade de ir para casa e não sair mais de lá. (DELILLO, 2017, p. 55)¹²⁵.

Como visto, o cotidiano das outras pessoas assustava Jeff, as atividades rotineiras e a falta de organização das casas incomodavam-no sobremaneira.

Jeff também tinha medo das situações que via estampadas nas imagens projetadas na Convergência; chegava a se afastar das telas gigantes que encontrava nos corredores, porque representavam cenas catastróficas da vida real como inundações, incêndios, guerras e fanatismo religioso. Assim, a vida oferecia batalhas diárias a Jeff.

¹²⁵ *I was afraid of other people's houses. After school sometimes a friend might talk me into going to his house or apartment to do our homework together. It was a shock, the way people lived, other people, those who weren't me. I didn't know how to respond, the clinging intimacy of it, kitchen slop, pan handles jutting from the sink. [...] It made me want to run and hide [...] It made me want to go home and stay there. (DELILLO, 2016, p. 53 – 54).*

Artis, em seu estado de doença terminal, não teme a morte, apresenta-se sempre serena e tranquila e chega a convidar Jeff para participar com ela e Ross da caminhada rumo à Unidade *Zero K*. Convite insólito, chamando para desistir da vida em pleno andamento: “Venha conosco”. (DELILLO, 2017, p. 115).¹²⁶

Parece que Artis teme mais o enfrentamento da própria vida que ainda lhe resta do que a própria morte. E assim também se comporta Ross, que decide se entregar aos procedimentos da unidade de congelamento e dizer adeus à vida. E apesar do enfrentamento necessário em base diária da vida, Jeff não se conforma com a decisão do pai de antecipar sua partida, para um despertar incerto:

‘Não era você que vivia me dizendo que a vida é muito curta? As nossas vidas medidas em segundos. E agora você vai encurtar a sua vida mais ainda, por opção. [...] Em outras palavras, eles ajudam você a morrer. Mas neste caso, no seu caso, o indivíduo em questão está muito longe de morrer.’ (DELILLO, 2017, p. 110 - 111)¹²⁷.

Como pode ser inferido, a tríade de personagens de *Zero K* teme a vida mais do que morte. Artis não tem muita escolha, já que está severamente doente, mas poderia aproveitar do que lhe restava ainda. A atitude de Ross não é plausível, melhor dizendo, é inconcebível; e Jeff, apesar do convite, felizmente decide-se pela vida, pela contemplação da natureza, por enxergar a realidade; é como se ele, após a experiência na Convergência, tivesse uma venda tirada dos olhos e aprendesse a partir da experiência própria e da dos outros também.

4.3.5 Desassossego e incertezas em tempos pós-modernos

Em *Zero K*, existem muitos questionamentos não respondidos. DeLillo instiga o leitor para a busca por respostas. No Núcleo Filosófico da Convergência, os oradores reúnem-se com os benfeitores do projeto e lançam uma série de perguntas para que todos reflitam a respeito:

¹²⁶ *Come with us.* (DELILLO, 2016, p. 117).

¹²⁷ “Aren’t you the man who lectured me on the shortness of the human life span? Our lives measured in seconds. And now you cut it even shorter, by choice? [...] In other words they help you die. But in this case, your case, the individual is nowhere near the end.” (DELILLO, 2016, p. 111 – 112).

‘Temos dúvidas, é claro.’
 ‘Quando tivermos conquistado a extensão da vida e nos aproximado da possibilidade de nos tornarmos eternamente renováveis, o que será das nossas energias, nossas aspirações?’
 ‘As instituições que construímos.’
 ‘Estaremos projetando uma cultura de letargia e autocomplacência?’
 ‘Será que a morte é uma coisa boa? Não é ela que define o valor de nossas vidas, minuto a minuto, ano a ano?’
 ‘Muitas outras dúvidas.’
 ‘Não bastará viver um pouco mais com a ajuda da tecnologia avançada? Será necessário avançar mais e mais?’
 ‘Por que subverter a ciência inovadora com excessos humanos indisciplinados?’
 ‘A imortalidade propriamente dita terá o efeito de reduzir ao nada nossas formas de arte e maravilhas culturais duradouras?’
 ‘Sobre o que os poetas vão escrever?’
 ‘O que vai acontecer com a história? O que vai acontecer com o dinheiro? O que vai acontecer com Deus?’
 ‘Muitas outras dúvidas.’
 ‘Não estaremos abrindo caminho para níveis insustentáveis de população, estresse ambiental?’ [...]
 ‘Será que queremos mesmo acreditar que todos os males que afetam o corpo e a mente serão curáveis no contexto da nossa longevidade ilimitada?’ (DELILLO, 2017, p. 69)¹²⁸.

E assim prossegue uma enumeração de incertezas, evidenciando o desassossego da mente frente a tantas modificações propostas com o auxílio da tecnologia para o prolongamento da vida. E Jeff deixa claro que querer saber é uma constante na vida do homem: “É uma coisa humana, querer saber mais, e depois mais, e depois mais [...] Mas também é verdade que o que não sabemos é o que nos torna humanos. E o não saber é infinito.” (DELILLO, 2017, p. 129)¹²⁹.

¹²⁸ *“There are questions of course.”*

“Once we master life extension and approach the possibility of becoming ever renewable, what happens to our energies, our aspirations?”

“The social institutions we’ve built.”

“Are we designing a future culture of lethargy and self-indulgence?”

“Isn’t death a blessing? Doesn’t it define the value of our lives, minute to minute, year to year?”

“Many other questions.”

“Isn’t it sufficient to live a little longer through advanced technology? Do we need to go on and on and on?”

“Why subvert innovative science with sloppy human excess?”

“Does literal immortality compress our enduring artforms and cultural wonders into nothingness?”

“What will poets write about?”

“What happens to history? What happens to money? What happens to God?”

“Many other questions.”

“Aren’t we easing the way toward uncontrollable levels of population, environmental stress?” [...]

“Do we want to believe that every condition afflicting the mind and body will be curable in the context of our boundless longevity?” (DELILLO, 2016, p. 69 – 70).

¹²⁹ *“It’s only human to want to know more, and then more and then more [...] But it’s also true that we don’t know is what makes us human. And there’s no end to not knowing.” (DELILLO, 2016, p. 131).*

Como pôde ser visto na fala de Jeff, é inerente ao homem inquietar-se e procurar por respostas, problematizar é preciso para que novos saberes sejam construídos. Mas é necessário também que as inquietudes sejam dosadas para a vida prosseguir, apesar das incertezas. Afinal, vive-se grandes transformações do final do século XX para o presente momento.

4.4 Campo |NÃO-MORTE| = |TRANSCENDÊNCIA|

Nesse conjunto, são elencados os seguintes itens: |TECNOLOGIA|, |CONVERGÊNCIA|, |CRIOGENIA|, |CONSCIÊNCIA DE MUNDO|, |RELIGIÃO – ESPIRITUALIDADE|, |IMORTALIDADE|, |ARTE| e |ARTIS MARTINEAU|. São elementos e personagem que implicam na transcendência de limites estabelecidos para a vida, pois são possibilitadores de ações para a não-morte.

Como mencionado no capítulo anterior, transcendência aqui é entendida como Sartre (2015) preconiza, isto é, é usada para descrever a relação do eu com o mundo, bem como as relações do eu com os outros.

Nas palavras de Artis,

‘Num tempo que não é necessariamente muito distante. E é isso que eu penso quando tento imaginar o futuro. Vou renascer numa realidade mais profunda e mais verdadeira. Linhas de luz brilhante, todas as coisas materiais na sua plenitude, cada uma delas um objeto sagrado.’ (DELILLO, 2017, p. 49)¹³⁰.

E Jeff complementa: “[...] o futuro que ela acabara de delinear era outra coisa, uma aura mais pura. Isso era *transcendência* (destaque da autora), a promessa de uma intensidade lírica fora das medidas da experiência normal.” (DELILLO, 2017, p. 49)¹³¹.

¹³⁰ “At a time that’s not necessarily so far off. And this is what I think about when I try to imagine the future. I will be reborn into a deeper and truer reality. Lines of brilliant light, every material thing in its fullness, a holy object.” (DELILLO, 2016, p. 47).

¹³¹ “[...] the future she’d just described was another matter, a purer aura. This was transcendence, the promise of a lyric intensity outside the measure of normal experience.” (DELILLO, 2016, p. 47 – 48).

4.4.1 Tecnologia

A tecnologia mostrada em *Zero K* é sofisticada, com aparatos de última geração. São equipamentos que permitem o desenvolvimento e aprimoramento de pesquisas, bem como a segurança das informações.

Há também a segurança do centro de pesquisas feita em terra e no ar. O acesso às várias dependências do complexo da convergência é controlado por câmeras e o uso de pulseiras digitais possibilita identificar as pessoas e a monitorar eventuais visitantes, como Jeff.

A pulseira digital faz o leitor recordar do sofisticado relógio digital de pulso que a personagem Jack de *White Noise* ostentava por baixo da manga da toga quando lecionava. Pode-se ver em apenas um simples acessório toda a evolução alcançada. Trinta e um anos separam a publicação das duas obras e nota-se a criação e o aprimoramento das tecnologias existentes.

White Noise (1985) apresenta o jornal impresso, os tabloides, o rádio, a televisão e os computadores principalmente nos centros médicos, ajudando na detecção de doenças por meio do diagnóstico de imagens. *Zero K* (2016) mostra uma série de implementações em termos de segurança da informação, ações protetivas de pessoas, locais e patrimônios, evolução de transportes, de avanços médicos na perpetuação do homem, ou seja, uma série de aprimoramentos compatíveis com os primeiros anos do século XXI.

Mas as obras fazem questão de sinalizar que, apesar de toda a evolução, a tecnologia não resolve tudo, ela não salva tudo. É preciso que o indivíduo comande com responsabilidade as suas próprias ações para a preservação e continuidade da vida em sociedade.

4.4.2 Convergência

O espaço principal em que a narrativa de *Zero K* acontece é denominado Convergência. Nesse local, há muitos quartos, compartimentos e salas especiais como o refeitório, a sala de reunião e a ala que recebe o nome do romance em referência a Zero grau Kelvin.

Segundo os estudos de Termodinâmica,

O zero absoluto Kelvin ficou localizado a $-273,15^{\circ}\text{C}$ (duzentos e setenta e três vírgula quinze graus Celsius negativos) que tem como referencial o ponto de congelamento da água. Isso equivale a $-459,67^{\circ}\text{F}$ (quatrocentos e cinquenta e nove vírgula sessenta e sete graus negativos na escala Fahrenheit. (ARORA, 2001, p. 43).

Ainda de acordo com estudos científicos, o zero absoluto Kelvin é a temperatura de menor energia possível. “É um conceito teórico que indica a temperatura mais baixa que pode ser verificada no Universo. Nessas condições, a energia cinética das moléculas é anulada, e elas ficam imóveis”.¹³² É com base nesses estudos que as pessoas são submetidas ao processo de criogenia para congelamento e preservação de seus corpos na unidade denominada *Zero K*, nas instalações do grande complexo da Convergência.

Um local longínquo e separado de tudo com tecnologia de ponta desenvolvida e aplicada nos diferentes setores da clínica. Não se sabe a localização geográfica exata, mas há uma menção à região da Ásia Central ao longo da Rota da Seda, antigo trajeto comercial entre o Mediterrâneo e a China,

‘A cidade mais próxima que é maior que um lugarejo fica do outro lado da fronteira, é Bichkek. A capital do Quirguistão. Tem Almati, maior, mais distante, no Cazaquistão. Mas Almati não é a capital. Já foi, mas agora é Astaná, que tem arranha-céus dourados e shoppings [...]’ (DELILLO, 2017, p. 32)¹³³.

‘É isso que a gente quer, essa separação. A gente tem tudo de que precisa. Fontes de energia duráveis e sistemas mecanizados sólidos. Paredes e soalhos à prova de choque. Redundância estrutural. Segurança contra incêndios. Patrulhas de segurança, em terra e no

¹³² **Kelvin** é o nome dado para a **unidade básica da temperatura termodinâmica**, de acordo com o Sistema Internacional de Unidades. A temperatura de 1 Kelvin corresponde a $-272,15^{\circ}\text{C}$ (celsius) e $-457,87^{\circ}\text{F}$ (Fahrenheit). Na escala Kelvin, por exemplo, $273,15$ Kelvin equivale a 0° graus Celsius e 32 Fahrenheit. Além disso, 0°K indica o **zero absoluto**, uma situação onde se verifica uma temperatura de $-273,15^{\circ}\text{C}$ ou $-459,67^{\circ}\text{F}$. O zero absoluto é um conceito teórico que indica a temperatura mais baixa que pode ser verificada no Universo. Nestas condições, a energia cinética das moléculas é anulada, e elas ficam imóveis. Esta escala tem este nome em homenagem ao Lord Kelvin, um título atribuído a William Thomson, um físico nascido na Irlanda. O trabalho deste cientista britânico foi de elevada importância, sendo usado para fabricar cabos elétricos e galvanômetros. Além disso, Lord Kelvin também esteve envolvido na instalação do sistema telefônico no Grã-Bretanha. O título de nobreza recebido aos 68 anos foi um reconhecimento pelo seu trabalho. Disponível em: <significados.com.br. Acesso em: 11 jan. 2020.

¹³³ “*The nearest city of any size is across the border, called Bishkek. It’s the capital of Kyrgyzstan. Then there’s Almaty, bigger, more distant, in Kazakhstan. But Almaty is not the capital. It used to be the capital. The capital is now Astana, which has gold skyscrapers and indoor shopping malls [...]*” (DELILLO, 2016, p. 29).

ar. Defesa cibernética complexa. E por aí vai.’ (DELILLO, 2017, p. 33)¹³⁴.

Nas dependências da Convergência, existe a lembrança incessante de que todos os aspectos da vida convergem para um único ponto em comum: a morte. Sabe-se que ninguém foge do cruel término da existência, mas nesse espaço procura-se driblar a máxima de que ao pó todos retornam. Ali os corpos não se putrefazem, os processos fazem com que os organismos transcendam à deterioração, existe a conservação do corpo físico por meio do processo criogênico, luta-se para a não-morte.

Para a interligação dos diferentes ambientes existem muitos corredores, portas, e até elevadores que se movimentam na horizontal. Esses itens são símbolos de movimento, de passagem e de transmutação de energia.

O nome Convergência remete à reunião de uma série de elementos que concorrem a um mesmo ponto, a uma fusão de homem e máquina, de vida e morte e de recursos tecnológicos e natureza.

4.4.3 Criogenia

Uma das formas de desenvolvimento científico-tecnológico apresentadas em *Zero K* é a criogenia que permite o congelamento de partes ou da totalidade dos organismos humanos e de outros animais.

No diálogo apresentado a seguir, entre Ross e Jeff, acontecido na manhã do primeiro dia quando este chega à Convergência, ilustra os dois homens, pai e filho, falando sobre Artis e o procedimento ao qual a arqueóloga vai ser submetida. Jeff pergunta:

‘Quando vai ser?’
 ‘Estamos calculando o dia, a hora, o minuto. Em breve’, ele respondeu. [...]
 ‘E a Artis.’
 ‘Está completamente pronta. Nenhuma hesitação, nenhum pé-atrás.’
 ‘Não se trata de vida espiritual eterna. É uma coisa do corpo.’

¹³⁴ “*This is what we want, this separation. We have what is needed. Durable energy sources and strong mechanized systems. Blast walls and fortified floors. Structural redundancy. Fire safety. Security patrols, land and air. Elaborate cyber-defense. And so on.*” (DELILLO, 2016, p. 30).

‘O corpo vai ser congelado. Suspensão criogênica’, ele disse.
 ‘Então, em algum momento futuro.’
 ‘Isso mesmo. Vai chegar um dia em que haverá maneiras de neutralizar as circunstâncias que levaram ao fim. Mente e corpos recuperados, de volta à vida.’ [...]
 ‘E você tem confiança total nesse projeto.’
 ‘Total. No plano médico, no tecnológico, no filosófico.’
 ‘Tem gente pondo animal de estimação’, comentei.
 ‘Aqui, não. Aqui não tem nada de especulativo. Nada de hipotético nem de periférico. Homens, mulheres. Morte, vida’. (DELILLO, 2017, p. 12 – 13)¹³⁵.

A criogenia é tida como uma das formas de alcançar a imortalidade, um dos desejos mais antigos do homem. As pesquisas sobre criogenia não são novas, existem há tempos, datam da década de 60 do século XX, segundo Ettinger (1962), considerado o pai da criogenia.

Nos Estados Unidos, existem duas clínicas que fazem o procedimento criogênico: a *Alcor Life Extention Foundation*¹³⁶, sediada em Scottsdale, Arizona, fundada em 1972 e o *Cryonics Institute*¹³⁷, sediada em Clinton Township, Michigan, fundada em 1976. Há também a *KrioRus*¹³⁸, em Moscou, na Rússia, fundada em 2003. Nos *sites* dessas clínicas, há explicações sobre como o procedimento se dá e também preços para o congelamento e preservação dos corpos ou parte deles, como apenas a cabeça, por exemplo.

Segundo o *Cryonics Institute*, o processo de suspensão criogênica daria uma segunda chance de vida às pessoas. O físico Robert Ettinger foi o pioneiro na criação do movimento do prospecto rumo à imortalidade.

O *site* informa que a criogenia é um procedimento que se propõe a preservar o corpo humano ou de outros animais a baixas temperaturas depois da morte, na

¹³⁵ “When does it happen?”

“We’re working on the day, the hour, the minute. Soon,” he said. [...]

“And Artis.”

“She’s completely ready. There’s no trace of hesitation or second thoughts.”

“We’re not talking about spiritual life everlasting. This is the body.”

“The body will be frozen. Cryonic suspension,” he said.

“Then at some future time.”

“Yes. The time will come when there are ways to counteract the circumstances that led to the end. Mind and body are restored, returned to life.” [...]

“And you have complete confidence in this project.”

“Complete. Medically, technologically, philosophically.”

“People enroll their pets,” I said.

“Not here. Nothing here is speculative. Nothing is wishful or peripheral. Men, women. Death, life.” (DELILLO, 2016, p. 7 – 8).

¹³⁶ Alcor Life Extention Foundation. Disponível em: <alcor.org>. Acesso em: 10 out. 2019.

¹³⁷ Cryonics institute. Disponível em: <cryonics.org>. Acesso em: 10 out. 2019.

¹³⁸ KrioRus. Disponível em: <kriorus.ru/em>. Acesso em: 10 out. 2019.

esperança de que possa ser reavivado no futuro, quando houver descobertas científico-tecnológicas que possibilitem resolver as enfermidades ou a causa *mortis* dos indivíduos. Esse processo deve ser iniciado imediatamente após a pessoa ser declarada legalmente morta, ou seja, apesar do coração parar de bater, ainda há função cerebral durante esse período, então um dispositivo cardíaco-pulmonar é usado para estabilizar o corpo e manter o suprimento de sangue e oxigênio. (CRYONICS Institute).

Ainda de acordo com o *Institute*, o corpo é então resfriado para proteger os órgãos e também as estruturas de *DNA* (*Deoxyribonucleic acid* - ácido desoxirribonucleico), que contêm as informações genéticas dos indivíduos. A seguir, anticoagulantes e medicamentos protetivos são administrados no corpo para parar a coagulação sanguínea. Então o corpo é envolto e posto em uma dependência criogênica. Estando na unidade criogênica, é iniciado um procedimento chamado vitrificação, no qual o sangue é substituído com solução anticongelante para evitar a formação de cristais que danificariam as células. O corpo é seguidamente posto em uma câmara computadorizada e resfriada a 196 graus Celsius negativos. A instituição esclarece que se trata de um hospital do futuro onde a tecnologia poderá um dia proporcionar a imortalidade às pessoas. (CRYONICS Institute).

Na obra, nas palavras de Jeff:

Vitrificação, criopreservação, nanotecnologia. [...] A guia explicou o sentido da expressão Zero K. Era uma narrativa decorada, com pausas e recomeços já estabelecidos, e dizia respeito a uma unidade de temperatura chamada zero absoluto, que equivale a duzentos e setenta e três vírgula quinze graus Celsius abaixo de zero. Um físico chamado Kelvin foi mencionado, a origem da expressão. A coisa mais interessante que a guia tinha a dizer era que a temperatura utilizada na criopreservação na verdade nem chega perto de zero K. (DELILLO, 2017, p. 137 – 138)¹³⁹.

Apesar de todos os desenvolvimentos obtidos, ainda existem grandes desafios para a descoberta de como ressuscitar os corpos congelados e a manutenção e preservação das identidades dos sujeitos que são submetidos ao

¹³⁹ *Vitrification, cryopreservation, nanotechnology. [...] The guide explained the meaning of the term Zero K. this was rote narration, with plotted stops and restarts, and it concerned a unit of temperature called absolute zero, which is minus two hundred and seventy-three point one five degrees Celsius. A physicist named Kelvin was mentioned, he was the K in the term. The most interesting thing the guide had to say was the fact that the temperature employed in cryostorage does not actually approach zero K. (DELILLO, 2016, p. 141 – 142).*

processo de suspensão criogênico. Por hora, tem-se a permanência, a transcendência do corpo em relação aos limites comumente determinados pela ação do tempo.

4.4.4 Consciência de mundo

Enquanto o cérebro e seus componentes ocupam um lugar no espaço, a consciência não pode ser definida em termos espaciais, nem ser decomposta em partes; também não é sólida nem possui uma forma.

A consciência se assemelha a algo excepcional, não fazendo parte do mundo físico composto de matéria situada no espaço. Embora fundamentada em uma gama de diferentes fontes de evidências empíricas, a descrição científica do mundo se apresenta, ao que tudo indica, como inadequada para explicar apropriadamente um universo em que o fenômeno da consciência está presente.

No entanto, uma concepção científica da natureza teria de explicar a ocorrência de mentes conscientes, que se mostram irreduzíveis a meras substâncias materiais, no universo. Esta falta de explicação para algo tão essencial é um grande problema, que ameaça a cosmologia científica de que dispomos. (SILVA, 2015, p. 50).

Zero K retrata os tempos atuais, de mudanças aceleradas na sociedade. Mudaram os costumes, as mentalidades e os paradigmas. Diferente de tempos passados, agora é mais difícil formular em normas claras e gerais sobre o que se deve fazer. Continua a haver normas na vida moral e social as quais devem ser respeitadas, mas aumentou muito o campo e o sentido do que não se pode regular de maneira única por meio de normas gerais, como as novas configurações familiares, por exemplo, e os constantes avanços tecnológicos que modificam comportamentos e exigem a criação de novas leis.

Todas as modificações e criações implicam uma nova postura do sujeito diante da multiplicidade de situações a que é exposto no cotidiano. A personagem de Jeff tem a oportunidade, por meio de suas memórias e vivências, de apreender o mundo. Ele sofre uma verdadeira epifania ao regressar da Convergência e afirma optar por “uma vida longa e suave é o que me parece ser o caminho que tomei.”

(DELILLO, 2017, p. 260)¹⁴⁰. Muitos têm a oportunidade de ter a revelação sobre vários aspectos da vida, mas diferente de Jeff, escolhem colocar de novo a venda nos olhos e prosseguir na mesmice, como foi o caso da personagem Jack em *White Noise*. Ele se deparou com várias ocorrências como a nuvem tóxica, o episódio das freiras, a traição da esposa; ou seja, teve sua consciência de mundo despertada, mas optou por continuar na mesma rotina de sempre.

De forma contrária ao comportamento de Jack, quando se lê a última cena de *Zero K* e se imagina o que Jeff vai viver no dia seguinte, é-se levado a ver que a personagem tem a consciência do mundo ao seu redor despertada de maneira madura. Ele valoriza o fenômeno natural de *Manhattanhenge* e consegue decodificar “os gritos de assombro do menino” com dificuldade de linguagem que também observa o acontecimento. Vale a pena repetir que Jeff de “garoto esquisito”, cheio de medos e mágoas, transforma-se em “homem crescido”. (DELILLO, 2017, p. 256)¹⁴¹.

4.4.5 Religião – Espiritualidade

Na narrativa de *Zero K*, não há apologia a uma religião específica. A família de Jeff não era católica, Madeline não dá importância ao ritual da Quarta-feira de cinzas. O próprio Jeff que participa dessa celebração não tem ideia do significado do ritual. Uma das oradoras da Convergência fala de uma das práticas da igreja católica em tom de crítica a determinados rituais:

‘Pensem no papa aparecendo no balcão na praça de São Pedro. Um número enorme de pessoas reunidas para serem abençoadas, [...] para terem sua crença reforçada. O papa está ali a fim de abençoar o futuro delas, garantir que elas terão uma vida espiritual pela frente, depois do último suspiro. [...] O que temos aqui é pequeno, minucioso e privado. Uma por uma, de vez em quando, as pessoas entram na câmara. Num dia médio, quantas? Não há dia médio. E não há nenhuma encenação aqui. Ninguém se prostra numa atitude de remorso, submissão, obediência, adoração. Não beijamos anéis nem chinelos. Não há tapetes de adoração.’ (DELILLO, 2017, p. 64 – 64)¹⁴².

¹⁴⁰ *The long life is what I feel I’m settling into [...] (DELILLO, 2016, p. 268).*

¹⁴¹ *[...] weird kid and grown man [...] (DELILLO, 2016, p. 264).*

¹⁴² *“Think of the Pope appearing on the balcony above Saint Peter’s Square. Enormous numbers of people assembled to be blessed,” [...] to be reassured. The Pope is here to bless their future, to reassure them of the spirit life ahead, beyond the last breath. [...] What we have here is small, painstaking and private. One by one, now and then, people enter the chamber. In an average day,*

Embora haja um certo desprezo pela religião, como visto nessa fala, na Convergência, também há um monge, encarregado de levar conforto espiritual aos moribundos que estão prestes a serem levados à Unidade *Zero K* para terem seus corpos congelados. Jeff se coloca a esse respeito, no diálogo com o monge:

‘O que o senhor faz aqui?’
 ‘Converso com os moribundos.’
 ‘O senhor reforça a crença deles?’
 ‘Reforço a crença deles em quê?’
 ‘Na continuação. No redespertar.’
 ‘Você acredita nisso?’
 ‘O senhor não acredita?’, retruquei.
 ‘Acho que não quero acreditar, não. Eu só faço falar sobre o fim. De modo tranquilo.’
 ‘Mas a ideia em si. A razão por trás de todo esse empreendimento. O senhor não aceita.’
 ‘Eu quero morrer e acabar pra sempre. Você não quer morrer?’, ele perguntou.
 ‘Não sei.’
 ‘Qual o sentido de viver se no final a gente não morre?’ (DELILLO, 2017, p. 42)¹⁴³.

Como pode ser inferido, o monge não acredita no redespertar para uma nova vida, não crê no projeto da Convergência. Ele não quer a imortalidade. Então, qual conforto ele pode levar aos moribundos sobre algo em que ele não crê? Essa personagem faz paralelo com as freiras de *White Noise*, que também representavam uma fé que elas não tinham. Uma falsa religiosidade.

Observa-se uma crítica à religião, evidenciando a importância do cultivo da espiritualidade, pois a prática espiritual leva à atitude reflexiva; a qual, por sua vez, leva ao autoconhecimento que liberta o homem das amarras do medo e da

how many? There is no average day. And there is no posturing here. No warping of the body in remorse, submission, obedience, worship. We do not kiss rings or slippers. There are no prayer rugs.” (DELILLO, 2016, p. 63– 64).

¹⁴³ “What do you do here?”

“I talk to the dying.”

“You reassure them.”

“What do I reassure them of?”

“The continuation. The reawakening.”

“Do you believe that?”

“Don’t you?” I said.

“I don’t think I want to. I just talk about the end. Calmly, quietly.”

“But the idea itself. The reason behind this entire venture. You don’t accept it.”

“I want to die and be finished forever. Don’t you want to die?” he said.

“I don’t know.”

“What’s the point of living if we don’t die at the end of it?” (DELILLO, 2016, p. 40).

submissão a determinados dogmas preconizados em determinadas crenças e ao fanatismo religioso.

4.4.6 Imortalidade

Apesar de todos os avanços e conquistas, de se ter alcançado uma expectativa de vida longa, o homem quer mais, sempre mais. Histórias sobre imortalidade e ressurreição sempre intrigaram a humanidade.

A narrativa de *Zero K* mostra que por se preocuparem tanto com a morte, as pessoas se esquecem da vida. Também é esse o recado de *White Noise*, ou seja, é preciso olhar a morte para que a vida seja valorizada como um processo para se buscar valores realmente importantes.

Em *White Noise*, a frase recorrente é: “Quem vai morrer primeiro?” (DELILLO, 1987, p. 101)¹⁴⁴; em *Zero K*, “Um morre, o outro tem que morrer.” (DELILLO, 2017, p. 110)¹⁴⁵. Em ambas as recorrências, a preocupação é com a morte e não com a vida. É um contrassenso. Considerar as personagens como alegorias do sujeito pós-moderno, fragmentado como Hall (2015) caracteriza o homem contemporâneo, e sem tempo para viver em bem-estar, como Bauman (2005) recomenda; é para o leitor refletir e perguntar-se se ele estaria fazendo o mesmo com a sua vida.

Em *Zero K*, percebe-se que a tecnologia vai levar as pessoas a viverem mais, mas chegará um ponto em que as pessoas não vão querer viver mais. Segundo um dos oradores da Convergência:

‘Com o tempo, uma religião da morte vai surgir em reação às nossas vidas prolongadas.’
 ‘Queremos a volta da morte.’
 ‘Bandos de rebeldes da morte vão sair matando pessoas aleatoriamente. Homens e mulheres perambulando pelo campo, usando máquinas primitivas para matar as pessoas que encontram.’
 ‘Banhos de sangue vorazes, com algo de cerimonioso.’ [...]
 ‘A morte é um hábito difícil de perder.’ (DELILLO, 2017, p. 72 – 73)¹⁴⁶.

¹⁴⁴ “Who will die first?” (DELILLO, 1985, p. 100).

¹⁴⁵ “One dies, the other has to die.” (DELILLO, 2016, p. 112).

¹⁴⁶ “In time a religion of death will emerge in response to our prolonged lives.”
 “Bring back death.”

“Bands of death rebels will set out to kill people at random. Men and women slouching through the countryside, using crude weapons to kill those they encounter.”

É como se DeLillo dissesse: vivam suas vidas da melhor forma, pautadas em valores fundamentais, imortalizem-se pelos seus feitos, pela arte e deixem o ciclo natural da vida se completar, usufruam de todos os recursos, mas não sejam escravos desse novo deus tecnológico.

4.4.7 Arte

A designação do termo **Arte** vem do latim *Ars*, que significa habilidade; para Aristóteles (1973), a Arte, em grego *téchne* — também é entendida como técnica, ofício. É definida como uma atividade que manifesta a estética visual, desenvolvida por artistas que se baseiam em suas próprias emoções. A arte, em suas manifestações, é um reflexo da época e cultura vivida. Ela existe desde as primeiras marcas da presença do homem no planeta; primeiro como forma de suprir as necessidades de sobrevivência (utensílios de cozinha e ferramentas). No Século V a. C., era considerada técnica, pois as esculturas e as pinturas eram aprimoramentos técnicos.

A arte é realizada por meio de uma grande variedade de linguagens, tais como: a arquitetura, o desenho, a escultura, a pintura, a escrita, a música, a dança, o teatro e o cinema, em suas variadas combinações. Todas as atividades apresentam, de alguma forma, questões relacionadas com a estética e a arte que precisam ser entendidas não só pelo especialista em arte, mas pelo cidadão comum. Para Cândido,

A arte é social nos dois sentidos: depende da ação de fatores do meio, que se exprimem na obra em graus diversos de sublimação; e produz sobre os indivíduos um efeito prático, modificando a sua conduta e concepção de mundo ou reforçando neles o sentimento dos valores sociais. (1985, p.20).

A arte representa as manifestações culturais do homem. Muitos elementos remetem às artes na narrativa de *Zero K*: os museus, os quadros que Ross colecionava e de que era apreciador, o próprio nome da personagem “Artis” e os

“Voracious bloodbaths with ceremonial aspects.” [...] “Death is a tough habit to break.” (DELILLO, 2016, p. 73).

manequins da Convergência também aparecem nesse campo semântico com a arte. No diálogo entre Ross, Jeff e Artis:

‘E quando você chegou’, disse ele (Ross), ‘O que foi que você viu?’
 ‘A terra, o céu, os prédios. O carro indo embora.’
 ‘O que mais?’ [...]
 ‘O que foi que eu vi?’
 ‘Duas mulheres’, ele respondeu. ‘Com uns trajes compridos, com véus.’
 ‘Duas mulheres de xador. Claro. Paradas naquele calorão, no meio da poeira.’
 ‘As duas primeiras obras de arte’, disse ele.
 ‘Nem me passou pela cabeça.’
 ‘Absolutamente imóveis’, disse ele.
 ‘Manequins’, disse Artis.
 ‘Pra ser visto ou não. Tanto faz’, ele de novo.’ (DELILLO, 2017, p. 53)¹⁴⁷.

Tem-se a impressão de que todo o complexo da Convergência é uma forma de arte, suas instalações e simulacros de jardim foram construídos para serem admirados, como uma forma de inserção de uma pedagogia mortuária equivalente a uma *ars moriendi*: a morte, como a vida, também deve ser elaborada como obra de arte. Segundo a própria Artis,

‘Este lugar, tudo aqui, me parece transitório. Cheio de gente entrando e saindo. E também os outros, os que estão saindo num determinado sentido, como eu, mas que vão ficar num outro sentido, como eu. Ficar esperando. A única coisa que não é efêmera é a arte. Não é feita pra uma plateia. É feita só pra ficar. Está aqui, fixa, parte das fundações, fixada em pedra. As paredes pintadas, as portas simuladas, as telas nos corredores. Outras instalações em outros lugares.’ (DELILLO, 2017, p. 52)¹⁴⁸.

¹⁴⁷ “When you arrived,” he said. “What did you see?”

“The land, the sky, the buildings. The car driving off.”

“What else?” [...]

“What did I see?”

“Two women,” he said. “In long hooded garments.”

“Two women in chadors. Of course. Just standing there in the heat and dust.”

“The first glimpse of art,” he said.

“Never occurred to me.”

“Standing absolutely still,” he said.

“Mannequins,” Artis said.

“To be seen or not seen. Doesn’t matter,” he said. (DELILLO, 2016, p. 51 – 52)

¹⁴⁸ “This place, all of it, seems transitional to me. Filled with people coming and going. Then the others, those who are leaving in one sense, as I am, but staying in another sense, as I am. Staying and waiting. The only thing that’s not ephemeral is the art. It’s not made for an audience. It’s made simply to be here. It’s here, it’s fixed, it’s part of the foundation, set in stone. The painted walls, the simulated doors, the movie screens in the halls. Other installations elsewhere.” (DELILLO, 2016, p. 50 – 51).

Como visto, a arte não é passageira, perdura por tempos, é atemporal. E assim também são os corpos imobilizados e preservados na Convergência:

[...] E os mortos, ou talvez mortos, ou lá o que fossem, os mortos criogênicos, em pé em suas cápsulas. Isso por si já era arte, e só neste lugar. (DELILLO, 2017, p. 74)¹⁴⁹.

[...] Era puro espetáculo, uma entidade única, os corpos majestosos em sua entronização criônica. Era uma forma de arte visionária, era *body art* com vastas implicações. (DELILLO, 2017, p. 248)¹⁵⁰.

O termo *body art* refere-se a uma manifestação artística que utiliza o corpo humano como recurso de expressão. Essa modalidade surgiu no ano de 1960 nos Estados Unidos e em nações europeias e uma das características do movimento era provocar a reflexão sobre a arte e a vida. Surgiu em paralelo a outros movimentos artísticos como, por exemplo, o *pop art*.¹⁵¹

Na narrativa, nas palavras de Jeff, vê-se que Artis, quando já estava na Unidade Zero K, criogenicamente imobilizada, parecia ter seu corpo “iluminado de dentro. [...] Era um ser humano idealizado [...] Era belo. Era o corpo humano como modelo de criação, [...] representava os temas de todo o complexo da Convergência”. Era um exemplo de arte do corpo. (DELILLO, 2017, p. 250).¹⁵²

Uma outra situação que leva o leitor a se deparar com a importância das artes no romance ocorre quando Jeff testemunha o preparo do corpo de Ross, ele ouve as últimas palavras sussurradas pelo pai: “*gesso de paris sobre linho*”. O filho afirma que “só sabia que *gesso de paris* era um termo usado pelos artistas, uma superfície ou meio.” (DELILLO, 2017, p. 243)¹⁵³. Tempos depois, quando Jeff já tinha retornado da Convergência, com sua vida em andamento, na cidade de Nova York, recorda-se das palavras ditas por seu genitor:

¹⁴⁹ [...] And the dead, or maybe dead, or whatever they were, the cryogenic dead, upright in their capsules. This was art in itself, nowhere else but here. (DELILLO, 2016, p. 74).

¹⁵⁰ [...] This was pure spectacle, a single entity, the bodies regal in their cryonic bearing. It was a form of visionary art, it was body art with broad implications. (DELILLO, 2016, p. 256).

¹⁵¹ *Body art*. Disponível em: <www.arte.seed.pr.gov.br>. Acesso em: 22 nov. 2019.

¹⁵² Her body seemed lift from within. [...] It was an idealized human. [...] It was a beautiful sight. It was the human body as a model of creation [...] who carried the themes of this entire complex [...] (DELILLO, 2016, p. 258).

¹⁵³ “Gesso on linen.” [...] I knew only that gesso was a term used in art, a surface or medium. (DELILLO, 2016, p. 251).

Entro na sala das pinturas monocromáticas, lembrando as últimas palavras que Ross conseguiu articular. *Gesso de paris sobre linho*. Tento absolver o termo de seu significado e encará-lo como um fragmento de um belo idioma perdido, que não é falado há mil anos. As pinturas da sala são óleo sobre tela, mas eu digo a mim mesmo que vou visitar museus e galerias e procurar pinturas classificadas como gesso de paris sobre linho. (DELILLO, 2017, p. 260)¹⁵⁴.

Assim, a arte é recorrente na narrativa de *Zero K*, é um elemento que permite a permanência das mais variadas formas de manifestação. Ela transcende o tempo do homem, simplesmente permanece.

Artis vai ficar como a própria arte; seu corpo, assim como o de Ross, permanecem em suas respectivas cápsulas, preservados da ação do tempo, como obras artísticas, “nus e absolutos, mais ou menos imortais”, pois, ao pó, não vão retornar. Para Jeff, “a presença de Artis ali fazia sentido; a de Ross, não.” (DELILLO, 2017, p. 250).¹⁵⁵

4.4.8 Artis Martineau

Artis Martineau foi a segunda esposa de Ross Lockhart. Os dois viviam em perfeita sintonia, diferentemente do que ocorria no primeiro relacionamento, o de Ross com Madeline.

No modelo de família pós-moderna, com várias ramificações, Jeff que não tinha mais a mãe, teve Artis como madrasta e pelo relato do enteado, o leitor tem uma noção da condição adiantada da doença que a consumia:

Artis, a mulher dele, sofria de várias doenças debilitantes. Eu sabia que a esclerose múltipla era a principal responsável por sua deterioração. Meu pai estava ali como testemunha dedicada do falecimento dela, e em seguida como observador informado dos métodos iniciais que permitiriam a preservação do corpo até o ano, a

¹⁵⁴ *I enter the room with monochrome paintings, recalling the final words that Ross managed to speak. Gesso on linen. I try to absolve the term of its meaning and to think of it as a fragment of some beautiful language, unspoken for a thousand years. The paintings in the room are oil on canvas but I tell myself that I will visit museums and galleries and search for paintings designated gesso on linen. (DELILLO, 2016, p. 268).*

¹⁵⁵ *[...] naked and absolute, more or less immortal. [...] Artis belonged here, Ross did not. (DELILLO, 2016, p. 258).*

década, o dia em que seria seguro redespertá-lo. (DELILLO, 2017, p. 13)¹⁵⁶.

Como arqueóloga, Artis vivia de escavar o passado, remexer a terra em busca de descobertas a respeito de tempos remotos e recusou-se a ser enterrada e virar pó, ter seu corpo compactado pela história. Ela queria transcender a morte, viver em um futuro, ainda que incerto.

Ao ser inquerida pelo enteado a respeito de sua ciência sobre “[...] os procedimentos a que iria ser submetida, os detalhes, como eles iriam fazer”, Artis responde sem hesitação: “sei exatamente”. (DELILLO, 2017, p. 49)¹⁵⁷. Mas suas dúvidas são relativas a o que seu ser se tornaria após o processo criogênico: “[...] Quem eu vou ser ao redespertar? Minha alma vai sair do corpo e migrar para um outro corpo em algum lugar?” (DELILLO, 2017, p. 50)¹⁵⁸.

Dúvidas não respondidas. E Artis convidou Jeff a se juntar a ela e a Ross na decisão de se submeter aos procedimentos da Unidade *Zero K*, rumo à imortalidade. “Ela mexeu os lábios, duas palavras não ditas. ‘Venha conosco’”. (DELILLO, 2017, p. 115).¹⁵⁹ Mas Jeff não quer ficar criogenicamente imobilizado. Ele segue seu curso, decide por enfrentar a vida.

Artis é a representação do sujeito pós-humano. Aquele que com a intermediação da ciência e da tecnologia, busca estar além das contingências humanas, rompe as barreiras das fases estabelecidas: nascimento, vida e morte para despontar depois da morte. Com o corpo congelado e preservado, é como se tivesse interrompido a flecha do tempo, pois no *Zero K*, no Zero Absoluto ou 0° Kelvin (-273,15°C) nada se move, o tempo para.

Pode-se ouvir seus pensamentos por meio do diálogo que desenvolve com seu próprio *self*, quando já está em sua fria câmara mortuária. Parece demorar para reconhecer-se em sua urna de congelamento; a consciência continua, o fluxo de pensamento desafia a condição do corpo, ela luta pela preservação de sua identidade:

¹⁵⁶ *Artis, his wife, was suffering from several disabling illnesses. I knew that multiple sclerosis was largely responsible for her deterioration. My father was here as devoted witness to her passing and then as educated observer of whatever initial methods would allow preservation of the body until the year, the decade, the day when it might safely be permitted to reawaken. (DELILLO, 2016, p. 8 – 9).*

¹⁵⁷ *“Do you know the procedures you’ll be undergoing, the details, how they do it.” “I know exactly.” (DELILLO, 2016, p. 48).*

¹⁵⁸ *“[...] Who will I be at the reawakening? Will my soul have left my body and migrated to another body somewhere?” (DELILLO, 2016, p. 48).*

¹⁵⁹ *Moving her lips, three unspoken words. Come with us. (DELILLO, 2016, p. 117).*

Mas será que sou quem eu era.

Acho que sou alguém. Tem alguém aqui e eu sinto isso em mim ou comigo.

Mas onde é aqui e há quanto tempo estou aqui e serei eu só o que está aqui.

Ela conhece essas palavras. Ela é toda palavras, mas não sabe como sair das palavras e entrar em ser alguém, ser a pessoa que sabe as palavras.

O tempo. Eu sinto o tempo em mim por toda parte. Mas não sei o que ele é.

O único tempo que eu sei é o que eu sinto. É tudo agora. Mas não sei o que isso quer dizer. [...]

Ela está tentando entender o que aconteceu com ela e onde está e o que quer dizer ser quem ela é.[...]

Ela é a primeira e terceira pessoa ao mesmo tempo. (DELILLO, 2017, p. 153 - 154)¹⁶⁰.

Artis tem dificuldade para unir a primeira e a terceira pessoa, pois “Ela é primeira pessoa e terceira pessoa sem ter como juntar as duas.” (DeLillo, 2017, p. 156)¹⁶¹. A pessoa antes e depois de *Zero K*, o ser que ultrapassa as fronteiras do processo de congelamento e preservação a que são submetidos nessa unidade especial.

Como visto no Capítulo 2 do presente trabalho, a citação anterior provém de uma seção especial, que recebe o nome dessa intrigante personagem feminina de DeLillo, ‘Artis Martineau’. É um capítulo-ponte que une os dois outros conjuntos formados por dez seções cada, totalizando 21 partes.

Nesse capítulo do meio, há duas falas: uma aparece em caracteres redondos, escrita em primeira pessoa, sem recuo paragrafático, isto é, em estilo bloco americano; já a outra fala está em itálico, narrada em terceira pessoa, com recuo de parágrafo. É a conversa de Artis com ela mesma ou sobre ela mesma. Pode-se ver os itens elencados no quadro a seguir:

¹⁶⁰ *But am I who I was.*

I think I am someone. There is someone here and I feel it in me or with me.

But where is here and how long am I here and am I only what is here.

She knows these words. She is all words but she doesn't know how to get out of words into being someone, being the person who knows the words.

Time. I feel it in me everywhere. But I don't know what it is.

The only time I know is what I feel. It is all now. But I don't know what this means. [...]

She is trying to understand what has happened to her and where she is and what it means to be who she is. [...]

She is first person and third person both. [...] (DELILLO, 2016, p. 153– 154).

¹⁶¹ *She is first person and third person with no way to join them together.* (DELILLO, 2016, p. 160).

Quadro 2: Características do Capítulo Artis Martineau: duas vozes.

Narrado em 1ª pessoa	Narrado em 3ª pessoa
Caracteres redondos	Caracteres itálicos
Estilo bloco americano	Branco paragrafíco
Ego	Eu
Linguagem	Metalinguagem
Matéria	Transcendência
Chronos	Kairós
Contingência (homem como ser contingente)	Espiritualidade (homem como ser transcendente)
Morte	Não-morte

Quadro elaborado pela autora desta tese.

É possível interpretar uma situação em que se observa Artis, distanciando-se até um ponto fora dela; há uma certa reflexão sobre o que está acontecendo com ela, simulando um jogo entre o eu e o ego. Existe o eu superior, além da identidade social, uma consciência maior. Ela teria alcançado a consciência de mundo no estado em que se encontra ali? Estaria DeLillo falando de uma consciência a qual não depende do tempo, não está presa às questões materiais, libertou-se do *chronos* e alcançou o *kairós* (tempo de Deus, atemporal)?¹⁶² *“Minutos, horas, dias e anos. Ou será que tudo que ela sabe está contido em um único segundo atemporal.”* (DELILLO, 2017, p. 158).¹⁶³

Jeff, apesar de seu ceticismo, tenta imaginar Artis, em diálogo com ela mesma, como pode ser visto no excerto a seguir:

Penso em Artis na cápsula e tento imaginar, indo de encontro à minha firme convicção, que ela consiga vivenciar um mínimo de consciência. Imagino-a num estado de solidão virginal. Nenhum estímulo, nenhuma atividade humana que incite uma reação, nem o mais rudimentar vestígio de memória. Então tento imaginá-la num

¹⁶²Chronos é o senhor do tempo, enquanto Kairós representa o tempo que não pode ser controlado. Na mitologia grega, Chronos (Cronos) é o Deus do tempo, uma grandeza que pode ser medida por horas, minutos, dias, semanas, meses e anos. Sua força é implacável e não pode ser detida, e tudo que é conquistado nesse tempo é efêmero e findável. (Disponível em: <significados.com.br>. Acesso em: 10 abr. 2020).

¹⁶³ *Minutes, hours, days and years. Or is everything she knows contained in one timeless second.* (DELILLO, 2016, p. 161).

monólogo interior, dela, autogerado, talvez incessante, a prosa aberta de uma voz em terceira pessoa que é também a voz dela, uma espécie de ladainha num único tom grave. (DELILLO, 2017, p. 263 – 264).¹⁶⁴

Um jogo entre linguagem e metalinguagem, ou seja, a linguagem que se debruça sobre a própria linguagem: *“Ela tenta ver as palavras. Não as letras das palavras, mas as palavras em si.”* O autor aponta também para a identidade multifacetada do sujeito: *“Todos os eus que um indivíduo possui. O que restará dela serão uma voz em seus últimos resquícios.”* (DELILLO, 2017, p. 158).¹⁶⁵

Há também uma disputa entre o homem contingente, possuidor de necessidades biológicas, que luta contra a entropia, mas perece, e a espiritualidade, a qual permite ao indivíduo transcender a matéria, segundo as religiões.

Nesse capítulo sobre a personagem, os temas são retomados: identidade, tempo, linguagem, imortalidade, transcendência. É um tributo às questões levantadas na narrativa, especialmente à importância da linguagem na vida humana. Pode sinalizar um mapa de leitura para a obra.

O eixo morte e não-morte é estrutural na obra *Zero K*. Se por lado um lado, a morte está presente nos diálogos desde o início, o que se pode deduzir como direção de leitura é a não-morte. O materialismo prende o homem à vida efêmera, mas muitos são os alertas que a obra oferece para se mudar a direção: a não-morte. A transcendência pode ser uma busca, à medida que o homem percebe que está aos tropeções neste mundo disforme (as catástrofes e as contingências), cujas regras e objetivos são completamente desconhecidos, aparentemente indecifráveis e possivelmente inexistentes, sempre à beira de ser morto por forças que não se compreende. Concorre com a morte a transcendência por meio da arte ou da espiritualidade vividas de forma autêntica, o que nem sempre é por meio da cultura ou da religião, respectivamente.

¹⁶⁴ *I think of Artis in the capsule and try to imagine, against my firm belief, that she is able to experience a minimal consciousness. I think of her in a state of virgin solitude. No stimulus, no human activity to incite response, barest trace of memory. Then I try to imagine an inner monologue, hers, self-generated, possibly nonstop, the open prose of a third-person voice that is also her voice, a form of chant in a single low tone. (DELILLO, 2016, p. 272).*

¹⁶⁵ *All the selves an individual possesses. What is left to her but a voice in its barest sheddings. (DELILLO, 2016, p. 162).*

4.5 Ser x Parecer; Materialismo x Transcendência

Tanto em *White Noise* como em *Zero K*, as personagens vivem preocupadas com a morte, assombradas pela entropia. Essa é uma forma de não viver plenamente, como poderia ser, uma espécie de não-vida, que se estabelece pelo materialismo que é uma tentativa de não morrer. Como não morrer e manter a vida? Qual a saída? A transcendência: o que é fundamental no homem, o que não vai morrer dele: o que fez, o que criou, ou que é não material (espiritual). As religiões orientais pregam que o transcendente é aqui, pois os indivíduos não vivem o materialismo¹⁶⁶.

A dialética estabelece-se, então, pelo eixo não-vida, mas como não morrer? A saída é a tecnologia ou a ciência: o indivíduo que não está mais entre os que vivem, permanece em imagem e memória (vídeos, fotos, registros virtuais) e pelo que construiu como conhecimento para a humanidade.

Desde as últimas décadas do século XX, com o capitalismo em ascensão e os avanços tecnológicos para uma boa parte dos cidadãos, tem-se a impressão de que os valores começaram a se alterar, e os bens materiais passaram a estar em alta, isto é, o “ter”, quais bens podem ser adquiridos com dinheiro. O respeito foi para a marca da grife usada. O salário passou a ser mais importante do que a vocação ou habilidade, ou ainda, o gosto necessário para exercer uma profissão. O reconhecimento social, muitas vezes, ocorre mais pelo material do que pelos valores transcendentais.

As grandes marcas começaram a ter suas peças imitadas, falsificadas, num jogo de aparência tão perfeito ao original que deixou as pessoas confusas: tudo tem seu produto paralelo. Aqueles que não podiam comprar o relógio mais caro se contentam com as imitações, à distância não tão facilmente diferenciadas. E, então, o importante é “parecer” que se possui a riqueza. Assim, não importa mais nem ser e

¹⁶⁶ Max Weber demonstra que “se encontra a diferenciação entre o conceito de um Senhor da Criação supramundano, pessoal, irado, misericordioso, amante, exigente, punitivo. Ele contrasta com o ser supremo [...] impessoal.” Segundo Weber, o primeiro conceito encontra-se nas “religiões iraniana e do Oriente Médio”, dos quais derivaram as religiões ocidentais. O conceito oposto “dominou a religiosidade indiana e chinesa”. Nesse parágrafo, Weber associa as religiões atualmente chamadas “ocidentais” com a religiosidade monoteísta, enquanto delimita as religiões orientais e as tradições do Sudeste e do extremo leste da Ásia, evitando confusões potenciais da categoria “oriental” devido à localização da Palestina e da Península Arábica, duas regiões de alta importância para a história das religiões. (WEBER, 2008, p. 212).

nem mesmo ter: apenas parecer! O que tem excelente efeito nas redes sociais, no universo novo dos contatos virtuais.

No século dezoito, Rousseau disse que a sociedade moderna sofria de um grande mal: uma cultura que dava ao homem "a aparência de todas as virtudes, sem que se possuía nenhuma delas." (1983, p. 335). O autor, em seu *Discurso sobre as ciências e as artes*, confronta a crença comum de que essas contribuem para o melhoramento dos costumes e, por efeito, para o aprimoramento das sociedades. Fundamenta que esse jogo das aparências corrompe a virtude e alimenta os vícios, sob uma capa de falsa civilidade. Discernir o ser do parecer é aspecto fundamental na tese de Rousseau, que se expressa com pesar ao falar da sociedade moderna (e porque não a atual) corrompida nesse jogo em que a "aparência não é menos estranha à virtude, que constitui a força e o vigor da alma" (1983, p. 336). Ele destaca a preocupação com relação à sociedade estruturada sobre a aparência, que estaria fadada ao fracasso moral e aqui, nesta análise, pode-se afirmar que no vácuo deixado pelo conflito entre ser e parecer está o espaço de onde brota o mal na humanidade e aí começariam as infelicidades.

A dicotomia ser/parecer transfere-se para os demais âmbitos, como o familiar e o político, evoluindo para outros aspectos da vida humana, como o domínio de homens sobre homens que se iludem quanto ao que venha a ser a liberdade de escolher por meio do saber (conhecimento). Como distinguir ser e parecer? O 'ser' está ligado com o que é simples, genuíno e transparente; já o 'parecer' liga-se com o que é complicado, artificial e opaco.

O materialismo é a concepção de mundo que considera o universo como sendo constituído exclusivamente de matéria e energia físicas, e de processos físicos que atuam sobre elas, num determinismo que conduz o homem ao seu fim indistintamente. Uma consequência é a negação do livre arbítrio, que tem consequências determinantes na sociedade: sem liberdade não pode haver dignidade, nem responsabilidade e nem individualidade ou identidade. Este seria um componente de cada ser humano que transcende a sua individualidade corporal, suas memórias, seus instintos, impulsos, gostos etc. No entanto, esse componente só faz sentido do ponto de vista da transcendência. A negação do livre arbítrio também deve levar à negação da moral, que está no campo do transcendente.

Existem várias acepções para o termo transcendência, pode referir-se ao que vai além do físico. Um espiritualista admite a existência de 'substâncias' que não

podem ser reduzidas à matéria física. A transcendência trata daquilo que está além do mundo material, o que levaria aos fenômenos de natureza metafísica. A palavra latina "*trascendere*" significa ultrapassar e está na base das reflexões sobre o sentido da existência do mundo e da vida humana, desde os filósofos da Grécia Antiga. Transcendência também é tema de grande valor e discussão para a teologia e para as religiões. Alcançar a transcendência pode ser a superação dos limites do ser humano. Para Sartre (2015), transcendência é algo que transcende a própria consciência. O autor usa a transcendência para descrever a relação do eu com o mundo, bem como as relações do eu com os outros.

No cenário pós-moderno de crença na tecnologia, faz sentido afirmar que a tecnologia pode, de uma forma ou de outra, resolver tudo aquilo que é problemático para o homem. Kevin Robins fala de um fundamento religioso utópico, transposto para o plano da tecnologia e pode-se, assim, falar num ciberevangelismo e numa salvação tecnológica. Não se trata de acreditar numa vida além da morte, mas antes numa vida além de vida – um lugar sem lugar, um momento sem tempo. (NICKEL, 2007, p. 197).

A apresentação das informações nos dois romances não é linear e faz parte da proposta pós-moderna. É uma outra ordem como preconiza a Teoria do Caos: uma ordem que não obedece mais ao sistema cartesiano, mas permite buscar outras leituras possíveis. Aqui a oferta do Quadrado Lógico de Greimas possibilita uma leitura adaptável a cada sistema. E o texto de DeLillo exige leituras transversais. Os temas discutidos no quadrado promovem a construção de uma costura, cujos fios são MORTE, VIDA, NÃO-VIDA e NÃO-MORTE nas duas obras.

DeLillo apresenta temas para serem discutidos como 'identidade', 'entropia', 'tempo', 'transitoriedade da vida', 'questões religiosas', 'questões planetárias', 'desenvolvimento científico-tecnológico', 'consumo desenfreado', 'os simulacros da sociedade contemporânea', 'transcendência' e outros em uma linguagem que permeia toda a narrativa, levando à percepção "do mal-estar da pós-modernidade", como exemplifica a teoria de Bauman.

4.6 As duas obras: vida e morte convergem

As obras *White Noise* (1985) e *Zero K* (2016) têm pontos de intersecção que intrigam o leitor. Foram publicadas com 31 anos de diferença e isso tornou possível para o autor sinalizar o homem frente a um período de grande evolução científico-tecnológica e toda a modificação instaurada na psique do sujeito pós-moderno que vivenciou a grande escalada rumo ao desenvolvimento desenfreado dessa época.

White Noise tem como contexto a ascensão do capitalismo com seu apelo inigualável ao consumo. Trata também do alerta para as grandes catástrofes ambientais e do desamparo do homem frente às âncoras da sociedade: o Estado, a religião e a família.

Zero K mostra o homem sobrevivendo sem a ancoragem da tríade citada, mostrando a ciência e a tecnologia como deuses substitutos. São negócios privados, empreendimentos privados, família dilacerada e grandes catástrofes no planeta. O sonho da imortalidade tão antigo na história da humanidade intensifica-se com as ferramentas e os avanços conquistados.

O homem luta para reconstruir sua identidade fragmentada, quase liquefeita, procura por novas âncoras em bases tecnológicas e científicas. Há o clamor para a redescoberta da simplicidade das pequenas coisas, o equilíbrio do conhecimento bem empregado com a beleza dos fenômenos naturais que saúdam o planeta sazonalmente como o *Mahattanhenge*. As obras mostram também o progresso do homem frente aos seus medos e a luta para que a libertação pelo conhecimento se dê.

O título da primeira obra analisada, *White Noise*, Ruído Branco, pode conotar os sons midiáticos vindos constantemente da televisão ou do rádio, em conexão com o 'ruído' dos pensamentos sobre o que cerca o homem. Um ruído que pode levar a dois caminhos: seguir alienado nas amarras do capitalismo ou transcender isso tudo e prosseguir em busca de um viver mais harmonioso, voltado para a verdadeira essência humana.

Se se pensar que na física o termo 'ruído branco' deriva de "luz branca que é uma mistura igual de todas as frequências visíveis de luz, como foi demonstrado por

Isaac Newton”¹⁶⁷, o título pode sugerir a luz branca que, por sua vez, representa a libertação do homem pelo conhecimento, como já mencionado no Mito da caverna.

Ruído branco também pode remeter à condição entrópica do homem, à sua finitude, como pode ser visto no trecho a seguir em que Jack conversa com Babette acerca de seus medos constantes:

- Que estranho. Nós temos esses medos terríveis, profundos, a respeito de nós mesmos e das pessoas que amamos. No entanto, a gente sai, fala com as pessoas, come e bebe. A gente consegue funcionar. Os sentimentos são profundos e reais. Não deveríamos ficar paralisados? [...]
- E se a morte for só um som?
- Um ruído elétrico.
- Sem parar pra todo sempre. Um som universal. Que coisa terrível.
- Uniforme, branco.
- Às vezes ela me avassala – disse Babette. – Às vezes se insinua na minha mente, pouco a pouco. Eu tento falar com ela. ‘Agora não, Morte.’ (DELILLO, 1987, p. 195)¹⁶⁸.

O título de *Zero K*, como visto, também remete à física¹⁶⁹, ao *Zero Kelvin*, uma ciência em franca expansão com os estudos da física quântica¹⁷⁰ que busca elo entre a ciência e a espiritualidade. Ciência que também tem a empreitada de provar a presença do espírito em forma de energia, em busca de compreender todas as dimensões do universo: a convergência da física quântica e da espiritualidade. Na morte, a consciência de um sujeito não tem mais corpo para se abrigar. A morte é uma consciência sem corpo. Fica no universo. É quantidade de energia.

Por meio da fala de Jeff, encontra-se a definição de ‘Convergência’, anunciando a intersecção das forças da vida e de morte:

¹⁶⁷ *White light is approximately an equal mixture of all visible frequencies of light, which was demonstrated by Isaac Newton.* Stein, Michael L. *Interpolation of Spatial data.* [S.l]: Springer, 1999. p. 40.

¹⁶⁸ *“How strange it is. We have these deep terrible lingering fears about ourselves and the people we love. Yet we walk around, talk to people, eat and drink. We manage to function. The feelings are deep and real. Shouldn’t they paralyze us? [...]*

“What if death is nothing but sound?”

“Electrical noise.”

“You hear it forever. Sound all around. How awful.”

“Uniform, White.”

“Sometimes it sweeps over me,” she said. “Sometimes it insinuates itself into my mind, little by little. I try to talk to it. “Not now, Death.”” (DELILLO, 1985, p. 198 – 199).

¹⁶⁹ Estudo do macrocosmo, do universo como um todo.

¹⁷⁰ Estudo do microcosmo, estuda a estrutura íntima da matéria, do que ela é feita. A Física que estuda o quantum de energia eletromagnética emitida por todas as partículas existentes.

Numa parede havia uma tabuleta de argila rachada, fixada na horizontal, apresentando uma linha compacta de números, letras, raízes quadradas e cúbicas, sinais de mais e de menos, e também parênteses, símbolos de infinito e outros símbolos, com o sinal de igual no meio de tudo, indicando igualdade lógica ou matemática. Eu não sabia o que significava aquela equação e não tinha intenção de perguntar. Então pensei na Convergência, no nome em si, a palavra em si. Duas forças distintas aproximando-se de um ponto de interseção. A fusão, hálito contra hálito, do fim e do início. Seria a equação da tabuleta uma expressão científica do que acontece com um corpo humano individual quando as forças de morte e da vida se unem? (DELILLO, 2017, p. 247)¹⁷¹.

Os dois casais: Jack e Babette (*White Noise*) – que têm medo exacerbante da morte – e Ross e Artis (*Zero K*), que não temem morrer, vão ao encontro da morte com o intuito de vencê-la. Assim, ambos os romances tratam do limiar sutil entre vida e morte.

As famílias dos dois romances são costuradas com uma série de novas relações, são modelos de “família tentacular”, descrita pela psicanalista brasileira Maria Rita Kehl (2020) como aquelas que possuem uma

confusa árvore genealógica [...], irmãos não consanguíneos convivem com “padrastos” ou “madrastas” (na falta de termos melhores), às vezes já de uma segunda ou terceira união de um de seus pais, acumulando vínculos profundos com pessoas que não fazem parte do núcleo original de suas vidas.¹⁷²

Jack, em *White Noise*, está em seu quinto casamento, com filhos provenientes de uniões anteriores, como a figura de um polvo que possui muitos tentáculos, com filhos espalhados, constituindo outros núcleos familiares. Também Ross, em *Zero K*, tem dois casamentos; o filho, Jack, teve mãe e madrasta e tem mágoa do pai por tê-lo abandonado, namora Emma que vem de um casamento desfeito e, por sua vez, tem um filho adotivo. Este, obviamente, veio de outro lar; assim, mais relações vão sendo constituídas.

¹⁷¹ *On one wall there was a cracked clay tablet set horizontally and bearing a tightly compressed line of numbers, letters, square roots, cube roots, plus and minus signs, and there were parentheses, infinities and other symbols with an equal sign in the midst of it all, an indication of logical or mathematical equality. I didn't know what the equation was meant to signify and I had no intention of asking. Then I thought of the Convergence, the name itself, the word itself. Two distinct forces approaching a point of intersection. The merger, breath to breath, of end and beginning. Could the equation on the plaque be a scientific expression of what happens to a single human body when the forces of death and life join? (DELILLO, 2016, p. 255).*

¹⁷² Disponível em: <www.fronteiras.com/artigos>. Acesso em: 16 mar. 2020.

É a estrutura da família contemporânea, em oposição à família nuclear, moderna. Para Kehl (2020), os tentáculos, que remetem aos polvos, abraçam diversos membros antes inexistentes – frutos de novos casamentos, filhos destes novos pais, outras vezes são filhos de adolescentes que engravidaram e não têm onde morar etc. Sem os locais tão bem definidos no início do século XX (estrutura nuclear – pai, mãe e filho), as funções se dissolvem e as posições se confundem. O poder do pai, antes temido, dilui-se; a presença da mãe, antes dona de casa e hoje trabalhadora, diminui; e as crianças e adolescentes enfrentam novos desafios.

Kehl tenta remover o sentido de culpa que surge nas mães contemporâneas, a da ausência na casa por sua busca pessoal, lembrando que foi precisamente a estrutura nuclear geradora da psicanálise freudiana: “não é à toa. A psicanálise surge quando surge a doença”, afirma. (2020).

Em meio à família tentacular, estão o Estado e as instituições cada vez mais distanciadas do cuidar do cidadão. Em *White Noise*, as autoridades ainda prestam ajuda e socorro às vítimas do desastre. Em *Zero K*, o empreendimento que promete salvar, é totalmente privado. As pesquisas contam com benfeitores ricos, bem-sucedidos do mundo capitalista que podem se valer das benesses proporcionadas por recursos financeiros; sinalizando a existência de vários mundos distintos: o daqueles que têm acesso ao desenvolvimento científico-tecnológico e o de outros, excluídos de suas prerrogativas.

Diversos lados do mundo, o limiar delicado e sutil que separa e simultaneamente junta os acontecimentos catastróficos que assombram o planeta como acidentes, inundações, queimadas e os valores que devem permear a vida como o amor, a natureza e a espiritualidade.

Tem-se a certeza de que DeLillo é um grande estudioso dos grandes teóricos da pós-modernidade como Jameson (Capitalismo Tardio), Bauman (Modernidade líquida) e Lipovetsky (A era do vazio) e seus romances puderam exemplificar o contexto dessa época em o homem vive as grandes transformações nas mais diversas áreas do conhecimento e suas consequências, muitas vezes, catastróficas.

Nesses trinta e um anos que separam as duas publicações, foram tantas catástrofes, que os indivíduos ficaram endurecidos e elas se tornaram triviais; pois, praticamente não os tiram mais da rotina. *Zero K* é um arauto para que o homem tome consciência da realidade que o cerca, possa refletir e resignificá-la, transcendendo o materialismo.

As sementes de alerta lançadas em *White Noise* floresceram viçosamente no campo de *Zero K*. Pode-se ver o olhar analítico com o qual DeLillo enxerga a sociedade e mostra como o homem se sente incapaz de fazer as mudanças necessárias.

As novas buscas para se imortalizar passam pelo crivo da ciência, da tecnologia; são as novas âncoras, já que as instituições que davam o alento para o homem como a família, o estado e a religião estão um tanto esmaecidas em suas forças. Os novos desafios são as mudanças climáticas, as guerras nucleares e o mau uso das tecnologias em provocar destruição ou serem ferramentas para o terrorismo que, vez ou outra, desestrutura as nações.

As personagens de DeLillo, em *White Noise* e *Zero K*, são representantes desse sujeito social que vivencia movimentos constantes nas esferas sociais, econômicas, culturais e políticas, redesenhando o panorama das comunidades citadinas.

São sujeitos que veem a liquidez das relações afetivas, testemunham a avalanche da informação pelas diferentes mídias existentes, adaptam-se às mais diferentes experimentações da tecnologia, deparam-se com incertezas e inseguranças dessa época, com sua finitude e o desejo por imortalidade.

Elas representam a constituição de uma identidade histórico-sociocultural que é remodelada freneticamente em meio aos avanços tecnológicos desta nova era, atestando que cada biografia é um episódio dentro da história da sociedade e que a literatura registra todas essas ocorrências.

A experiência do homem pós-moderno, no ocidente, oferece parâmetros a partir dos quais o homem experimenta o mundo e a si mesmo; constituindo, na atualidade, uma outra configuração de sujeito. Assim, as antigas dualidades cultura e natureza, humano e não-humano (animal ou máquina), natureza e artifício, corpo e espírito, orgânico e inorgânico, real e simulado, que a modernidade vivenciou como jogos de oposição, constituindo sua tipologia estruturante, na qual se jogava o jogo dos limites e das transgressões possíveis, estão hoje imbricadas neste universo onde a tecnologia aparece com uma dupla presença: condição de possibilidade e agente da passagem para um novo contexto.

Pode-se considerar a pós-modernidade como o entorpecimento do humanismo nas mais sofisticadas acepções deste termo, uma vez que a referência é tanto a desconstrução deste homem do humanismo como a da sua simbolização

(representação), que pode ser descrita brevemente como uma subjetivação do mundo e uma correlata mundialização do sujeito.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS: *WHITE NOISE* E *ZERO K* – DESAFIANDO TERRITÓRIOS HUMANO-SÓCIO-TECNOLÓGICOS

Em meados do século XXI, mudanças aceleradas e vida mais longa tornarão o modelo tradicional obsoleto. A vida se esgarçará, e haverá cada vez menos continuidade entre os diferentes períodos de vida. ‘Quem sou eu?’ será uma pergunta mais urgente e complicada do que jamais foi.

(HARARI, 2018, p. 325).

A presente parte da tese analisa os territórios perpassados pelo homem social em busca de sua ininterrupta evolução. Velhos inimigos como doenças, fome e guerras tiveram seus percentuais drasticamente diminuídos em face dos avanços científico-tecnológicos conquistados. Novas aspirações surgiram, entre elas, encontram-se a imortalidade, a felicidade e a divindade. O autor norte-americano, Don DeLillo, mostra tanto em *White Noise* quanto em *Zero K*, o homem frente a desafios para a concretização dessas novas aspirações.

Teóricos como Berger (1967), Geyh, Leebrom e Levy (1998), Haraway (2010) e Harari (2016, 2017, 2018) embasam esta seção, evidenciando a maneira como a literatura permite representar, reler e reavaliar os traços identitários do sujeito na construção das comunidades sociais formadas nas últimas décadas do século XX e início do século vigente.

O homem é um ser social, precisa viver em grupo, relacionar-se com seus pares. Dialeticamente ele constrói a sociedade e é produto desta mesma comunidade, isto é, ele é modificado por sua própria criação. Está em busca constante por evolução e vai criando coisas que facilitam o seu viver; mas, diferentemente de outros animais, modifica o ambiente ao seu redor e pode até causar destruição em nome do constante progresso.

Quando comparado a outros animais, é o único ser que antes de construir e edificar seu próprio mundo, já tem a ideia pré-concebida em seu cérebro. As demais criaturas como outros mamíferos, aves, répteis, insetos ou aracnídeos, por exemplo, organizam-se na natureza, alguns constroem os próprios lares como as abelhas, as aranhas e os joões-de-barro, mas fazem estas ações instintivamente.

O homem é sujeito de sua própria história, escreve o roteiro, atua com seus pares e pode mudar e reescrever o desfecho de sua narrativa. Em sua construção de mundo, anda por vários territórios, atravessa várias fronteiras e compõe sua cultura; produz suas diferentes formas de arte e por meio delas registra seu comportamento e anseios. A literatura é uma destas artes, possibilita o registro das trajetórias percorridas e fronteiras ultrapassadas pelo homem social. (FERNANDES; FRIGO, 2018, p. 344).

Em suas andanças por vários territórios, sempre em busca desenfreada por evolução e progresso, o homem social deparou-se com velhos inimigos. Segundo Harari (2017a), as forças contrárias eram as doenças, a fome e as guerras. Esses inimigos ainda existem, mas em proporções bem menores.

Houve época em que doenças como a peste negra, causada por uma bactéria, foi responsável por dizimar um terço da população europeia no século XIV. Hoje em dia, existe a cura para muitas doenças que assolaram a população mundial, há vacinas para prevenção de inúmeras enfermidades, controle para muitas outras, como a *AIDS (Acquired Immunodeficiency Syndrome)*. É claro que os desafios são muitos, principalmente agora com a COVID-19, mas morre-se muito menos por doenças atualmente, comparando-se com séculos anteriores, quando nem a penicilina havia.

A fome ainda é um problema a ser enfrentado, embora atualmente seja possível a produção de alimentos nos ambientes mais inóspitos. O homem conseguiu driblar a natureza e construiu utensílios, ferramentas e máquinas para cultivar o solo, irrigá-lo, produzir grandes quantidades de alimentos, estocá-los e também industrializá-los. Há até a agricultura de precisão que dispõe de *GPS*, *drones* e outros dispositivos de última geração. Porém, há áreas no planeta com escassez de recursos para a produção agrícola, embora, de maneira geral, os problemas impeditivos para o plantio são contornados.

As guerras também acontecem: pode-se pensar na Faixa de Gaza, por exemplo, nos conflitos entre palestinos e israelenses; mas o que dizer a respeito da aniquilação de vidas nas Grandes Guerras mundiais de 1914-18 e 1939-45 e no próprio Holocausto nazista que dizimou cerca de seis milhões de judeus?

O clima entre as nações é de relativa paz; relativa porque, exceto conflitos internos e entre alguns países, o mundo não está em guerra mundial como se presenciou no século passado. Mas não se pode esquecer de que outras guerras

vão se instalando no mundo como a pandemia da Covid-19. Em poucos meses, mais de seis milhões de pessoas foram infectadas e quase 400 mil foram dizimadas¹⁷³, tirando a paz das nações.

Assim, Harari (2017a) afirma que os desafios do homem que vive no século atual são outros. Ele deve conviver com as agruras do crescimento econômico e com as novas tecnologias criadas. Ele almeja a imortalidade, a felicidade e a divindade.

Refletindo sobre as palavras do autor, tem-se que o crescimento econômico exigirá esforços gigantescos após a quarentena, isolamento social e *lockdown* exigidos mundo afora devido ao Coronavírus. As desigualdades econômico-sociais serão ainda mais evidentes nas populações atingidas pela doença. E nada é mais prejudicial ao homem do que a pobreza, a falta de recursos e a consequente exclusão das benesses do desenvolvimento.

O mundo sempre esteve em permanente processo de mudança, passou por várias revoluções, alterando o modo de produção e isso impactou o modo de vida do homem social e da economia como um todo. Antes da Revolução Industrial, a atividade produtiva era artesanal e manual; um artesão realizava todas as etapas do processo, desde a obtenção da matéria-prima até sua comercialização. Com a Primeira Revolução Industrial, de 1760 a 1850, iniciada na Inglaterra, houve a transição de métodos de produção artesanal para a produção por máquinas, energia a vapor, ferramentas e substituição de madeira por carvão, entre outros.

Nas palavras de Harari,

A Revolução Industrial abriu caminhos para converter energia e produzir bens; com isso, em grande medida, libertou a humanidade de sua dependência do ecossistema à sua volta. Os humanos derrubaram florestas, drenaram pântanos, represaram rios, inundaram planícies, construíram dezenas de milhares de quilômetros de ferrovias e edificaram metrópoles repletas de arranha-céus. Enquanto o mundo era moldado para atender às necessidades do *Homo sapiens*, habitats foram destruídos e espécies foram extintas. (2017, p. 361).

A Segunda Revolução Industrial iniciou-se na segunda metade do século XIX (1850 - 1870) e terminou durante a Segunda Guerra Mundial (1939 - 1945). Nessa fase, a industrialização espalhou-se pela Europa, Estados Unidos e Japão. “Tempos

¹⁷³ Covid-19. Disponível em: <g1.globo.com>. Acesso em: 7 jun. 20.

Modernos” (*Modern Times*), imortalizados no cinema por Charles Chaplin (*United Artists, Charlie Chaplin Film, 1936*), demonstra os modos de produção industrial baseados na divisão e na superespecialização do trabalho na linha de montagem.

Já a Terceira Revolução Industrial, também conhecida como Revolução Informacional ou Digital, tem a ver com a informatização dos processos e com a robótica. Começou em meados do século XX, momento em que a eletrônica aparece como verdadeira modernização da indústria. Isso aconteceu após a Segunda Grande Guerra e abrange o período que vai de 1950 até o início do presente século.

Na primeira década do século XXI, já se ouve falar da Quarta Revolução Industrial, chamada também de Manufatura Avançada ou Indústria 4.0, com roteiro escrito pelos alemães. Uma indústria planejada para funcionar com a integração das tecnologias e a análise de dados. É bem mais silenciosa e vazia, os funcionários fiscalizam as máquinas que fazem o trabalho pesado. Robôs são integrados em sistemas ciberfísicos, responsáveis por uma transformação radical, marcada pela convergência de tecnologias digitais, físicas e biológicas. Esses sistemas combinam máquinas com processos digitais, são capazes de tomar decisões descentralizadas e de cooperar - entre eles e com humanos - mediante a *Internet* das coisas e a computação na nuvem.

Em paralelo às revoluções na indústria econômica, a modernidade começou a ganhar do espaço pela velocidade, construindo estradas e estações espaciais, automóveis e aviões supersônicos, ônibus espaciais, sondas interplanetárias, satélites etc; o homem pousou na lua em 1969 (o primeiro evento técnico vivido como espetáculo), doenças foram erradicadas, encontrou-se a estrutura do DNA (a marca biológica dos vínculos humanos), descobriram-se as partículas subatômicas e o *microchip* foi inventado. O mundo terrestre foi mapeado e o que se situa além dele também: a Lua, Marte, parte de Vênus, as luas de Saturno etc. A compreensão do espaço físico estendeu-se para a cartografia da totalidade da estrutura cósmica.

Por outro lado, físicos de partículas dedicaram-se ao espaço subatômico, pesquisando os átomos, os núcleos e depois os *quarks* no coração da matéria: o universo físico, infinito, foi explorado em todos os níveis: na vasta escala das galáxias e nas menores partículas. Os neurocientistas, através de *scanners* mapeiam o espaço do cérebro humano; explodindo a relação visível/invisível, interior/exterior, vivido/em potência.

Para a ciência contemporânea, o mundo físico seria a totalidade da realidade e sua visão do espaço buscou estender-se, por isto, infinitamente, em todas as direções, apropriando-se de todos os possíveis e concebíveis territórios, sendo esta, indubitavelmente, a origem do ciberespaço¹⁷⁴.

Assim, a produção de novas tecnologias expande a cartografia dos espaços conhecidos e suas possibilidades de experimentação, provocando deslocamentos nos modos de experiência e interiorização do homem, provocando evolução e revoluções permanentes. As artes, em geral, e especialmente a literatura registram esses avanços tecnoculturais.

A tecnocultura, na ficção americana pós-moderna, assume uma variedade de formas, de acordo com Geyh, Leebrom e Levy (1998, p. 509). Na era do rádio, da televisão, do automóvel, do telefone e do computador, o fascínio dos autores contemporâneos com a tecnologia poderia ser considerado realismo social.

Em literatura, o termo tecnocultura descreve a proximidade entre os autores e os aparatos tecnológicos. DeLillo é um escritor que retrata as mudanças proporcionadas pela evolução tecnológica; suas personagens são representantes desse sujeito em franca exposição aos avanços da ciência.

White Noise apresenta o cotidiano de uma família em meio aos efeitos incessantes da evolução digital em seus diferentes espaços e nas diversas áreas, como a da medicina, por exemplo. Segue o excerto em que Jack tem medo de receber seu diagnóstico médico, teme pelo quanto a tecnologia pode revelar sobre seu estado entrópico:

O dr. Chakravarty quer falar comigo, mas faço questão de evitá-lo. Ele está ansioso para me dizer como vai minha morte. [...] Ele quer me inserir mais uma vez no formador de imagens, onde colidem partículas carregadas, sopram ventos fortes. Mas tenho medo do formador de imagens. Medo dos campos magnéticos, do pulso nuclear computadorizado. Medo do que ele sabe a meu respeito. Não atendo o telefone. (DELILLO, 1987, p. 318).¹⁷⁵

¹⁷⁴Margaret Wertheim em *The pearly gates of cyberspace* compara o ciberespaço com o espaço imaterial e duplo do Paraíso de Dante.

¹⁷⁵*Dr. Chakravarty wants to talk to me but I am making it a point to stay away. He is eager to see how my death is progressing. [...] He wants to insert me once more in the imaging block, where charged particles collide, high winds blow. But I am afraid of the imaging block. Afraid of what it knows about me. I am taking no calls. (DELILLO, 1985, p. 325).*

O romance ilustra a vida da família de Jack permeada pelas linguagens midiáticas do rádio, televisão e dos tabloides. Os Gladneys veem-se vigiados pelos aparatos de câmeras de segurança nos *shoppings* e lugares públicos. Eles têm o poder de compra facilitado pelos dispositivos eletrônicos, como o uso cartão de crédito para facilitar suas aquisições.

Em *Zero K*, a vida é codificada e decodificada com a parceria das linguagens computacionais e algoritmos. São câmeras de monitoramento, equipamento de gravação, áudio e vídeo, dispositivos que abrem e fecham portas automaticamente, elevadores que se deslocam na horizontal, pulseiras digitais para identificação e acesso a áreas restritas da Convergência: “[...] É uma tessitura digital, cada fragmento sendo manipulado e realçado, tudo projetado, montado, reprojetoado. [...] bits digitais, código digital, tudo gerado por computadores [...]” (DELILLO, 2016, p. 148).¹⁷⁶

No romance, a tecnologia é ubíqua, um novo deus. Um ambiente digital criado e isolado do mundo, distante de tudo e, ao mesmo tempo, perto de tudo: pois os dispositivos propiciam o contato entre pessoas que estejam nos cantos mais recônditos do planeta. São recursos científicos para amparar o desejo de tornar o homem imortal: “vitrificação, criopreservação, nanotecnologia.” (DELILLO, 2017, p. 137)¹⁷⁷.

DeLillo apresenta a tecnologia mediando a vida do sujeito nas mais variadas instâncias. Nota-se seu incessante compromisso em mostrar e denunciar o que considera características da Pós-modernidade na sociedade estadunidense: consumismo exacerbado; tecnologia excessiva; desrespeito à natureza; violência e terrorismo; quebra dos parâmetros tradicionais de família, religião e cultura.

O autor apresenta o homem frente às mudanças sociais, culturais e psíquicas e destaca a questão dos excessos da tecnologia na vida pós-moderna; apontando os desafios por ela desencadeados no âmbito do crescimento econômico social, bem como os desvarios dos indivíduos cujo ápice residiria no desejo de “aquisição da imortalidade” e submissão aos procedimentos demandados pela criogenia.

Na era tecnocultural, a literatura abarca o ressurgimento da ficção científica como um gênero literário experimental, produzindo visões distópicas, alegorias

¹⁷⁶ [...] *It's a digital weave, every fragmente manipulated and enhanced, all of it designed, edited, redesigned. [...] digital bits, digital code, all of it computer-generated, [...].* (DELILLO, 2017, p. 152).

¹⁷⁷ *Vitrification, cryopreservation, nanotechnology.* (DELILLO, 2016, p. 141).

sociais e variações inovadoras nas formas da ficção tradicional. Há um forte compromisso dos autores americanos com a tecnologia na forma de força criativa e social. (GEYH, LEEBROM E LEVY, 1998, p. 509).

A modernidade sonhando com a realização da utopia pela estagnação da flecha do tempo, o mito do progresso e do progresso da razão e, de outro, a ficção científica fabulando utopias, distopias e heterotopias, construindo suas histórias tendo como temas hibridismos entre homens, animais e máquinas, assim como experiências em inusitadas configurações espaço-temporais.

A epistemologia pós-moderna vem refletir sobre o natural e o artifício, o homem e a máquina, a ciência e a cultura; levando os indivíduos a entenderem a máquina como mero instrumento, sempre exterior, nunca imbricado no humano.

A relação homem-máquina, considerando a máquina como instrumento de opressão ou libertação, é capaz de favorecer a realização do sujeito no futuro ou impedi-la: a relação entre racionalidade técnica, produção de subjetividade e futuro é apreendida como otimizando ou deteriorando as condições de realização do homem, este projeto humanista hipermoderno. Não é, então, algo que possa provocar espanto o encontro das interrogações filosóficas do tempo atual, as quais não podem prescindir das condições eminentemente tecnológicas da sociedade pós-moderna e do modo como a experiência humana se dá em novas condições de produção da subjetividade, com a ficção científica.

Espera-se que o homem tenha sempre a tecnologia como aliada, nunca como senhora. Deverá sempre estar no comando, pois como afirma Haraway (2010, p. 39) “o ciborgue não reconhecera o Jardim do Éden; ele não é feito de barro e não pode sonhar em retornar ao pó”. A grande parte das criações tecnológicas ocorreram em virtude de atender a uma necessidade existente, com uma finalidade de uso pensada no bem daqueles que se apropriassem delas. Outras tantas experimentações deram-se quase que ao acaso, como a Teoria da Relatividade de Einstein, também para o bem da coletividade.

Mas o que dizer de situações de guerra e terrorismo como da explosão da bomba atômica em Hiroshima e Nagasaki pelos Estados Unidos contra o Império do Japão durante os estágios finais da Segunda Guerra Mundial, em agosto de 1945? E o ataque do 11 de setembro de 2001, coordenado pela organização fundamentalista islâmica al-Qaeda, às Torres Gêmeas e ao Pentágono americano? Quanto conhecimento e tecnologia empregados!

Assim, tudo que é criado, todas as experimentações tecnológicas podem ter sua finalidade deturpada, causando malefícios para a humanidade. E a criogenia? Trará benefícios para o homem? Poderá trazer de volta à vida os corpos que estão em suspensão criogênica? Se for uma tarefa bem-sucedida, que identidade terá esse indivíduo? Que sociedade encontrará esse novo, velho sujeito?

Harari (2017a) afirma, em entrevista a Pedro Bial, que a principal religião ou crença do século vigente não é o Cristianismo, nem o Islamismo e tão pouco o Hinduísmo, e sim a crença no crescimento econômico, a base do Sistema Capitalista. Em todos os governos, Israel, Turquia, Brasil ou Índia, todos são focados no crescimento da economia.

O entrevistado declara que até há pouco tempo Capitalismo e Humanismo andavam juntos; mas agora, no século XXI, o perigo é que eles começam a se separar. Segundo o historiador israelense, o Humanismo é a crença em que os sentimentos humanos são a fonte de toda a autoridade do mundo; pois quando se precisa tomar uma decisão importante, a autoridade consultada não é Deus, a Bíblia ou o Papa; mas sim os sentimentos humanos. Ele afirma que a democracia se dá pelos sentimentos humanos e não pela racionalidade ou pela lógica. A maior autoridade na economia moderna é o desejo do cliente, as pessoas decidem sentindo e não pensando. Cada vez vai haver mais crescimento econômico, sem a preocupação ou benefício para a maioria da humanidade.

Atreladas ao desenvolvimento social, estão as novas tecnologias que vão conduzir o mundo, especialmente a Inteligência Artificial (I.A.) e os estudos biométricos. Os algoritmos que são formas matemáticas que alimentam a I. A. vão fazer a leitura do mundo. Vão monitorar as funções humanas como batimentos cardíacos, por exemplo, até interferir em resultados de eleições. Os sistemas biométricos já possibilitam inúmeras formas de reconhecimento humano como íris, digitais, rostos e outros. Os algoritmos computacionais serão os tomadores de decisões, modificarão as trajetórias do homem social.

De acordo com Harari (2017b, p. 392), o homem modifica o ambiente externo para sentir-se feliz, mas o que determina a felicidade é o que acontece no interior do indivíduo. Sua expectativa em relação a muitas variáveis é determinante para este sentimento. “Mas a descoberta mais importante de todas é que a felicidade não depende de condições objetivas de riqueza, saúde ou mesmo comunidade. Em vez disso, depende da correlação entre condições objetivas e expectativas subjetivas”. O

desejo, o sentimento e a expectativa de cada indivíduo determinam a construção da sociedade e este constructo acaba por influenciar em suas novas trajetórias.

O indivíduo social sempre almejou a longevidade e essa já teve seu percentual elevado significativamente. No século XXI, o objetivo maior é a busca pela imortalidade, ele quer se perpetuar, lança mão de todos os desenvolvimentos científico-tecnológicos para que esse intuito aconteça. E a tecnologia é a nova divindade. É por meio dela que o homem melhora seu viver, são exames de diagnóstico, próteses dos mais variados tipos, reprodução assistida, genética melhorada... a lista é extensa.

E a arte registra todas essas mudanças e avanços da humanidade. As narrativas descrevem as trajetórias e fronteiras ultrapassadas pelo sujeito. No presente trabalho, as duas obras analisadas, *White Noise* e *Zero K*, exemplificam esse percurso evolutivo humano-social de forma meticulosa. DeLillo deixa clara a mensagem de que depende do homem o poder de ação e reação; pois, como ser social, pode modificar o seu constructo, pois todo e qualquer ato tem consequência.

Em meio a tantas experimentações tecnológicas criadas na constante trajetória do homem, DeLillo mostra em *White Noise* e *Zero K* a inquietude e o desconforto do homem que constrói a sociedade pós-moderna e é modificado por ela.

O autor aponta a constante busca pela felicidade, ele não dá fórmula para encontrá-la, mas sinaliza que é possível encontrar bem-estar e quietude na busca pelas variadas formas de arte, pelos valores verdadeiros, na contemplação da natureza, na preservação do planeta, na fuga da alienação e dos simulacros, no 'ser' e não no 'parecer, na transcendência e não no materialismo, na observância da ética, no uso tecnológico para o bem.

Nas reflexões de Bauman sobre o *mal-estar da pós-modernidade*, nas *21 lições para o século XXI* de Harari, na *era do vazio* de Lipovetsky e nos dizeres de DeLillo, encontra-se a necessidade da informação transformada em conhecimento, o não para a avalanche de dados, para o burburinho branco que vem das diferentes mídias. Há que se processar, elencar, separar o que é pertinente do supérfluo. Há que se aquietar a mente. E nada substitui a atividade essencialmente humana de cuidar do próprio homem, do próprio planeta; nenhuma máquina poderá fazer esse papel. DeLillo fala a partir dos mesmos ideais desses teóricos, porém em uma outra linguagem, a ficção.

O quadrado de Greimas, ferramenta facilitadora para o trabalho de leitura das obras-objeto de estudo desta tese, embora inspirado na dureza e rigidez do estruturalismo, abriu-se para as várias áreas do conhecimento, para entrelaçar as várias artes e ser multidisciplinar, como requerem os tempos pós-modernos.

DeLillo fala por meio das jovens personagens Heinrich e Denise em *White Noise* e por intermédio do jovem adulto Jeff em *Zero K*, eles são os fios de esperança na construção de uma sociedade melhor, mais consciente, mais espiritual e com mais informação transformada em conhecimento.

A leitura das duas obras, focos deste trabalho, pode levar o potencial leitor a uma reflexão a respeito de todos os aspectos importantes na trajetória de vida do homem social. Os textos são um alerta para a análise de hábitos familiares, a dependência dos eletrônicos, as tentativas de se alcançar a felicidade com bases ilusórias, a tecnologia comandando e monitorando as vidas dos cidadãos, e põem em xeque a incessante busca do homem pela imortalidade a qualquer preço. Verifica-se a força da estética em sua ressignificação e na construção de outros mundos.

REFERÊNCIAS

ABEL, Marco. Don DeLillo's "In the Ruins of the Future": Literature, Images, and the Rethoric of Seeing 9/11. Available from: <www.jstor.org>. Cited: 15 Jul. 2017.

AIRES DE SOUZA, Michel. *Entropia e Pós-Modernidade: o mundo em que vivemos*. Disponível em: <filosonet.wordpress.com/2012/11/20entropia>. Acesso em: 24 maio 2020.

ALCOR Life Extention Foundation. Disponível em: <alcor.org>. Acesso em: 10 out. 2019.

ARISTÓTELES. *Poética*. São Paulo: Abril cultural, 1973.

ARORA, C. P. *Termodinâmica*. São Paulo: McGraw Hill, 2001.

BARRETT, Laura. Radiance in Dailiness: the uncanny Ordinary in Don DeLillo's Zero K. *Journal of Modern Literature*. Vol. 42, n. 1, p. 106-123, 2018. Available from: <www.jstor.org>. Cited: 23 mar 2020.

BAUDRILLARD, Jean. *A arte da desapareição*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1997.

BAUDRILLARD, Jean. Simulacra and similations. In POSTER, Mark. *Jean Baudrillard: selected writings*. Stanford: Stanford University Press, 1988.

BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedeto Vecchi*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Trad. Mauro Gama e Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

BAUMAN, Zigmunt. *Vida para consumo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BERGER, Peter. *The sacred canopy: elements of a sociological theory of religion*. New York: Doubleday, 1967.

BETTO, Frei; BOFF, Leonardo; CORTELLA, Mario Sérgio. *Felicidade foi-se embora?* Petrópolis: Vozes, 2016.

BHOPAL. Disponível em: <greenpeace.org.br>. Acesso em: 23 set. 2019.

BOBBIO, Norberto. *Direito e Estado no pensamento de Emanuel Kant*. 2. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1992.

BODY ART. Disponível em: <www.arte.seed.pr.gov.br>. Acesso em: 22 nov. 2019.

BRADLEY, Harriet. *Fractured Identities: Changing Patterns of Inequality*. Cambridge: Polity Press, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. Portaria nº 374, de 3 de abril de 2020, publicada em 6 de abril de 2020. Assunto: Dispõe sobre a antecipação da colação de grau para os alunos dos cursos de Medicina, Enfermagem, Farmácia e Fisioterapia, exclusivamente para atuação nas ações de combate à pandemia do novo coronavírus - Covid-19. Disponível em: <portal.mec.gov.br>. Acesso em: 27 abr. 2020.

BRITO, Wallace da Costa. Os conceitos pós-modernidade e hipermodernidade em Gilles. *Perspectivas em psicologia*, vol. 19, n. 2, p. 155-182, jul./dez. 2015. Rio de Janeiro; Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ.

CÂNDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. São Paulo: Nacional, 1985.

CHAUÍ, Marilena. *Convite à filosofia*. 13. ed. São Paulo: Ática, 2005.

CHARLES, Sébastien. *Cartas sobre a hipermodernidade*. São Paulo: Barcarolla, 2009.

CHRONOS. Disponível em: <www.ibcoaching.com.br>. Acesso em: 16 mar. 2020.

CORONAVÍRUS. Disponível em: <portal.fiocruz.br>. Acesso em: 27 mar. 2020.

COVID-19. Disponível em: <g1.globo.com>. Acesso em: 7 jun. 20.

CRYONICS Institute. Disponível em: <cryonics.org>. Acesso em: 10 out. 2019.

CRUZ, Daniel Nery da. A sociedade do hiperconsumo: uma leitura sobre o individualismo contemporâneo na visão de Gilles Lipovetsky. *Revista Filosofia Capital*, Brasília, v. 8, n. 15, p. 26-40, jan. 2013.

CUETO, Marcos. *Covid-19 e as epidemias da globalização*. Disponível em: <portal.fiocruz.br>. Acesso em: 26 abr. 2020.

DELILLO, Don. *Ruído branco*. Trad. Paulo Henrique Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

DELILLO, Don. *White Noise*. New York: Penguin Books, 1985.

DELILLO, Don. *Zero k*. New York: Scribner, 2016.

DELILLO, Don. *Zero k*. Trad. Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

DELILLO TO JONATHAN BING, 1997. Disponível em: <www.modernamericanliterature.weekly.com/don-delillo>. Acesso em: 17 jul. 2019.

DICIONÁRIO DE NOMES PRÓPRIOS. Disponível em: <dicionariodenomesproprios.com.br>. Acesso em: 10 out. 2019.

DUVALL, John Noel. *The (super) marketplace of images: television as unmediated mediation in DeLillo's White Noise*. *Arizona Quarterly*, v. 50, n. 3, p. 127-151, 1994.

EAGLETON, Terry. *As ilusões do pós-modernismo*. Trad. Elisabeth Barbosa. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

ETTINGER, Robert. *The Prospect of Immortality*. (1962). Disponível em: <www.cryonics.org>. Acesso em: 10 nov. 2019.

FERNANDES, Gisèle Manganelli. O pós-modernismo. In: BONICCI, Bonnici; ZOLIN, Lúcia Osana (Org.). *Teoria literária: abordagens históricas e tendências literárias*. 3. ed. rev. e ampl. Maringá: Editora da Universidade Estadual de Maringá, 2009.

FERNANDES, Gisèle Manganelli; FRIGO, Maura Cristina. Fronteiras humano-sociotecnológicas em Don DeLillo. *Scripta Uniandrade*. Curitiba, v. 16, n. 3, p. 343 – 357, nov. 2018.

FIDALGO, António; GRADIM, Anabela. *Manual de semiótica*. Universidade de Beira Interior, Portugal, 2005. Disponível em: <<https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/714/1/fidalgo-gradim-manual-semiotica-2005>>. Acesso em: 14 set. 2019.

FIORIN, José Luiz. *Introdução à Linguística: objetos teóricos*. São Paulo: Contexto, 2002.

FOUCAULT, Michel. *História da loucura na Idade Clássica*. São Paulo: perspectiva, 1999.

GEYH, Paula; LEEBRON, Fred G.; LEVY, Andrew. *Postmodern American fiction: a Norton Antology*. New York, London: Norton, 1998.

GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph. *Dicionário de semiótica*. Trad. Alceu Dias Lima *et al.* São Paulo: Cultrix, 1989.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva & Guacira Lopes Louro. 12. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

HARARI, Yuval Noah. *Conversa com Pedro Bial e Yuval Noah Harari*. Exibido pela Rede Globo em 21 jul. 2017a. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=cwceT9z0WPw>>. Acesso: 06 abr. 2018.

HARARI, Yuval Noah. *Homo Deus: uma breve história do amanhã*. Trad. Paulo Geiger. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

HARARI, Yuval Noah. *21 lições para o século 21*. Trad. Paulo Geiger. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

HARARI, Yuval Noah. *Sapiens: uma breve história da humanidade*. Trad. Janaína Marcoantonio. 25. ed. Porto Alegre: L&PM, 2017b.

HARAWAY, Donna; KUNZRU, Hari; TADEU, Thomaz (org.). *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano*. São Paulo: Autêntica, 2010.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Tradução de Márcia de Sá Cavalcanti. Petrópolis: Vozes, 1996.

HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Salles. *Minidicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

HJELMSLEV, Louis. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 1975.

KAPLAN, E. Ann. (Org.) *O mal-estar no pós-modernismo: teorias e práticas*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

KEHL, Maria Rita. Disponível em: <www.fronteiras.com/artigos>. Acesso em: 16 mar. 2020.

KRIORUS. Disponível em: <kriorus.ru/em>. Acesso em: 10 out. 2019.

LIPOVETSKY, Gilles. *A era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo*. Trad. Therezinha Monteiro Deutsch. Barueri: Manole, 2005.

LIPOVETSKY, Gilles. *Os tempos hipermodernos*. São Paulo: Barcarolla, 2004.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. The communist manifesto. In *Revolutions of 1848*. Penguin books, 1973.

MATTE, Ana Cristina; LARA, Gláucia Muniz Proença. Um panorama da semiótica greimasiana. *Alfa*, São Paulo, v. 53, n.2, p. 339-350, 2009.

MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensão do homem*. 15. ed. Trad. Décio Pignatari. São Paulo: Cultrix, 2007.

MEC. Portaria nº 374, de 3 de abril de 2020, publicada em 6 de abril de 2020. Disponível em: <<http://www.in.gov.br/web/dou/-/portaria-n-374-de-3-de-abril-de-2020-251289249>>. Acesso em: 30 abr. 2020.

MODERN AMERICAN LITERATURE. Disponível em: <modernamericanliterature.weekly.com/dondelillo>. Acesso em: 17 jul 2019.

NICKEL, Bárbara. O desejo de transcendência tecnológica: uma das fases do eu ciborgue. In: ESCOTESGUY, Ana Carolina; GUTFREIDN, Cristiane (org). *Leituras em Comunicação, Cultura e tecnologia*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007. Disponível em: <<https://books.google.com.br>>. Acesso em: 25 mar. 2020.

PENA, Rodolfo Ferreira Alves. Estado, Nação e Governo. *Brasil Escola*. Disponível em: <<http://brasilecola.uol.com.br/geografia/estado-nacao-governo.htm>>. Acesso em: 04 set. 2016.

PESTE negra. Disponível em: <scholar.google.com.br>. Acesso em: 27 fev. 2020.

PLATÃO. *Diálogos*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Pará: EDUFPA, 2007.

POSTER, Mark. *Jean Baudrillard: selected writings*. Stanford: Stanford University Press, 1988.

PRIGOGINE, Ilya. *As leis do caos*. Trad. Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

PRIGOGINE, Ilya. *O fim das certezas: tempo, caos e as leis da natureza*. Trad. Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

REZENDE, Marcelo. *Don DeLillo expõe o terror do século*. dez. 1997. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq051202.htm>>. Acesso em: 15 jul. 2019.

RICH, Nathaniel. When high technology meets immortality. *The New York Review of Books*. Available from: <<http://www.nybooks.com/articles>>. Access to: 14 July 2016.

ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

ROUSSEAU, Jean Jacques. *Discurso sobre as ciências e as artes*. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Coleção: Os pensadores).

SANTANA, Ana Lúcia. Disponível em: <infoescola.com.br>. Acesso em: 11 mar. 2017.

SANTOS, Jair Ferreira dos. *O que é pós-moderno*. 6.ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

SARTRE, Jean-Paul. *O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica*. Rio de Janeiro: vozes, 2015.

SIGNIFICADOS. Disponível em: <significados.com.br>. Acesso em: 26 fev. 2020.

SILVA, Daniel do Nascimento; VERAS, Viviane. Da teoria dos atos de fala à nova pragmática: os legados de John L. Austin e Kanavillil Rajagopalan. *Delta*, vol. 32, nº 3. São Paulo, set. -dez. 2016.

SILVA, Joedson Marcos. *Consciência fenomênica e visão científica de mundo*. Tese de doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Florianópolis, 2015.

SOUSA, Jucimar Gomes de. *Essência humana*. 2008. Disponível em: www.recantodasletras.com.br/artigos. Acesso em: 26 jan. 2020.

SOUZA, PATRÍCIA Marques de. *Ars moriendi circa 1450: a preparação para o post-mortem*. *XXVIII Simpósio nacional de história*. Florianópolis, 2015. Disponível em:

<http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1442432336_ARQUIVO_Ars_Moriendi.pdf>. Acesso em: 22 mar. 2020.

STEIN, Michael L. *Interpolation of Spatial data*. [S.l]: Springer, 1999. p. 40.

STONEHENGE. Disponível em: <infoescola.com.br>. Acesso em: 08 fev. 2020.

TADEU, Tomaz (Org.). *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano*. 2. ed. Belo Horizonte: autêntica, 2016.

TAYLOR, Charles. *A ética da autenticidade*. Trad. Luís Lóia. Lisboa: Edições 70, 2009.

TEORIA do Caos. Disponível em: <hipercultura.com>. Acesso em: 22 out. 2019.

WEBER, M. A psicologia social das religiões mundiais. In: WEBER, M. *Ensaio de sociologia*. Rio de Janeiro: LTC, 2008. p. 212 – 225.

ZERO KELVIN. Disponível em: <significados.com.br>. Acesso em: 11 jan. 2020.

TERMO DE REPRODUÇÃO XEROGRÁFICA

Autorizo a reprodução xerográfica do presente Trabalho de Conclusão, na íntegra ou em partes, para fins de pesquisa.

São José do Rio Preto, 29, 07, 2020


Assinatura do autor